OS ROMANCES UNIVERSAIS

Sigrid Undset

A coroa

Cristina Lavransdatter

PORTUGÁLIA EDITORA

OS ROMANCES UNIVERSAIS

Sigrid Undset

A esposa

Cristina Lavransdatter

PORTUGÁLIA EDITORA

OS ROMANCES UNIVERSAIS

Sigrid Undset

A cruz

PORTUGÁLIA EDITORA

OS ROMANCES UNIVERSAIS

Sigrid Undset

A Coroa

Cristina Lavransdatter

PORTUGÁLIA EDITORA

os romances universais

AS OBRAS-PRIMAS DO ROMANCE CLÁSSICO
E CONTEMPORÂNEO EM VERSÕES INTEGRAIS

VOLUMES PUBLICADOS

O MOINHO À BEIRA DO RIO
George Eliot

VILLETTE OU NUM COLÉGIO DE RAPARIGAS
Charlotte Brontë

FILHOS E AMANTES
D. H. Lawrence

C
Maurice Dekobra

RETRATO DUMA SENHORA
Henry James

MULHERES APAIXONADAS
D. H. Lawrence

CRISTINA LAVRANSDATTER
Sigrid Undset
(1ª Coroa. 2ª Esposa. 3ª A Cruz)

ALMA SIMPLES
H. G. Wells

GRANDES ESPERANÇAS
Charles Dickens

HISTÓRIA DUMA RAPARIGA
D. H. Lawrence

O ROMANCE DE LEONARDO DE VINCI
Dmitri Merejkowski

A LOJA DE ANTIGUIDADES
Charles Dickens

CRIME E CASTIGO
Dostoievski

A MULHER DE BRANCO
Wilkie Collins

PORTUGÁLIA EDITORA
AVENIDA DA LIBERDADE, 13-3.º • LISBOA

Sigrid Undset

nasceu em Kolding, Dinamarca, em 1882. Seu pai era catedrático de arqueologia da Universidade de Oslo, cidade onde a escritora passou a sua juventude como empregada de escritório. Em 1907 publica o seu primeiro livro, **Marta Oulié,** a que se segue, dentro de pouco, a novela **Idade Feliz,** obras onde procura estudar a alma feminina, ainda sob a influência de Zola. Em 1911 escreve o romance **Jenny,** em que encerra a sua experiência da Itália, país onde vive algum tempo como bolseira do Estado norueguês. Em 1912 aparece o seu novo romance, **Pobres Seres,** e, em 1914, **Primavera.** É então que se começa a interessar pela história da Noruega, volvendo a sua atenção para o período medieval, época de vida primitiva e serena. São dessa fase as obras que constituem a trilogia **Cristina Lavransdatter: A Coroa,** publicada em 1920, **A Esposa,** em 1921 e **A Cruz,** em 1922. Logo traduzidas nos principais idiomas da Europa, recebem em 1928 o Prémio Nobel de Literatura. Convertida ao catolicismo, Sigrid Undset continuou a trabalhar, publicando ainda muitas outras obras, entre as quais se contam **Olav Andunssõn,** que pela sua extensão e fôlego se pode comparar a **Cristina Lavransdatter.** Depois da invasão da Noruega em 1940, conseguiu refugiar-se na Suécia, de onde passou para a Russia e daí para os Estados Unidos.

Faleceu em 1949

A Coroa

A acção desta trilogia, iniciada com **A Coroa**, decorre no século XIV, na Noruega. O facto, porém, da sua distância no tempo e no espaço não afecta em nada a verdade dos sentimentos que nela se movimentam, — que são de todas as épocas e de todos os lugares. O país, então, seguia o catolicismo, e Cristina, educada na crença dos seus antepassados, vive a sua infância na quinta de Joerund, sobre o vale de Sil. Toda a ternura de Lourenço Bjoergulfsoen se concentra nesta filha «alta, delgada de cintura e de membros finos, mas roliça e cheia... de olhos rasgados, cinzentos e meigos, sob sobrancelhas lindamente desenhadas». Para ela deseja uma existência venturosa e, conforme o uso da época, contrata-lhe esponsais com Simão Darre, moço de coração puro e leal. Mas o homem põe e o amor dispõe... Cristina encontra Erlend de Husaby, belo, nobre, estouvado, a quem uma aventura amorosa prejudicara já a sua mocidade. Surge a paixão e as cenas desenrolam-se cheias de beleza e de poesia, nessa paisagem nórdica que as neves, no Inverno, cobrem duma brancura imaculada. Assim, a dócil Cristina se rebela contra os desígnios paternos e consegue, com a sua muda obstinação, vencer por fim nos seus propósitos. O coração de Lourenço fica sangrando, mas ele entrega a filha ao homem que a seduziu, e Cristina parte com o marido, feliz e simultâneamente apreensiva pela hora da expiação; o castigo de Deus é o tema dos volumes seguintes.

OS ROMANCES UNIVERSAIS

VII

CRISTINA LAVRANSDATTER

*

A COROA

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS
DE REPRODUÇÃO EM PORTUGAL
E NO BRASIL

TODOS OS ROMANCES DESTA BIBLIOTECA
SÃO PUBLICADOS EM TEXTOS
INTEGRAIS

OS ROMANCES UNIVERSAIS

I

O MOINHO À BEIRA DO RIO, por George Eliot
3.ª edição

II

VILLETTE ou num colégio de raparigas, por Charlotte Bronte
3.ª edição

III

FILHOS E AMANTES, por D. H. Lawrence
3.ª edição

IV

C, por Maurice Baring

V

RETRATO DUMA SENHORA, por Henry James

VI

MULHERES APAIXONADAS, por D. H. Lawrence

VII

CRISTINA LAVRANSDATTER, por Sigrid Undset
* A COROA — ** A ESPOSA — *** A CRUZ

VIII

ALMA SIMPLES, por H. G. Wells

IX

GRANDES ESPERANÇAS, por Charles Dickens
2.ª edição

X

HISTÓRIA DUMA RAPARIGA, por D. H. Lawrence

XI

O ROMANCE DE LEONARDO DE VINCI, por Dmitri Merejkovski
2.ª edição

XII

A LOJA DE ANTIGUIDADES, por Charles Dickens

XIII

CRIME E CASTIGO, por Dostoievski
2.ª edição

XIV

A SERPENTE EMPLUMADA, por D. H. Lawrence

S I G R I D U N D S E T

nasceu em Kolding, Dinamarca, em 1882. Seu pai era catedrático de arqueologia da Universidade de Oslo, cidade onde a escritora passou a sua juventude como empregada de escritório. Em 1907 publica o seu primeiro livro, *Marta Oulié*, a que se segue, dentro de pouco, a novela *Idade Feliz*, obras onde procura estudar a alma feminina, ainda sob a influência de Zola. Em 1911 escreve o romance *Jenny*, em que encerra a sua experiência da Itália, país onde vive algum tempo como bolseira do Estado norueguês. Em 1912 aparece o seu novo romance, *Pobres Seres*, e, em 1914, *Primavera*. É então que se começa a interessar pela história da Noruega, volvendo a sua atenção para o período medieval, época de vida primitiva e serena. São dessa fase as obras que constituem a trilogia *Cristina Lavransdatter: A Coroa*, publicada em 1920, *A Esposa*, em 1921 e *A Cruz*, em 1922. Logo traduzidas nos principais idiomas da Europa, recebem em 1928 o Prémio Nobel de Literatura. Convertida ao catolicismo, Sigrid Undset continuou a trabalhar, publicando ainda muitas outras obras, entre as quais se contam *Olav Andunssön*, que, pela sua extensão e fôlego, se pode comparar a *Cristina Lavransdatter*. Depois da invasão da Noruega em 1940, conseguiu refugiar-se na Suécia, de onde passou para a Rússia e daí para os Estados Unidos. Faleceu em 1949.

O título desta obra em norueguês é
KRANSEN

SIGRID UNDSET

CRISTINA LAVRANSDATTER

★

A COROA

Versão portuguesa de
MARIA FRANCO

com uma breve introdução de
JOÃO GASPAR SIMÕES

2.ª EDIÇÃO

PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA

BREVE INTRODUÇÃO

A literatura norueguesa é de formação recente. Em 1814, pelo tratado de Kiel, a Noruega foi cedida pela Dinamarca à Suécia, mas não tardou, sob o impulso de um ardente sentimento de independência, a tornar-se nação autónoma. As primeiras manifestações literárias da jovem Noruega são a tradução em verso do ardor patriótico que agita os peitos noruegueses. Poetas como Wergeland e Welhaven podem ser considerados os pioneiros dessa literatura que não tardaria a revelar-nos dramaturgos como Ibsen e escritores como Bjornson, contra o qual vemos erguer-se não tarda a reacção fecunda dos naturalistas, depois superada pela personalidade neo-romântica de Knut Hamsun. Através destes escritores denunciam-se as originais disposições literárias do génio norueguês, em que o ímpeto poético se não perde ainda mesmo quando é o romance, e o romance de observação, o género chamado a traduzir a personalidade dos seus escritores.

Em 1882 nascia na Dinamarca uma das figuras destinadas a encarnar no século XX o génio da nação de que era originária e onde foi educada. Sigrid Undset, com efeito, embora nascida na Dinamarca, a Noruega lhe forma o espírito e como norueguesa em 1907 se estreia nas letras, publicando o romance Marta Oulié, *obra escrita sob a forma de diário, onde uma mulher se confessa arrependida da sua infidelidade. Já aqui se nota uma decidida simpatia de Sigrid Undset pela situação da mulher em face do marido. Mas os seus romances futuros, como* Jenny, *publi-*

cado em 1911, depois de uma viagem à Itália, ou a novela Idade Feliz, *traduzem admiràvelmente o sentimento feminino em luta com a sociedade que parece não reconhecer à mulher os direitos sagrados de humanidade. Finda, de certo modo, com* Jenny *a fase de declarada reivindicação feminina. Em* Vaaren (Primavera), *romance com carapaça moralista, Sigrid faz a apologia da essência sagrada do matrimónio. Entretanto, Sigrid Undset, filha de um notável arqueólogo, volta-se para a história norueguesa e elege a Idade Média para campo de estudo. Eis chegado o momento em que o génio da escritora se vai revelar em toda a plenitude. De facto, em 1920 aparece o primeiro volume de uma trilogia de romances que a escritora subordina ao título geral de* Cristina Lavransdatter, *ou seja Cristina, filha de Lourenço. É* A Coroa *o primeiro volante do tríptico. Logo se lhe seguem, em 1921 e 1922, respectivamente, os dois outros romances,* A Esposa *e* A Cruz. *Em 1928 o Prémio Nobel consagra esta obra extraordinária.*

Estamos, de facto, em frente de uma das obras mais notáveis do nosso tempo. Num mundo em que a literatura se debate entre duas tendências antagónicas — uma de franca adesão aos destinos da humanidade que luta pela conquista do bem-estar social e nessa finalidade se compraz, subordinando a ela tudo quanto poderiam ser anseios e angústias individuais, outra de aprofundamento da personalidade humana, cega a qualquer convívio largo e generoso com o mundo social — num mundo assim, tão bem delimitado nas

suas aspirações literárias, a trilogia de Sigrid Undset constitui, de facto, um caso único e excepcional.

Não será ousado dizer-se que a intenção de Sigrid Undset ao refugiar-se no século XIV para aí fazer decorrer a acção da sua obra foi mostrar a perpetuidade de certos sentimentos através das épocas. Hoje ou no século XIV tudo se passa da mesma maneira. Quando uma mulher se deixa dominar pela paixão não há nada capaz de a deter no trilho que a leva aos braços do homem por quem se perdeu. Cristina nasce numa remota província nórdica nesses longínquos tempos em que os pais dispunham do destino dos filhos e os esponsais eram sagrados. Numa Noruega católica, coberta de neve e de silêncio, numa longínqua herdade perdida entre montes e nevoeiros, vem ao mundo uma mulher que de pequenina se afaz a sentir com nobreza e plenitude a força dos seus sentimentos humanos. Sigrid Undset não fez mais que seguir o velho preceito de Flaubert. Cristina é Sigrid Undset. Mas, ao contrário do escritor realista, na pintura de Cristina, Sigrid Undset quase nada aproveita da sua experiência intelectual. A sua observação do mundo pouco lhe serve para levar a cabo esta pintura tão verdadeira quanto humana. Sem descer à observação nem se desgarrar pelas abstracções da poesia, Undset colhe directamente no mundo misterioso em que os sentidos humanos se entranham pela natureza, de que se não desprenderam nunca, o segredo desse frémito de vida que não é literatura, nem poesia, nem inteligência, porque é tudo isso e muito mais do que isso.

Não foi, realmente, por acaso que Sigrid Undset volveu a sua atenção para o passado e se decidiu a escrever uma obra inteiramente decorrida nos tempos medievais. É um facto que esta trilogia deve muito da sua força natural, da sua vitalidade profunda e sã, à época em que a escritora foi colher as suas personagens para lhes dar vida. Não há nesta obra pretensões eruditas, ambições históricas. O termo obsoleto é desconhecido do estilo de Undset. Repugnam-lhe efeitos literários para sugerir a época. A cor local é dada pela própria acção. Se nos descreve o trajo de Cristina ou de Lourenço, seu pai, é apenas porque importa à melhor evocação do drama que agita as figuras. Apesar disso, os críticos são unânimes em que não podia ser maior a fidelidade de Undset à época em que o seu romance decorre. Isto quer dizer que ela se identificou, na verdade, intimamente com a existência das suas personagens. Tal identificação não é, porém, de natureza literária. Sigrid Undset quis que Cristina se apaixonasse pelo formoso e pecaminoso Erlend num tempo em que a mulher era menos livre do que hoje para seguir o destino do homem eleito pelo seu coração, apenas por ser essa a única maneira de ela poder pintar os caminhos rudes do amor sem de qualquer maneira descer à descrição de costumes que pela sua natureza comum pudessem diminuir a cósmica espontaneidade desse sentimento. Pintando uma mulher medieval, Sigrid Undset pintou a mulher de todos os tempos, pois lhe foi dado comunicar-lhe aquela frescura sem mácula que os costumes de então seriam inca-

pazes de trivializar. A mulher que em nossos dias ler A Coroa *pode identificar-se naturalmente com Cristina: no fundo de toda a mulher existe hoje ainda — e existirá sempre — aquele anseio instintivo que lhe dá no amor a grandeza de tudo quanto é natural. Cristina é um símbolo: um símbolo com entranhas carnais. Numa época em que a civilização ainda não havia crestado no homem a flor dos sentimentos primários, Cristina, sem ser uma criatura primitiva, surge diante de nós com uma rara natureza espontânea. A espontaneidade, eis o que Sigrid Undset procurou salvar fazendo viver Cristina nos séculos remotos. Espontaneidade — uma espontaneidade grandiosa, indomável, audaz — eis o âmago desta obra única, talvez, na história da literatura contemporânea. Poética sem ser vaga, realista sem ser vulgar, selvagem sem ser primitiva, sensual sem ser imoral, religiosa sem ser fanática —* Cristina Lavransdatter, *de Sigrid Undset, abre-nos as portas de um mundo onde a literatura é ínfima e a vida máxima. O destino de Cristina, que em* A Coroa *rompe os seus esponsais com o leal Simão para se perder pelo formoso e pecaminoso Erlend, terá, nos dois romances que com este constituem a trilogia que hoje se começa a publicar em língua portuguesa, o calvário que acompanha toda a paixão humana: lágrimas e dores. Com uma sensibilidade essencialmente feminina, Maria Franco, pintora e escritora, verteu para português, admiràvelmente, esta obra-prima.*

João Gaspar Simões

A COROA

PARTE PRIMEIRA

JOERUNDGAARD

I

QUANDO da partilha dos bens de Ivar Gjesling, o Moço, de Sundbu, no ano de 1306, as terras de Sil couberam a sua filha Ragnfrid e a seu genro Lourenço Bjoergulfsoen. Até então haviam morado na quinta de Skog em Follo, perto de Oslo, mas deixaram-na pela de Joerund, que dominava os prados de Sil.

Lourenço pertencia àquela família designada pelo nome de «filhos de juiz». Oriunda da Suécia, surgia aqui na pessoa de Laurentius, juiz da província de Ostrogócia que raptara a jovem Bengt, irmã do *jarl* de Bjelbo, do convento de Vreta, vindo com ela para a Noruega. Laurentius foi favorito do rei Haakon, o Velho, de quem recebeu muitos benefícios e que lhe deu a herdade de Skog. Mas, depois de viver oito anos nesta região, morreu de morte natural e a viúva, filha dos Folkungs, e a quem o povo da Noruega chamava filha de rei, voltou para a sua terra e reconciliou-se com os pais. Em consequência disso fez um belo casamento noutro país. Ela e Laurentius não tiveram geração e Ketil, irmão de Laurentius, é que herdou Skog. Ketil foi o avô de Lourenço Bjoergulfsoen.

Lourenço casara muito novo. Só tinha vinte e oito anos na época em que veio para Sil, e a mulher era mais velha do que ele três anos. Quando adolescente, pertencera à guarda do rei e recebera boa educação; mas, depois de casar, viveu tranquilamente na sua quinta, pois Ragnfrid, um tanto singular e melancólica, não

sentia prazer em viver com os habitantes do Sul do país. Depois de haver tido a infelicidade de perder três filhos de tenra idade, tornara-se absolutamente misantropa. Foi para que a mulher estivesse mais perto dos parentes e das amigas que Lourenço veio instalar-se em Gudbrandsdal. Tinham, por essa ocasião, uma única filha que se chamava Cristina.

Mas, quando se fixaram em Joerundgaard, continuaram a viver pacatamente e muito retirados. Ragnfrid parecia não se preocupar muito com os parentes, pois só os via quando isso se tornava necessário por motivos domésticos. Talvez fosse porque Lourenço e Ragnfrid eram criaturas extremamente piedosas e tementes a Deus; frequentavam com assiduidade a igreja e recebiam de boa vontade na sua casa os servos de Deus e as pessoas que se ocupavam de assuntos religiosos, ou os peregrinos que subiam o vale para Nidaros.

Para com o padre da paróquia — o vizinho mais próximo e que morava na quinta de Romund —, testemunhavam o maior respeito. Pelo contrário, os habitantes do vale achavam que o governo de Deus lhes custava bastante caro em dízimos de mantimentos e de dinheiro, e não lhes agradava cumprir lei tão severa de jejuns e de orações ou trazerem para casa sacerdotes e monges sem deles necessitarem.

A gente de Joerundgaard era muito considerada e estimada, sobretudo Lourenço, por ser conhecido como homem forte e corajoso, mas dócil e pacífico, recto e igual no seu procedimento, delicado por natureza, entendido nas coisas de lavoura e grande caçador, que, principalmente, caçava com entusiasmo lobos, ursos e animais nocivos de toda a espécie. Em poucos anos adquiriu muitas terras, mas era patrão bom e generoso para com os seus rendeiros.

Ragnfrid convivia tão pouco com os outros que depressa deixaram de falar a seu respeito. Nos primeiros

tempos, depois de ter vindo instalar-se no vale, muitas pessoas ficaram surpreendidas, pois recordavam-se da época em que ela morava em Sundbu. Nunca fora bonita, mas mostrava, então, aspecto sadio e alegre; agora estava tão mudada que fàcilmente podiam acreditá-la dez anos, e não três, mais velha do que o marido. Achavam que patenteara desgosto excessivo com a morte dos três filhos, porque, por outro lado, Ragnfrid, de todos os pontos de vista, fora mais favorecida do que a maior parte das mulheres: gozava de conforto e de consideração, vivia aparentemente bem com o marido. Lourenço não tinha outra afeição feminina; consultava-a com freqüência sobre todas as coisas e não lhe dirigia uma única palavra desagradável, quer estivesse lúcido ou embriagado. Não era tão idosa que não pudesse ter ainda, com a graça de Deus, muitos filhos.

Havia alguma dificuldade em arranjar servos jovens em Joerundgaard, por causa da melancolia da dona da casa e da sua severidade em observar todos os jejuns. Mas os que lá estavam viviam bem na quinta, e raras vezes sofriam repreensões ou castigos; tanto Lourenço como Ragnfrid animavam todos os trabalhos. O marido mostrava-se alegre a sua maneira e podiam contar com ele para uma dança ou para uma canção quando os moços se divertiam, durante as noites claras, em volta da igreja. No entanto, eram, na sua maioria, velhas as pessoas que procuravam colocação em Joerundgaard: essas gostavam e ficavam lá.

Quando a pequena Cristina fez sete anos, chegou um dia em que teve de acompanhar o pai à sua cabana da montanha. Foi por uma bela manhã de Verão. Cristina estava no quarto do andar superior onde eles dormiam durante a estação estival. Via o sol a brilhar lá fora e ouvia o pai e os homens a tagarelarem no pátio. Sentia tal contentamento que não podia estar quieta enquanto

a mãe a vestia. Saltava e corria logo que lhe punham cada peça do vestuário. Nunca até então fora ao cimo das montanhas; só atravessara a encosta até Vaage quando a haviam levado a visitar os parentes de Sundbu. Com a mãe e com os criados também estivera nas florestas mais próximas para colherem bagas que Ragnfrid deitava na cerveja; preparava, além disso, uma mistura ácida de airelas vermelhas e de bagas de arandano que ela comia com o pão, em vez de manteiga, durante a Quaresma.

A mãe enrolou os compridos cabelos loiros de Cristina e pôs-lhe na cabeça o velho gorro azul. Depois beijou as faces da filha, a qual desceu apressada à procura do pai. Lourenço, que estava já a cavalo, ergueu-a e instalou-a atrás de si, onde ele dispusera a capa à laia de coxim na garupa do animal. Cristina devia ir ali escarranchada e agarrar-se ao cinto do pai. Em seguida gritaram «até à vista!» à mãe, que entretanto veio a correr com a capa e o capuz de Cristina e os entregou a Lourenço, recomendando-lhe que tomasse cuidado com a filha.

O sol brilhava, mas chovera tanto durante a noite que borbulhavam regatozinhos por toda a parte, deslizando pela encosta, e o nevoeiro envolvia o sopé das montanhas. Mas, no cume, viam-se nuvens brancas de bom tempo elevarem-se na atmosfera azul, e Lourenço e os seus homens comentavam que o dia ia ser quente. Lourenço levava consigo quatro companheiros bem armados, pois, nesta época, havia na montanha toda a espécie de indivíduos estranhos; em qualquer caso tratava-se de uma comitiva numerosa, e a jornada seria tão pequena que não parecia verosímil acontecer-lhes qualquer acidente. Cristina mostrava-se expansiva com todos os companheiros; três dos homens já tinham certa idade, mas o quarto, Arne Gyrdsoen, de Finsbrekken, era um adolescente, e o melhor amigo da pequena: cavalgava logo atrás de Lourenço e da filha, porque ele é quem lhe devia explicar tudo o que vissem ao longo do caminho que seguiam.

Passaram entre as casas de Romundgaard e trocaram saudações com Erik, o padre. Este repreendia a filha, que se encarregava do governo doméstico, por causa de certas meadas de seda tingidas recentemente e que, por esquecimento, a rapariga deixara penduradas na rua no dia anterior; agora apresentavam-se desbotadas pela chuva.

Na colina, por cima do presbitério, encontrava-se a igreja. Não era grande, mas delicada, bonita, com belo aspecto e embreada de fresco. Defronte da cruz que estava fora da porta do cemitério, Lourenço e os homens tiraram o chapéu e abaixaram a cabeça. Depois o pai voltou-se na sela, e Cristina e ele fizeram sinal à mãe (podiam-na ver dali, no prado, em frente da quinta familiar). Ragnfrid respondeu-lhe agitando uma das pontas da touca de linho.

No outeiro da igreja e no cemitério, Cristina tinha o costume de vir quase todos os dias brincar; mas, agora, ia muito mais longe; parecia-lhe que o espectáculo da quinta e da aldeia seria coisa diferente e maravilhosa. Os grupos de casas de Joerundgaard e os arredores tornavam-se mais pequenos e difusos, ao longe, na planície. O rio desenrolava a sua faixa brilhante, e o vale misturava-se com as colinas largas e verdes, confundia-se com os pântanos, com as herdades rodeadas de campos e de prados que subiam pelas vertentes, sob os cabeços cinzentos e abruptos das montanhas.

A distância, onde as serras se juntavam e formavam barreira, Cristina sabia que se encontrava Loptsgaard. Era ali que moravam Sigurd e Jon, dois velhos de barba branca; sempre que vinham a Joerundgaard, brincavam e gracejavam com a pequena. Cristina gostava de Jon porque este esculpia para ela os mais lindos animais de madeira e porque um dia lhe oferecera um anel de ouro. Da última vez que ele estivera em casa de Lourenço, por ocasião de Pentecostes, trouxera-lhe um cavaleiro tão

lindamente esculpido que Cristina julgou nunca haver recebido presente mais belo. Levava-o para a cama todas as noites, mas, de manhã, quando acordava, o cavaleiro achava-se sempre no degrau que ficava em frente da cama onde ela dormia com os pais. Lourenço dizia-lhe que o boneco saltara do leito ao primeiro canto do galo, porém Cristina bem sabia que era a mãe que lho tirava enquanto dormia, porque a ouvira declarar ser duro e desagradável senti-lo debaixo deles durante a noite. Sigurd de Loptsgaard inspirava medo a Cristina. Não gostava que ele a sentasse nos joelhos, porque o velho tinha o costume de dizer que, quando a mocinha estivesse em idade de casar, dormiria entre os seus braços. Sigurd sobrevivera a duas mulheres e ele próprio anunciava que havia de sobreviver à terceira; Cristina poderia, pois, ser a quarta. Mas, quando isto a fazia chorar, Lourenço ria e dizia que não acreditava que Margit quisesse morrer tão cedo, e que, no caso de tão funesto acontecimento, quando Sigurd viesse pedir a filha em casamento, receberia um *não* e assim Cristina nada tinha a recear.

Numa saliência abobadada, mais ou menos ao norte da igreja, havia perto do caminho um grande bloco de pedra rodeado dum espesso bosquete de bétulas e de faias. Os pequenos gostavam de brincar ali «à igreja», e Tomás, o neto mais novo do padre Erik, dizia a missa imitando o avô, aspergia água benta e simulava baptismos quando havia água da chuva nas cavidades da pedra. Mas, no Outono anterior, aconteceu um dia isso dar mau resultado. Primeiramente, Tomás casara Cristina com Arne — Arne não era tão idoso que não pudesse brincar com os pequenos todas as vezes que se conseguia escapar para tal fim. Em seguida, Arne apanhou um leitãozinho que andava por ali e trouxe-o para que o baptizassem. Tomás besuntou-o com lama, mergulhou-o num buraco cheio de água e imitou os gestos do avô; disse a missa em latim e admoestou os seus paroquianos por não serem

bastante generosos nas suas ofertas; isto fez rir as crianças que já tinham ouvido as pessoas crescidas criticarem a ganância de Erik. Quanto mais riam, mais Tomás inventava coisas piores; foi assim que ele declarou que o nené fora concebido durante a Quaresma e que, por esse pecado, deviam pagar uma multa ao padre e à igreja. Então é que os rapazes mais velhos desataram às gargalhadas, mas Cristina sentiu-se tão envergonhada que quase chorava ali, de pé, com o bacorinho ao colo. E, enquanto se divertiam daquela forma, quis o acaso que Erik em pessoa passasse por ali, a cavalo, de regresso duma visita a um doente. Quando percebeu o que os pequenos faziam, saltou do cavalo, entregou os santos cibórios a Bentein (o mais velho dos netos, que vinha com ele) com um gesto tão brusco que o rapaz quase deixava cair no chão a pomba de prata com o corpo de Deus, e, precipitando-se para os garotos, esbofeteou todos os que pôde apanhar. Cristina largou o bácoro, que logo correu para o caminho a grunhir, arrastando atrás de si o fato de baptismo, e de tal maneira que os cavalos se empinaram, assustados, nas patas traseiras. Depois de dar um safanão a Cristina que a fez cair, o padre pregou-lhe um pontapé tão violento que a anca lhe ficou a doer vários dias. Quando Lourenço soube do que se passara, achou que Erik fora demasiadamente severo para Cristina, atendendo ao facto de ela ser muito criança. Declarou que ia falar nesse assunto ao padre, mas Ragnfrid pediu-lhe que desistisse dessa ideia, pois a filha só recebera o que merecia por haver tomado parte numa brincadeira sacrílega. Lourenço não falou mais no caso, mas deu a Arne os maiores bofetões que o rapaz jamais apanhou.

Eis a razão por que, ao chegarem perto da pedra, Arne puxou pela manga de Cristina. Não se atreveu a dizer nada por causa de Lourenço, mas fez uma careta, sorriu e deu palmadas em si próprio. Cristina, essa, baixou a cabeça toda envergonhada.

A estrada ia desembocar numa espessa floresta. Passaram por baixo de Hammeraas; o vale tornava-se estreito e sombrio, e o rumor do rio mais forte e mais impetuoso. Quando, de fugida, viram o Laage, ele serpenteava esverdinhado como um vidro e branco de espuma entre muralhas de pedra escarpadas. A montanha parecia negra de florestas dos dois lados do vale; era triste, lúgubre, aquele sítio; e o frio apertava ali. Transpuseram a passagem do ribeiro de Rosta e daí a pouco viram a ponte lançada sobre o rio no fundo do vale. Numa gruta por baixo da ponte morava um génio das águas; Arne quis falar disso a Cristina, mas Lourenço obrigou severamente o rapaz a se abster de semelhante conversa na floresta. E, quando atingiram a ponte, apeou-se do cavalo e conduziu-o pelas rédeas para a atravessar, enquanto que, com o outro braço, levava a filha apertada de encontro a si.

Do outro lado do rio uma vereda ia dar ao cimo da montanha; os homens encaminharam-se a pé por ali, mas Lourenço instalou Cristina na sela de maneira a que ela se pudesse agarrar ao arção, e a pequena assim foi cavalgando sòzinha.

Novos cumes cinzentos e colinas azuladas raiadas de neve se elevavam dos flancos da serra conforme eles iam subindo, e agora Cristina distinguia entre as árvores as manchas luminosas da aldeia ao norte do pico da montanha. Arne ia apontando e dizendo como se chamavam as quintas que podiam entrever.

No cimo da vertente chegaram a uma cabana. Pararam junto duma paliçada e Lourenço chamou; um eco e depois outro repercutiram o apelo. Entre monticulos de terra desceram dois homens a correr. Eram os dois filhos da casa, hábeis queimadores de pez, a quem Lourenço vinha pedir que trabalhassem para ele. A mãe acompanhava os rapazes, trazendo uma grande tigela de leite que estivera guardada na cave, porque o dia se tornara quente, conforme os homens haviam previsto.

— Percebi que tinhas a tua filha contigo — disse ela depois de os cumprimentar. — Pensei então que devia vir vê-la. Gostaria que lhe tirasses o gorro; dizem que ela tem tão lindos cabelos...

Lourenço fez o que a mulher desejava, e os cabelos de Cristina desenrolaram-se até à sela. Eram abundantes e doirados como trigo maduro. Isrid, a mulher, examinou-os e disse:

— Vejo agora que não exageravam quando falavam de tua menina. É um lírio, e parece filha dum cavaleiro. Tem olhos meigos, e é contigo que ela se assemelha e não com os Gjeslings. Deus te dê alegria com a tua filha, Lourenço Bjoergulfsoen! E tu, montas tão bem como um cortesão — acrescentou, gracejando e segurando a tigela enquanto Cristina bebia.

A pequena corou de prazer, porque bem sabia que o pai era tido pelo homem mais belo das redondezas; parecia um cavaleiro, no meio dos companheiros, embora estivesse vestido com o seu fato quotidiano de camponês. Envergava um gabão curto e largo de burel verde, folgado no pescoço a deixar ver a camisa; trazia calção até aos joelhos, sapatos de cabedal claro e chapéu de feltro de abas largas. Como enfeite tinha apenas uma fivela de prata polida no cinto e um broche de filigrana na gola da camisa; além disso, viam-se-lhe no pescoço algumas malhas dum cordão de ouro. Lourenço andava sempre com essa corrente donde pendia uma cruz ornada de cristais de rocha e que continha um fragmento da mortalha e dos cabelos de Santa Eline de Skoevd, pois os «filhos de juiz» descendiam dessa virtuosa mulher. Quando Lourenço estava na floresta ou ia para o trabalho, tinha o cuidado de pôr a cruz rente ao peito a fim de a não perder.

Mas, no seu fato grosseiro de todos os dias, parecia mais nobre do que muitos cortesãos vestidos de gala. Era bem construído, alto, de ombros largos e ancas

estreitas, cabeça pequena e belamente colocada no pescoço, feições finas, rosto um pouco comprido e cheio, queixo arredondado e boca bem desenhada. Possuía tipo loiro, de pele clara, olhos cinzentos, cabeleira abundante e sedosa.

Ficou de pé a conversar dos seus negócios com Isrid, e interrogou também Tordis, pai de Isrid, que tinha nesse Verão por sua conta a cabana de Joerundgaard. Dera ela à luz um filho havia pouco tempo; só esperava companhia para atravessar a floresta e baptizar a criança. Lourenço propôs-lhe ir com eles até ao alto da montanha; regressariam na tarde seguinte; seria vantajoso para ela e para o filho irem com um grupo numeroso.

Isrid agradeceu:

— Para falar verdade, era isso mesmo que eu esperava. Nós, pobres montanheses, bem sabemos que nos favoreces quando podes, sempre que aqui vens.

E a mulher entrou em casa, a correr, a fim de ir buscar uma capa e um bordão.

Na realidade, Lourenço entretinha-se com aquela gente que se estabelecera em terrenos arroteados e tomados de arrendamento nos confins da comuna; no meio desses camponeses mostrava-se alegre e divertido. Falava-lhes da vida dos animais, da floresta, das renas que vivem nos ermos e dos seres fantásticos que povoam tais lugares. Ajudava-os com os seus conselhos e acções; tratava-lhes dos animais doentes; acompanhava-os na forja e no seu trabalho de lenhadores, e, por vezes, auxiliava-os com o grande vigor de que dispunha, quando precisavam de mover pedras pesadas ou de arrancar raízes. Por isso saudavam sempre com alegria Lourenço Bjoergulfsoen e *Guldsvein,* o enorme garanhão baio que ele montava. Era um belo animal de pêlo brilhante, com a crina e cauda brancas, e de olhos límpidos — tão forte e vivo que falavam dele nas aldeias; mas, para com Lourenço, o cavalo mostrava-se manso como um cordeiro, e

o dono costumava dizer que o estimava como a um irmão mais novo.

A primeira coisa que Lourenço tencionava fazer era verificar se estava em bom estado o «sinal» de Heimbaugen. Naqueles tempos agitados, havia mais de cem anos, os camponeses, em certos sítios e principalmente nos vales, tinham construído nas montanhas sinais semelhantes aos que os ancoradoiros têm para serviço dos navios, mas os sinais dos vales não eram colocados sob a administração da defesa nacional. As confrarias dos camponeses encarregavam-se de os conservar em bom estado e os associados revezavam-se para esse fim.

Quando chegaram à primeira casa, Lourenço deixou no valado todos os cavalos, excepto o de carga, e subiram então por uma vereda íngreme. As árvores tornavam-se mais raras. Erguiam-se dos pântanos altos pinheiros secos e brancos como ossos, e Cristina viu então os cumes cinzentos e desnunados que de todos os lados se elevavam para o céu. O trajecto foi longo na encosta rochosa; e como, de quando em quando, encontrassem um regato a deslizar pela vereda, o pai tinha de levar a filha ao colo. O vento fresco e agradável soprava mais forte, e a charneca estava coberta de bagas, mas Lourenço disse que não podiam parar naquele momento para as colher. Arne corria ora adiante ora atrás, apanhava bagas para Cristina e indicava a quem pertenciam as cabanas que distinguiam em baixo, na floresta — pois nessa época a floresta enchia o planalto de Hoevringen.

Estavam já perto do cimo, redondo e despido; viam a alta construção destacar-se no céu, e a choça do guarda abrigada numa reentrância da rocha.

Quando atingiram a aresta das montanhas, o vento fustigou-os de tal forma que Cristina teve a impressão de que algum ser vivo, que morasse lá em cima, lhes vinha ao encontro para os saudar. Sob as rajadas e os uivos da ventania, Arne e a amiguinha avançaram através do

terreno lamacento e sentaram-se na extremidade dum promontório. Cristina arregalou os olhos: nunca julgara que o mundo fosse tão vasto, tão grande.

Em baixo, só via matas extensas; o vale parecia um sulco entre as montanhas enormes, e os valezinhos laterais quase nem se distinguiam; só sobressaíam as serras. Por toda a parte se erguiam picos iluminados pelo oiro dos líquenes e ao longe, no horizonte, elevava-se a montanha azul palhetada de neve, confundindo-se com as nuvens estivais dum cinzento azulado ou deslumbrantes de alvura. A noroeste, para lá do bosque contíguo à cabana, havia um grupo de colinas cor de ardósia, com montes de neve recente nos flancos. Cristina calculou que fosse Raanekampe, de que ela ouvira falar, pois realmente assemelhavam-se a um bando de javalis a correr de costas voltadas para a aldeia. Arne dizia que para lá chegar só precisavam de fazer meia jornada a cavalo.

Cristina imaginara que bastava subir às montanhas mais próximas para ver, em baixo, outra aldeia igual à dela, com herdades e casas, e ficou extremamente perturbada quando percebeu que existiam tão grandes distâncias entre os sítios habitados. Via as manchas pequeninas amarelas e verdes ao longe, no fundo do vale, e as luzes minúsculas e os pontos cinzentos das casas na floresta da serra. Pôs-se a contá-las, mas, quando chegou a três dúzias, não teve coragem de continuar. E todavia as habitações não eram quase nada na imensidade.

Sabia que rondavam lobos e ursos na floresta e que debaixo de cada pedra havia uma multidão de génios, de duendes e de elfos, e isso causava-lhe medo; ninguém podia enumerá-los, mas deviam ser em muito maior quantidade do que os seres cristãos. Então Cristina gritou pelo pai, mas este, no cimo da montanha, açoitado pelo vento, não a ouviu — nem ele nem os companheiros, ocupados a

rolar grandes pedras pelas encostas lisas para com elas escorarem os toros da construção.

Isrid, entretanto, veio ter com os pequenos e mostrou a Cristina a serra de Vaage, situada a oeste. E Arne indicou o «monte cinzento» onde os aldeões apanhavam renas em fossas e onde os caçadores de falcões do rei se instalavam em cavernas. Era essa a profissão que Arne ambicionava ter — mas queria também saber como se adestravam para a caça — e o rapaz erguia o braço como se arremessasse o falcão.

Isrid abanou a cabeça:

— Mau ofício, Arne Gyrdsoen. Tua mãe teria grande desgosto se fosses caçador de falcões. Nenhum homem consegue alguma coisa no meio daquela gente sem se submeter à lei inflexível da confraria e misturar-se com criaturas da pior espécie.

Lourenço aproximara-se e ouvira as últimas palavras.

— Sim — atalhou ele —, há lá gente que nunca paga as suas dívidas nem o dízimo...

— Oh! tu, Lourenço, afastas-te tanto para o interior que já conheces bem aquilo — observou Isrid.

— Hum!... Hum... Talvez, mas acho que não devemos falar disso. Sou de opinião que não podemos criticar aqueles que perderam a tranquilidade na aldeia e que a procuram na montanha. Vi campos e searas onde poucas pessoas sabem da existência dos vales — e vi também manadas de vacas e rebanhos de carneiros, mas se pertencem àqueles homens ou a outros é que não sei.

— Pois é, pois é — retorquiu Isrid. — Os lobos e os ursos é que pagam as culpas quando nos desaparece o gado, mas na montanha há ladrões piores do que eles.

— Piores, dizes tu? — perguntou Lourenço, pensativo e passando a mão pelo gorro da filha. — Na montanha, ao sul de Raanekampe, vi uma vez três rapazinhos; o mais velho seria da idade da minha Cristina; tinham cabelos loiros e gabões de cabedal. Arreganharam-me os dentes

como lobos antes de fugirem. Não é de admirar que o pobre do homem a quem eles pertencem sentisse vontade de se apoderar de uma ou duas vacas.

— Mas os lobos e os ursos têm filhos — disse Isrid colèricamente. — E tu não os poupas, nem a eles nem aos filhos. E, contudo, não aprenderam a lei e a religião de Nosso Senhor Jesus Cristo como esses bandidos a quem desejas tanto bem.

— Achas que lhes desejo bem porque não lhes quero mal? — replicou Lourenço com um leve sorriso. — Mas vamos lá ver agora que espécie de provisões Ragnfrid nos arranjou hoje.

Agarrou na mão de Cristina e levou a mocinha consigo.

— Era nos teus irmãozinhos que eu pensava, Cristininha — disse ele inclinando-se para a filha.

Entraram na cabana do «sinal», mas, ali, a atmosfera estava sufocante e cheirava a humo. Cristina lançou a vista em redor; apenas viu alguns bancos de terra batida ao longo das paredes, uma lareira, barricas de alcatrão e feixes de ramos resinosos e de casca de bétula. Lourenço propôs que comessem ao ar livre; um pouco mais em baixo, num terreno arborizado, encontraram um belo sítio plano e verdejante.

Descarregaram o cavalo e sentaram-se no chão. Havia bons mantimentos no saco de Ragnfrid — pão mole e bolos folhados, queijo e manteiga, toucinho, um pedaço de rena seca ao vento, carne de vaca cozida, duas quartolas de cerveja alemã e um barrilinho de hidromel. Puseram-se então a cortar a carne e a distribuí-la em redor, enquanto Halvdan, o mais velho dos homens, acendia o lume — era mais prudente ter calor do que se privar dele na floresta!

Isrid e Arne arrancaram ramos de urze e de bétula que atiraram para o lume. Ouviam-se estalidos quando o fogo atingia as folhas dos ramos, e da chama vermelha elevavam-se flocozinhos brancos de cinza; o fumo rodo-

piava grave e sombrio no céu claro. Cristina, sentada, estava em contemplação; parecia-lhe que o lume se sentia contente por se encontrar ao ar livre, — e poder brincar. Apresentava-se diferente do que quando ela o via na lareira submetido a cozer a refeição e a lhes dar claridade.

A pequena encostara-se ao pai e apoiara-lhe o braço no joelho. Ele ia-lhe dando tudo o que ela desejava e escolhia para a filha o que havia de melhor; incitava-a a beber a cerveja que quisesse e a saborear o hidromel.

— A menina vai ficar tão tonta que não poderá andar — observou Halvdan, a rir, enquanto Lourenço acariciava as faces redondas da filha.

— Oh! Há aqui muita gente que a pode levar ao colo. Isto dá saúde. Bebe também, Arne. Para quem está a crescer, as dádivas de Deus não causam nenhum mal, só fazem bem; dão sangue doce e vermelho, e um bom sono, mas não despertam a loucura e a inconsciência.

Os homens bebiam copiosamente; Isrid não ficava atrás, e, daí a pouco, as vozes deles e o estrépito do fogo chegaram como um rumor longínquo aos ouvidos de Cristina. A rapariguinha começou a sentir a cabeça pesada. Contudo, percebia ainda que interrogavam Lourenço e o incitavam a falar de casos maravilhosos que ele soubera ou que vira durante as caçadas. Lourenço, porém, não queria profundar muito esse assunto, e Cristina achava tudo tão bom, tão tranquilizador — e, além disso, comera tão bem!

O pai, sentado, modelava entre os dedos bolas de miolo de pão até que tivessem a forma de cavalos; dividia bocadinhos de carne e colocava-os sobre os cavalos de pão; depois fazia-os galopar desde as suas coxas até à boca de Cristina. Mas, daí a instantes, ela sentiu-se tão indolente que já não teve forças para abrir a boca nem para mastigar — e então estendeu-se de costas e adormeceu.

Quando acordou estava confortàvelmente deitada entre os braços do pai, na obscuridade. Lourenço enrolara a capa em volta dos dois. Cristina sentou-se, enxugou o suor do rosto e tirou o gorro de maneira a que o ar lhe pudesse secar os cabelos húmidos.

O dia devia ir bastante adiantado, pois o sol apresentava-se cor de oiro e as sombras alongavam-se agora para o sudeste. Já não havia um sopro de vento; zumbiam e volteavam mosquitos e moscas em redor dos homens adormecidos. Cristina conservava-se muito quieta; coçou as mãos mordidas pelos mosquitos e olhou em volta; aos raios de sol, a colina resplandecia branca de musgo e amarela de líquenes, e os troncos de árvores do «sinal» erguidos para o céu e batidos pelo vento faziam lembrar ossos de algum animal monstruoso a chocarem uns contra os outros.

A rapariguinha sentiu o coração oprimir-se-lhe: era tão esquisito vê-los todos a dormir em pleno dia! Se em casa lhe acontecia acordar de noite, estava deitada às escuras e bem abafada, e tinha dum lado a mãe e do outro a tapeçaria que tapava os toros da parede. Lá, ela sabia que a casa se encontrava fechada — graças ao ferrolho —, contra a noite e o mau tempo, e as respirações tranquilas anunciavam que as pessoas dormiam felizes e sossegadas entre almofadas e peles. Mas todos aqueles corpos que ali se viam enrolados e torcidos no solo em redor do monte de cinzas brancas e negras podiam muito bem estar mortos — uns de ventre para baixo, outros de costas com os joelhos encolhidos — e a sua respiração barulhenta assustava Cristina. O pai ressonava fortemente, enquanto Halvdan emitia pelas narinas uma espécie de pio. Arne, deitado de lado, tinha a cara escondida no braço e os cabelos castanhos e brilhantes espalhavam-se sobre a erva; Cristina via-o tão quieto que receou ele estivesse morto.

Inclinou-se para o rapaz e tocou-lhe; então ele, mesmo a dormir, mexeu-se um pouco.

Cristina teve de súbito a ideia de que talvez houvessem dormido uma noite inteira e que já estivessem no dia seguinte, — e isto causou-lhe tal pavor que ela se agarrou ao pai; mas este limitou-se a resmungar e tornou a adormecer.

A pequena sentia a cabeça pesada; contudo não se atrevia a deitar-se outra vez. Rastejou até ao lume e pôs-se a mexer nas cinzas com um pauzinho; depois de descobrir umas brasas colocou-lhe por cima raminhos de urze que apanhou em volta de si, mas não se afoitou a sair do círculo dos dorminhocos para ir buscar ramos grossos.

Nesse momento ouviu um ruído abafado, um sussurro ali muito perto; assustada, sentiu o coração apertar-se-lhe e ficou gelada de angústia. Percebeu então uma forma castanha entre as árvores e *Guldsvein* apareceu no meio das bétulas. Parou e fitou a dona com os seus olhos claros, tão límpidos. A sua aparição causou tanto prazer a Cristina que ela se levantou e correu para o animal. Também ali estava o cavalo que Arne montara e o outro de carga. Nessa ocasião a rapariguinha sentiu-se absolutamente tranquila; avançou e acariciou-os todos três, mas *Guldsvein* abaixou o pescoço de maneira que ela lhe pudesse afagar o focinho e puxar-lhe pelo topete amarelado, com o que ele fungou todo contente.

Trotando e pastando, os cavalos desceram o flanco da montanha. Cristina acompanhava-os julgando não haver perigo nisso, visto estar junto de *Guldsvein* que, tempos antes, dera uma ensinadela a um urso. As airelas cresciam abundantes por ali; a pequena tinha sede e a boca a amargar; não seria cerveja o que lhe daria prazer nesse momento, mas sim as doces e saborosas bagas, tão boas como vinho. A distância, numa encosta pedregosa, viu ela também framboesas — e, então, agarrou *Guldsvein* pela crina e incitou-o gentilmente a que a acompanhasse ali. O cavalo seguiu com docilidade a

rapariguinha, que se foi afastando cada vez mais ao descer a vertente; detinha-se de quando em quando a chamar pelo animal e ele alcançava-a, seguido pelos dois outros cavalos.

Ouviu, não muito longe, o rumor dum regato que deslizava murmurando; foi-se guiando pelo som da água até a encontrar; estirou-se numa grande laje e lavou o suor do rosto picado de mosquitos. A água enchia uma grande cavidade escura e calma, e, em frente, via-se um caminho íngreme por detrás de silvados e de bétulas ainda tenras Ali estava o mais belo dos espelhos. Cristina debruçou-se e contemplou na água a sua imagem, pois queria saber se Isrid falava verdade quando dizia que ela se parecia com o pai.

Sorriu, cumprimentou, e inclinou-se tanto que os seus cabelos roçaram nos louros cabelos que emolduravam o rosto infantil de grandes olhos, que ela via no regato.

Em redor havia grande quantidade dessas belas flores vermelhas a que chamam valerianas. Aqui, na montanha, eram muito mais bonitas e mais rubras do que no vale, à beira do rio. Então Cristina apanhou algumas e ligou-as umas às outras com folhinhas de erva até conseguir fazer a mais linda e a mais cerrada grinalda. Enfiou-a na cabeça e correu a ver que tal ficava assim enfeitada como uma rapariga crescida que vai ao baile.

Debruçou-se para a água e observou como a sua imagem, difusa a princípio, se elevava do fundo e se tornava mais clara à medida que ela se inclinava. Viu então, no espelho do regato, que um ser humano aparecia entre as bétulas, do outro lado, e olhava para ela. Cristina endireitou-se ràpidamente e deitou a vista para a outra margem. De começo pareceu-lhe que só ali havia rochas e árvores. Mas, de repente, distinguiu um rosto entre a folhagem; em sua frente estava uma mulher pálida e

de cabelos cor de linho, semelhantes a musgo; os olhos claros e as narinas róseas e dilatadas faziam lembrar *Guldsvein*. Tinha um vestido lustroso e verde; folhas e ramos cobriam-na até aos seios opulentos enfeitados de colchetes e de cadeias brilhantes.

Cristina olhava fixamente aquela aparição, quando a dama ergueu uma das mãos e lhe mostrou uma coroa de flores douradas com a qual lhe acenou.

Atrás da dona, *Guldsvein* relinchava fortemente. A pequena voltou a cabeça: o animal empinava-se, escouceava, e acabou por fugir, — tão depressa que a terra pareceu tremer. Os outros cavalos seguiram-no: subiram a encosta duma forma que as pedras se esboroavam sob os passos e os ramos e as raízes se despedaçavam com fragor.

Então Cristina soltou um grito:

— Pai! Pai!

Pôs-se de pé e correu na peugada dos cavalos sem ousar sequer olhar para trás. Trepou a rocha, prendeu-se-lhe o pé na saia, rolou por terra, ergueu-se e tornou a subir com as mãos ensanguentadas, rastejou sobre os joelhos doridos e magoados, chamando por *Guldsvein* e pelo pai, enquanto o suor lhe perlava o corpo e lhe corria como água pela cara. O coração palpitava-lhe como se fosse despedaçar-se no peito, a angústia apertava-lhe a garganta.

— Ó pai! Ó pai!

Ouviu por fim a voz dele, partindo do alto. Cristina viu que Lourenço se aproximava descendo em pulos enormes a ladeira pedregosa e clara, branca de sol. As bétulas e as faias espreitavam lá de cima tranquilamente com as lágrimazinhas prateadas das suas folhas; o flanco da montanha estava absolutamente sossegado e inundado de luz; mas o pai vinha correndo e chamando por ela; Cristina deixou-se cair, compreendendo que estava salva agora.

— Virgem Santa!

Lourenço ajoelhou junto da filha e puxou-a para si. Estava pálido e na sua boca havia uma ruga tão estranha que o terror de Cristina aumentou; era como se, ao vê-lo, ela percebesse a enormidade do perigo em que se encontrara.

— Minha filha! Minha filha!

Pegou nas mãos ensanguentadas de Cristina, olhou para elas, viu a grinalda sobre os cabelos soltos e acariciou-os.

— Que aconteceu?... Como vieste parar aqui, minha filha?

— Vim com *Guldsvein* — soluçou a pequena, encostando-se a ele. — Tive muito medo porque estavam todos a dormir, mas *Guldsvein* chegou. E depois apareceu-me uma pessoa que me acenou, lá em baixo, junto do regato...

— Quem? Era um homem?

— Não, era uma senhora. Fez-me sinal com uma coroa de ouro. Devia ser a rainha dos elfos, pai...

— Jesus! — exclamou Lourenço, persignando-se e fazendo o mesmo à filha.

Ajudou-a a subir até um local arrelvado e aí pegou-a ao colo. Cristina agarrava-se-lhe ao pescoço e chorava continuamente, embora o pai a quisesse tranquilizar.

Pouco depois encontraram Isrid e os companheiros. A mulher pôs as mãos para o céu quando soube do acontecido.

— Oh! Era sem dúvida a rainha dos elfos. Quis atrair esta linda criança para a montanha, acreditai-me...

— Silêncio! — intimou Lourenço, bruscamente. — Não devemos falar de tais assuntos na floresta; ninguém sabe quem está debaixo das pedras, a ouvir-nos.

Puxou de dentro da camisa o cordão de ouro e enfiou-o, com a cruz das relíquias, no pescoço de Cristina, pondo-o rente à pele, conforme usava.

— Tende cautela com as vossas conversas — disse ele; — é preciso que Ragnfrid nunca suspeite de que a filha correu semelhante perigo.

Foram buscar os cavalos que se haviam tresmalhado na mata e depois desceram à pressa para o valado onde estavam os outros cavalos. Todos montaram então e partiram para a cabana de Joerundgaard; o trajecto não era longo.

O sol ia a desaparecer quando ali chegaram; o gado estava dentro do curral e Tordis e os pastores mungiam as vacas. No interior da cabana preparavam a refeição para os recém-vindos, pois os moradores tinham-nos visto ao longe, junto do «sinal», e esperavam-nos.

Foi só então que as lágrimas de Cristina estancaram. Sentada nos joelhos do pai, comeu caldo e requeijão com a colher dele.

Lourenço devia ir no dia seguinte a um sítio que ficava longe dali e onde ele tinha parte do gado e alguns dos pastores. Fizera tenção de Cristina o acompanhar, mas declarou que ela ficaria na cabana.

— E Tordis e Isrid que tenham cuidado em conservar a porta fechada e o fumeiro bem tapado até ao nosso regresso, tanto por causa de Cristina como da criança que ainda não está baptizada.

Tordis sentira tanto medo que não se atrevia a ficar ali com o pequeno; depois dos últimos partos não voltara a entrar na igreja. Preferia ir agora para a aldeia. Lourenço achou natural: poderia ir com eles na tarde seguinte; pensava mandar, para a substituir, uma viúva já de certa idade que o servia em Joerundgaard.

Tordis estendera debaixo das peles, no fundo dos bancos, ervas tenras e frescas que emanavam um cheiro forte e agradável: Cristina já quase dormia quando o pai, inclinado para ela, recitou a Ave-Mariá e o Padre-Nosso.

— Muito tempo se há-de passar antes de eu te trazer

de novo comigo à montanha — disse Lourenço, acariciando-lhe as faces.

Cristina despertou em sobressalto:

— Pai... também não irei contigo ao sul, no Outono, conforme me prometeste?

— Veremos — respondeu Lourenço.

E, logo a seguir a Cristina, adormeceu docemente no meio das peles de carneiro.

II

TODOS os Verões Lourenço Bjoergulfsoen tinha o costume de fazer uma viagem a cavalo para o lado do sul a fim de visitar a sua quinta de Follo. Essas excursões do pai eram como que acontecimentos notáveis do ano na vida de Cristina — longas semanas em que ele estava ausente, grande alegria quando ele voltava com lindos presentes, estofos estrangeiros para o seu enxoval de casamento, figos, uvas e pão com mel de Oslo, e muitas belas histórias para lhe contar.

Mas, nesse ano, Cristina suspeitava que havia na viagem do pai qualquer coisa extraordinária. O assunto fora muito discutido. Como sempre, o velho de Loptsgaard viera a cavalo e sentara-se à mesa com o pai e a mãe de Cristina. Falavam de sucessão, de herança, de partilhas, das dificuldades de gerir a quinta tão distante; e também do bispado e do castelo real de Oslo que proporcionava trabalho a numerosos agricultores da vizinhança. Não tinham por assim dizer um momento disponível para brincar com a pequena e mandavam-na para a cozinha com as criadas. O tio Trond Ivarsoen, de Sundbu, veio visitá-los com mais frequência do que de costume — mas não era seu hábito gracejar com Cristina nem acarinhá-la.

Pouco a pouco, ela compreendeu de que se tratava. Desde que chegara a Sil, o pai procurara aumentar as suas propriedades na aldeia, e agora o cavaleiro André Gudmundsoen propunha a Lourenço trocar Formo — a

herança da mãe de André — por Skog, que ficava mais bem situada (para ele, que fazia agora parte da guarda do rei e raras vezes vinha ao vale). Lourenço não sentia grande desejo de se separar de Skog, terra que herdara e que viera parar à família por doação real; todavia a troca seria vantajosa para si sob muitos aspectos. Mas também havia o irmão de Lourenço, Aasmund Bjoergulfsoen, que gostaria duma alienação de Skog em seu proveito; morava agora em Hadeland, onde se casara, para aí dirigir uma quinta. Não era provável que Aasmund quisesse ceder o seu direito de opção.

Mas um dia Lourenço disse a Ragnfrid que, nesse ano, queria levar Cristina com ele a Skog. Seria bom que a filha visse a quinta onde nascera e que pertencera à família, — se tinha de deixar de ser deles! Ragnfrid achou esse desejo natural, embora ficasse um tanto assustada pelo facto de uma pequena tão nova fazer semelhante viagem sem a mãe.

Nos primeiros tempos, depois de Cristina ter visto a rainha dos elfos, andava ela tão receosa que preferia ficar em casa junto de Ragnfrid; tinha medo de ver qualquer das pessoas que haviam estado consigo nesse dia na montanha e que sabiam o que lhe acontecera. Ficara contente por ter o pai proibido que aludissem à aparição.

Mas, passados meses, pareceu-lhe que teria prazer em falar disso. Imaginava contar a sua história — não sabia a quem; o que era estranho é que, quanto mais tempo decorria, mais viva se lhe tornava a lembrança da linda senhora.

Coisa surpreendente! De cada vez que ela pensava na rainha dos elfos desejava a viagem a Skog, e temia que o pai a não levasse.

Finalmente acordou uma manhã no quarto do celeiro das provisões e viu que a velha Gunhild e a mãe, sentadas à porta, examinavam os gorros de pele de esquilo

que pertenciam a Lourenço. Gunhild era uma viúva que andava de herdade em herdade a preparar peles para abafos e outros trabalhos desse género. Pelas suas palavras Cristina percebeu que era ela agora quem devia ter uma capa forrada de peles de esquilo e guarnecida de marta. Compreendeu então que ia acompanhar o pai e pôs-se a pular na cama, gritando de alegria.

A mãe aproximou-se e perguntou-lhe, afagando-a:

— Estás, nesse caso, muito contente por te ires para tão longe de mim?

Ragnfrid repetiu as mesmas palavras na manhã em que eles deviam partir. Estavam levantados desde as oito horas. Lá fora a sombra dominava ainda, e havia entre as casas uma névoa espessa quando Cristina espreitou pela porta a perscrutar o tempo. Uma espécie de fumo cinzento flutuava em volta das lanternas e defronte das portas abertas das casas. Os criados corriam dos estábulos para as cabanas e as mulheres saíam da cozinha com panelas de aveia fumegante e grandes pratos de carne e de toucinho cozido. Precisavam duma refeição abundante e forte antes de se meterem a cavalo no frio da manhã.

Em casa, os sacos de couro das bagagens foram desafivelados para aí meterem as coisas que haviam esquecido. Ragnfrid recomendou ao marido tudo o que ele tinha a fazer em nome dela e falou dos amigos e conhecidos que Lourenço veria no percurso. Devia cumprimentar este, não esquecer determinado assunto quando visitasse aquele...

Cristina corria dentro e fora, despedia-se mais de uma vez de todos os servos da casa e não podia estar sossegada em parte alguma.

— Estás então contente, Cristina, de partir para longe de mim e por tanto tempo? — perguntou a mãe.

Cristina ficou aborrecida e desgostosa com aquilo;

desejaria que a mãe não tivesse dito tal coisa, mas respondeu o melhor que pôde:

— Não, minha querida mãe, mas estou contente porque vou acompanhar o meu pai.

— Sim, é natural — retorquiu Ragnfrid suspirando. Depois beijou a filha e compôs-lhe o vestido.

Finalmente montaram todos a cavalo, eles e a comitiva. Cristina cavalgava *Morvin*, que fora antigamente o favorito do pai; era velho já, prudente e seguro. Ragnfrid entregou ao marido a taça de prata com o último cordial, colocou uma das mãos no joelho da filha e pediu-lhe que se lembrasse de tudo o que a mãe lhe recomendara.

Saíram então da quinta naquela manhã brumosa. Uma névoa branca como leite cobria a aldeia. Contudo, ao fim de alguns instantes, começou a ficar menos densa e, daí a pouco, o sol infiltrou-se através dela. E, sob o orvalho que escorria, viam-se brilhar as ervas verdes dos prados, os pálidos restolhos, as árvores amareladas e as sorveiras com as suas bagas vermelhas. Depois o nevoeiro rompeu-se e dividiu-se em farrapos pelas encostas das montanhas, e os viajantes desceram o vale debaixo dum sol magnífico, com Lourenço e Cristina à frente do grupo.

Chegaram a Hamar numa tarde sombria e chuvosa; Cristina ia na sela do pai, porque estava tão fatigada que tudo vacilava ante os seus olhos: o lago que luzia pàlidamente à direita, as árvores escuras que pingavam sobre eles quando iam a cavalgar nos bosques, e as casas pintadas de negro sobre as terras húmidas e incolores ao longo do caminho.

Cristina deixara de contar os dias. Parecia-lhe que andava em viagem desde tempos remotos. Tinham ido visitar os parentes e amigos na descida do vale; travara conhecimento com meninas nas grandes quintas, brincara em salas, em granjas e em pátios que nunca vira, e pusera frequentes vezes o vestido carmesim de man-

gas de seda. Tinham parado à beira dos caminhos nos dias bonitos; Arne apanhara nozes para ela, e a pequena dormira depois das refeições sobre os sacos de couro que continham os seus fatos. Numa herdade, tivera na cama almofadas bordadas de seda; uma vez pernoitara numa estalagem onde havia num dos leitos uma mulher que chorava baixinho, muito tristemente, sempre que Cristina estava acordada. Mas todas as noites dormira sossegada, protegida pelas costas largas e quentes do pai.

Cristina acordou em sobressalto. Não sabia onde estava, mas continuava o ruído singular, sonoro e sussurrante, que ela ouvira em sonhos. Via-se sòzinha num leito, e, no quarto onde se encontrava, o lume ardia na lareira.

Chamou pelo pai. Este ergueu-se do canto onde permanecia sentado e aproximou-se da pequena acompanhado duma mulher gorda.

— Onde estamos? — perguntou a filha.

Lourenço sorriu e respondeu:

— Estamos em Hamar, e eis aqui Margret, a mulher do sapateiro Fartein. Dá-lhe os bons-dias, visto que dormias quando aqui chegámos. Margret vai ajudar-te a vestir.

— Já é de manhã?— indagou Cristina. — Julgava que te ias meter na cama... Então ajuda-me agora — pediu ela.

Lourenço, porém, retorquiu em tom um tanto severo que mais valia que ela agradecesse a Margret, que desejava auxiliá-la.

— E repara na oferta que te traz!

Era um par de sapatos vermelhos com fitas de seda. A mulher sorria ao ver o rosto contente de Cristina, e pôs-lhe a camisa e as meias no leito para evitar que ela caminhasse descalça no chão de terra batida.

— O que é que está a badalar assim? — perguntou Cristina. — Parece um sino, muitos sinos de igreja.

— São os nossos sinos, sim — disse Margret a rir. — Nunca ouviste falar do grande convento desta cidade? É lá que vais agora, e é o sino maior que toca. E tocam também os do claustro e os da igreja da Cruz.

Margret barrou com manteiga o pão de Cristina e deitou-lhe mel no leite para que se tornasse mais alimentícia a refeição. A pequena só tinha tempo para comer.

Entretanto lá fora estava escuro e principiava a gelar. O nevoeiro era frio e mordente. As pegadas dos animais e as marcas dos tamancos dos camponeses apresentavam-se duras e como que moldadas em ferro, de tal forma que Cristina magoava os pés metidos nos seus sapatinhos estreitos; uma das vezes chegou a quebrar o gelo do rego que passava no meio da rua e as pernas ficaram-lhe encharcadas. Então Lourenço transportou-a às costas.

Ela aplicava os olhos na sombra, mas quase nada via. Distinguia sòmente negras empenas de casas e árvores na atmosfera cinzenta. Depois chegaram a um pradozinho que brilhava de geada, e do outro lado viu um edifício claro, grande como uma montanha. Havia em redor casas de pedra e, em certos sítios, luziam lucarnas nas paredes. Os sinos, que se haviam calado um instante, puseram-se a tocar de novo, e o som era tão forte agora que ela sentia um arrepio como se o gelo lhe deslizasse pelas costas.

Pareceu a Cristina que penetravam na montanha quando entraram no vestíbulo da igreja; as trevas e o frio invadiam-nos. Transpuseram uma porta, e um cheiro a mofo, a incenso e a cera chegou até eles. Cristina encontrava-se agora numa sala sombria e de tecto muito alto. Não podia ver muito distintamente naquela penumbra nem para cima nem para os lados, mas em sua frente uma luz brilhava ao longe num altar. Estava lá um padre, e o eco da sua voz repercutia-se de forma singular por toda a igreja, como um suspiro sibilado. Com água-

-benta, Lourenço fez o sinal da cruz em si e na filha e, em seguida, os dois avançaram. Entretanto, ele caminhava com precaução porque as esporas ressoavam fortemente nas lajes de pedra. Passaram defronte de colunas gigantescas, entre as quais o olhar se parecia perder em cavernas negras como carvão.

Em frente, perto do altar, Lourenço e Cristina ajoelharam. Esta começava a ver melhor na obscuridade. O ouro e a prata brilhavam nos altares, ao fundo, entre pilastras, e defronte deles resplandeciam luzes acesas em castiçais de ouro que iluminavam os vasos sagrados e o grande e imponente quadro que estava mais atrás. Cristina, invencivelmente, pensou de novo na montanha; era como ela imaginara: a mesma magnificência, mas tudo talvez mais radioso. E a aparição da rainha dos elfos voltou-lhe outra vez à ideia; levantou os olhos e viu na parede, por cima do quadro, um Cristo grande e severo, erguido na cruz. Experimentou certo medo. Ele não tinha o ar meigo e triste como o da igreja da aldeia, aquela igreja de madeira escura onde Jesus estava penosamente suspenso pelos braços, com as mãos e os pés traspassados, inclinando a cabeça ensanguentada sob uma coroa de espinhos. Aqui, tinha os pés apoiados, os braços abertos, rígidos, o rosto duro e erguido, e os cabelos refulgiam tanto como a coroa de ouro que suportava.

Então Cristina procurou seguir as palavras do padre enquanto este cantava e recitava, mas a voz dele era indistinta e rápida. Na sua terra, estava habituada a perceber cada palavra, porque Sira Erik pronunciava tudo claramente e lhe ensinara o que as palavras significavam em norueguês, para que ela pudesse concentrar os seus pensamentos em Deus quando estivesse na igreja.

Aqui, não conseguia isso, pois a cada instante reparava em qualquer coisa na sombra. Havia janelas na parte superior das paredes que o sol começava a iluminar. E, perto do lugar onde estavam ajoelhados, notavam-se

vigas sobrepostas formando andaime; por trás, viam-se blocos de pedra clara, uma celha e ferramentas várias. Cristina ouvia agora gente a chegar e a andar cá e lá no interior do templo. Depois os seus olhos fixaram-se de novo no Cristo severo da parede e tentou concentrar os pensamentos no serviço divino. O frio glacial do chão de pedra inteiriçava-lhe as pernas até às ancas, e os joelhos doíam-lhe. Por fim estava tão fatigada que via tudo vacilar à sua volta.

Lourenço pôs-se de pé: a missa terminara. O padre veio cumprimentar o pai de Cristina e, enquanto eles conversavam, a pequena sentou-se num degrau, pois vira o menino do coro fazer isso. Este bocejou — e Cristina pôs-se também a bocejar. Quando o rapaz percebeu que ela o fitava, deitou-lhe a língua de fora e fez-lhe uma careta. Depois tirou uma bolsa do fato e despejou nas lajes tudo o que ela continha: anzóis, bolas de chumbo, tiras de linho, um par de dados. Entretanto continuava a fazer caretas a Cristina, que o olhava espantada.

Foi então que o padre e Lourenço repararam nos pequenos. O sacerdote sorriu e disse ao garoto que fosse para a escola, mas Lourenço franziu as sobrancelhas e agarrou na filha pela mão.

A igreja estava agora mais clara. Cheia de sono, Cristina ia levada pelo pai enquanto este e o sacerdote andavam no meio das madeiras empilhadas, a falar das construções do bispo Ingiald.

Percorreram toda a igreja e finalmente saíram pelo pórtico. Daí, partia uma escada de pedra para a torre ocidental. Cristina morria de cansaço ao subir os degraus. O padre abriu a porta duma linda sala, mas Lourenço disse a Cristina que ficasse sentada na escada, enquanto ele se ia confessar; ela poderia depois entrar e beijar as relíquias de São Tomás.

Nesse momento saiu da capela um velho monge com um hábito pardacento. Parou um instante, sorriu para

a rapariguinha e tirou dum buraco da parede alguns sacos e pedaços de burel que ali estavam metidos. Estendeu-os no patamar e disse, enquanto descia, descalço, a escada:

— Senta-te ali, para não arrefeceres.

Cristina dormia quando o padre Martinho saiu e a levou consigo. Da igreja vinha o cântico mais belo que se podia ouvir, e, no interior da capelinha, uma luz refulgia no altar. O padre fez-lhe sinal para que ajoelhasse junto do pai; depois trouxe um cofrezinho dourado que estava no altar. Segredou a Cristina que ali dentro havia um pedacinho da túnica ensanguentada de São Tomás de Cantuária, e mostrou-lhe a imagem do santo de forma a que ela lhe pudesse beijar os pés.

Ressoava linda música na igreja quando eles chegaram a baixo; o padre Martinho disse que era o mestre organista a ensaiar os novos alunos: não tinham, porém, tempo de os escutar porque o pai de Cristina estava cheio de fome, pois jejuara por causa da confissão. Iam agora passar à casa dos cónegos para aí comerem qualquer coisa.

Na rua, o sol matinal iluminava as margens abruptas dos confins do lago Mjoesen: as folhas secas pareciam uma poeira de ouro no fundo azul-escuro das florestas. Sobre as vagas dançavam pequeninos flocos de espuma branca. O vento frio fazia cair folhas de todas as cores na colina coberta de geada.

Um grupo de cavaleiros surgiu entre o paço episcopal e a casa da Irmandade da Cruz. Lourenço afastou-se para o lado e inclinou-se, com a mão no peito e quase varrendo o chão com o chapéu. Por isso Cristina, suspeitando que a personagem de peliça fosse o próprio bispo, fez uma profunda reverência.

O bispo parou o cavalo e retribuiu a saudação. Com um gesto pediu a Lourenço que se aproximasse e falou com ele uns momentos. Pouco depois Lourenço voltava para junto da filha e do padre.

— Acabei de ser convidado para o paço episcopal — disse ele. — Julgais, padre Martinho, que algum dos irmãos da comunidade poderá acompanhar minha filha à casa do sapateiro Fartein onde eu estou alojado e dizer aos meus criados que Halvdan venha ter aqui com *Guldsvein* à hora da merenda?

O padre respondeu que isso se podia arranjar muito bem. Então, o monge descalço, que falara a Cristina na escada da torre, avançou e, depois de saudar, disse:

— Há um homem na hospedaria do convento que conhece o sapateiro. Pode levar a tua mensagem, Lourenço Bjoergulfsoen, e a tua filha pode ir com ele ou ficar no convento até regressares a casa. Farei com que lhe dêem de comer.

Lourenço agradeceu e acrescentou:

— Sinto-me envergonhado por vos causar tanto incómodo com minha filha, Irmão Edvin...

— O Irmão Edvin chama a si todas as crianças que pode — interveio o padre Martinho a rir. — Assim tem alguém a quem pregar um sermão...

— Oh! Não me atreveria a impor as minhas pregações aos sábios de Hamar — retorquiu o monge, sorridente e sem ironia. — Sou bom para falar às crianças e aos camponeses, mas isso não é motivo para que me julguem capaz de outras mais altas coisas.

Cristina lançou um olhar de súplica ao pai. Mostrava bem desejar ir com Frei Edvin. Lourenço tornou a agradecer e, enquanto o pai e o sacerdote iam no séquito do bispo, Cristina deu a mão ao frade e desceram para o convento, formado dum grupo de casas de madeira e duma igreja de pedra clara que ficava à beira de água.

Frei Edvin apertou ligeiramente a mão da rapariguinha e, quando olharam um para o outro, limitaram-se a sorrir. O monge era alto, magro, bastante curvado; Cristina achava que a cabeça dele se parecia com a duma cegonha velha: pequenina, de crânio estreito, lustrosa

no meio da coroa de cabelos brancos eriçados, e colocada sobre um pescoço comprido, esguio e enrugado. O nariz era grande e aguçado como um bico de ave. Mas, quando Cristina olhava para a cara engelhada do frade, encontrava ali qualquer coisa que lhe agradava. Tinha ele os olhos orlados de vermelho e pálpebras escuras e delgadas como películas; as faces emurchecidas, com as suas veias avermelhadas, apresentavam-se sulcadas de rugas que lhe desciam até à boca pequena, de lábios finos, mas parecia que Frei Edvin estava assim tão enrugado apenas pelo hábito de sorrir para as pessoas. Cristina pensava nunca ter visto criatura alguma com ar tão alegre e malicioso; dir-se-ia possuir dentro de si uma felicidade radiosa e Cristina gostaria imenso que ele falasse a esse respeito.

Costearam a sebe dum campo de macieiras onde alguns frutos amarelos e rosados pendiam ainda das árvores. Na horta, dois frades arrancavam ramos secos de favas.

O convento não era muito diferente duma casa de camponeses, e a hospedaria, onde o frade mandou Cristina entrar, assemelhava-se também a qualquer cabana; havia porém ali muitos leitos de madeira. Num deles via-se um velho deitado, e, perto da lareira, estava uma mulher sentada, ocupada a enfaixar uma criancinha; duas outras mais crescidas, um rapaz e uma pequena, encontravam-se junto dela.

O velho e a mulher queixavam-se de não terem ainda recebido o almoço:

— Não têm coragem de vir aqui duas vezes, e por isso vamos jejuar até que tenhas corrido a cidade, Irmão Edvin!

— Não te zangues, Steinulv — disse o frade. — Vem cá, Cristina, e dá os bons-dias... Repara, Steinulv, repara nesta linda menina que vai passar o dia aqui e comer connosco.

Contou que o velho adoecera ao regressar duma entrevista, e que fora autorizado a ficar na hospedaria do convento porque tinha uma parenta que se encontrava no hospital e que era tão má que Steinulv não podia lá estar por causa dela.

— Mas bem vejo que daqui a pouco tempo me vão achar de mais aqui — disse o camponês. — Quando te fores embora, Irmão Edvin, já não haverá ninguém que me trate e então decerto me vão mandar para o hospital.

— Ficarás restabelecido muito antes de eu acabar o meu trabalho na igreja — replicou Frei Edvin. — E, nessa altura, o teu filho virá buscar-te.

Foi tirar da lareira uma panela de água quente e pediu a Cristina que a segurasse enquanto ele cuidava de Steinulv. O velho ficou depois disso mais bem disposto. Daí a instantes, entrou um monge que lhe trazia de comer e de beber.

O Irmão Edvin disse o *benedicite* e sentou-se na beira da cama de Steinulv de maneira a poder ajudá-lo a comer. Então, Cristina instalou-se junto da mulher e deu a refeição ao filho dela, que era tão pequenino que mal podia chegar ao prato e besuntava tudo quando queria mergulhar a colher na tigela de cerveja. A mulher era de Hadeland e viera ao convento com o marido e com os filhos a fim de visitar o irmão que era frade. Ele, porém, partira e percorria agora as aldeias, e ela queixava-se de estar ali a perder o seu tempo.

Frei Edvin falou docemente com a mulher. Ela não devia dizer que perdia o seu tempo, pois estava no bispado de Hamar. Havia ali igrejas excelentes, e os frades e os cónegos diziam missa e cantavam todo o santo dia; e a cidade era tão bonita, até mais bonita do que Oslo, embora um pouco mais pequena, e aqui todas as casas tinham o seu quintal.

— Se visses, quando aqui cheguei na Primavera!

A cidade estava toda branca de flores. E depois, quando os espinheiros desabrocharam...

— Isso pouco me importa! — replicou azedamente a mulher. — Parece-me que aqui há mais santuários do que santidade...

O frade sorriu e abanou a cabeça. Em seguida remexeu a palha da cama e trouxe uma porção de maçãs e de peras que distribuiu pelos pequenos. Cristina nunca provara tão bons frutos. O sumo escorria-lhe pelos cantos da boca a cada dentada que ela dava.

Mas o Irmão Edvin devia comparecer na igreja e disse a Cristina que o acompanhasse. Atravessaram o pátio do convento, e, por uma portinha lateral, entraram no templo.

Estava a igreja em obras, de forma que também havia ali madeiras erguidas entre a nave e o coro. O bispo Ingjald mandara restaurar e embelezar o coro, segundo informou Frei Edvin. O bispo era muito rico e empregava todo o dinheiro em decorar as igrejas da cidade. Excelente sacerdote e bom homem! Os irmãos pregadores do convento de Santo Olavo também eram boas criaturas, de costumes puros, e sábios e humildes; o convento seria pobre, mas tinham-no recebido gentilmente. Frei Edvin pertencia ao convento dos Frades Menores de Oslo, mas fora autorizado a mendigar aqui, na diocese de Hamar.

— Vem cá — disse ele a Cristina, levando-a para junto dos andaimes. Subiu uma escada e dispôs no cimo dela algumas tábuas. Depois tornou a descer e ajudou a pequena a trepar até lá cima.

Na parede de pedra cinzenta, Cristina viu maravilhosas manchas de luz, vermelhas como sangue e amarelas como cerveja, azuis, castanhas, verdes. Quis olhar para trás, mas o frade murmurou-lhe:

— Não te voltes!

Contudo, quando chegaram acima das tábuas, ele,

pelo contrário, fê-la voltar-se devagarinho e então Cristina viu um espectáculo tão belo que quase perdeu a respiração.

Em sua frente, ao sul da nave, estava uma pintura que brilhava como se fosse feita de refulgentes pedras preciosas. As manchas de luz multicolores da parede eram reflexos que de lá vinham; o frade e a rapariguinha estavam inundados por essa claridade. Cristina tinha as mãos vermelhas como se houvessem sido mergulhadas em vinho; a cara do monge apresentava-se toda dourada e, no capuz, as cores da pintura reflectiam-se mais escuras. A pequena olhou para ele com ar interrogador, mas o Irmão Edvin só lhe respondeu com um sinal de cabeça e um sorriso.

Poder-se-iam julgar muito longe, a olhar para o interior do reino celeste. Atrás duma grade de varões pretos, Cristina discerniu a pouco e pouco Jesus Cristo com um precioso manto encarnado, a Virgem Maria com um vestido tão azul como o céu e santos e santas nas suas brilhantes túnicas, amarelas, verdes, roxas. Estavam debaixo de arcos e colunas de lindas casas; entrelaçavam-se ramos com maravilhosas folhas pálidas...

O monge fê-la ir um pouco mais adiante sobre o andaime.

— Fica aí — cochichou ele — iluminada pelo manto de Cristo.

Da igreja evolava-se um leve perfume de incenso e o cheiro da pedra fria. Estava escuro em baixo, mas os raios de sol penetravam obliquamente por uma série de janelas do lado sul da nave. Cristina começou a perceber que a imagem celeste devia estar numa espécie de janela, pois rodeava-a um caixilho igual aos outros que ela via vazios ou fechados por vidros translúcidos. Um pássaro veio pousar num umbral, soltou um trinado e fugiu; da parede do coro ouviam-se as pancadas de ferramentas contra a pedra. A não ser isso, tudo estava silencioso;

apenas, de quando em quando, o vento gemia de encontro à igreja e se apaziguava depois.

— Sim, sim — disse Frei Edvin com um suspiro. — Coisas destas ninguém sabe fazer na nossa terra. Em Nidaros pintam bem sobre vidro, mas não é nada que se compare... Nos países do Sul, Cristina, nos mosteiros importantes, existem vitrais semelhantes a estes, tão grandes como as portas desta igreja...

Cristina lembrou-se dos quadros da igreja da aldeia: o altar de Santo Olavo e o de São Tomás de Cantuária, com as pinturas dos retábulos e o tabernáculo por detrás. Mas esses quadros pareciam-lhe sem brilho quando se recordava agora deles.

Desceram a escada e subiram para o coro. Havia ali uma mesa de altar, despida, e, sobre a laje de pedra, viam-se caixinhas e taças de metal, de madeira e de barro; mais longe estavam facas pequenas e ferramentas, penas e pincéis. O Irmão Edvin disse então que tudo aquilo lhe pertencia; a sua profissão era a de pintar quadros e entalhar tabernáculos; as lindas pinturas que se encontravam nas cadeiras do coro tinham sido feitas por ele. Eram para decorar os retábulos da igreja dos frades dominicanos.

Cristina observou como ele misturava os pós coloridos e os ligava dentro de tigelinhas de barro, e ajudou-o a colocar os objectos num banco encostado à parede. Enquanto o frade ia dum quadro para outro — traçando finas linhas vermelhas nos cabelos louros dos santos e das santas, para que parecessem frisados e ondulados —, Cristina ia sempre atrás dele, a olhar e a perguntar, e ele explicava-lhe o que tinha pintado.

Num dos quadros, Cristo estava sentado num trono de ouro, e São Nicolau e São Clemente encontravam-se perto dele sob um alpendre; aos lados via-se desenhada a vida de São Nicolau: sentado, pequenino ainda, nos joelhos da mãe, recusava o seio que ela lhe oferecia, pois

era tão santo desde tenra idade que não queria mamar mais de uma vez às sextas-feiras. Noutro canto via-se a imagem dele a colocar bolsas de prata à porta da casa de três raparigas tão pobres que não podiam arranjar marido. Cristina viu também como ele curou o filho do cavaleiro romano, e o cavaleiro partir num barco de vela, com um cálice de ouro falso nas mãos. Prometera ao santo bispo um cálice de ouro que pertencia à família há mais de mil anos, para lhe agradecer o ter dado saúde ao filho. Mas, depois, quis enganar São Nicolau oferecendo-lhe um cálice de pechisbeque. Foi por isso que o filho caiu ao mar com o autêntico cálice de ouro nas mãos. São Nicolau, porém, levou a criança sã e salva sobre as ondas e alcançou a margem; o pai daquela encontrava-se na igreja de São Nicolau, com a sua oferenda de ouro falso. Tudo isto estava representado no quadro com as mais lindas cores. Uma das pinturas mostrava a Virgem Maria com o Menino Jesus ao colo, que tinha uma das mãos sob o queixo da Mãe e com a outra segurava uma maçã. Perto deles estavam Santa Sunniva e Santa Cristina, de pé, com uma graciosa ondulação de ancas; os rostos apresentavam-se lindamente coloridos de cor-de-rosa e de branco, e os cabelos e as coroas eram de ouro.

O Irmão Edvin segurava o punho direito com a mão esquerda e desenhava folhas e rosas nas coroas.

— Parece-me que o dragão está pequenino de mais — observou Cristina contemplando o retrato da sua patrona. — Ninguém dirá que pode devorar a senhora.

— Nem poderá — respondeu o frade. — Ele não era maior. Os dragões e todos os seres desse género que servem o diabo são grandes ou não, conforme o medo que temos dentro de nós. Mas, se alguém procurar Deus intensamente, com toda a sua alma, e chegue a se compenetrar da sua força, então o poder do demónio cai logo; uma queda tão grande que os instrumentos do diabo se tornam pequenos e impotentes. Dragões e espíritos maus

ficam reduzidos e já não são maiores do que gnomos, gatos ou gralhas. Repara que a montanha onde está Santa Sunniva é minuscula em relação à cauda do manto.

— Mas — perguntou Cristina — Santa Sunniva e as suas companheiras de Selje não moravam em grutas? Isto não é verdade?

O monge sorriu e disse-lhe com o seu ar benevolente:

— É verdade e não é. Assim julgaram as pessoas que encontraram os corpos dos santos, e porque Sunniva e os seus companheiros de Selje eram humildes e imaginavam que o mundo tinha mais força do que todos os pecadores. Não pensavam ser mais poderosos do que o mundo, porque não o amavam. Mas, se eles próprios soubessem disso, poderiam pegar em todas as montanhas e lançá-las ao mar como se fossem seixos. Nada nos pode fazer mal, minha filha, senão aquilo que tememos e amamos.

— Mas se houver alguém que não tema nem ame a Deus? — perguntou Cristina aterrada.

O frade afastou os cabelos louros de Cristina, inclinou-lhe a cabeça para trás e contemplou-a fixamente com os olhos azuis muito abertos.

— Não existe um ser humano que não ame nem tema Deus, Cristina, mas é porque os nossos corações estão divididos entre o amor a Deus, o receio do diabo e o amor do mundo e da carne que somos miseráveis na vida e na morte. Se um homem não tivesse nenhuma aspiração para Deus e para a essência divina, gostaria do inferno, e só nós não compreenderíamos que ele aí encontrasse com que satisfazer o seu coração. Mas, na verdade, o fogo não o deveria queimar se ele não desejasse o frescor, e não sentiria a dor de ser mordido pelas serpentes se não aspirasse à paz.

Cristina fitava os olhos do monge; não percebia nada daquilo. O Irmão Edvin prosseguiu:

— Foi por efeito da misericórdia de Deus que Ele, tendo visto como os nossos corações estavam divididos,

desceu à terra e habitou entre nós para sentir na carne a tentação do demónio quando este nos seduz, com o poder, com a magnificência e com as ameaças do mundo — que nos oferece pancadas, zombarias e nos traspassa os pés e as mãos com pregos. Foi assim que Ele nos mostrou o caminho e nos manifestou o seu amor...

Olhou para o rosto meigo e sério da pequena, e depois sorriu ao de leve e disse noutro tom de voz:

— Sabes quem foi o primeiro a saber que Nosso Senhor viera ao mundo? Foi o galo; viu a estrela e, como nesse tempo os animais sabiam falar latim, ele gritou: *Christus natus est!*

Ao pronunciar estas palavras, o monge imitou tão bem um galo que Cristina desatou a rir. E era bom rir, pois tudo o que o Irmão Edvin dissera havia-se-lhe imposto com pesada solenidade.

O frade riu também.

— Pois é verdade. E, quando o boi ouviu aquilo, pôs-se a mugir: *Ubi, ubi, ubi?* Então a cabra berrou e disse: *Bethleem, Bethleem, Bethleem.* E veio à ovelha um tal desejo de ver Nossa Senhora e o Menino, que logo baliu: *Eamus, eamus.* E o vitelinho recém-nascido, que estava deitado na palha, pôs-se de pé. *Volo, volo, volo,* disse ele. Nunca te contaram isto? Não, bem me queria parecer. Sei que é excelente sacerdote, esse padre Erik que está na tua aldeia, e muito instruído, mas isto ele não deve saber, pois só se aprende em Paris...

— E já fostes a Paris? — perguntou a pequena.

— Deus te abençoe, Cristininha, estive em Paris e já viajei pelo mundo todo e podes crer que temo o diabo, que tenho gostos e desejos doidos. Mas seguro-me com todas as forças à Cruz... é preciso agarrarmo-nos a ela como um gatinho a uma tábua quando cai a um poço... E tu, Cristina, que te pareceria sacrificares os teus belos cabelos e servires Nossa Senhora como estas esposas de Cristo que eu aqui desenhei?

— Sou filha única — disse Cristina. — Por isso penso que me vou casar. A mãe já tem tudo pronto, a arca e o cofrezinho com o meu dote.

— Ah! Sim! — replicou Edvin, afagando-lhe a cabeça. — Eis como os pais dispõem dos filhos, agora! A Deus, dão as filhas que são coxas, míopes, feias e disformes, ou então devolvem-lhe os filhos que, na opinião deles, lhes deu a mais. E depois admiram-se que não sejam todos santos os que estão nos conventos!

Frei Edvin conduziu Cristina para a sacristia e mostrou-lhe os livros do mosteiro que estavam num armário e continham lindas gravuras. Mas, quando um dos frades entrou, Edvin disse que apenas queria encontrar um jumento para copiar. Depois abanou a cabeça, comentando:

— Ès testemunha do meu receio, Cristina; mas eles têm tanta cautela com os seus livros, nesta casa! Se eu possuisse verdadeira fé e amor, não seria tão mentiroso para com o Irmão Aasulv.

Cristina foi em seguida com o monge à hospedaria e aí teve ela uma refeição, mas o resto do dia foi para estar sentada na igreja a ver o Irmão Edvin trabalhar e a conversar com ele. E só quando Lourenço a veio buscar é que ela e o monge se lembraram do recado que deviam ter mandado ao sapateiro.

Tempos depois, Cristina teve mais saudades dos dias que passou em Hamar do que de tudo que lhe aconteceu durante a comprida viagem. Oslo era realmente maior do que Hamar, mas, depois que a rapariguinha vira uma cidade comercial, já aquela lhe não parecia tão notável. Também não achou Skog mais bonita do que Joerundgaard, embora as casas fossem mais elegantes, e sentiu-se feliz por não ter de morar ali. A quinta ficava situada numa colina e em baixo via-se o fiorde de Botn, brumoso e triste, com uma floresta sinistra na outra

margem, e, atrás das casas, árvores a se confundirem com o céu que parecia descer até às largas copas. Ali não havia, como na aldeia, montanhas altas e escarpadas para erguer bastante o céu acima dos homens e para limitar a vista de maneira a que o mundo não parecesse nem muito grande nem muito pequeno.

No regresso da viagem o tempo arrefeceu; estavam em pleno Advento; a meio do vale encontraram neve. Foi-lhes preciso pedir emprestado trenós e fazer assim a maior parte do trajecto.

O negócio da quinta arranjou-se de maneira a Lourenço ceder Skog a seu irmão Aasmund, com direito de transmissão para ele e para os herdeiros.

III

NA Primavera seguinte, Ragnfrid deu à luz uma filha. Os pais teriam preferido um rapaz, mas depressa se consolaram e sentiram a maior ternura pela pequena Ulvhild. Era uma linda criança, rechonchuda, gentil, alegre e sossegada. A mãe afeiçoou-se-lhe tanto que continuou a lhe dar o peito até ela completar dois anos; por isso, a conselho de Sira Erik, Ragnfrid se absteve um pouco dos severos jejuns e dos exercícios piedosos enquanto criou a filha. Esse facto e a alegria que irradiava de Ulvhild deram-lhe um ar de tanta felicidade que Lourenço pensou nunca ter visto a mulher tão risonha, tão bela, tão sociável desde que viviam juntos.

Cristina também achava delicioso ter aquela delicada irmãzinha. Que a melancolia da mãe fizesse reinar o silêncio na quinta, fora coisa em que ela nunca reflectira; estava certo, pensava Cristina, que a mãe lhe desse lições e reprimendas e o pai brincasse e se divertisse com a filha. Agora mostrava-se meiga para a pequena e dava-lhe maior liberdade; apesar de mais acarinhada, Cristina percebeu que a mãe dispunha de menos tempo para se ocupar dela. A rapariguinha, como os outros, gostava deveras de Ulvhild, e sentia-se feliz se podia estar com a irmã, mas isso tornou-se-lhe num divertimento quando esta principiou a engatinhar, a andar e a falar, e quando as duas puderam brincar de sociedade.

Três anos assim decorreram, felizes, em Joerund-

gaard. A sorte favorecera Lourenço, o qual fez muitos melhoramentos e construções na quinta, pois as cabanas e o estábulo eram velhos e acanhados quando ele para ali viera. Durante várias gerações os Gjeslings haviam alugado a quinta a estranhos.

Era véspera do domingo de Pentecostes; Trond Ivarsoen de Sundbu, sua mulher Gudrid e os três filhos estavam em Joerundgaard. Nessa manhã os adultos conversavam no balcão do primeiro andar enquanto os pequenos brincavam no pátio. Lourenço principiara uma nova construção e as crianças divertiam-se sobre as madeiras que para ali haviam sido trazidas. Um dos rapazes batera em Ulvhild, e esta chorava. Trond desceu então, castigou o filho e pegou na sobrinha ao colo. Era a mais linda petiza que se podia ver, e o tio adorava-a, embora não gostasse de crianças.

No mesmo instante um homem atravessou o pátio; vinha do cerrado e puxava um corpulento boi negro; o animal, porém, irritado e indócil, escapuliu-se. Trond pulou para cima dos madeiros empilhados, empurrando as crianças em sua frente; mas tinha Ulvhild ao colo e dava a mão ao filho mais novo. Resvalou-lhe um barrote sob os pés, e Ulvhild escapou-se-lhe do braço e caiu por terra; a viga tombou aos rolões e parou sobre as costas da pequenita.

Lourenço correu para ali e quis levantar a trave; então o boi arremeteu contra ele. Lourenço agarrou-o pelos chifres, mas foi derrubado. Num salto segurou o focinho do animal, soergueu-o, e assim o manteve até que Trond recuperasse o sangue-frio e os homens acorressem das casas e prendessem o boi com a soga.

Ragnfrid, de joelhos, tentava mover o barrote; Lourenço conseguiu erguer o bastante para a mulher poder puxar a filha para a frente e levantá-la um pouco, encostando-a ao seio. A pequena gemia lamentosamente quando lhe tocavam, mas a mãe soluçava alto:

— Ela vive, graças a Deus, vive!

Fora um milagre Ulvhild não ter ficado completamente esmagada; a trave, porém, caíra de tal maneira que um dos lados ficara pousado sobre uma pedra.

Lourenço então pôs-se de pé; o sangue corria-lhe pelos cantos dos lábios e o fato apresentava-se rasgado no peito pelos cornos do boi.

Tordis acorria nesse momento, trazendo uma coberta de pele em cima da qual ela e Ragnfrid deitaram com precaução a criança, mas esta parecia sentir um sofrimento intolerável, por pouco que lhe mexessem. A mãe e Tordis levaram-na para a sala de Inverno.

Cristina, pálida e rígida, estava de pé sobre as madeiras amontoadas; os pequenos encostavam-se a ela, chorando. Toda a gente da quinta se reunira no pátio; as mulheres soluçavam e lamentavam-se. Lourenço ordenou-lhes que selassem *Guldsvein* e outro cavalo; todavia, quando Arne os trouxe, caiu por terra ao tentar montar. Pediu então a Arne que partisse a cavalo em busca do padre, enquanto que Halvdan iria para o sul procurar uma curandeira que morava na confluência dos rios.

Cristina notou que o pai tinha o rosto duma cor terrosa e que sangrara tanto que a véstia azul estava toda manchada de vermelho-escuro. Bruscamente, ele ergueu-se, arrancou um machado das mãos dos homens e dirigiu-se para o local onde ainda alguns dos servos rodeavam o boi. Chegado ali, assentou-lhe entre os chifres o machado, de tal forma que o animal caiu sobre os joelhos, mas Lourenço continuou a despedir pancadas à doida até sair o sangue e os miolos ao boi; foi só então que se deteve, invadido por um acesso de tosse, e depois caiu no chão. Trond e um homem tiveram de o transportar para casa.

Cristina julgou que o pai estava morto; soltou um grito agudo e correu atrás dele, chamando-o angustiada.

Na sala de Inverno, via-se Ulvhild na cama dos pais;

todas as almofadas haviam sido tiradas dali, de maneira a que a criança ficasse deitada ao comprido. Parecia jazer ali no seu leito mortuário. Gemia, porém, sem descanso e a mãe debruçava-se, suplicante e carinhosa, aflita pela sua impotência.

Lourenço estava deitado sobre outra cama; levantou-se e atravessou a sala, cambaleando, para consolar a mulher. Então ela, num sobressalto, gritou:

— Não me toques! Não me toques! Jesus, Jesus, eu merecia que me matasses... Nunca terão fim as desgraças que eu atraio sobre ti...

— Tu, querida mulher? Em qualquer caso, desta vez não foste tu a causadora disto — replicou Lourenço, pondo-lhe uma mão nos ombros.

Ragnfrid estremeceu e os olhos cinzentos brilharam-lhe no rosto magro e trigueiro.

— Ela quer dizer decerto que fui eu que tive culpa do que aconteceu — interveio rudemente Trond Ivarsoen.

A irmã olhou-o com ódio e retorquiu:

— Trond sabe o que eu quero dizer.

Cristina correu para junto dos pais, mas os dois repeliram-na. E Tordis, que chegava com uma caldeira de água quente, agarrou-lhe docemente no ombro e disse:

— Vai para o nosso quarto, Cristina. Aqui, atrapalhas-nos.

Quis tratar de Lourenço, que se sentara no escabelo do leito, mas ele afirmou-lhe que as suas feridas não tinham gravidade:

— Não poderíeis, entretanto, acalmar um pouco o sofrimento de Ulvhild?... Deus nos ajude! Ela geme duma forma que faz comover as pedras!

— Não nos atrevemos a tocar-lhe antes da chegada do padre ou da curandeira Ingegjerd — respondeu Tordis.

Nesse mesmo instante entrou Arne a participar que Sira Erik não estava em casa. Num gesto de angústia, Ragnfrid juntou as mãos, e, depois dum silêncio, disse:

— Mandai alguém buscar a Sr.ª Aashild a Haugen. Devemos tentar tudo para salvar Ulvhild...

Ninguém dava atenção a Cristina. Esta trepou para o banco que ficava atrás da cabeceira da cama, e ali ficou com as pernas encolhidas e a cabeça pousada sobre os joelhos. Parecia-lhe que o coração fora apertado por mãos rudes. Tinha de vir a Sr.ª Aashild! A mãe não quisera que a fossem buscar quando estivera quase a morrer ao dar à luz Ulvhild, nem quando Cristina adoecera com a febre. Era uma feiticeira, segundo diziam. O bispo de Oslo e o cabido haviam deliberado acerca disso; seria executada ou queimada se não fosse de tão alta linhagem e se a rainha Ingebjoerg a não tratasse como irmã — mas o povo dizia que envenenara o primeiro marido e que o actual, o Sr. Bjoern, se lhe afeiçoara por magia; era tão novo que ela podia ser sua mãe. Aashild tinha filhos, que, aliás, nunca a visitavam; o casal habitava uma pequena herdade situada nos montes Dofrines, depois que perdera todos os haveres. Entre as pessoas de nobre estirpe ninguém queria ter negócios com Aashild, mas, secretamente, os camponeses consultavam-na e os pobres iam até abertamente confiar-lhe os desgostos e os males que sofriam; diziam que ela era amável, mas receavam-na, ao mesmo tempo.

Cristina pensava que a mãe, que habitualmente tanto rezava, deveria antes implorar Deus e a Virgem Maria. A pequena tentou orar a Santo Olavo, principalmente, porque sabia que era um santo muito bom e que auxiliava todos os que sofriam de doença, de feridas ou de fractura de ossos. Todavia, não podia concentrar os pensamentos.

Os pais estavam sòzinhos no quarto. Lourenço tornara-se a estender na cama e Ragnfrid, sentada, debruçava-se para a filha doente; de vez em quando limpava-lhe a testa e as mãos com um pano molhado e humedecia-lhe os lábios com vinho.

Decorreu um tempo infinito. Tordis aparecia ali de

instante a instante, a oferecer os seus serviços, mas Ragnfrid mandava-a sempre embora. Cristina chorava baixinho e rezava em silêncio, e, de quando em quando, pensava na feiticeira e esperava ansiosamente vê-la entrar.

De súbito, do meio daquela quietude, Ragnfrid perguntou:

— Dormes, Lourenço?

— Não — respondeu o marido. — Estou a pensar em Ulvhild. Deus há-de vir em auxílio do seu cordeiro inocente, não tenhas dúvida, mulher. Mas custa estar assim à espera.

— Deus odeia-me — disse Ragnfrid desesperada —, odeia-me por causa dos meus pecados. Os meus filhos estão bem lá onde estão, não me atrevo a duvidar disto, e decerto chegou a hora de Ulvhild lá comparecer, mas a mim condenou-me porque o meu coração é um ninho de víboras cheio de pecado e de remorso...

Bateram à porta e Sira Erik entrou, exibindo a corpulência do seu vulto e saudando com voz clara e profunda:

— Deus seja convosco!

O padre abriu a sua caixa de mezinhas em cima do escabelo do leito, dirigiu-se para a lareira e aí despejou água quente sobre as mãos. Depois tirou do peito uma cruz, benzeu com ela os quatro cantos do quarto e murmurou qualquer coisa em latim. Em seguida abriu a abertura do fumeiro para que a claridade se pudesse espalhar pelo aposento, e então é que se aproximou de Ulvhild.

Cristina receou que ele a descobrisse e a expulsasse dali. De ordinário não havia nada que escapasse à vista de Sira Erik. Contudo, não olhou em redor. Tirou da caixa uma garrafa, deitou algumas gotas num pedacinho de lã finamente cardada e colocou-o sobre a boca e o nariz de Ulvhild.

— Agora, vai sofrer menos — disse o padre.

Encaminhou-se depois para Lourenço e tratou-o,

enquanto lhe contavam como aquela desgraça acontecera. Lourenço tinha duas costelas quebradas e fora ferido nos pulmões; no entanto, o padre foi de opinião que ele não corria nenhum perigo.

— E Ulvhild? — perguntou o pai, ansioso.

— Dir-te-ei depois de a examinar — respondeu o sacerdote. — Mas tu deves deitar-te no primeiro andar; haverá aqui mais sossego e mais espaço para os que cuidam da pequena.

Passou o braço de Lourenço em volta do seu pescoço, ergueu-o e levou-o consigo. Cristina teria preferido acompanhar o pai, mas não se atreveu a aparecer.

Quando Sira Erik voltou, não dirigiu a palavra a Ragnfrid e cortou os vestidos de Ulvhild, que gemia menos agora e parecia meio adormecida. Com precaução apalpou o corpo e os membros da criança.

— Não me dizes nada? A minha filha está assim tão mal que não saibas o que deves fazer? — interrogou Ragnfrid com voz surda.

O padre respondeu docemente:

— Parece-me que as costas foram muito ofendidas, Ragnfrid. O melhor é deixar isto à conta de Deus e de Santo Olavo. Eu pouco ou nada posso.

— Oremos, então — disse a mãe vivamente. — Bem sabes que eu e Lourenço daremos tudo o que pedires e nada pouparemos se conseguires obter de Deus a vida de Ulvhild.

— Na minha opinião, será um milagre se ela viver e recuperar a saúde.

— Pois bem! Não estás sempre a falar em milagres? E não julgas que um milagre possa salvar a minha filha?

— Sim — assentiu o padre —; há milagres, mas Deus não os faz a toda a gente. Não conhecemos os seus desígnios secretos. Não achas que seria pior a tua filha viver aleijada ou paralítica?

Ragnfrid abanou a cabeça e murmurou:

— Tenho perdido tantos dos meus! Não posso perder esta também.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance — disse o padre — e rezarei com toda a minha alma. Mas, Ragnfrid, deves aceitar o destino que Deus te impõe.

A mãe gemeu docemente:

— Nenhum dos meus filhos amei tanto como a esta criança. Se ela me deve ser roubada, o coração estalar-me-á.

— Deus te valha, Ragnfrid Ivarsdatter — replicou Sira Erik meneando a cabeça. — Só queres que Deus satisfaça as tuas vontades e é por isso que tanto jejuas e rezas. Espantas-te que não dê resultado?

Ragnfrid olhou o padre com ar de revolta e proferiu:

— Mandei buscar a Sr.ª Aashild.

— Ah! Conhece-la? Eu, não — disse o padre.

— Não quero viver sem Ulvhild — declarou a mãe no mesmo tom. — Se Deus não quiser vir em meu auxílio, seguirei os conselhos da Sr.ª Aashild ou então entregar-me-ei ao diabo, se ele anuir a fazer qualquer coisa.

O sacerdote deu mostras de querer responder com rudeza, mas conteve-se. Inclinou-se, tacteou de novo os membros da criança e disse:

— Ela tem os pés e as mãos frias; põe-lhe botijas de água quente na cama e não lhe toques sem a Sr.ª Aashild chegar.

Cristina deixou-se escorregar sem ruído sobre o banco e ali ficou estirada como se dormisse. O coração batia-lhe de angústia. Não compreendera muito bem a conversa entre Sira Erik e a mãe, mas ficara terrìvelmente assustada e bem sabia que aquelas palavras não haviam sido pronunciadas para os seus ouvidos.

Ragnfrid ergueu-se para ir buscar as botijas.

— Em todo o caso, reza por nós, Sira Erik — disse ela desatando a chorar.

Pouco depois voltou com Tordis. O padre e as mulheres ocuparam-se de Ulvhild e nessa ocasião descobriram Cristina e mandaram-na para fora do quarto.

Ao chegar ao pátio a claridade deslumbrou-a. Imaginara que a maior parte do dia devia ter decorrido enquanto ela estivera na sombria sala de Inverno, e afinal as casas mostravam-se dum cinzento-pálido, e a relva brilhava, lustrosa como seda, sob o claro sol do meio-dia. O rio cintilava por trás da rendilhada cortina musgosa e dourada dos amieiros, enchendo o ar com o seu rumor alegre e monótono, pois, naquele canto de Joerundgaard, corria num leito semeado de grandes pedras. As vertentes e as montanhas elevavam-se numa bruma acinzentada, e os regatos deslizavam pela neve que se derretia. A Primavera doce e forte do exterior fê-la chorar de desgosto pela tristeza que ela sentia em si.

Não havia ninguém no pátio, mas ouviu conversar na sala dos criados. Tinham espalhado terra no lugar onde o pai matara o boi. Cristina não sabia para onde ir; então enfiou por trás da parede da nova construção que já tinha a altura de alguns toros. Aí se encontravam os seus brinquedos e os de Ulvhild, que elas guardavam num buraco entre o tronco inferior e o muro do alicerce. Nos últimos tempos, Ulvhild apetecera todos os brinquedos de Cristina; chegara a ser maçadora. Cristina disse consigo que, se a irmã se curasse, lhe daria tudo o que tinha. E esta ideia consolou-a um tanto.

Lembrou-se do monge de Hamar. Esse tinha a certeza de que o milagre era possível para todos os homens. Mas os pais e Sira Erik não possuíam igual convicção e a opinião destes é que ela estava habituada a ouvir. Sentiu como que um peso horrível descer sobre si ao reparar pela primeira vez que as pessoas podiam pensar de maneira tão diferente umas das outras — e não só as pessoas más, inimigas de Deus, e os bons, mas também criaturas como o Irmão Edvin e Sira Erik, ou como o pai e a mãe.

De súbito, teve a intuição de que eles pensavam diversamente acerca de muitas outras coisas.

Pela tarde adiante, Tordis encontrou-a adormecida nesse canto e levou-a consigo para dentro de casa; desde a manhã que a pequena não comera nada. Tordis velou durante toda a noite e deitou Cristina na sua cama com Jon, o marido, e Eivind e Orm, os filhos dela. O cheiro que se desprendia daqueles corpos, o ressonar do homem e a respiração igual dos rapazinhos fizeram Cristina chorar em silêncio. E fora na noite anterior que ela dormira, como todas as noites da sua vida, com o pai e a mãe e com Ulvhild... Era como se houvessem despedaçado um ninho e a tivessem arrancado à penugem e às asas que sempre a tinham aquecido. Finalmente adormeceu, chorando, sòzinha e infeliz junto daqueles estranhos.

No dia seguinte de manhã, quando se levantou, soube que o tio e a tia haviam partido da quinta muito zangados; Trond chamara maluca e imbecil à irmã, e ao cunhado dissera que ele era uma besta que nunca soubera refrear a mulher. Cristina ficou vermelha de indignação e de vergonha: compreendia que a mãe andara mal em expulsar da quinta o parente mais próximo. E, pela primeira vez, percebia que havia na mãe qualquer coisa que não era como devia ser — que ela era diferente das outras mulheres.

Quando Cristina estava a meditar, veio uma serva dizer-lhe que fosse ter com o pai ao primeiro andar.

Mas, quando ali chegou, esqueceu-se de dar atenção a Lourenco, pois, em frente da porta aberta, inundada pela claridade, encontrava-se uma mulherzinha que ela adivinhou ser a feiticeira.

Sentada no cadeirão que havia levado para esse quarto, parecia pequenina e franzina como uma criança. Defronte dela estava uma mesa posta com a mais bela toalha de linho da mãe. Via-se toucinho e frango num

prato argênteo e vinho numa tigela talhada em madeira de ácer; para beber tinha a própria taça de prata do pai de Cristina. Preparava-se para comer e limpava as mãos pequenas e delgadas numa toalha de linho fino. De pé, à sua frente, Ragnfrid segurava uma bacia de cobre cheia de água.

A Sr.ª Aashild deixou a toalha cair no colo, sorriu a Cristina e disse-lhe em voz clara e meiga:

—Vem cá, minha menina... São bonitas as tuas filhas, Ragnfrid — ajuntou, dirigindo-se à mãe.

A cara era enrugada, mas alva e cor-de-rosa como a duma criança, e parecia que a pele devia ser macia ao tacto. Tinha boca vermelha e fresca como a duma rapariga, e grandes olhos castanhos cintilantes. Um fino lenço branco emoldurava-lhe o rosto e prendia-se-lhe sob o queixo com um broche de oiro; dos ombros caía-lhe um manto de lã flexível azul-escuro, que lhe descia sobre o vestido escuro muito justo. Era direita como um cirio. Cristina teve mais a intuição do que a ideia de que nunca vira uma mulher tão bonita e amável como aquela feiticeira velha com quem as famílias nobres da aldeia se não queriam comprometer.

A Sr.ª Aashild conservou a mão de Cristina entre os seus dedos macios; falou-lhe amigàvelmente, gracejando; Cristina, porém, não podia proferir uma palavra. Então a Sr.ª Aashild disse, com uma risada:

—Terá ela medo de mim?

— Não, não—replicou Cristina quase num grito.

A Sr.ª Aashild riu ainda mais e disse à mãe:

—Tem olhos inteligentes, a tua filha, e belas mãos fortes; vejo que não está habituada à preguiça. Vais necessitar de alguém que te ajude a cuidar de Ulvhild quando eu cá não estiver. Põe-me Cristina à disposição durante a minha estada na quinta — ela já tem idade suficiente para isso. Onze anos, não é verdade?

Dizendo isto, a Sr.ª Aashild foi-se embora e Cristina

quis acompanhá-la. Mas, do leito, Lourenço chamou-a. Estava deitado de costas com almofadas debaixo das pernas unidas. A Sr.ª Aashild mandara-o conservar-se naquela posição; o mal do peito sarar-se-ia mais ràpidamente.

— Ficareis depressa curado, pai? — perguntou Cristina.

Lourenço fitou-a — até então a filha nunca o tratara por vós. Respondeu-lhe sèriamente:

— Não há perigo para mim; tua irmã é que está pior.

— Sim — confirmou Cristina suspirando.

Ficou um momento junto da cama. O pai permaneceu calado e Cristina não encontrou nada para lhe dizer. E quando Lourenço, um instante depois, lhe declarou que podia ir ter com a mãe e com a Sr.ª Aashild, Cristina apressou-se a sair e, numa corrida, atravessou o pátio até à sala de Inverno.

IV

A Sr.ª Aashild ficou em Joerundgaard a maior parte do Verão e os camponeses vinham ali consultá-la. Cristina ouviu Sira Erik escarnecer desse facto, e suspeitou que os pais não gostavam muito disso. A pequena, porém, não pensou mais no caso nem tratou de averiguar qual a sua própria opinião acerca da Sr.ª Aashild, mas andava sempre com ela, sem se cansar de a contemplar e de a ouvir.

Ulvhild continuava estendida no leito enorme. A carinha e os lábios estavam sempre pálidos e tinha fundas olheiras negras. Os lindos cabelos louros cheiravam fortemente a suor por não serem lavados há muito tempo e tinham-se tornado escuros, sem brilho nem ondulação; assemelhavam-se a feno seco. Mostrava-se fatigada, dorida, paciente, e sorria dèbilmente com ar doentio quando Cristina se sentava à beira da cama a tagarelar e a mostrar todos os lindos presentes que ela recebera dos pais, e de todos os amigos dos arredores. Havia ali bonecas, pássaros, animais, um jogo-miniatura de triquetraque, jóias, gorros de veludo e fitas de várias cores. Cristina reunira tudo aquilo num cofrezinho e Ulvhild contemplava aquelas maravilhas com olhos sérios e, suspirando, deixava-as cair das suas mãos lassas.

Mas, quando a Sr.ª Aashild aparecia, o rosto de Ulvhild tornava-se radiante de contentamento. Bebia àvidamente as mezinhas refrescantes e soporíferas que a Sr.ª Aashild lhe preparava, não se queixava durante o tratamento, e ouvia-a maravilhada quando ela se punha

a entoar qualquer canção das muitas que sabia e que não eram conhecidas da gente do vale.

Às vezes, enquanto Ulvhild dormia, a Sr.ª Aashild cantava para Cristina ouvir. E também lhe falava da mocidade, do tempo em que habitava o Sul do país e que visitava o rei Magnus e o rei Erik e as respectivas rainhas.

Um dia em que a Sr.ª Aashild estava assim a conversar, Cristina deixou escapar dos lábios aquilo que em tantas ocasiões lhe viera à mente:

— É de admirar que possais mostrar-vos sempre tão alegre, vós que fostes habituada a...

E a pequena deteve-se e corou.

A Sr.ª Aashild olhou-a, sorrindo:

— Por eu viver presentemente separada de tudo isso? É o que tu queres dizer?... — riu em silêncio e acrescentou: — Tive os meus dias felizes, Cristina, e não sou tão tola que me vá lastimar por ter de me contentar agora com requeijão e cogumelos, se já bebi o vinho e a cerveja que havia de beber. A nossa Primavera pode durar muito tempo se dispusermos com prudência e precaução de nós próprios e daquilo que possuimos: isto, toda a gente ajuizada o sabe, e, portanto, julgo que os ajuizados se devem satisfazer com a felicidade que tiveram, porque a felicidade é preciosa e cara. O mundo chama doido àquele que despende a herança dos pais para se divertir na mocidade. Cada um que pense o que quiser. Mas eu cá só o considero doido e tolo se ele lastimar depois o seu procedimento, e mais doido ainda se esperar tornar a ver os seus amigos de taberna depois da herança dissipada... Ulvhild precisa dalguma coisa? — perguntou baixinho a Sr.ª Aashild a Ragnfrid, que, sentada junto da cama da filha, fizera um movimento brusco.

— Não, ela dorme sossegada — respondeu a mãe aproximando-se de Aashild e de Cristina, instaladas ao pé

do lume. Ficou ali de pé, apoiada ao pilar da lareira, a olhar de frente para a Sr.ª Aashild.

— Essas coisas, Cristina não as compreende — disse ela.

— Pois não — respondeu a outra. — Mas decerto também aprendeu as orações antes de as compreender. Na época em que precisamos de orações ou de conselhos não estamos aptos a aprender ou a compreender.

Ragnfrid franziu as negras sobrancelhas com ar pensativo. Quando assim se punha, os olhos claros e profundos pareciam lagos orlados duma floresta sombria. Esta comparação fazia-a mentalmente Cristina, ou então ouvira alguém dizê-la. A Sr.ª Aashild fitou-a com o seu fino sorriso. Ragnfrid sentou-se ao canto da lareira, pegou num raminho e remexeu o brasido.

— Mas aquele que dissipa a herança da pior maneira e que depois vê um tesouro pelo qual de boa vontade daria a sua vida... não achais que se deve arrepender bastante da loucura que fez?

— Quem diz acção diz prodigalidade, Ragnfrid — replicou a Sr.ª Aashild. — E, quem deseja sacrificar a sua vida, que o faça e veja o que pode ganhar...

Ragnfrid retirou do lume o ramo a arder, apagou com um sopro a chama e curvou a mão sobre a ponta incandescente, de forma que uma claridade sanguínea passou através dos dedos.

— Ah! Isso são palavras, Sr.ª Aashild, nada mais do que palavras.

— Também não existe muita coisa que valha o preço duma vida — disse a outra.

— Há, sim — replicou vivamente a mãe. — O meu marido — murmurou ela quase imperceptivelmente.

— Ragnfrid — disse a Sr.ª Aashild com voz abafada — muitas raparigas tiveram essa ideia quando amavam um homem e, para o prender, se lhe entregavam. Mas não sabes que houve jovens que deram a Deus tudo o

que possuíam, que entraram no convento ou foram para o deserto despojados de tudo, e que depois se arrependeram disso? Nos livros santos chamam loucos a esses moços. No entanto, seria sem dúvida pecado pensar que Deus os enganou no negócio que fizeram.

Ragnfrid ficou um momento calada. Então a Sr.ª Aashild disse a Cristina:

— Podemos ir agora. Já é tempo de recolhermos as gotas de orvalho para a lavagem matinal de Ulvhild.

O pátio, ao luar, tinha recantos escuros e outros muito iluminados. Ragnfrid acompanhou-as através do cerrado até à paliçada da horta. Cristina notou que ela ficou ali encostada como uma sombra esguia, enquanto a filha fazia cair as gotas de orvalho das grandes e frias folhas de couve e das sinuosas alquimilas, e as aparava na taça de prata.

A Sr.ª Aashild caminhava, silenciosa, ao lado de Cristina. Acompanhava-a apenas para a vigiar, pois não seria bom deixar uma criança sair sòzinha por uma noite daquelas. O orvalho possuía mais virtude assim recolhido por uma donzela pura.

Quando regressaram à paliçada, a mãe havia desaparecido. Cristina tiritava de frio ao entregar a taça de prata gelada nas mãos de Aashild. Com os sapatos encharcados, subiu ao primeiro andar, onde dormia agora com o pai. Estava já com o pé no último degrau, quando Ragnfrid saiu da sombra, debaixo do balcão da galeria. Trazia nas mãos uma tigela com uma bebida quente.

— Aqui tens um pouco de cerveja para te aquecer, minha filha — disse ela.

Cristina agradeceu toda contente e aproximou os lábios da taça.

— Cristina — perguntou então Ragnfrid —, as orações e tudo o mais que a Sr.ª Aashild te ensina não contêm nenhum pecado nem impiedade alguma?

— Creio que não — respondeu a rapariguinha. — Em todas as rezas aparecem os nomes de Jesus e da Virgem Maria e dos santos...

— Que é que ela te tem ensinado? — indagou de novo a mãe.

— Ora!... Receitas para estancar sangue, contra as verrugas, para curar doenças dos olhos, contra a traça que se mete nos fatos, para exterminar os ratos dos celeiros, quais as plantas que é preciso colher ao sol, quais as que têm poder devido à chuva. Mas as rezas, não as devo dizer a ninguém, senão perdem a sua virtude — declarou ela já como prevenção.

Ragnfrid recebeu a tigela vazia e pousou-a na escada. Bruscamente, rodeou a filha com o braço, apertou-a de encontro ao peito e beijou-a. Cristina sentiu que as faces da mãe estavam húmidas e ardentes.

— Que Deus e Nossa Senhora te protejam e te livrem de todo o mal! Só a ti possuímos agora! Foste a única poupada! Querida, querida, nunca te esqueças que és a maior alegria de teu pai...

Ragnfrid voltou para a sala de Inverno, despiu-se e meteu-se na cama de Ulvhild. Passou o braço em volta da filha e aproximou tanto o rosto do desta que lhe sentiu o calor do corpo e o cheiro a suor dos cabelos húmidos. Ulvhild dormia sossegada e profundamente, como sempre lhe acontecia depois de beber à noite a mezinha preparada pela Sr.ª Aashild. Das ervas de Santa Maria, dispostas sob o lençol, evolava-se perfume entorpecedor. No entanto, Ragnfrid ficou muito tempo acordada, a contemplar fixamente a manchazinha clara do tecto onde a Lua brilhava através da lucarna do fumeiro.

Numa cama afastada estava a Sr.ª Aashild, mas Ragnfrid nunca sabia se ela dormia ou não. Jamais a «feiticeira» lhe fizera alusão à convivência que haviam tido uma com a outra em tempos passados, e esse silêncio inspirava medo a Ragnfrid. Parecia-lhe que nunca

sentira o coração tão amargurado e tão cheio de angústia como agora — se bem que já soubesse que Lourenço recuperara a saúde e que Ulvhild viveria.

A Sr.ª Aashild mostrava ter prazer em conversar com Cristina, e, de dia para dia, ela e a rapariguinha tornavam-se mais amigas.

Um dia em que foram colher plantas medicinais, sentaram-se no alto da encosta da montanha num largozinho arrelvado, abaixo da vertente pedregosa. Podiam ver dali a herdade de Formo e distinguiam a véstia encarnada de Arne Gyrdsoen; viera com elas a cavalo e ficara ali a tomar conta dos animais enquanto as duas faziam a sua colheita.

Estando assim sentadas, Cristina contou à Sr.ª Aashild o encontro que tivera com a rainha dos elfos. Durante anos não pensara nisso, mas agora vinha-lhe à ideia. E, enquanto falava, nascia em si a estranha sensação de que havia qualquer semelhança entre a Sr.ª Aashild e a rainha dos elfos, embora ela visse perfeitamente que eram diferentes uma da outra.

Quando acabou a sua narrativa, a Sr.ª Aashild ficou um instante silenciosa, a olhar para o fundo do vale; por fim, disse:

— Tiveste razão em fugir, visto que então eras uma criança. Mas nunca ouviste falar de pessoas que recebiam o ouro que os elfos lhe ofereciam e depois prendiam o gnomo à pedra?

— Ouvi contar histórias desse género — disse Cristina —, mas eu cá nunca me atreveria a fazer semelhante coisa. E não acho bonito.

— Está muito bem que ninguém queira fazer o que não acha bonito — retorquiu a Sr.ª Aashild com um breve sorriso. — Mas o caso já muda de figura se alguém julga uma coisa pouco louvável pelo facto de não ousar fazê-la... Cresceste muito este Verão — reparou de repente a Sr.ª Aashild. — Sabes que prometes ser linda?

— Sei — disse Cristina. — Dizem que me pareço com meu pai.

A Sr.ª Aashild fitou-a sorridente.

— Seria muito bom teres também as qualidades de espírito de Lourenço... É pena se te casam nesta aldeola! Não devemos desprezar os costumes dos camponeses e a vida da aldeia, mas esses rapazes daqui são tão fanfarrões que julgo não haver na Noruega ninguém como eles! Ficam muito admirados que eu possa viver e ter saúde, embora me fechem as suas portas. São preguiçosos e cheios de orgulho e não querem saber nada de outros costumes. Continuam na tradição da velha inimizade com o poder real do tempo do rei Sverre. Mentira, visto que o pai da tua raça se conciliou com ele e dele recebeu presentes, mas, se o teu tio tivesse de seguir o nosso rei e ser seu favorito, precisaria modificar-se por dentro e por fora, e não há perigo que esse Trond se decida a isso. Tu, Cristina, devias casar com um homem que possuísse maneiras cavalheirescas e hábitos corteses...

Cristina, sentada, contemplava ao longe, na herdade de Formo, o fato vermelho de Arne. Nunca fixara o espírito em tal assunto, mas, quando a Sr.ª Aashild lhe falava do mundo onde vivera, imaginava sempre os cavaleiros e condes parecidos com Arne. Antigamente, quando era mais novinha, via-os com a aparência do pai.

— Meu sobrinho Erlend Nikulaussoen de Husaby é que seria para ti um belo noivo. Depois de crescido, tornou-se bonito rapaz, o maroto! Minha irmã Magnhild veio visitar-me o ano passado; passou pelo vale e o filho acompanhava-a. Sem dúvida que ele não será para ti, mas eu teria prazer em estender sobre vós ambos a colcha do leito nupcial. Ele tem cabelo muito negro, e lindos olhos. Meu cunhado, com o feitio que lhe conheço, decerto já arranjou para Erlend um partido melhor do que tu.

— Então eu não sou um bom partido? — perguntou Cristina, admirada.

Não se atrevia a mostrar-se magoada com nenhuma palavra da Sr.ª Aashild, mas sentia-se humilhada e triste por esta julgar os outros superiores aos seus.

— Sim, és um bom partido; no entanto, dificilmente entrarias na minha família. Na nossa terra, o pai da tua raça era um exilado estrangeiro, e os Gjeslings ficaram tanto tempo escondidos nas suas quintas que quase ninguém os conhece fora deste vale. Enquanto que a mim e a minha irmã nos deram sobrinhos da rainha Margret Skulesdatter.

Cristina nem mesmo ousou observar que não fora o pai da sua raça mas sim o irmão deste que viera exilado. Olhava para o outro lado do vale, para os sombrios flancos das montanhas e recordava-se do dia em que, havia muitos anos, ela subira ao planalto e vira quantas serras, quantos montes se elevavam entre a sua aldeia e o mundo. A Sr.ª Aashild disse então que era preciso regressar e pediu-lhe que chamasse Arne. Cristina, com as mãos em concha na boca, gritou pelo rapaz, e agitou o lenço do pescoço até que viu, lá muito em baixo, a mancha vermelha mexer-se e corresponder-lhe aos sinais.

Algum tempo depois, a Sr.ª Aashild voltou para casa, mas durante o Outono e na primeira parte do Inverno veio frequentemente a Joerundgaard, onde ficava alguns dias junto de Ulvhild. Pelo dia, levantavam a pequena da cama e tentavam pô-la de pé, mas as pernas vergavam-se-lhe e não podiam com o peso do corpo. Gemia, pálida e lassa, e o colete de pele de cavalo e de vimes delgados que a Sr.ª Aashild fizera magoava-lhe muito, de maneira que preferia ficar tranquilamente deitada no colo da mãe. Ragnfrid tinha sempre a filha nos braços; por essa razão, Tordis tratava agora de todas as coisas domésticas e Cristina juntava-se a ela para aprender e para a ajudar.

De tempos a tempos Cristina tinha saudades da Sr.ª Aashild; e, se às vezes esta conversava bastante

com ela, em outras ocasiões a pequena esperava em vão uma palavra a mais do que a saudação da chegada e da partida. Aashild ficava só a falar com as pessoas crescidas. Isso acontecia sempre que tinha o marido consigo, pois agora Bjoern Gunnarson acompanhava-a de quando em quando a Joerundgaard. Num dia de Outono, Lourenço fora a cavalo a Haugen a fim de levar à Sr.ª Aashild os seus honorários — o melhor gomil de prata que possuíam e respectiva bandeja. Dormira lá e, quando regressou, fez elogios a Haugen: era bonita herdade, bem governada, e não tão pequena como o povo dizia. Nas casas tudo indicava a abastança, e os donos mostravam maneiras afáveis como as pessoas nobres do Sul do país. O que pensava de Bjoern, Lourenço não o declarava, mas era sempre amável para com o homem quando ele vinha a Joerundgaard. Em compensação, a Sr.ª Aashild agradava muitíssimo a Lourenço, o qual dizia que, na sua opinião, eram falsos, na maior parte, os casos que dela contavam e que decerto havia mais de vinte anos que ela não usava de feitiçaria para atrair um homem. Tinha perto de sessenta anos, no entanto parecia uma rapariga, linda e graciosa.

Cristina percebia que a mãe não gostava nada daquilo. É certo que Ragnfrid nunca se referia à Sr.ª Aashild, mas um dia comparou Bjoern à erva pálida e achatada que se encontra sob pedregulhos, o que a filha achou exacto. Bjoern tinha um ar cansado e gasto; era gordo, pálido, flácido e um tanto calvo, embora não fosse muito mais velho do que Lourenço. Todavia, pelo seu aspecto, calculava-se que devia ter sido um bonito rapaz. Nunca aconteceu a Cristina trocar uma palavra com ele: era de poucas falas e, geralmente, ficava sentado na mesma cadeira onde viera instalar-se desde que entrava no quarto até que fosse dormir. Bebia em excesso, mas quem o visse não diria tal coisa; quase nem comia e punha-se a fitar ora uma pessoa ora outra com ar cruel e mau e a relancear pelo quarto os estranhos olhos claros.

Depois daquela desgraça que acontecera, nunca mais haviam visto os parentes de Sundbu, mas Lourenço fora várias vezes a Vaage. Sira Erik é que continuava a aparecer em Joerundgaard, como antigamente; encontrava-se de vez em quando ali com a Sr.ª Aashild, e eram bons amigos. Todos achavam esse facto um belo gesto do padre, e ainda mais por ele ser médico muito hábil. E por o considerarem forte em medicina é que as pessoas das quintas mais importantes não recorriam à Sr.ª Aashild, pelo menos abertamente. Não era fácil para elas saberem como se deviam portar com duas criaturas que de alguma forma havia sido expulsas da sua própria classe. Sira Erik dizia mesmo que eles não se prejudicavam um ao outro e que, quanto à magia da senhora, isso dizia respeito ao padre da paróquia dela; era possível que a Sr.ª Aashild soubesse mais do que convinha para a salvação da sua alma, mas não deviam esquecer que os ignorantes falam logo de bruxarias quando uma mulher é mais inteligente do que o vulgo. Por seu lado, a Sr.ª Aashild elogiava Sira Erik e ia à igreja quando acontecia estar em Joerundgaard num dia santo.

O Natal foi triste nesse ano. Ulvhild não podia ainda pôr-se de pé. Continuavam a não ver os parentes de Sundbu nem a receber notícias deles. Cristina percebia que murmuravam disso na aldeia e que o pai andava aborrecido com esse facto. A mãe, porém, parecia indiferente, e Cristina achava que era mal feito proceder assim.

Uma tarde, no fim das festas, chegou num grande trenó Sira Sigurd, capelão da casa de Trond Gjesling. Vinha encarregado de os convidar a todos para uma visita a Sundbu. Sira Sigurd gozava de pouca estima nos arredores porque ele era quem, por assim dizer, geria as propriedades de Trond. O caso é que Trond se mostrava

injusto e cruel por causa do padre e, muitas vezes, maltratava os camponeses que o serviam. Sira Sigurd era extremamente hábil em escrever e em contar, versado nas coisas da jurisprudência e médico muito destro — embora menos do que ele próprio pensava. Mas, ao vê-lo, ninguém o julgaria eclesiástico; dizia imensas tolices. Ragnfrid e Lourenço nunca haviam simpatizado com ele, mas os moradores de Sundbu, como é natural, faziam muito caso do seu capelão, e sentiam-se ofendidos por não o terem chamado para tratar de Ulvhild.

Por um aborrecido acaso, quando Sira Sigurd chegou a Joerundgaard encontrou já ali a Sr.ª Aashild e o marido e, além destes, Sira Erik, Gyrd e Inga de Finsbrekken (parentes de Arne), o velho Jon de Loptsgaard e um dominicano de Hamar, Frei Aasgaut.

Enquanto Ragnfrid mandava pôr outra vez as mesas e preparava um novo festim e enquanto Lourenço lia as cartas que o padre trouxera, este quis ver Ulvhild. Estava já deitada para o descanso da noite, e dormia; Sira Sigurd, porém, acordou-a, apalpou-lhe as costas e os ombros, e interrogou-a, amigàvelmente a princípio mas depois com tanta impaciência que lhe inspirou medo. Sigurd era homem baixo, quase anão, mas com uma cara grande e afogueada. Quando quis levantar a pequena e pô-la no chão a fim de lhe experimentar o vigor das pernas, Ulvhild desatou a gritar. Então a Sr.ª Aashild ergueu-se, aproximou-se e tapou Ulvhild com uma pele, dizendo que a criança estava tão cheia de sono que, mesmo que tivesse as pernas em bom estado, não poderia pôr-se de pé.

O padre começou a discorrer violentamente, argumentando que também era bom médico. Mas a Sr.ª Aashild trouxe-o pela mão para a cabeceira da mesa e contou-lhe o que fizera por Ulvhild, pedindo-lhe de vez em quando a opinião. Sigurd acalmou-se e comeu e bebeu de todas as boas coisas preparadas por Ragnfrid.

Contudo, depois da cerveja e do vinho o haverem

aquecido, Sira Sigurd ficou novamente de mau humor, brigão e violento; sabia perfeitamente que não havia ninguém naquela sala que o estimasse. Voltou-se primeiro para Gyrd; era o ecónomo do bispo de Hamar em Vaage e em Sil, e houvera várias questões entre o bispado e Trond Ivarsoen. Gyrd pouco falava, mas Inga era mulher irascível; Frei Aasgaut meteu-se na conversa e disse:

— Não devias esquecer, Sira Sigurd, que o nosso digno pai Ingiald é também teu chefe; conhecemos-te em Hamar. Andas metido em tudo o que é bom em Sundbu e decerto pouco pensas que te consagraste para outra tarefa que não a de adular Trond nem a de o ajudar a tudo o que é injusto — de tal forma que põe em risco a salvação da sua alma e foge à autoridade da Igreja. Nunca ouviste contar o que acontece aos padres rebeldes e infiéis que não fazem caso do respeito que devem aos seus superiores? Não conheces a história de São Tomás de Cantuária a quem os anjos conduziram à porta do inferno e o mandaram espreitar? Ficou muito admirado de não ver ali nenhum dos seus padres que se tinham revoltado contra ele, como tu agora contra o teu bispo. O santo ia glorificar a misericórdia divina — pois só desejava a salvação dos pecadores — quando o anjo pediu ao diabo que levantasse um pouco a cauda, e então fugiram dali, num grande tumulto, e no meio dum horrível cheiro a enxofre, todos os sacerdotes que haviam traído os interesses da Igreja. Nessa ocasião é que São Tomás soube onde eles estavam.

— Mentes, frade! — exclamou Sigurd. — Conheço essa lenda; não eram padres mas sim monges mendicantes que saíram do traseiro do diabo, como vespas dum vespeiro.

O velho Jon desatou a rir mais alto do que os criados e interveio:

— Provàvelmente eram uns e outros...

— Então o diabo deve ter uma cauda muito ampla

— disse Bjoern Gunnarson. E a Sr.ª Aashild ajuntou, sorrindo:

— Nunca ouviste dizer que todas as coisas más têm um rabo comprido?

— Silêncio, tia Aashild! — gritou Sira Sigurd. — É melhor não falares da cauda comprida que o mal arrasta atrás de si! Estás aí como se fosses a dona da casa e não Ragnfrid. Mas é esquisito que não lhe pudesses curar a filha. Já não possuis aquela água enérgica que usavas antigamente? Aquela que conseguia reconstituir um carneiro já cortado em pedaços na caçarola, e que fazia com que uma mulher recuperasse a virgindade? Estou ao facto do tal casamento nesta aldeia onde tu preparaste o banho para a noiva desonrada...

Sira Erik precipitou-se para o padre, agarrou-o pelos ombros e pela cintura e atirou-o com tanta violência para cima da mesa que as taças e os moringues rolaram e a comida e os vinhos se derramaram nas toalhas e no chão. Sira Sigurd ficou estirado por terra com a vestimenta rasgada. Erik correu para ele a fim de lhe bater de novo, enquanto gritava com berros que dominavam o tumulto:

— Cala essa boca endemoninhada, malvado...

Lourenço tantava separá-los, mas Ragnfrid, pálida como uma moribunda, permanecia imóvel junto da mesa com as mãos unidas. Então a Sr.ª Aashild acorreu, ajudou Sira Sigurd a pôr-se de pé e estancou-lhe o sangue que lhe deslizava pela cara. Fê-lo beber uma taça de hidromel, enquanto dizia:

— Não devemos, Sira Erik, ser severos a ponto de não podermos tolerar um gracejo provocado pela bebida. Sentai-vos agora para escutardes a tal história do casamento. Em primeiro lugar, não foi neste vale, e depois é injusto dizer que era eu quem conhecia essa água — se eu fosse capaz de a compor, não teríamos ficado naquela herdadezinha onde moramos. Poderia tornar-me rica e adquirir uma propriedade em qualquer aldeia mais im-

portante, perto duma cidade e de conventos e de bispos — disse ela, sorrindo para os eclesiásticos.

«Contudo, alguém deve ter conhecido esses ardis, antigamente, pois isto passou-se na época do rei Inge, creio eu. O noivo foi Pedro Londinsoen... mas qual das suas três mulheres era a noiva? Não devo dizê-lo, visto que todas três tiveram descendência. A dita noiva, que decerto possuía motivos para querer a tal água, conseguira arranjá-la e preparou um banho no quarto.

«Ora, antes de ela entrar na água, chegou a futura sogra. Cansada e suja por ter vindo a cavalo até à quinta onde se ia realizar a boda, despiu-se e meteu-se na cuba da outra. Era uma mulher velha e tivera nove filhos de Lodin. E, nessa noite, Lodin e Pedro Londinsoen tiveram cada qual uma surpresa diferente.

Os criados, na sala, riam às gargalhadas; Gyrd e Jon gritavam pedindo à Sr.ª Aashild que contasse mais histórias daquelas. Ela, porém, disse que não.

— Estão presentes dois padres e o Irmão Aasgaut, e servos e servas muito moços; acabemos com a conversa antes que ela se torne inconveniente e grosseira, e lembremo-nos que estamos no Natal.

Os homens insistiram, mas as mulheres aprovaram a Sr.ª Aashild. Ninguém notou que Ragnfrid abandonara a sala. Um pouco depois, Cristina, a quem haviam instalado na extremidade do banco das mulheres juntamente com as criadas, teve de se ir deitar. Dormia no quarto de Tordis porque os hóspedes eram muito numerosos na quinta.

Havia um frio penetrante, e a aurora boreal flamejava cintilando por cima da cumeada das montanhas. A neve estalava sob os pés de Cristina quando ela atravessou o pátio a correr, apressada, com as mãos cruzadas sobre o peito.

Distinguiu então na sombra, junto do velho celeiro, uma forma humana que ia e vinha, rápida, sobre a neve,

a agitar os braços, a torcer as mãos e a rezar alto. Cristina reconheceu a mãe e correu para ela, assustada, perguntando-lhe se se sentia doente.

— Não, não — respondeu vivamente Ragnfrid. — Tinha apenas necessidade de vir cá para fora. Vai-te deitar, minha filha.

Como Cristina estivesse constipada, a mãe chamou-a docemente:

— Vai para a sala e deita-te com o pai e com Ulvhild. Enlaça-a com o teu braço para impedir que, por descuido, ele a magoe. Tem o sono tão pesado quando bebe! Quanto a mim, durmo esta noite no celeiro velho.

— Jesus! — exclamou Cristina. — Estais gelada e quereis dormir ali... e sòzinha! E que dirá o pai quando vos não vir na cama esta noite?

— Nem dará por isso — respondeu a mãe. — Já estava quase a dormir quando saí da sala, e amanhã acordará tarde. Vai e faz o que te digo.

— Ides ter tanto frio! — disse Cristina.

Mas a mãe fez-lhe sinal que partisse e fechou-se à chave no celeiro. O frio era ali menos intenso do que no exterior, e havia certa penumbra. Ragnfrid caminhou às apalpadelas, tirou os sapatos e meteu-se entre as peles; contudo, elas gelaram-na: era como se estivesse sepultada num monte de neve. Tapou a cabeça, encolheu as pernas e pôs as mãos sobre o peito. Assim ficou a chorar, ora em silêncio a derramar lágrimas abundantes, ora a gemer e a ranger os dentes. Todavia, acabou por se aquecer um pouco e por fim adormeceu com o rosto banhado em pranto.

V

QUANDO Cristina fez quinze anos, Lourenço Bjoergulfsoen e o cavaleiro André Gudmundsoen de Dyfrin tiveram uma entrevista em Holledis. Falaram em casar Simão, segundo filho de André, com Cristina Lavransdatter; ele teria Formo, que era a herança materna de André. Os dois homens concluíram a conversa com um aperto de mão, mas não redigiram documento nenhum sobre esse assunto porque André devia primeiro fazer uma combinação com os outros filhos por causa da herança. Também não beberam a cerveja dos esponsais, mas o cavaleiro André e Simão vieram com Lourenço a Joerundgaard a fim de ver a noiva, e Lourenço deu um grande banquete.

Lourenço tinha agora a sua nova casa construída; era de um andar, com fogões de alvenaria no rés-do-chão e no primeiro piso; estava magnificamente decorada com bons e elegantes móveis de talha. Havia também consertado o celeiro velho e melhorado todas as construções, de maneira que morava agora numa boa quinta como convinha a um escudeiro. Vivia na abastança, pois fora feliz nas suas empresas, e era patrão judicioso e prudente. Tinha fama de possuir magníficos cavalos e excelente gado. E, depois que preparava as coisas para que a filha se casasse em Formo com um rapaz da família de Dyfrin, todos eram de opinião que Lourenço realizara o seu desígnio de se tornar o primeiro homem da aldeia. Aliás, ele próprio e Ragnfrid estavam encantados, e André e Simão também.

Cristina ficou um tanto desiludida a primeira vez que viu Simão Andressoen, pois ouvira elogiar tanto a beleza dele e as suas maneiras corteses que o achou inferior ao que esperava.

Evidentemente que Simão tinha bom ar, mas parecia corpulento de mais para um rapaz de vinte anos; o pescoço era curto e o rosto redondo e brilhante como a Lua. Possuía lindos cabelos castanhos e ondulados, e olhos claros um tanto escondidos sob as pálpebras grossas; o nariz excessivamente pequeno condizia com a boca, também diminuta. Apesar de gordo mostrava-se ágil e desembaraçado nos movimentos e hábil nos desportos. Era tagarela e pronto na réplica, mas Lourenço achava que ele patenteava bom-senso e erudição quando falava com homens idosos.

Ragnfrid depressa o estimou e Ulvhild sentiu súbita afeição por ele. Devemos esclarecer que se mostrava extremamente gentil e terno para com a doentinha. E, quando Cristina se habituou à cara redonda e à maneira de falar do noivo, ficou realmente satisfeita com ele e feliz por ter o pai arranjado aquele casamento.

A Sr.ª Aashild tomava parte no banquete. Desde que os moradores de Joerundgaard se haviam relacionado com ela, as pessoas importantes das aldeias próximas lembraram-se de que a dama era nobre e pensaram menos nos singulares zunzuns que corriam acerca dela; por isso a Sr.ª Aashild convivia agora com muita gente. Depois de ver Simão, disse ela a Cristina:

— É um bom casamento para ti. Esse rapaz há-de ir longe; evita-lhe preocupações de toda a espécie e será simpático na vida comum. O que lhe acho é gordura e satisfação a mais. Se a Noruega de hoje fosse como antigamente e como os outros países são, se as pessoas não fossem mais severas para com os pecadores do que o próprio Deus o é, dir-te-ia que devias procurar um amigo magro e melancólico — um homem com quem pudesses

sentar-te a conversar. Então é que eu dizia que não encontrarias ninguém melhor para teu companheiro do que Simão.

Cristina corou, embora não compreendesse inteiramente a ideia da Sr.ª Aashild. Mas como o tempo ia passando e a arca do enxoval se ia enchendo, e ela ouvia sem cessar falar de casamento e das coisas que havia de levar para a sua casa, começou a querer que tudo se concluísse na boda e que Simão chegasse do Norte: acabou por lhe dedicar grande parte dos seus pensamentos e se alegrar por encontrá-la outra vez.

Cristina completara o seu crescimento e tornara-se muito bonita. Parecia-se bastante com o pai; era alta, delgada de cintura e de membros finos, mas roliça e cheia. Tinha o rosto um pouco curto e redondo, a testa baixa, larga e branca como leite, e olhos rasgados, cinzentos e meigos sob sobrancelhas lindamente desenhadas. A boca seria um tanto grande, mas rosada, fresca e bem modelada; o queixo era arredondado como uma maçã.

Possuía belos cabelos, bastos e compridos, entre louro e castanho, e absolutamente lisos. Lourenço comprazia-se em ouvir Sira Erik elogiar Cristina — o padre vira-a crescer, ensinara-a a ler e a escrever, e era-lhe muito afeiçoado —, mas não gostava muito que o outro comparasse a filha a uma poldra sem defeito e brilhante como seda.

Contudo havia quem dissesse que, se não tivesse acontecido aquela desgraça a Ulvhild, esta seria muito mais bonita que a irmã. Tinha o mais lindo e meigo dos rostos, branco e carmim como as rosas e os lírios, e cabelos louros e sedosos que lhe caíam encaracolados sobre o pescoço frágil e pelas espáduas delgadas. Quanto aos olhos, assemelhavam-se aos da raça dos Gjeslings: sombreados por sobrancelhas negras e direitas, eram dum cinzento-azulado e límpidos como água: mas o olhar parecia pouco vivo. Em compensação, a pequena tinha a voz

tão argentina que dava prazer ouvi-la quer ela cantasse ou falasse; inteligente, aprendia com facilidade tudo o que estava nos livros e mostrava habilidade para todas as espécies de jogos, mas não se interessava por coisas manuais, pois ficava logo com as costas fatigadas.

Por esta razão, era de crer que a linda criança nunca atingisse o pleno desenvolvimento do corpo. Fizera alguns progressos na saúde quando os pais a tinham levado a Nidaros para rezar a Santo Olavo. Lourenço e Ragnfrid haviam ido a pé, sem um único criado a acompanhá-los, e, durante todo o percurso, transportaram a filha numa padiola. Depois dessa viagem, Ulvhild sentiu-se muito melhor e já podia andar com uma muleta. Contudo não era verosímil que chegasse um dia a ter saúde suficiente para se poder casar, e, decerto, a seu tempo, deveria entrar no convento com todos os bens que possuísse.

Nunca falavam disso, e Ulvhild nem mesmo compreendia que era muito diferente das outras crianças. Adorava enfeites e roupa bonita, e os pais não tinham coragem de lhe recusar fosse o que fosse. Ragnfrid é que fazia os fatos da filha e vestia-a como uma princesa. Um dia em que passaram mercadores na aldeia e que pernoitaram em Laugarbru, Ulvhild viu as coisas que eles levavam: encantou-a um tecido de seda amarelo-âmbar e ela desejou-o para uma camisa. Em geral, Lourenço não tratava com aquela espécie de gente que andava pelas aldeias a vender ilegalmente mercadorias das cidades, mas, desta vez, comprou logo a peça inteira. Ofereceu também a Cristina tecido para a camisa de núpcias, camisa que ela fez nesse Verão. A rapariga nunca as tivera senão de lã e uma de linho para a vestimenta de luxo. Mas Ulvhild recebeu uma camisa de seda para os dias festivos e outra para o domingo, de linho com aplicações de seda na cintura.

Lourenço Bjoergulfsoen possuia também agora a propriedade de Laugarbru que Tordis e Jon geriam. Com

eles vivia a filha mais nova de Lourenço e de Ragnfrid, Ramborg, que Tordis criara. Nos primeiros tempos depois do nascimento da pequena, Ragnfrid não a quis ver porque, dizia ela, acarretava infelicidade a todos os filhos. No entanto gostava dela e mandava constantemente presentes à pequenita e a Tordis; mas, depois, foi muitas vezes a Laugarbru visitar Ramborg, de preferência quando a filha estava a dormir, e ali ficava, inclinada para ela, a contemplá-la. O pai e as duas irmãs mais velhas estavam frequentemente em Laugarbru e brincavam com a pequena; era criança forte e saudável, mas não tão bonita como as irmãs.

Aquele Verão era o último em que Arne Gyrdsoen habitava Joerundgaard. O bispo prometera a Gyrd ajudar o rapaz a trilhar na vida, e, no Outono, Arne devia partir para Hamar.

Cristina percebera perfeitamente que Arne a amava, mas sob certo aspecto ela era ainda bastante criança, de maneira que não pensava muito nisso e tratava-o como sempre o tratara desde pequena, procurando a sua companhia tantas vezes quanto podia e dando-lhe a mão quando dançavam em casa ou no adro da igreja. Como não agradava à mãe a inclinação de Arne, ela própria não sentia grande prazer com o facto.

Nunca, porém, falava de Simão a Arne nem do seu casamento, pois notara que esse assunto o tornava melancólico.

Arne era muito hábil e quis fazer a Cristina um bastidor, para lhe deixar como recordação. Entalhara, também, a arcazinha muito finamente e estava agora na forja a pôr-lhe as ferragens e a fechadura. Numa bela tarde do fim do Verão, Cristina foi procurá-lo. Levava consigo um gibão do pai que ela devia consertar; sentou-se na laje da porta e pôs-se a coser enquanto tagarelava com o rapaz, que se encontrava no interior da

forja. Ulvhild estava com ela e saltitava cá e lá com a sua muleta, comendo framboesas que cresciam nos montes de pedras em volta do terreno.

Ao fim dum instante, Arne apareceu à porta da forja, para se refrescar. Quis sentar-se junto de Cristina, mas esta recuou e pediu-lhe que tivesse cautela em não sujar a costura que tinha no regaço.

— Então já chegámos a um ponto que não me deixas sentar a teu lado, com receio de que o moço aldeão te suje? — perguntou Arne.

Cristina olhou-o, surpreendida, e em seguida respondeu:

— Bem sabes o que eu queria dizer. Mas tira o teu avental de couro, lava o carvão das mãos e senta-te junto de mim para descansares um pouco.

E a rapariga afastou-se para lhe dar lugar.

Arne, porém, estirou-se no chão, em frente dela.

— Não estejas zangado, meu Arne — tornou Cristina. — Como podes pensar que eu me mostraria ingrata pelo teu lindo presente que estás a fazer ou que me esquecesse que sempre foste o meu melhor amigo?

— Fui-o, realmente?

— Bem sabes que sim. E nunca esquecerei isso. Mas tu, que te vais lançar na vida, e talvez adquiras riquezas e honras mais cedo do que julgas, decerto depressa me esquecerás.

— Vais lembrar-te sempre de mim?... — disse Arne, sorrindo. — E eu esquecer-te... Não passas duma criança, Cristina.

— Também não és velho... — retorquiu ela.

— Tenho exactamente a idade de Simão Darre — replicou o rapaz. — E usamos o elmo e o escudo como essa gente de Dyfrin, mas meus pais não tiveram sorte...

Limpara as mãos nos tufos de erva. Agarrou então no tornozelo de Cristina e encostou a cara ao pé que se destacava sob a orla da saia. A rapariga quis desviá-lo, mas Arne disse:

— Tua mãe está em Laugarbru, Lourenço partiu a cavalo da quinta, e das casas ninguém nos pode ver aqui onde estamos. Ao menos, desta vez, deixa-me contar-te o que tenho no coração.

Cristina respondeu:

— Tu e eu sempre soubemos que era inútil pensar um no outro.

— Consente que eu deite a cabeça no teu regaço — pediu Arne, e, como ela não respondesse, passou-lhe um braço em volta da cintura. Com a outra mão agarrou-lhe nas tranças.

— Que impressão te produzirá — perguntou ele ao fim dum instante — quando Simão estiver assim a descansar no teu colo e a brincar com os teus cabelos?

Cristina ficou calada. Parecia-lhe que um peso súbito caira sobre ela — as palavras de Arne e a cabeça dele sobre os seus joelhos. Era como se se visse defronte duma porta aberta para um espaço vazio, em frente de inúmeros caminhos sombrios que se sumissem noutros mais escuros ainda. Sem alegria, com o coração oprimido, hesitava e não queria perscrutá-los.

— Não é costume as pessoas casadas estarem assim — disse por fim bruscamente e como que aliviada. Tentava imaginar a cara redonda e cheia de Simão, de olhos erguidos para ela como Arne estava nesse momento; lembrou-se da sua voz e não se pôde conter de riso. — Simão com certeza nunca se vai deitar de costas para brincar com os meus sapatos.

— Não, porque poderá brincar contigo na cama — replicou Arne, cuja voz subitamente a fez sofrer e lhe tirou toda a energia. Tentou afastar de si a cabeça de Arne, mas ele ainda mais a enterrou no regaço e retrucou:

— Eu é que desejaria brincar com os teus sapatos, com os teus cabelos e com os teus dedos, e seguir-te todo o dia, Cristina, se fosses minha mulher e dormisses nos meus braços todas as noites.

Reclinou-se mais, abraçou-a pelos ombros e fitou-lhe os olhos.

— Não deves dizer essas coisas — disse Cristina docemente, com timidez.

— Não devo, não. — Ergueu-se e postou-se em frente dela. — Diz-me uma coisa: não preferias que fosse eu?

— Sim, preferia... — balbuciou a rapariga. — Preferia não ter marido... ainda...

Arne não se moveu e insistiu:

— Preferias entrar no convento, como é o destino de Ulvhild, e ser sempre donzela?

Cristina estreitou de encontro ao seio as mãos juntas. Agitava-a uma sensação estranha e doce e, num calafrio repentino, compreendeu quanto era triste a sorte da irmãzinha e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas dolorosas.

— Cristina! — murmurou Arne com meiguice.

Nesse mesmo instante ouviu-se um grito agudo de Ulvhild. A muleta prendera-se-lhe entre as pedras e ela caíra. Arne e Cristina acorreram e o rapaz levantou-a e pô-la nos braços da irmã. Ferira-se na boca e sangrava muito.

Cristina sentou-se com ela à porta da forja enquanto Arne foi buscar água numa escudela. Ambos se puseram a lavar o rosto de Ulvhild. Esta tinha também esfolado a pele dos joelhos. Cristina inclinou-se com ternura sobre as perninhas franzinas.

Os gemidos de Ulvhild apaziguaram-se. Chorava baixinho e dolorosamente como criança habituada a sofrer. A irmã encostara-lhe a cabeça ao peito e acariciava-a com meiguice.

Ao longe, o sino tocava para as vésperas, em Santo Olavo. Arne falava com Cristina, que parecia não ver nem sentir nada, debruçada como estava para a irmã, de tal forma que ele teve medo e lhe perguntou se julgava a queda ter sido perigosa. Cristina abanou a cabeça sem o fitar.

Pouco depois levantou-se e subiu para a quinta, levando Ulvhild nos braços. Arne seguiu-a, silencioso e perturbado; Cristina mostrava-se tão absorvida que o rosto se lhe contraía todo. Enquanto caminhava, o sino continuava a badalar através dos prados e do vale; soava ainda quando ela entrou na sala.

Colocou Ulvhild no leito que as duas irmãs partilhavam desde o dia em que acharam Cristina demasiadamente crescida para dormir com os pais. Em seguida tirou os sapatos e deitou-se ao lado da pequena, ouvindo sempre o som do sino muito tempo depois de ele se ter calado e de a criança adormecer.

Ocorreu-lhe o pensamento, como o sino se pusera a tocar enquanto ela tinha entre as mãos a carinha ensanguentada de Ulvhild, que tudo aquilo seria um aviso de Deus. Se ela quisesse tomar o lugar da irmã, se se consagrasse ao serviço do Senhor e da Virgem Maria, talvez que Deus desse saúde e vigor à criança.

Lembrou-se das palavras do Irmão Edvin: hoje em dia só consagram a Deus os filhos aleijados e paralíticos, aqueles para quem os pais não podem encontrar bons casamentos. Cristina sabia que o pai e a mãe eram pessoas piedosas — no entanto, nunca lhes ouvira dizer outra coisa: era o casamento que lhe reservavam, a ela, mas, quanto a Ulvhild, compreendiam que seria doente toda a vida, e então haviam resolvido que ela entrasse para o convento.

Cristina não desejava — opunha-se mesmo a essa ideia — que Deus fizesse um milagre em Ulvhild se ela própria professasse. Prevalecia-se naquelas palavras de Sira Erik a pontos de não acreditar que houvesse ainda milagres. No entanto, sentia nessa noite que Frei Edvin tivera razão ao afirmar que, se um homem possuísse bastante fé, poderia realizar milagres. Ela, porém, não queria ter essa fé, não era assim que amava Deus e a Virgem Maria e os santos; não desejaria amá-los de

outra forma; gostava do mundo e só aspirava a entregar-se-lhe.

Cristina enterrou a boca nos cabelos flexíveis e sedosos de Ulvhild. A pequena dormia profundamente e a irmã ora se sentava, tomada de inquietação, ora se tornava a deitar. Sangrava-lhe o coração de vergonha e de desgosto, mas adquiria a certeza de que se não queria acreditar em milagres é porque não desejava renunciar ao seu património de saúde, de beleza e de amor.

Depois tentou consolar-se com a ideia de que os pais não lhe permitiriam tal coisa. Decerto não julgariam que isso pudesse ser útil. Tinham-na prometida e não gostariam de perder Simão. Cristina sentiu-se desolada por eles acharem tanta perfeição naquele genro; recordou-se, de súbito e com aborrecimento, da cara vermelha e redonda de Simão, dos seus olhinhos risonhos, do seu andar saltitante — pulava como uma bola, comparou ela de repente; lembrou-se da sua maneira de falar tão galhofeira que a fazia sentir-se estúpida e tola. Não era uma sorte por aí adiante ter aquele marido e, como única vantagem, partir logo para Formo! Todavia, preferia isso a entrar para o convento. Ah! O mundo para além das montanhas, o castelo real, os condes e os cavaleiros de que a Sr.ª Aashild falava, um marido belo de olhos pensativos que a seguisse continuamente e que nunca estivesse cansado... Recordava-se de Arne, daquela bela tarde de Verão em que ele estava deitado, de lado, a dormir com os cabelos castanhos e brilhantes tombados sobre a erva. Sentira-o tão junto do coração como se ele fosse seu irmão, naquele dia. Arne não devia ter-lhe falado como o fizera, sabendo que jamais poderiam ser um do outro ..

Veio um recado de Laugarbru, dizendo que a mãe passaria lá a noite. Cristina levantou-se para se despir e deitar-se. Começou a desatar o vestido, mas, reconsiderando, tornou a calçar os sapatos, foi buscar a capa e saiu.

O céu nocturno alastrava-se pálido e esverdinhado pelo cimo das montanhas. Aproximava-se o momento em que a Lua ia nascer e, no sítio onde ela se escondia ainda, corriam nuvenzinhas brilhantes como prata nos seus contornos inferiores; o céu tornava-se cada vez mais claro como o metal sobre o qual cai o orvalho.

Cristina correu por entre as paliçadas, para além do caminho e da encosta. A igreja dormia, negra e fechada, mas a rapariga encaminhou-se para a cruz que ao lado se erguia a lembrar que Santo Olavo descansara ali uma vez quando fugia dos seus inimigos. Cristina ajoelhou na pedra e pousou as mãos juntas no pedestal:

— Cruz santa, dos mastros o mais forte, das árvores a mais bela, ponte que conduzes o doente às formosas margens da saúde...

Conforme ia rezando parecia que o seu ardente desejo se alargava como um círculo na água. Os pensamentos que lhe causavam inquietação desenrolaram-se simples, o espírito tornou-se-lhe mais calmo, mais brando, e uma melancolia doce, vazia de ideias, sucedeu às suas aflições.

Ficou ajoelhada, ouvindo todos os ruídos da noite. O vento suspirava deliciosamente, o rio murmurejava para além dos bosques, e o regato deslizava também através do caminho; por toda a parte, muito perto e ao longe, via e escutava as cordas ténues da água a correr e a gotejar. O rio luzia, alvissimo, em baixo, na aldeia. A Lua subia lentamente por trás duma fenda da rocha; havia cintilações nas folhas e nas pedras húmidas de orvalho, e uma claridade fosca e triste partia dos toros recentemente embreados do campanário, perto do cemitério. Depois a Lua desapareceu de novo, ali, onde o cume da montanha se erguia. Existiam agora muito mais nuvens brancas e brilhantes no céu.

Ouviu os passos dum cavalo que subia lentamente o caminho; vozes de homens conversavam num tom

baixo e igual. Cristina não tinha medo nenhum da gente daquela terra onde conhecia todos; esse facto tranquilizou-a.

Os cães de Lourenço precipitaram-se para a rapariga, voltaram para trás, meteram-se no bosque, depois apareceram de novo aos pulos, e o pai saiu do meio das bétulas saudando-a de longe. Trazia *Guldsvein* pela rédea: pendiam pássaros, balançando, na frente da sela, e, na mão esquerda, ele segurava um açor com a cabeça tapada. Vinha em companhia dum homem alto e curvado, vestido com o hábito de monge; antes que Cristina lhe tivesse visto a cara, adivinhou que era Frei Edvin. Foi ao encontro deles e, como nos sonhos, não ficou surpreendida; sorriu apenas quando Lourenço lhe perguntou se reconhecia o seu hóspede.

Encontrara-o em Rostbroen; persuadira-o a acompanhá-lo a casa e a passar a noite na quinta. Por fim o Irmão Edvin acedera ao convite mas com a condição de dormir no estábulo, porque, dizia ele, «tornei-me piolhento e não podeis receber-me em bons leitos».

Tudo o que Lourenço oferecia, o frade recusava teimosamente; quis até, ao princípio que lhe dessem de comer no pátio. Finalmente, conseguiram que ele entrasse na sala, e Cristina pôs lenha na lareira e colocou uma luz na mesa, enquanto uma criada trazia de comer e de beber.

O monge sentou-se no banco, junto da porta, e só aceitou um pouco de caldo frio e água para durante a noite. Recusou também a proposta que Lourenço lhe fez, quando este se ofereceu para lhe preparar um banho e lhe mandar lavar a roupa. O Irmão Edvin coçava-se e o rosto magro e encarquilhado todo se ria.

— Não, não — disse ele —, sou assim mais castigado na minha orgulhosa carne do que pela disciplina ou pela palavra do superior do convento. Estive, no Verão, numa gruta de pedra, lá em cima, na montanha. Autorizaram-

-me que fosse para o deserto jejuar e orar, e lá achava-me eu exactamente como um santo eremita. Os pobres camponeses de Setnadal iam até onde eu estava, levando-me de comer, e imaginavam ver realmente um monge piedoso e de vida pura. «Irmão Edvin», diziam eles, «se existissem muitos frades como tu, depressa nos tornaríamos melhores, mas quando vemos padres, bispos e freiras a se morderem e a brigar como bácoros na gamela...» Eu bem lhes pregava que não era cristão falar daquela maneira, mas gostava de ouvir aquilo, e cantava e rezava duma forma que ecoava pela montanha. Talvez agora seja proveitoso para mim sentir que os piolhos se mordem e brigam na minha pele, e ouvir as boas donas de casa, que desejam ter as suas salas convenientemente limpas, gritarem que este sujo frade bem pode dormir num palheiro durante o Verão. Vou para Nidaros agora, para a vigília de Santo Olavo, e será coisa boa para mim verificar que as pessoas não desejam a minha aproximação...

Ulvhild acordou; Lourenço foi ter com ela e trouxe-a embrulhada na capa.

— Aqui está a criança de que vos falei, caro irmão. Fazei-lhe a imposição das mãos e rogai a Deus por ela como rogastes por aquele rapaz de Meldal, que, segundo o que nos disseram, recuperou a saúde.

O monge ergueu docemente o rosto de Ulvhild e olhou-a de frente. Depois agarrou-lhe numa das mãos e beijou-a.

— Rezai antes, tua mulher e tu, Lourenço Bjoergulfsoen, para que não sejais tentados a procurar modificar a vontade de Deus a respeito desta menina. O próprio Nosso Senhor Jesus Cristo pôs estes pèzinhos no caminho por onde pode mais seguramente alcançar o asilo da paz. Vejo nos teus olhos, feliz Ulvhild, que tens protectores a pedir por ti na outra pátria...

— O rapaz de Meldal recuperou a saúde, segundo ouvi dizer — insistiu Lourenço com brandura.

— Era filho único duma pobre viúva, e, quando a mãe morreu, ele não tinha ninguém que o alimentasse e vestisse senão a comunidade. E, no entanto, ela só pediu a Deus que lhe desse um coração intrépido, para que pudesse crer que tudo o que acontecesse ao filho só seria para bem dele. Nada mais fiz do que ajudá-la na sua oração.

— Não é fácil para a mãe de Ulvhild e para mim encontrar a calma neste assunto — replicou Lourenço com desânimo. — Especialmente por ela ser tão linda e tão meiga.

— Viste a criança que mora em Lidstad, ao sul, no vale? — perguntou o frade. — Preferias que a tua filha fosse como aquela?

Lourenço estremeceu e apertou Ulvhild de encontro ao peito.

— Não pensas — continuou Frei Edvin — que Deus nos considera a todos como crianças que Ele precisa de vigiar, impotentes como somos pelo pecado? E, todavia, não nos podemos julgar as criaturas mais mal dotadas deste mundo.

Dirigiu-se para a imagem da Virgem Maria que estava dependurada na parede, e todos se ajoelharam enquanto ele recitava a oração da noite. Achavam que o Irmão Edvin os havia consolado muito.

Mas, quando ele deixou a sala a fim de procurar um canto onde dormir, Astrid, a primeira criada, deu, pelo sim pelo não, uma varredela nos lugares onde o monge estivera, e deitou depressa o lixo no lume.

Na manhã seguinte, Cristina levantou-se cedo, e foi levar ao frade papas de farinha com leite e bolos de trigo candial num lindo prato de madeira avermelhada, porque bem sabia que ele nunca tocava em carne. Em casa, ainda quase ninguém estava de pé.

O Irmão Edvin apareceu-lhe pronto a partir, já com a sacola e o cajado, na pontezinha do estábulo; agradeceu,

sorrindo, o incómodo de Cristina, sentou-se no chão e comeu enquanto a rapariga se instalava a seus pés.

O cãozinho branco de Cristina aproximou-se aos pulos, fazendo soar os guisos da coleira. A dona pô-lo no regaço; Frei Edvin deu estalidos com os dedos e atirou-lhe bocadinhos de bolo para a boca, que o animal abria inteiramente.

— É da raça que a rainha Eufémia importou para o país — declarou ele. — Para as grandes e para as pequenas coisas estais bem agora, em Joerundgaard.

Cristina corou de prazer. Sabia que o cão era de raça fina, e sentia-se orgulhosa em possuí-lo; não havia outra pessoa na aldeia que tivesse um cão para segurar no regaço. Mas não lhe tinham dito ainda que era da mesma raça que a dos cães predilectos da rainha.

— Foi Simão Andressoen que mo mandou — disse Cristina encostando-o a si enquanto ele lhe lambia a cara. — Chama-se *Kortelin*.

Pensara em falar das suas inquietações ao frade e pedir-lhe conselho. Mas perdera o desejo de se ocupar mais das suas aflições da véspera. O Irmão Edvin era de opinião que, quanto a Ulvhild, Deus saberia arranjar tudo pelo melhor. E, além disso, fora muito gentil da parte de Simão haver-lhe mandado uma oferta daquelas antes de os esponsais se terem realizado. Não queria preocupar-se mais com Arne; achava que ele procedera muito mal.

Frei Edvin pegou no cajado e na sacola, e pediu a Cristina que transmitisse as suas despedidas à família — queria partir pela fresca e não podia demorar-se até que todos se tivessem levantado.

Quando se separaram, implorou para ela a paz de Deus e abençoou-a.

— Dizei-me alguma coisa como dissestes a Ulvhild, meu bom Irmão — pediu Cristina.

Esperava, com a mão do frade na sua; Edvin esfregava na erva o pé descalço, nodoso pela gota.

— Então confiarei ao teu coração, minha filha, que vejas bem como Deus vela pelos interesses dos habitantes deste vale. Pouca chuva cai aqui, mas ele deu-vos a água da montanha, e todas as noites o orvalho refresca os prados e os campos. Agradece a Deus os dotes que te deu e não te queixes, se achares que te falta qualquer coisa que, na tua opinião, deverias também ter. Possuis lindos cabelos loiros; não tenhas pena de que eles não sejam frisados. Nunca ouviste falar daquela velha que chorava por não dispor senão dum pedacito de toucinho para dar no dia de Natal aos sete netos esfomeados? Por acaso, Santo Olavo passou por ali a cavalo; estendeu a mão sobre a carne e pediu a Deus que saciasse os pobres pequenos que gritavam de fome. Mas quando a velha viu em cima da mesa um leitão morto, desatou a chorar por não ter bastantes tigelas e marmitas.

Cristina voltou, a correr, para casa; *Kortelin* acompanhava-a aos pulos, mordendo-lhe a orla da saia e fazendo telintar os guisos pequeninos de prata.

VI

NOS dias que precederam a sua partida para Hamar, Arne habitou a casa de Finsbrekken. A mãe e as irmãs preparavam-lhe a roupa que devia levar. Na véspera da viagem, foi a Joerundgaard fazer as suas despedidas. Perguntou em voz baixa a Cristina se consentia em ter uma entrevista com ele no caminho, ao sul de Laugarbru, no dia seguinte ao entardecer.

— Gostaria que estivéssemos ambos de acordo pela última vez que nos veremos — disse o rapaz. — Se achas que é pedir muito, lembra-te que fomos criados juntos como irmãos — acrescentou ele ao notar que Cristina hesitava antes de responder.

Então a rapariga prometeu ir, se pudesse escapulir-se de casa. Nevava na manhã seguinte, mas, pelo dia adiante, começou a chover e em pouco tempo os caminhos e os campos ficaram numa lama cinzenta. Das margens do rio surgiram farrapos de nevoeiro, pairando serenos ou torcendo-se em brancos turbilhões pelo sopé da montanha; mas tudo escureceu outra vez.

Sira Erik apareceu inesperadamente a fim de ajudar Lourenço a redigir algumas cartas. Foram para junto da lareira da cozinha, pois, com um tempo daqueles, era mais agradável estar ali do que na sala que o fogão enchia de fumo. A mãe fora para Laugarbru, onde Ramborg convalescia da febre que tivera no Outono.

Não foi difícil a Cristina sair da quinta sem que ninguém a visse, mas partiu a pé, por não se atrever

a ir buscar o cavalo. O caminho era uma papa de neve derretida e de folhas murchas; o frio e o cheiro da terra húmida sufocavam-na, e, de quando em quando, vinha uma rajada de vento que lhe chicoteava o rosto.

Puxou o capuz para a cara e, aconchegando a si a capa, caminhou com passo rápido. Sentia-se um tanto assustada — o rio rumorejava surdamente na atmosfera pesada, e as nuvens passavam negras e velozes por cima das montanhas. De bocado a bocado ela parava a escutar se atrás de si viria Arne.

Ao fim duns instantes, ouviu as patadas dum cavalo no chão encharcado; deteve-se, pois encontrava-se num local deserto que certamente conviria para eles se despedirem sem que fossem perturbados. Logo depois, distinguiu na retaguarda o cavaleiro e Arne apeou-se e aproximou-se com o cavalo pela rédea.

— Foi gentil teres vindo, com este tempo horrível — disse o rapaz.

— O pior é para ti, que tens de fazer tão longo percurso. Por que motivo partes tão tarde?

— Jon pediu-me que eu passasse a noite em Loptsgaard — respondeu Arne. — E eu pensei que te seria mais fácil vir aqui a esta hora.

Ficaram um momento calados. Surgiu no espírito de Cristina a ideia que nunca até ali ela reparara quanto Arne era belo. Trazia um capacete de aço polido e, por baixo, um capuz que lhe cingia a cara e lhe tombava nos ombros; o rosto magro sobressaía nítido e formoso. A couraça, embora velha, manchada de ferrugem e golpeada pela acção da cota de malha que tivera sobre si (Arne herdara-a do pai) modelava-lhe o corpo esbelto, ágil e vigoroso; e também trazia uma espada à cinta e uma lança na mão. As outras armas estavam na sela. Era um homem feito, com ar de adolescente.

— Lembras-te que me perguntaste um dia se eu te achava tão bom rapaz como Simão Andressoen? — disse

Cristina pousando a mão no ombro dele. — Quero declarar-te agora, antes de nos separarmos, que me pareces ser-lhe também superior na beleza e nas maneiras, embora seja considerado acima de ti quanto a nascimento e riquezas pelas pessoas que têm essas coisas em grande conta.

— Porque me dizes isso? — perguntou Arne, retendo a respiração.

— Porque o Irmão Edvin me fez compreender que devíamos agradecer a Deus os seus benefícios e não sermos como a tal mulher que, depois de Santo Olavo lhe multiplicar a carne, chorava por não possuir tigelas. Por isso, não tenhas pena que Ele não te haja dado tanta riqueza como dotes físicos.

— Era então nisso que pensavas? — retorquiu Arne. E, como ela se calasse, continuou: — E eu a julgar que era porque preferias casar comigo...

— Bem o desejaria — disse a jovem docemente. — Conheço-te melhor...

Arne abraçou-a de tal forma que a soergueu. Beijou-lhe o rosto por mais de uma vez e pô-la de novo no chão.

— Deus nos ajude, Cristina, porque és uma criança.

De cabeça baixa, Cristina deixou ficar as mãos nos ombros de Arne.

— Só vejo quanto és bela, querida, e que não compreendes como sofro por te perder — disse o rapaz agarrando-lhe nos punhos e apertando-os. — Cristina, crescemos juntos como duas maçãs no mesmo ramo. Afeiçoei-me a ti antes de perceber que um dia outro viria arrancar-te a mim. Tão verdade como Deus ter morrido por todos nós, julgo que nunca mais poderei ser feliz neste mundo.

Cristina chorava amargamente. Levantou a face para que ele a pudesse beijar.

— Não fales assim, meu Arne — implorou ela, acariciando-o.

— Cristina — disse o rapaz em voz baixa, tomando-a

de novo nos braços — se pedisses a teu pai... Lourenço é tão bondoso que não te ia contrariar... se pedisses a teu pai que esperasse alguns anos? Ninguém sabe se a sorte me favorecerá... somos ambos tão novos...

— É preciso que eu faça o que eles querem — retorquiu ela chorando.

Vieram também lágrimas aos olhos de Arne.

— Nem suspeitas, Cristina, quanto te amo. — Encostou a cara nos ombros da rapariga. — Se gostasses bastante de mim irias procurar Lourenço e havias de suplicar-lhe...

— Isso, não — soluçou a jovem. — Nunca poderia gostar tanto dum homem a pontos de fazer com que meus pais se voltassem contra mim por causa dele... Não chores, Arne, meu amigo tão querido — acrescentou ela, passando as mãos no rosto do rapaz abrigado pelo capacete de aço.

— Tenho aqui uma coisa para ti — disse ele ao fim dum instante, dando-lhe um brochezinho de filigrana. — Pensa em mim algumas vezes, porque eu jamais te esquecerei, nem a ti nem ao meu desgosto.

Era quase noite quando Cristina e Arne disseram o último adeus. A rapariga seguiu-o com a vista até ele desaparecer. Por um rasgão das nuvens filtrava-se uma claridade amarela que se reflectia nas marcas dos seus passos, onde haviam andado e parado na lama do caminho. Tudo lhe parecia tão frio, tão triste! Tirou o lenço que tinha ao peito, enxugou a cara coberta de lágrimas e dirigiu-se para casa.

Estava molhada; tinha frio e caminhava apressadamente. Um momento depois, ouviu que alguém vinha atrás dela. Sentiu certo medo: todavia era muito natural que passasse gente por aquele caminho, mesmo com o mau tempo que estava. Em frente de Cristina havia um espaço deserto; dum lado subia uma encosta negra e pedregosa e, do outro, o terreno caía a prumo até ao

pinheiral que vinha dar ao rio cinzento como chumbo no fundo do vale. Sentiu-se tranquilizada quando aquele que a seguia a chamou pelo seu nome. Então ela deteve-se e esperou.

O recém-vindo era um homem alto vestido com um casaco escuro de mangas claras. Quando se aproximou, Cristina viu que ele tinha os hábitos talares e que trazia um alforje vazio às costas. Reconheceu Bentein Prestesoen — assim o designavam —, neto de Sira Erik. Reparou logo que estava absolutamente bêbado.

— Eia! Um parte e outro chega — disse ele a rir, depois de se haverem saudado. — Encontrei Arne de Brekken agora mesmo. Vejo que ias a chorar. Poderias sorrir um pouco por eu estar de volta; também somos amigos de infância, pois não é verdade?

— É péssima troca se o vens substituir na aldeia! — replicou secamente Cristina, que nunca gostara de Bentein. — Estou certa que muitos serão do meu parecer. Teu avô sentia-se tão satisfeito por ver-te bem encaminhado em Oslo!

— Ora, ora! — exclamou Bentein, soltando uma espécie de relincho. — Bem encaminhado, dizes tu? Como um porco num campo de trigo, eis como eu estava. E findou de forma adequada: puseram-me fora com injúrias e com chicotadas. Não é uma grande alegria que um neto proporcione ao avô... Porque vais tão depressa?

— Tenho frio — respondeu Cristina secamente.

— Estás como eu — disse ele. — Só tenho vestido o fato que vês. Precisei de vender a capa para comer e beber em Lillehammer. Ainda deves ter calor no corpo, visto que acabaste de te despedir de Arne... Quero dizer que bem podias deixar-me ir contigo debaixo da tua peliça.

Agarrou na capa de Cristina, lançou-a em volta do ombro, e enlaçou com o braço húmido a cintura dela.

A rapariga ficou tão surpreendida com aquela audácia que um instante decorreu antes que reagisse. Quis afas-

tar-se; ele, porém, segurava a capa, a qual estava presa por um grande colchete de prata. Bentein, passando-lhe de novo o braço pela cintura, aproximou o queixo da boca de Cristina para a beijar. A jovem tentou esbofeteá-lo, mas o rapaz agarrou-lhe nos braços.

— Parece-me que enlouqueceste! — disse ela sufocada e debatendo-se. — Atreves-te a tocar-me como se eu fosse uma... Amanhã hás-de arrepender-te amargamente, grande patife...

— Oh! Amanhã não estarás tão tola — retrucou Bentein; e, com um cambapé, prostrou-a na lama e aplicou-lhe a mão na boca.

Cristina nem pensou gritar. Só compreendia agora o que ele ousava tentar, mas invadiu-a um furor tão violento e selvático que nem chegou a ter susto. Dava rugidos como um animal que combate e lutava contra o homem que a mantinha na terra de tal maneira que a neve derretida, fria como gelo, lhe passava através da roupa até à pele ardente.

— Amanhã terás a prudência de te calares — disse Bentein — e, se isto não puder ficar secreto, é Arne que deves acusar; mais depressa acreditarão...

Pusera um dedo na boca de Cristina. Esta, então, mordeu-o com tanta força que Bentein soltou um grito e largou a vítima. Rápida como um relâmpago, Cristina atacou-lhe a cara e, com todo o vigor de que dispunha, premiu o polegar contra um olho de Bentein, que deu um urro e se ergueu nos joelhos. Então, como uma gata, escapou-se, dando um encontrão no rapaz, que tombou de costas, e fugiu desordenadamente pelo caminho, salpicando-se de lama a cada passo que dava.

Corria, corria sem olhar para trás. Ouvia Bentein a segui-la. Cristina dava tais pulos que sentia latejar as veias do pescoço, e gemia, perscrutando a estrada, com a impressão de que jamais chegaria a Laugarbru. Finalmente alcançou o local onde o caminho desce através das

terras; distinguiu, na falda da montanha, as casas agrupadas, e compreendeu ao mesmo tempo que não se atrevia a entrar na quinta onde a mãe estava, assim esbaforida e no estado em que se encontrava, conspurcada dos pés à cabeça pela lama e pelas folhas apodrecidas, e com o fato despedaçado.

Percebeu que Bentein vinha cada vez mais próximo. Então abaixou-se, agarrou em duas grandes pedras, e, quando ele já estava bastante perto, arremessou-lhas. Uma delas atingiu-o tão rudemente que o derrubou. Cristina prosseguiu na sua corrida e só se deteve ao chegar à ponte.

Trémula, segurava-se ao parapeito. A vista turvava-se-lhe e parecia que ia desmaiar; pensou, porém, em Bentein. Se ele a alcançasse ali! Despertada pela vergonha e pelo furor, recomeçou a andar, mas vergavam-se-lhe as pernas; sentia dores vivas na cara produzidas pelas unhas, e notou que estava magoada nas costas e nos braços. Ardentes como lume, sobrevieram as lágrimas.

Desejava que Bentein tivesse morrido com a pedrada que ela lhe vibrara. Quereria haver voltado para trás e matá-lo duma vez. Procurou a faca que habitualmente trazia e percebeu que a perdera.

Depois, voltou-lhe a ideia de não aparecer em casa naquela figura e lembrou-se então de ir a Romundgaard. Queixar-se-ia a Sira Erik.

O padre, porém, não regressara ainda de Joerundgaard. Junto do forno encontrou Gunhild, mãe de Bentein; a mulher estava sòzinha e Cristina contou-lhe como o filho a assaltara. No entanto não lhe disse que saíra a fim de se despedir de Arne, pois compreendeu que a outra imaginava que ela estivera em Langarbru.

Gunhild poucos comentários fez, mas chorou enquanto lavava o fato de Cristina e compunha provisòriamente os rasgões maiores. Cristina sentia-se tão perturbada que nem reparou nos olhares furtivos que a mulher lhe deitava.

Quando ia a partir, Gunhild agarrou na capa e acompanhou-a até à rua, mas, depois, dirigiu-se para a estrebaria.

Cristina perguntou-lhe aonde ia.

— É-me permitido ir a cavalo procurar o meu filho — respondeu a mulher — e ver se o mataste com a pedra ou em que situação está.

Cristina não soube que lhe responder e só lhe disse que fizesse com que Bentein abandonasse a aldeia o mais depressa possível e que lhe não aparecesse mais à vista; «senão, conto tudo a meu pai, e podes calcular o que acontecerá».

Bentein tornou pois a partir para o Sul antes duma semana. Levava uma carta de Sira Erik para o bispo de Hamar onde aquele pedia que arranjasse a oneto uma colocação e o ajudasse.

VII

POUCO tempo depois do Natal, Simão chegou um dia a cavalo a Joerundgaard. Desculpou-se por ter aparecido sem ser convidado e sòzinho, sem os pais. André Gudmundsoen encontrava-se na Suécia em serviço do rei. Simão ficara em Dyfrin, mas em casa só tinha as irmãs mais novas e a mãe, que estava de cama. De maneira que se aborrecera, e se lembrara de fazer aquela visita.

Ragnfrid e Lourenço agradeceram-lhe muito ele ter vindo: «Uma viagem tão longa e em pleno Inverno!» Cada vez simpatizavam mais com Simão. Este sabia perfeitamente da combinação de Lourenço e de André, e ficou resolvido que a festa dos esponsais se realizaria antes da Quaresma, se André já estivesse de volta; senão ficaria para depois da Páscoa.

Cristina mostrava-se silenciosa e tímida quando estava com o noivo; pouca coisa encontrava para lhe dizer. Uma tarde em que todos se haviam sentado a beber, Simão pediu-lhe que saísse com ele para apanharem um pouco de ar fresco. Então, ao chegar à galeria do andar superior, o rapaz agarrou-a pela cintura e beijou-a. Daí por diante, quando se achava só com a noiva, ele muitas vezes repetiu aquele gesto. Cristina não sentia prazer algum com isso, mas deixava-o beijá-la por saber que não havia meio de evitar o casamento. Pensava agora nos esponsais como uma coisa que tinha de suportar e que não desejava. Gostava de Simão, sobretudo se ele conversava com os outros, mas não quando falava com ela ou lhe tocava.

Sentira-se muito infeliz durante o Outono. Em vão dissera a si mesma que Bentein nada conseguira contra ela; tinha, apesar de tudo, a impressão de que ficara como que maculada.

Nada continuava como antes desde que um homem ousara querer dela semelhante coisa. Ficava acordada de noite e a vergonha queimava-a; era-lhe impossível deixar de pensar naquela cena. Lembrava-se do corpo de Bentein de encontro ao seu durante a luta, do hálito ardente cheirando a cerveja. Obcecava-a a ideia do que poderia ter acontecido, e recordava-se, com um calafrio, do que ele dissera: «se não houvesse meio de conservar aquela história secreta, Arne seria acusado». Desfilavam-lhe imagens perante os olhos de tudo o que se teria seguido se tal desgraça sucedesse e se soubessem da sua entrevista com Arne; os pais decerto atribuiriam tudo a este, e Arne acabaria por ficar ao facto disso. Cristina via-o como ele lhe aparecera naquela tarde e sentia uma espécie de humilhação com a ideia de que teria podido chegar a arrastá-lo consigo no seu desgosto e desonra. E a rapariga imaginava coisas horríveis. Na igreja e na Bíblia ouvira falar das alegrias da carne, das tentações da carne, mas eram palavras de que não atingira o alcance. Agora haviam-se tornado numa realidade: todos os seres humanos tinham um corpo carnal, inclinado ao pecado, pecado que rodeia a alma e nela se prende com duros grilhões.

Cristina às vezes pensava que poderia matar Bentein ou então torná-lo cego. Esta era a única consolação dos seus sonhos de vingança contra o indivíduo ignóbil que se encontrava sempre em pensamento no seu caminho. Todavia não a aliviava bastante; passava as noites a chorar lágrimas ardentes ao lado de Ulvhild, por tudo o que fora tentado de violência na sua pessoa. Bentein tinha, pelo menos, conseguido destruir-lhe a virgindade da alma.

No primeiro dia de trabalho depois do Natal, todas as mulheres de Joerundgaard estiveram ocupadas na padaria. Ragnfrid e Cristina também ali andaram até tarde. Ao anoitecer, quando algumas das servas preparavam uma fornada e outras faziam a ceia, a moça da estrebaria chegou a correr. Gritava, torcendo as mãos:

— Jesus! Jesus! Que grande desgraça! Trazem Arne Gyrdsoen morto num trenó! Deus venha em auxílio de Gyrd e de Inga nesta infelicidade!

Entrou um homem que morava numa cabana próxima, situada à beira do caminho, acompanhado de Halvdan. Eram eles que haviam encontrado o cortejo fúnebre. As mulheres rodearam-nos. Na primeira fila do círculo estava Cristina, branca e trémula. Halvdan, companheiro de Lourenço e que conhecera Arne desde criança, chorava amargamente enquanto narrava o sucedido: fora Bentein, o neto de Erik, quem matara Arne. Na noite do ano novo, os escudeiros do bispo haviam-se reunido para beber na sala dos guardas, e então chegara Bentein, que era agora escrivão do padre na prebenda do Corpo Santo. Os escudeiros, a princípio, não o queriam receber; ele, porém, lembrara a Arne que eram da mesma aldeia. Arne mandara-o sentar a seu lado e haviam bebido juntos. Mas, depois, acabaram por altercar. Arne atirara-se tão violentamente a Bentein que este agarrara numa faca da mesa e a enterrara na garganta do rapaz e lhe esfaqueara o peito. Arne morrera quase nesse instante.

O bispo ficara muito aflito com aquela desgraça. Ele próprio é que se ocupara do morto e o mandara transportar pelos criados até à sua longínqua moradia. Quanto a Bentein, mandara-o prender e expulsara-o da igreja; se ainda não fora enforcado, sê-lo-ia qualquer dia.

Halvdan teve de fazer esta narrativa várias vezes, pois novas pessoas acorriam ali. Lourenço e Simão vieram também à padaria quando notaram a agitação e o tumulto

no pátio. Lourenço mostrava-se impressionadíssimo; mandou selar o cavalo porque queria ir nesse mesmo instante a Brekken. Quando ia a partir, o olhar fixou-se-lhe no rosto pálido de Cristina.

— Talvez queiras acompanhar-me? — perguntou ele.

A filha hesitou um tanto. Mas, depois, disse que sim com a cabeça; tremia, sem forças de pronunciar uma única palavra.

— Não estará muito frio para ela? — interveio Ragnfrid. — Amanhã, decerto iremos todos velá-lo...

Lourenço olhou para a mulher; observou também a fisionomia de Simão, e, após isso, colocou as mãos nos ombros de Cristina, dizendo:

— Lembra-te que ela é sua irmã colaça. É natural que deseje ajudar Inga a vestir o defunto.

E embora o coração de Cristina estivesse oprimido pelo desespero e pela ansiedade, a rapariga sentiu fervorosa gratidão para com o pai ao ouvir-lhe aquelas palavras.

Já que Cristina também ia, Ragnfrid propôs que os dois ceassem antes. Queria mandar por eles algumas ofertas a Inga: um lençol de linho, um círio e pão fresco; pediu-lhes que dissessem que ela iria auxiliar os preparativos do funeral.

Comeram pouco mas falaram muito na sala durante a refeição. Contavam uns aos outros as provações que Deus infligira a Gyrd e a Inga. Inundações e esboroamentos tinham-lhes devastado a quinta; vários dos filhos mais velhos haviam morrido, e só lhes restavam agora os de tenra idade. A sorte favorecera-os ùltimamente, desde que o bispo colocara Gyrd em Finsbrekken como seu representante, e os pequenos que haviam sobrevivido aos outros pareciam bonitos, prometedores. Mas Arne era o preferido da mãe.

Lastimavam também Sira Erik. Todos o respeitavam e o estimavam, e a aldeia tinha orgulho nele; era ins-

truído e hábil, e, durante os anos que estivera encarregado da igreja, não faltara a uma missa ou serviço que fosse seu dever celebrar. Na sua mocidade fora soldado do conde Alv av Tornberg, mas tivera a infelicidade de matar um homem de alta estirpe e refugiara-se então em casa do bispo de Oslo; este, como lhe notasse disposições para a ciência dos livros, formara-o no sacerdócio. E, se não conservasse ainda inimigos por causa daquele assassínio, Sira Erik viveria tranquilo na sua pequena diocese. É certo que era muito avarento e cobiçoso, tanto para si como para a igreja, mas por isso esta, actualmente, estava bem fornecida de vasos, de paramentos e de livros; tinha filhos, mas a família só lhe dava desgostos. Nas aldeias havia a opinião de que era absurdo os padres viverem como monges, visto que, de toda a maneira, se lhes tornava necessário empregar mulheres nas suas quintas e terem uma criada para os serviços domésticos, atendendo às longas e penosas viagens que precisavam sempre de fazer nas paróquias. O povo lembrava-se de que, na Noruega, em tempos não muito remotos, os padres eram casados. Por esse motivo, ninguém desprezara Sira Erik por haver tido, quando novo, três filhos da governanta. Nessa tarde, porém, diziam que Deus parecia querer castigar Erik pelo seu concubinato, de tal forma os filhos e os netos lhe causavam desgostos. Alguns achavam que havia vantagens na ideia de os sacerdotes não terem mulheres nem filhos; agora, podiam muito bem surgir inimizades entre o padre e os moradores de Finsbrekken, em vez de continuarem bons amigos.

Simão Andressoen conhecia o procedimento de Bentein em Oslo e relatava o que sabia. Bentein tornara-se secretário do deão de Santa Maria, e este devia ser uma pessoa prudente. Havia muitas mulheres que o apreciavam — ele tinha desses olhos! Além disso, era de língua desembaraçada. Algumas consideravam-no bonito, sobretudo as que se julgavam desiludidas com o casamento, e as

raparigas que gostavam que os homens tomassem liberdades com elas... Simão sorria... Compreendiam, sem dúvida? Pois bem, Bentein andava sempre de atalaia para não ofender esse género de mulheres; falava-lhes, e arranjava uma reputação de vida pura. Mas aconteceu ser o rei Haakon varão bastante virtuoso, que desejava ter os seus homens disciplinados e com bons costumes, pelo menos os mais novos; os outros, não podia dispor deles. Todas as loucuras em que os moços podiam tomar parte às escondidas (orgias, jogos de dados e outras espécies de pândegas), o capelão da guarda do rei tinha sempre conhecimento disso, e os exaltados moços eram obrigados a confessar tudo, a pagar multa e a suportar severas reprimendas; dois ou três dos mais turbulentos chegaram a ser expulsos. Mas, por fim, descobriram que o manhoso do Bentein «secretarius» entrava também clandestinamente em todas as tabernas e nas piores casas; escutava as confissões das raparigas e dava-lhes a absolvição.

Cristina estava sentada ao lado da mãe; simulava comer para que ninguém desse fé do que ela sentia; a mão, porém, tremia-lhe tanto que derramava a sopa a cada colherada, e tinha a língua tão pesada e seca que nem podia engolir os pedaços de pão. Mas, quando Simão começou a falar de Bentein, a rapariga não pôde continuar a fingir que comia; apertou com as mãos o ângulo do banco onde se sentara, e o terror e a repugnância invadiram-na a ponto de ela ter vertigens e náuseas. Fora ele que o quisera — Bentein e Arne, Arne e Bentein. Aflita de impaciência, esperava que os outros acabassem de comer. Desejava ardentemente ver Arne, o belo semblante de Arne, queria abandonar-se ao seu desgosto, esquecer o resto.

Ragnfrid, quando a ajudou a pôr a capa, beijou a face da filha. Cristina estava agora tão pouco habituada às manifestações de ternura da mãe que aquela carícia a consolou. Encostou a cabeça no ombro de Ragnfrid, mas sem poder chorar.

Ao chegar ao pátio, viu que várias pessoas queriam partir com eles: Jon de Langarbru, Halvdan, Simão e o escudeiro. Foi-lhe extremamente penoso o facto de dois estranhos fazerem parte do grupo de viajantes.

O frio era tão penetrante naquela noite que a neve lhes estalava sob os pés; as estrelas cintilavam, unidas umas às outras, como cristais de geada no céu negro. Pouco haviam andado quando ouviram gritos, exclamações e furioso galope ao sul das planícies; no caminho, atrás deles, aproximava-se numa corrida doida um bando de cavaleiros. Passaram velozes com um barulho infernal de metais: os cavalos fumegantes e cobertos de geada salpicaram-nos de lama, forçando-os a cavalgar fora do caminho, sobre a neve. Halvdan apostrofou o grupo selvático. Era a gente moça das quintas do sul da aldeia; faziam ainda as digressões do Natal e andavam a experimentar os cavalos. Alguns deles, os mais ébrios, continuaram a corrida com grandes berros enquanto batiam nos escudos que levavam. Mas dois ou três perceberam a notícia que Halvdan lhes gritava; afastaram-se do bando, calaram-se e reuniram-se à comitiva de Lourenço, onde cochicharam com os homens que iam na extremidade da fila.

Depressa viram Finsbrekken, na encosta do outro lado do rio Sils. Havia claridade entre as casas — no meio do pátio tinham colocado archotes de resina num montículo de neve, e a luz da chama espalhava-se pela colina branca —, mas as habitações escuras pareciam revestidas de sangue coagulado. Uma das irmãs de Arne andava na rua e batia os pés no chão para os aquecer, muito embuçada na capa. Cristina beijou a pequena que tiritava banhada em lágrimas, e entrou. Sentia o coração pesado como uma pedra, e pareceu-lhe que tinha chumbo nas pernas quando subiu a escada do primeiro andar onde haviam posto Arne.

Sentiu logo, desde a porta, o som dos cânticos e o brilho das numerosas luzes acesas. A meio do quarto

encontrava-se o caixão onde o haviam trazido para casa, embrulhado num lençol; tinham colocado tábuas sobre cavaletes e assentado em cima o ataúde. À cabeceira via-se um padre moço a cantar, com um livro na mão. Em redor, estavam todos ajoelhados com os rostos escondidos em espessos mantos.

Lourenço acendeu o seu círio num dos que ardiam, fixou-o no candelabro e ajoelhou. Cristina quis fazer o mesmo mas não conseguiu segurar direito o círio que trazia; então Simão veio em seu auxílio. Enquanto o sacerdote recitou as orações, toda a gente ficou de joelhos, repetindo as palavras que ele dizia, num murmúrio que lhes saía com uma névoa da boca. Estava um frio glacial no aposento.

Depois que o padre fechou o livro e os outros se puseram de pé (eram numerosas as pessoas reunidas na câmara mortuária) Lourenço dirigiu-se para Inga. Esta olhava fixamente Cristina e nem parecia ouvir a voz de Lourenço; recebeu os presentes que Ragnfrid lhe mandava, mas dir-se-ia nada sentir nas mãos.

— Comparecestes aqui, tu e Cristina? — disse ela com voz estranha e sufocada. — Talvez queirais ver como me trouxeram o meu filho?

Mudou alguns círios, agarrou com a mão trémula o braço de Cristina e afastou o sudário da cara do morto. Estava duma lividez terrosa, e os lábios, cor de chumbo, entreabertos, deixavam ver os dentes iguais, finos e dum branco de marfim, com um sorriso irónico. Sob as pestanas compridas havia um leve brilho dos seus olhos apagados, e viam-se-lhe nas faces algumas manchas azuladas, sinais de pancadas ou de decomposição.

— Queres beijá-lo? — perguntou Inga no mesmo tom singular.

Cristina inclinou-se dòcilmente e pousou a boca no rosto do defunto. Estava húmido e frio como orvalho, e cheirava já a cadáver. Sem dúvida o calor das velas começava a decompô-lo.

Cristina ficou estendida, com as mãos sobre as tábuas do caixão, sem forças para se levantar. Inga afastou mais a mortalha, e a facada apareceu por cima da clavícula. Ela, então, voltou-se para os assistentes e disse com voz trémula:

— Vejo que é mentira o que o povo diz, que a ferida dum morto sangra quando lhe toca a pessoa que lhe tirou a vida. Aqui está o meu filho mais gelado e menos belo do que na última vez que o encontraste ali, no caminho. Percebo que não te agrada agora beijá-lo, mas ouvi dizer que nessa ocasião não lhe desdenhaste a boca.

— Inga — atalhou Lourenço aproximando-se —, enlouqueceste, para falar assim?

— Oh! Sois todos probos, em Joerundgaard! Tu, Lourenço Bjorgulfsoen, eras muito rico para que o meu filho se atrevesse a ter a ideia de pedir a mão da tua filha... e Cristina decerto também pensava que era boa de mais para isso. Mas não foi boa de mais para correr atrás dele de noite na estrada e se divertir com ele nos cantos mais isolados do bosque no dia da partida. Interroga-a e veremos se ousa negar. Arne jaz aqui morto por causa da desvergonha da tua filha.

Lourenço nada perguntou; voltou-se para Gyrd.

— Compete a ti moderar tua mulher. Está fora de si.

Cristina, porém, ergueu o rosto pálido e olhou em redor angustiadamente.

— Fui ao encontro de Arne na tarde da partida, porque ele mo pediu. Mas entre nós nada se passou que não fosse conveniente. — E, parecendo concentrar-se e tudo compreender, a rapariga gritou bem alto: — Não sei o que queres dizer, Inga. És livre de proferir falsidades a respeito de Arne que aqui jaz, mas nunca ele me seduziu nem me ultrajou.

Inga deu uma gargalhada.

— Não foi Arne? Então foi Bentein. Também não te divertiste com ele? Interroga Gunhild, Lourenço, que

foi quem lavou o fato sujo da tua filha, e interroga todos os que estavam na sala dos guardas do bispo na noite do Ano Novo, quando Bentein meteu Arne a ridículo por havê-la deixado partir e se ter deixado enganar. Ao regressar a casa, ela abafou Bentein com a sua capa e quis repetir o jogo...

Lourenço agarrou-a pelo ombro o pôs-lhe a mão na boca.

— Gyrd, manda-a sair. É uma vergonha falares dessa maneira junto do cadáver deste honrado rapaz. Mas estivessem todos os teus descendentes aqui mortos, eu é que não queria ficar a ouvir calúnias acerca da minha filha. És tu, Gyrd, quem há-de responder por tudo o que diz esta mulher demente.

Gyrd pegou na mão de Inga a fim de a levar para fora, mas, antes, disse a Lourenço:

— O que é certo é que Arne e Bentein falavam de Cristina quando o meu filho perdeu a vida. É provável que nada soubesses, mas bastante murmuraram na aldeia neste Outono.

Simão bateu com a espada na tábua mais próxima:

— Basta, criaturas! Procurai agora outro assunto de conversa que não seja a minha noiva. Reverendo, não vos podeis impor a esta gente, de forma a fazê-la respeitar as conveniências neste quarto mortuário?

O padre — Cristina reparou que era o filho mais novo de Ulvsvolden, que estivera em casa deles no Natal — abriu o livro e postou-se à cabeceira do ataúde. Lourenço, entretanto, declarou alto e bom som que todo aquele que tinha falado da filha, fosse quem fosse, havia de pagar caro as suas palavras.

— Tira-me então a vida — gritou Inga —, como essa me tirou toda a minha consolação e alegria, e casa-a com o filho do cavaleiro! Mas o povo bem sabe que ela pertenceu a Bentein na estrada. — Atirou a Cristina, por cima do caixão, o lençol que Lourenço lhe dera. — Não

preciso do linho de Ragnfrid para sepultar Arne. Faz dele um lenço para a tua cabeça ou guarda-o para esconderes o teu bastardo. E vai ajudar Gunhild a chorar o filho enforcado!

Lourenço, Gyrd e o padre agarraram Inga. Simão tentou levantar Cristina, que estava estirada sobre o caixão. Esta ergueu bruscamente os braços ao céu e gritou com voz forte:

— Deus meu salvador, vem em meu auxílio! Tudo isso é mentira!

Estendeu uma das mãos e pô-la em cima da luz que se encontrava mais ao seu alcance.

Dir-se-ia que a chama se inclinava e se queria afastar. Cristina percebia todos os olhos cravados em si. Pareceu-lhe que aquilo durava muito tempo. De repente, sentiu uma dor aguda na palma da mão e, soltando um grito estridente, tombou de costas no soalho.

Ela própria se julgava desmaiada, mas compreendeu que Simão e o padre a levantavam: Inga gritava. Viu o rosto aterrado do pai e ouviu o sacerdote dizer que ninguém devia ter em conta aquela prova — não se pode invocar assim o testemunho de Deus! Depois, Simão levou-a e desceu a escada. Um homem correu à estrebaria e logo a seguir Cristina foi instalada, ainda meio desfalecida, na frente da sela do cavalo de Simão, e embrulhada na capa deste; dirigiram-se então a toda a brida para a aldeia.

Estavam quase em Joerundgaard quando Lourenço se lhes reuniu. O resto da comitiva vinha mais atrás com um rumor distante.

— Não digas nada a tua mãe — aconselhou Simão ao apear Cristina à porta de casa. — Muita tolice ouvimos esta noite; não é de admirar que perdesses, por fim, os sentidos.

Ragnfrid ainda não dormia quando eles entraram, e perguntou-lhes como tudo decorrera na sala da vigília.

Simão tomou a palavra e respondeu por todos. Sim, havia muitas luzes e numerosas pessoas. Sim, estava lá um padre — Tormod de Ulvsvolden. Quanto a Sira Erik, souberam que partira justamente nessa tarde, a cavalo, para Hamar, e, por causa disso, surgia um obstáculo para o enterro.

— Havemos de mandar dizer uma missa pelo Arne — disse Ragnfrid. — Deus dê forças a Inga! Tem tido duras provações, coitada da mulher!

Lourenço continuou a cantilena que Simão começara e, daí a pouco, lembrou que era tempo de se irem deitar «porque Cristina está fatigada e acabrunhada pelo desgosto».

Daí a momentos, logo que Ragnfrid adormeceu, Lourenço cobriu-se com a capa e foi sentar-se à beira do leito da filha. Na obscuridade encontrou a mão de Cristina e disse-lhe docemente:

— Quererás confessar-me agora, minha filha, o que há de verdade e de mentira nas intrigas de Inga?

Soluçando, Cristina contou o que acontecera na tarde em que Arne partira a cavalo para Hamar. Lourenço não fez comentários. Então a rapariga sentou-se na cama, lançou os braços em volta do pescoço do pai e disse, num queixume:

— Fui eu a causa da morte de Arne; é certo o que Inga dizia.

— Arne é que te pediu a entrevista — retorquiu Lourenço, puxando a coberta para os ombros nus da filha. — Houve imprudência da minha parte em vos deixar ver tão assiduamente, mas julgava que o rapaz fosse mais ajuizado. Não vos censurarei... compreendo que estas coisas te são difíceis de suportar. Nunca pensei que uma das minhas filhas tivesse má reputação na aldeia, e tua mãe sofrerá muito quando souber tudo isto. Mas que te fosses confiar a Gunhild e não a mim naquela conjuntura

é que é tão absurdo que não chego a perceber como procedeste tão tolamente.

— Não tenho coragem de ficar mais tempo na aldeia — disse Cristina a chorar. — Já não me atrevo a ver a gente de Romundgaard e de Finsbrekken, depois do mal que lhes causei.

— Gyrd e Sira Erik deverão fazer com que todas essas mentiras a teu respeito sejam enterradas com Arne. Aliás, será Simão Andressoen o teu melhor defensor — observou Lourenço acariciando-a na sombra. — Não achas que ele enfrentou o caso com nobreza e sensatez?

— Pai — disse Cristina apertando-o de encontro a si e suplicando com voz angustiada e terna —, pai, manda-me para o convento. Talvez que Ulvhild recupere a saúde se eu for em seu lugar. Lembras-te dos sapatos que lhe bordei a pérolas, no Outono? Piquei os dedos a pontos de me enfurecer e sangrei tanto por causa do fio de ouro que era cortante! Se os bordei até ao fim foi por achar que era injusto da minha parte eu não gostar bastante de minha irmã para me fazer freira e assim auxiliá-la. Um dia, Arne interrogou-me sobre esse assunto. Se eu tivesse dito que sim, nada disto teria acontecido!

Lourenço abanou a cabeça.

— Deita-te — pediu ele —, nem mesmo sabes o que dizes, minha pobre filha. Experimenta, agora, dormir.

Cristina, entretanto, sofria com a queimadura da mão, e a ideia do seu destino punha-lhe em sobressalto o coração amargurado. Não teria sido pior para si se fosse a maior das pecadoras; e era decerto o que todos a julgavam. Não, não podia, não podia ter a coragem de ficar na aldeia. Assaltavam-na terrores sucessivos. Quando a mãe soubesse! Havia agora sangue entre eles e o pároco, inimizade entre aqueles que sempre haviam sido amigos. Mas a pior tortura era pensar em Simão, como ele a agarrara e a trouxera, vigiando-a e dispondo dela como

se fosse propriedade sua. O pai e a mãe apagavam-se perante o futuro genro; dir-se-ia que a filha pertencia mais a Simão do que a eles!

Cristina evocava o rosto de Arne na capela, frio e terrível. Recordava-se de ter visto uma sepultura aberta à espera dum morto, na última vez que saíra da igreja. Sobre a neve estavam espalhados torrões de terra arrancados pela enxada, duros e compactos, cinzentos como ferro. Fora até ali que acompanhara Arne.

Lembrou-se, de súbito, duma tarde de Verão, havia muitos anos. Estava numa varanda de Finsbrekken, naquele mesmo quarto onde tombara desfalecida. Arne jogava à bola com outros rapazinhos no pátio, e a bola, arremessada com violência, viera cair junto dela. Escondera-a atrás das costas e não a restituíra a Arne quando este a veio buscar. Então o mocinho quisera tirá-la à força. Haviam lutado na galeria e, depois, no interior do sótão, no meio das arcas. Na perseguição, batiam com a cabeça nos sacos de pele que estavam lá dependurados, cheios de roupa. O que eles tinham rido, como haviam andado aos rolões por causa daquela bola!

Só agora se convencia de que Arne morrera, que era uma realidade ter ele desaparecido; nunca mais veria o seu rosto belo e franco, nem lhe sentiria o calor da mão. Fora tão criança e insensível que não reflectira quanto devia custar a Arne a ideia de a perder. Cristina chorava amarguradamente e achava que merecera a sua sorte. Mas, em seguida, pensava em tudo o que a esperava ainda, e então as lágrimas corriam-lhe abundantes porque lhe parecia excessivamente duro o castigo que devia suportar.

Foi Simão quem narrou a Ragnfrid o que se passara na câmara ardente em Brekken na noite anterior. Não contou mais do que o necessário. Mas Cristina estava tão excitada pelo desgosto e pelas noites de insónia que ficou extremamente irritada contra ele pelo facto de poder falar

de tudo aquilo como se não fosse um caso terrivel. Por outro lado, sentia-se contrariada por ver que os pais permitiam que Simão procedesse como dono da casa.

— Não acreditas em nada disso, Simão? — perguntou Ragnfrid com ansiedade.

— Não acredito — respondeu Simão. — E julgo que ninguém crê. Conhecem-vos e a esse Bentein, mas neste cantinho isolado não há muito assunto, não é verdade? È muito natural que gostem de inventar histórias. Vamos ensinar-lhes que a reputação de Cristina é preciosa de mais para estes rústicos. Foi pena que ela se assustasse com a grossaria de Bentein e não vos procurasse imediatamente ou se fosse queixar a Erik. Tenho a impressão que esse libidinoso teria declarado com alegria que nunca pensara em nada de pior do que uma inocente brincadeira se tu, Lourenço, tivesses tido uma conversa com ele...

Os pais acharam razão no que Simão dizia. Cristina, contudo, gritou, desesperada:

— Lançou-me por terra, sim. Não sei ao certo o que ele me fez. Eu estava absolutamente fora de mim; não me lembro de mais nada. Talvez que Inga tenha razão. O que sei é que desde então nunca mais houve um dia que me sentisse bem ou feliz.

Ragnfrid desatou aos gritos com as mãos erguidas para o céu; Lourenço, de repente, pôs-se de pé. A fisionomia de Simão alterou-se; olhou atentamente para Cristina e, aproximando-se, levantou-lhe a cara, segurando-lhe no queixo. Depois, disse a sorrir:

— Deus te abençoe, Cristina. Recordar-te-ias bem disso se ele te houvesse feito alguma coisa. Não é de espantar que ficasse preocupada e doente desde aquela horrível tarde que tanto terror lhe causou, ela que, antes, só encontrara bondade e benevolência — acrescentou Simão dirigindo-se aos outros. — Quem tiver olhos, se não for maldoso ou prefira acreditar no mal em vez do bem, verá que ela é uma donzela e não uma mulher.

Cristina ergueu a vista para os olhinhos confiantes do noivo e estendeu um pouco os braços; sentia desejos de o beijar.

— Não julgues, Cristina — disse ele —, não julgues que não esquecerás tudo isso. A minha intenção não é a de nos instalarmos logo em Formo para que nunca saias do vale. Ninguém tem a mesma cor de cabelo nem o mesmo humor com o tempo de chuva e de sol, dizia o velho rei Sverre quando acusavam os seus soldados de se tornarem orgulhosos pelas vitórias.

Lourenço e Ragnfrid sorriam — era divertido ouvir um rapaz a se dar ares de velho bispo. Simão acrescentou:

— Seria bastante impróprio que eu me pusesse a dar lições, a ti que vais ser meu sogro, mas posso talvez dizer que eu e minhas irmãs fomos educados mais severamente; nunca tivemos a liberdade de brincar com os servos da casa como era hábito de Cristina. Minha mãe declarava sempre: quem brinca com os filhos dos miseráveis tem probabilidades de apanhar piolhos na cabeça. E, no caso actual, é um pouco assim.

A isto, Lourenço e Ragnfrid nada responderam. Mas Cristina voltou as costas e foi-se embora. Passara por completo o desejo que, um momento antes, tivera de se lançar ao pescoço de Simão Darre.

Perto do meio-dia, Lourenço e Simão foram buscar os seus *skis* e saíram a fim de ver algumas armadilhas na colina. O sol brilhava agora e o tempo já não estava tão frio. Os dois homens acharam delicioso fugir às preocupações domésticas e às lágrimas e foram andando até ao cimo da montanha escalvada.

Sentaram-se junto dum talude e aí comeram e beberam; depois, Lourenço aludiu a Arne; estimara muito aquele rapaz. Simão fez o elogio do defunto e disse que não era de admirar que Cristina chorasse o irmão colaço. Então Lourenço sugeriu a ideia de adiar o casamento,

pois talvez fosse melhor deixá-la descansar algum tempo antes da boda. A filha dera-lhe a entender que gostaria de estar alguns meses no convento.

Simão estirou-se no chão e pôs-se a assobiar.

— Não te agrada o projecto? — perguntou Lourenço.

— Agrada, sim! — respondeu vivamente Simão. — Parece-me óptima ideia, meu caro sogro. Manda-a para casa das Irmãzinhas de Oslo durante um ano. Ela aí aprenderá como as pessoas falam umas das outras no mundo. Conheço várias raparigas que estão lá — disse ele rindo. — Essas não desmaiariam nem morreriam de desgosto se dois doidos bulhassem por causa delas. Não é que eu quisesse ter por mulher uma rapariga desse género, mas julgo que haverá vantagens no facto de Cristina ver novas caras.

Lourenço guardou o resto da comida no alforje e retorquiu sem olhar para o rapaz:

— Parece-me que estás enfeitiçado por Cristina.

Simão sorriu e, sem o fitar, replicou com ar embaraçado:

— Posso dizer-te que a compreendo... e que te compreendo também... Nunca encontrei outra com quem preferisse casar — acrescentou ele, levantando-se e agarrando nos *skis*.

Ainda não estavam na Páscoa, e os trenós podiam seguir pelo vale e atravessar o lago Mjoes quando Cristina partiu pela segunda vez para o Sul. Simão voltou a Joerundgaard a fim de a acompanhar ao convento. A rapariga foi de trenó com o pai e com o noivo, embrulhada numa peliça. Atrás iam os companheiros e um trenó de carga que levava o baú com a sua roupa e as ofertas de alimentos e de peles destinadas à abadessa e às freiras de Nonneseter.

PARTE SEGUNDA

A COROA

I

A barca de Aasmund Bjoergulfsoen, que os levava para o convento, passou em frente da ponte de Hovedoe numa manhã de domingo do fim de Abril: os sinos do mosteiro tocavam e, para além da baía, respondia o som dos sinos da cidade, mais forte ou mais fraco conforme o vento o trazia.

O céu parecia mais alto e nuvenzinhas claras e estriadas espreguiçavam-se na atmosfera azul; o sol brilhava inquieto na água agitada. As margens mostravam-se absolutamente primaveris, com as terras quase limpas de neve, e havia sombras azuladas e uma claridade de ouro na folhagem das matas. Todavia, o gelo cintilava nos pinheirais das encumeadas que rodeavam, como o bocal dum poço, a aldeia de Aker, e nas montanhas distantes e aniladas, a oeste do fiorde, viam-se ainda grandes traços brancos.

Cristina ia à proa do barco com o pai e com Gyrid, mulher de Aasmund. Olhava para a cidade, reparando em todas as igrejas claras e nas casas de pedra que se elevavam acima dos inúmeros jardins sombrios e do topo das árvores despojadas de folhas. O vento fazia-lhe tremular a capa e despenteava-lhe os cabelos, que lhe saíam do capuz.

Na véspera, em Skog, haviam soltado o gado, e Cristina sentira pena de não poder fazer o mesmo na sua casa de Joerundgaard. Muito tempo se passaria antes que lá deixassem sair os animais. Com ternura e compaixão lembrava-se das vacas que emagrecem nos estábulos

escuros durante o Inverno; deviam esperar ainda pacientemente. E Cristina tinha saudades da mãe, de Ulvhild que, nos últimos anos, todas as noites dormira nos seus braços, da pequenina Ramborg, dos servos da casa e até dos cavalos e dos cães — especialmente de *Kortelin* que, na sua ausência, pertencia a Ulvhild. Recordava-se dos açores do pai enfileirados no poleiro com as cabeças encapuzadas. Perto deles estavam dependuradas as luvas de pele de cavalo que os homens costumavam calçar quando levavam sobre o punho aquelas aves, e as varinhas de marfim para lhes bater.

Dir-se-ia haverem desaparecido todas as tristezas do passado Inverno; só se lembrava do lar como ele fora antes disso. Tinham-lhe dito que, na aldeia, ninguém pensava mal dela. Sira Erik mostrava-se incrédulo; andava irritado e desgostoso pelo que Bentein fizera. Este deixara Hamar; dizia-se que fugira para a Suécia. E, afinal, entre eles e os vizinhos, tudo decorrera melhor do que Cristina receara.

No trajecto haviam sido hóspedes de Simão, e ela conhecera a mãe e os irmãos dele; o cavaleiro André estava ainda na Suécia. Cristina não gostara da estada em casa do noivo e a sua antipatia pelos moradores de Dyfrin era ainda mais estranha pelo facto de nada a justificar a seus olhos. Pelo caminho, Cristina dissera com os seus botões que eles não possuiam motivo algum para serem orgulhosos e se considerarem superiores à família dela; ninguém sabia nada de Reidar Darre, soldado das «grevas de casca de bétula», antes de o rei Sverre lhe ter dado em casamento a viúva do senhor de Dyfrin. Mas não eram orgulhosos e Simão até comentara, uma noite, a respeito do seu antepassado:

— Estou convencido que devia ter sido fabricante de pentes; como vês, vais fazer parte duma família real.

— Toma cuidado com o que dizes, meu rapaz — observara a mãe.

E todos riram.

Cristina sentia estranho mal-estar quando pensava no pai, que dava gargalhadas por qualquer gracejo de Simão; suspeitou que ele talvez houvesse desejado ter oportunidade de rir mais durante a sua vida... Mas a rapariga aborrecia-se por Simão o tornar tão alegre.

Tinham passado em Skog as festas da Páscoa. Cristina percebeu que o tio era um patrão cruel para os criados e para os camponeses. Compreendera isso quando estes se informaram da mãe e falaram afectuosamente de Lourenço; viviam muito melhor quando eles ali moravam. A mãe de Aasmund, madrasta de Lourenço, habitava a quinta, numa casa à parte; não era muito velha, mas enfermiça e decrépita. Lourenço raramente falava dela em casa. Um dia em que Cristina lhe perguntou se a madrasta era má para ele, respondeu-lhe:

— Nunca me fez bem nem mal.

Cristina pegou na mão do pai e este apertou a da filha:

— Hás-de ser feliz junto das dignas freiras. Terás outras coisas em que pensar que não te deixarão ter saudades nossas e da tua casa.

Navegavam tão perto da cidade que vinha dos cais até eles o cheiro do alcatrão e do peixe salgado. Gyrid ia designando as igrejas, as quintas e as praças que se destacavam acima da água. Cristina já ali estivera, mas não reconhecia nada, excepto as pesadas torres de Santo Halvard. Vogaram na direcção do oeste até ao fim da cidade e acostaram ao pontão do mosteiro.

Entre o pai e o tio, Cristina contornou uma imensidade de barquinhos de pesca e daí seguiu por um caminho que subia através das terras. Atrás deles vinham Gyrid e Simão. Os criados ficaram para ajudar os homens do convento a carregar as bagagens num carro.

Nonneseter e Leiran estavam situados aquém dos

limites da cidade, e ao longo da estrada só havia algumas casas dispersas. Por cima da cabeça dos viajantes as calhandras soltavam trinados no céu azul-pálido; abundavam florinhas amarelas nas colinas de argila lívidas, mas junto das sebes a erva despontava muito verde.

Quando, pela porta principal, entraram no claustro, as freiras vinham todas em procissão da igreja, donde saíam os sons de cânticos e de música.

Com o coração oprimido, Cristina olhava para aquelas mulheres vestidas de negro com uma tira de linho branco em volta do rosto. A rapariga inclinou-se profundamente, os homens fizeram uma vénia com o chapéu encostado ao peito. Atrás das freiras vinha um grupo de jovens — algumas eram ainda crianças — com túnicas de burel duma só cor amarradas na cintura por fitas pretas e brancas, e com os cabelos presos, em duras tranças sobre a nuca, por laços iguais aos cintos. Cristina tomou involuntàriamente um ar altivo enquanto as via desfilar, porque se sentia intimidada e receava parecer uma aldeã estúpida.

Ficou surpreendida pelo magnífico aspecto do mosteiro. Todos os edifícios que davam para o pátio interior eram de pedra cinzenta; do lado norte, sob o telhado duplo, a igreja enorme elevava-se acima das outras casas, e, na extremidade ocidental, havia uma torre. O pátio era pavimentado com lajes; em toda a volta do claustro, lindas colunas suportavam o tecto; no meio, uma *Mater misericordiae* de pedra estendia o manto sobre algumas figuras ajoelhadas.

Uma Irmã-conversa aproximou-se e convidou-os a acompanharem-na ao parlatório da abadessa. Madre Groa Guttomsdatter era uma senhora idosa, alta e imponente, que seria bonita se não tivesse tantos pêlos em redor da boca. A voz profunda assemelhava-se à dum homem. Mostrava, no entanto, um ar amável; disse a Lourenço que conhecera os pais dele e perguntou por Ragnfrid e

pelas outras filhas. Por fim, dirigiu amigàvelmente a palavra a Cristina:

— Ouvi dizer muito bem de ti, e pareces-me inteligente e bem educada; não nos darás, com certeza, nenhum motivo de aborrecimento. Soube que estás prometida a esse homem excelente e bem nascido que aqui vejo, Simão Andressoen. É uma boa ideia a que teu pai e teu noivo tiveram de te deixar habitar algum tempo a casa da Virgem Maria para aprenderes a obedecer e a servir antes de estares em situação de governar, de mandar. Há uma coisa que posso já infundir no teu espírito: deves procurar alegria na oração e nos serviços divinos, e habituares-te a pensar, em todas as circunstâncias da tua vida, no teu Criador, na doce Mãe de Deus e nos santos que nos deram o melhor exemplo de força, de lealdade, de constância e de todas as virtudes que terás a obrigação de patentear quando dirigires a casa e os criados e educares os filhos. Aprenderás também aqui que devemos dividir bem o tempo, porque cada hora tem o seu emprego e ocupação. Muitas mulheres gostam de ficar na cama até tarde, de se demorarem na mesa à noite, de prolongarem conversas fúteis. Parece-me que não és dessas. Mas podes, neste ano, saber coisas que te serão úteis tanto aqui como noutro lugar.

Cristina curvou-se e beijou-lhe a mão. Em seguida, Madre Groa pediu à rapariga que acompanhasse uma velha religiosa extremamente corpulenta, a quem ela chamava Sóror Potenciana, até ao refeitório das freiras. Quanto aos homens e à Sr.ª Gyrid, convidou-os a almoçar com ela noutro aposento.

O refeitório era uma bela sala de chão lajeado e de janelas ogivais envidraçadas. Uma porta dava para outro compartimento onde, pelo sol que lá brilhava, Cristina julgou haver também janelas com vidros.

As freiras estavam à mesa e esperavam a refeição — as mais velhas sentadas num banco de pedra guarnecido

de coxins, encostado à parede, as monjas mais novas e as jovens de cabeça descoberta e vestido de burel claro num banco de madeira em frente da mesa. Na sala contígua havia outra mesa para os principais, entre a dos encarregados dos mantimentos e a dos conversos; no meio destes viam-se alguns velhos. Esses não usavam o uniforme do convento mas sim fato escuro e decente.

A Irmã Potenciana indicou um lugar a Cristina na extremidade do banco, e foi-se sentar ao lado da alta cadeira da abadessa, que estava vazia.

Todos se ergueram nas duas salas quando as freiras recitaram o *benedicite*. Em seguida, uma monja nova e bonita avançou para uma estantezinha colocada no vão da porta entre aqueles aposentos e aí se conservou de pé. Enquanto duas Irmãs-conversas traziam os alimentos e a bebida para a sala onde Cristina estava e duas das religiosas mais moças serviam os principais, a freira leu com voz nítida e bela, sem uma pausa, sem uma palavra balbuciada, a narrativa de Santa Teodora e de São Dídimo.

Ao princípio, Cristina quisera mostrar como se portava bem à mesa, porque viu que as monjas e as educandas estavam ali com tanta elegância e comiam com tanta graça como se tomassem parte no mais sumptuoso banquete. Havia abundância de boas iguarias e de bebidas, mas todas se serviam com moderação e só tocavam na comida com a ponta dos dedos; ninguém derramava sopa na toalha nem nos vestidos, e cortavam a carne em bocadinhos tão pequenos que não sujavam a boca; mastigavam com muita precaução e não se ouvia nenhum barulho.

Cristina suava de angústia por não conseguir patentear maneiras tão polidas como as das outras; sentia-se também pouco à vontade por se ver vestida de cor no meio daquelas mulheres de negro e de branco. Depois, como quisesse comer um pedaço de carneiro e segurasse

o osso entre dois dedos enquanto cortava a carne com a mão direita, esforçando-se por se servir da faca com destreza e elegância, fez um movimento em falso; o pão e a carne foram projectados sobre a toalha, mas a faca caiu, telintando nas lajes do chão.

Na sala silenciosa aquilo produziu grande ruído. Cristina tornou-se carmesim e inclinou-se a fim de apanhar a faca, mas uma Irmã-conversa, com os pés calçados de sandálias, veio sem rumor algum e levantou tudo. Cristina não se atreveu a comer mais. Percebia que se ferira num dedo e receava tanto manchar de sangue a toalha, que ficou com a mão enrodilhada na saia, — com a certeza de que estava a sujar o belo vestido azul-claro que lhe haviam dado para a viagem a Oslo. Ficou de cabeça baixa sem ousar erguer os olhos.

No entanto, um pouco mais tarde, começou a prestar atenção ao que a freira lia. «Como o chefe não pudesse abalar a firmeza da jovem Teodora — que não queria adorar os ídolos nem casar — ordenou que a levassem para um prostíbulo. Pelo caminho incitou-a ainda a lembrar-se da sua raça de cidadãos livres e dos honrados pais sobre quem pesaria agora eterna vergonha, e prometeu-lhe que viveria em paz e ficaria virgem se acedesse em entrar para o serviço duma deusa pagã que se chamava Diana.

«Sem temor, Teodora respondeu: — A castidade é como uma candeia, mas o amor de Deus é a chama; se eu servisse o demónio feminino a quem denominais Diana, a minha castidade não teria mais valor do que uma candeia enferrujada sem chama e sem azeite. Dizeis-me que nasci livre, mas todos nós nascemos escravos desde que os nossos primeiros pais se venderam ao diabo; Cristo resgatou-me; tenho o dever de O servir e por isso não me posso aliar aos seus inimigos. Ele protegerá a sua serva, mas se, pelo contrário, quer que me despedaceis o corpo, que é o templo do seu divino espírito, isso não me

será imputado como uma vergonha enquanto eu não consentir em trocar o meu Deus pelos seus inimigos.»

Cristina principiou a sentir o coração palpitar porque, de certa maneira, aquilo assemelhava-se ao seu encontro com Bentein. Surgiu-lhe a ideia de que talvez fosse culpada, pois nem um instante pensara em Deus ou implorara o seu auxílio...

Sóror Cecília continuava a ler a história de São Dídimo. «Era um cavaleiro cristão, mas até esse momento conservava secreta para todos a sua fé cristã, excepto para alguns amigos. Foi à casa onde a jovem estava encerrada, deu dinheiro à proprietária e só então obteve consentimento para entrar no quarto de Teodora. Esta fugiu para um canto como uma lebre assustada, mas Dídimo saudou-a como a uma irmã e como à esposa do Senhor e declarou-lhe que viera para a salvar. E, ao falar com ela um instante, disse: um irmão não deve arriscar a vida pela honra da irmã? Por fim, Teodora fez o que o cavaleiro lhe pedia: trocou o fato pelo dele e deixou acolchetar em si a couraça de Dídimo; ele desabou-lhe o chapéu para os olhos, envolveu-a bem na capa e disse-lhe que saísse de cara tapada como um rapaz envergonhado de haver estado em semelhante lugar.»

Cristina pensava em Arne e a custo retinha as lágrimas. Com os olhos muito abertos e húmidos ouvia a freira ler o final: «Dídimo foi levado ao suplício; Teodora acorreu à montanha, lançou-se aos pés do carrasco e pediu-lhe que a matasse em lugar dele. Os dois piedosos personagens disputaram então entre si a palma do martírio: foram decapitados no mesmo dia, em 28 de Abril do ano 304 depois de Cristo, em Antioquia, segundo nos conta Santo Ambrósio.»

Quando se levantaram da mesa, Sóror Potenciana aproximou-se de Cristina e deu-lhe uma palmadinha amigável na face:

— Parece-me que estás com saudades de tua mãe.

As lágrimas que a rapariga até aí retivera deslizaram-lhe pela cara, mas a freira fingiu não as ver e levou Cristina para a dependência onde ela devia ficar.

Era numa das casas de pedra do claustro; a sala, muito bonita, tinha janelas envidraçadas e uma grande chaminé no pano de parede mais pequeno. Num dos lados do quarto viam-se alinhados seis leitos de madeira, e, noutro, todos os baús das educandas.

Cristina gostaria de dormir com uma das mais pequenas, mas a Irmã Potenciana chamou uma rapariga já crescida, loura e gorducha.

— Eis aqui Ingebjoerg Filippusdatter, que será a tua companheira de cama. Travai conhecimento uma com a outra.

E a freira afastou-se.

Ingebjoerg pegou logo na mão de Cristina e principiou a tagarelar. Não muito alta, era bastante gorda, principalmente de rosto. Os olhos pareciam pequeninos naquela cara muito cheia. Mas tinha a pele clara e rosada, e os cabelos cor de ouro eram tão frisados que as bastas tranças se enroscavam como cordas e por baixo da faixa que lhe envolvia a testa escapavam-se caracolinhos rebeldes.

Cumulou Cristina de perguntas mas sem nunca esperar pelas respostas. Em compensação falou muito de si, vangloriando-se de toda a família — só havia pessoas eminentes e muito ricas. Estava noiva dum homem de haveres e de grande influência, Einar Einarssoen, que era muito velho e duas vezes viúvo: isso desgostava-a mais do que tudo, dizia ela. Todavia Cristina não notou no seu aspecto que esse facto lhe fosse penoso. Em seguida, Ingebjoerg falou um pouco de Simão Darre; era estranho como ela o observava quando haviam passado um pelo outro no claustro. Por fim, a rapariga quis ver o baú de Cristina, mas principiou por abrir o seu e mostrar todos os vestidos que possuía. Enquanto as duas

vasculhavam os baús, entrou a Irmã Potenciana. Ralhou-lhes, dizendo que aquilo não era um passatempo conveniente para o domingo. Cristina sentiu-se de novo infeliz; nunca fora repreendida senão pela mãe, e era muito diferente ser admoestada por um estranho.

Ingebjoerg nada perdera da sua alegria. À noite, na cama, não cessou de falar a Cristina até esta adormecer. Duas velhas Irmãs-conversas dormiam num canto da sala; deviam tomar cuidado nas educandas para que não tirassem as camisas durante a noite, pois era contrário aos regulamentos que se despissem completamente; estavam também encarregadas de fazer com que elas se levantassem para o cântico das oito horas na igreja. De resto, não se preocupavam com mais coisa alguma e fingiam não perceber nada se as raparigas tagarelavam ou comiam gulodices que tinham escondidas nos baús. Quando Cristina acordou na manhã seguinte, Ingebjoerg estava já em pleno monólogo, de tal forma que a outra perguntou a si própria se ela teria falado a noite inteira.

II

OS mercadores que negociavam em Oslo durante o Verão vinham à cidade na Primavera por altura da Invenção da Santa Cruz, isto é, dez dias antes de Santo Halvard. Para assistir a essa festa o povo aflui de todas as aldeias situadas entre o lago Mjoes e Landemerk, e em tal quantidade que, na cidade, há um movimento enorme nas primeiras semanas de Maio. Era o melhor momento para fazer compras aos forasteiros, antes que eles tivessem vendido a maior parte das mercadorias.

Sóror Potenciana fora encarregada das compras em Nonneseter e, na véspera de Santo Halvard, prometera a Ingebjoerg e a Cristina que elas a acompanhariam à cidade. Mas, por volta do meio-dia, um dos parentes da Irmã Potenciana chegou ao convento para a visitar; ficou, pois, impedida de sair nesse dia. Ingebjoerg, depois de muitas súplicas, obteve licença de ir sózinha com Cristina — embora isso fosse contra os regulamentos. Por escolta deram-lhes um velho camponês que servia no convento: chamava-se Haakon.

Havia três semanas que Cristina estava em Nonneseter, e durante todo esse tempo não saíra do claustro e dos jardins do mosteiro. Ficou absolutamente surpreendida ao ver quanto a paisagem se mostrava primaveril. Nas matas a folhagem apresentava-se dum verde tenro, e inúmeras anémonas brancas formavam como que um

tapete junto aos troncos claros. Para além do fiorde elevavam-se nuvens brilhantes prenunciadoras de bom tempo, e a água límpida, azul, enrugava-se ao sopro da brisa.

Ingebjoerg, saltitante, apanhava punhados de folhas das árvores e aspirava-as, fitava as pessoas que encontravam, mas Haakon repreendia-a: era decente comportar-se daquela forma uma menina de boa família, que ainda por cima usava o trajo conventual? As raparigas tiveram de caminhar de mãos dadas atrás dele, silenciosas e circunspectas, mas nem por isso Ingebjoerg deixou de mover os olhos e a boca, pois Haakon era um tanto surdo. Cristina recebera o hábito das noviças — vestido de burel cinzento pálido, cinto de lã, faixa para a cabeça e uma capa azul-escura com um capuz onde os cabelos entrançados deviam ficar completamente escondidos. Haakon ia em frente delas, levando na mão um grande bordão com maçaneta de cobre. Envergava fato negro e comprido, e tinha um *Agnus Dei* de chumbo que lhe pendia sobre o peito e uma imagem de São Cristóvão no chapéu. A barba e os cabelos brancos muito bem penteados brilhavam ao sol como prata.

A parte alta da cidade, desde a colina do mosteiro até ao centro, era uma região tranquila; ali não havia lojas nem estalagens; as quintas pertenciam na sua maioria a indivíduos importantes das aldeias próximas, e as casas apresentavam nas fachadas empenas de madeira escura e sem janelas. Contudo, nesse dia, circulava muita gente naquela ruazinha, e os criados debruçavam-se nos muros das quintas a conversar com os transeuntes.

Quando chegaram à cidade viram uma multidão na praça que ficava em frente da igreja de Santo Halvard e do convento de Santo Olavo. Havia barracas armadas sobre a relva, e saltimbancos que faziam saltar cães adestrados através de arcos. Haakon, porém, não consentiu que as raparigas se detivessem a olhar, nem deixou Cris-

tina entrar na igreja. Alegou que seria muito mais divertido para ela adiar essa visita para a festa solene.

Junto do adro da igreja de São Clemente, Haakon levou-as pela mão, pois ali havia grande aglomeração de gente que vinha do cais e das ruas ladeadas de casas de comércio. As raparigas tencionavam ir a Miklegaard, onde se encontravam os sapateiros, porque, embora Ingebjoerg achasse muito bons e bonitos os vestidos que Cristina trouxera de casa, dizia que o calçado feito na aldeia deixava muito a desejar. E, como Cristina vira vários pares de sapatos de procedência estrangeira que a outra possuía, queria comprar uns iguais.

Miklegaard era um dos maiores domínios de Oslo. Estendia-se do cais até à rua dos Sapateiros, com mais de quarenta casas em volta de dois grandes pátios onde tinham armado barracas de linhagem. Por cima das lojas improvisadas elevava-se a estátua de São Crispim. Havia ali grande concorrência de pessoas que faziam compras, de mulheres que iam e vinham das padarias com panelas e baldes nas mãos, garotos que se metiam entre as pernas dos transeuntes, cavalos que os homens faziam entrar ou sair nas estrebarias, caixeiros que levavam e traziam fardos dos depósitos. Em cima, na galeria onde se vendiam as mercadorias mais finas, sapateiros e moços de loja gritavam às raparigas e mostravam-lhes sapatinhos de cores, bordados a ouro.

Ingebjoerg, entretanto, correu para o barracão do sapateiro Didrek. Era um alemão casado com uma norueguesa e que possuía uma casa em Miklegaard.

O velho estava a negociar com um homem envolvido numa capa de viagem e de espada à cinta, mas Ingebjoerg avançou desembaraçadamente e disse:

— Senhor, dar-nos-eis licença de falar sem demora a Didrek? Devemos estar no nosso convento para as vésperas. Talvez tenhais menos pressa?

O homem cumprimentou e afastou-se. Didrek deu

uma cotovelada em Ingebjoerg e perguntou-lhe a rir se costumavam dançar tanto no mosteiro que já tivesse por isso rompido todo o calçado que lhe comprara no ano anterior.

Ingebjoerg bateu por sua vez com o cotovelo no velho e respondeu que, graças a Deus, os sapatos não estavam ainda estragados, mas aquela menina desejava uns — e ela chamou por Cristina. Didrek e o caixeiro trouxeram então uma arca donde tiraram lindos sapatos. Cristina teve de se sentar num baú para os experimentar. Havia-os brancos, castanhos, escarlates, verdes, azuis, uns com salto de madeira, outros de sola rasa, com fitas de seda, de presilhas, de cabedal de duas e três cores. Cristina não sabia quais escolher. Mas eram tão caros que ficou realmente assustada; nenhum par custava menos do que uma vaca na aldeia dela. À partida, o pai dera-lhe uma bolsa com certa quantia de prata amoedada — devia ser o dinheiro para as suas despesas pessoais, e Cristina achara que era uma grande riqueza. Mas percebia que, na imaginação de Ingebjoerg, pouca coisa se poderia adquirir com isso.

Ingebjoerg quis também experimentar o calçado, só por prazer. «Não custa nada», disse Didrek rindo. Acabou ela por comprar um par de sapatos verdes com salto vermelho. Levava-os a crédito, mas Didrek conhecia-a, a ela e à família.

Todavia, Cristina percebeu que o sapateiro não gostava muito disso e que estava contrariado pelo facto de o viajante de capa se ter ido embora — pois as provas que elas faziam tinham demorado muito tempo. Escolheu ela então um par de sapatos rasos, de fino cabedal azul com reflexos purpúreos e ornados de prata e de pedras rosadas. Embirrava, porém, com os cordões de seda verde. Didrek propôs substituí-los e levou as duas jovens para um quarto do fundo da casa. Havia lá um baú cheio de fitas acetinadas e de fivelas de prata — coisas que os

sapateiros, a falar verdade, não tinham o direito de vender. E as fitas eram muito largas e as fivelas excessivamente avantajadas para usar em sapatos.

Tiveram de comprar várias daquelas frioleiras; e, depois de haverem bebido com Didrek um pouco de vinho doce e de ele lhes ter embrulhado as compras num pedaço de burel, era já bastante tarde e a bolsa de Cristina estava muito mais leve.

Quando tornaram à rua do Leste, o sol dourava tudo e o movimento na cidade levantara uma poeira que enchia o ar como uma névoa seca. O tempo aquecera e mostrava-se belo; de Eikaberg chegavam pessoas com grandes braçados de folhagem tenra destinada a ornamentar as casas para as festas. Ingebjoerg teve então a ideia de ir com a outra a Gjeitabru — em geral, na época das assembleias, havia lá muitas distracções, nos prados além do rio, com saltimbancos e músicos. Ingebjoerg até ouvira dizer que viera um barco cheio de animais exóticos que exibiam em barracas na margem do rio.

Haakon bebera cerveja alemã em Miklegaard e estava tão terno e tão bem disposto que, quando as raparigas o agarraram pelo braço e lhe pediram gentilmente que as acompanhasse a Gjeitabru, ele acedeu e todos três partiram para Eikaberg.

Do outro lado do rio só havia meia dúzia de quintarolas disseminadas pelas encostas verdejantes, aquém da vertente abrupta da montanha. Ao passar em frente do convento dos Franciscanos, Cristina sentiu-se um tanto envergonhada quando se lembrou que tivera a intenção de dar a maior parte do seu dinheiro pelo descanso da alma de Arne. Não quisera, contudo, falar desse assunto ao padre de Nonneseter; receava ser interrogada; pensara também em ir ao mosteiro dos Carmelitas, pois talvez o Irmão Edvin estivesse lá nessa ocasião. Teria tanto prazer em se dirigir a ele! Mas não sabia como proceder para conversar particularmente com um dos

monges e anunciar-lhe o seu desígnio. Agora pouco dinheiro lhe restava; talvez nem pudesse pagar uma missa e devesse contentar-se com oferecer um círio.

De súbito, ouviu-se um pavoroso bramido soltado por inúmeras bocas, no prado que marginava o rio. Passou como um ribombo dum trovão no povo ali aglomerado, e aquela multidão veio sobre eles, a correr e a gritar. Todos patenteavam terror e alguns disseram precipitadamente a Haakon e às raparigas que as panteras tinham fugido. Ao retrocederem depressa para a ponte, ouviram pessoas gritar que uma barraca se desconjuntara e que duas panteras se haviam escapado — e uma serpente também, acrescentavam outros. Quanto mais Cristina e os companheiros se aproximavam da ponte, maior era a balbúrdia. Em frente deles uma mulher perdeu o filho que trazia nos braços. Haakon escarranchou-se sobre o garoto para o proteger. Logo a seguir as raparigas, num momento, distinguiram-no ao longe com a criança ao colo, e depois perderam-no de vista.

Junto da ponte estreita o povo, apressado, comprimia-se de tal forma que Cristina e a outra foram arrastadas até um dos terrenos. Pela encosta descia gente a correr em direcção ao rio; os rapazes lançavam-se a nado e saltavam lestos para os barcos que ali se viam e que, num instante, ficaram sobrecarregados.

Cristina tentava fazer-se ouvir, gritando a Ingebjoerg que deviam subir até ao convento dos Franciscanos, donde surgiam os frades com os seus hábitos escuros; desciam ràpidamente a colina, convencendo a multidão assustada a ir para o mosteiro. Cristina não sentia tanto terror como a companheira; aliás, não viam nenhum dos animais ferozes, mas Ingebjoerg perdera absolutamente a cabeça. Houve nova agitação no povo, que foi repelido da ponte. Chegava ali — uns a cavalo, outros a pé — um bando de homens que tinham ido buscar armas às quintas mais próximas; Ingebjoerg soltou um berro e fugiu

ràpidamente para a floresta. Cristina nunca julgara que a amiga pudesse correr daquela maneira; lembrava um javali na caça. Como, em qualquer caso, não se deviam separar, foi depressa atrás dela.

Já se haviam embrenhado na floresta quando Cristina conseguiu enfim que Ingebjoerg parasse, a meio duma vereda que parecia ir desembocar no caminho de Traelaborg. Aí, descansaram um momento para tomar fôlego. Ingebjoerg, ofegante, chorava e dizia que não se atrevia a voltar sòzinha através da cidade até ao mosteiro.

Cristina dava-lhe razão, por causa da barafunda que havia nas ruas; era de opinião que precisavam de encontrar uma casa onde lhes arranjassem um rapaz que as acompanhasse ao convento. Ingebjoerg achava que devia existir um pouco mais longe, à beira da água, um atalho que conduzisse a Traelaborg; para além (disso tinha a certeza) havia algumas casas. Continuaram, pois, a seguir pela vereda.

Perturbadas como estavam, parecia-lhes que iam a andar há muito tempo quando, finalmente, descobriram uma herdade no meio dum terreno. Dirigiram-se para lá e encontraram, à sombra dos freixos, um grupo de homens sentados a uma mesa, a beber; uma mulher ia e vinha transportando canecas. Com ar mal humorado e surpreendido olhou para aquelas duas raparigas de trajos conventuais. E, quando Cristina expôs o assunto que a levava ali, nenhum dos homens se ofereceu para as acompanhar. Por fim, levantaram-se dois rapazolas dizendo que as conduziriam a Nonneseter, se Cristina lhes quisesse pagar um *liard*.

Pela maneira de falar percebia-se que não eram noruegueses; contudo tinham aspecto de gente honesta. Cristina achou exorbitante o preço que eles exigiam, mas Ingebjoerg suava de pavor, e não podiam regressar sòzinhas tão tarde. Acabou por dizer que sim.

Não iam ainda na vereda da floresta quando os rapazes se aproximaram delas e se puseram a conversar. A Cristina não agradou aquilo, mas não quis mostrar que tinha medo; respondeu-lhes, pois, calmamente, contou o caso das panteras e perguntou-lhes donde eram; entretanto ia olhando em redor e fingia esperar a cada instante os escudeiros que as haviam acompanhado — falava disso como dum grupo numeroso. A pouco e pouco os rapazes foram-se calando; ela nem sequer compreendia muito bem a linguagem deles.

Passados momentos, percebeu que não iam pelo caminho que havia percorrido com Ingebjoerg. A vereda seguia outra direcção, mais para o norte, e Cristina tinha a impressão de que se desviava bastante dali. No seu coração esboçava-se o terror, — que ela não deixava transmitir ao pensamento. O que sobretudo lhe dava energia era o facto de ir a seu lado uma rapariga tão tola. Só podia contar consigo mesma. Por baixo da capa, puxou furtivamente a cruz de relíquias que o pai lhe dera, apertou-a na mão, e orou com fervor para que encontrassem depressa alguém; tentou encher-se de coragem, mostrando um ar indiferente.

Pouco depois viu que a vereda desembocava num caminho e que havia lá uma clareira. A cidade e a baía viam-se, distantes, ao fundo. Os rapazes tinham-nas extraviado, voluntàriamente ou por ignorarem os atalhos. Encontravam-se cá em cima, no flanco da montanha, muito afastados de Gjeitabru, que ela distinguia dali; a estrada que haviam alcançado parecia ir lá ter.

Cristina parou, abriu a bolsa e pôs-se a contar dez moedas.

— Meus bons amigos — disse ela —, não iremos mais longe na vossa companhia. Já reconhecemos o caminho. Obrigada pelo vosso incómodo, e aqui tendes a soma combinada. Deus seja convosco.

Os rapazes olharam um para o outro com ar tão

atoleimado que à jovem quase lhe deu vontade de rir. Um deles retorquiu então, com um esgar, que a estrada que ia ter à ponte era muito deserta, e, portanto, pouco recomendável para elas se aventurarem a percorrê-la sòzinhas.

— Não há-de haver pessoas tão estúpidas ou tão más que queiram assaltar duas raparigas vestidas com os hábitos do convento — replicou Cristina. — Preferimos ir sós, agora.

E entregou-lhes o dinheiro. O homem, porém, agarrou-lhe no punho, encostou a cara à dela e resmungou qualquer coisa como: *kuss* e *beutel*. Cristina compreendeu que ele dizia que as deixariam em paz se lhe quisesse dar um beijo e a sua bolsa.

Recordou-se do rosto de Bentein assim junto do seu e teve num instante tal angústia que se sentiu desfalecer e sufocar. Mas apertou os lábios, invocou mentalmente Deus e a Virgem Maria — e, nesse momento, ouviu o tropel de cavalos do lado norte do caminho.

Bateu então com a bolsa em cheio na cara do rapaz, de tal forma que ele cambaleou, e depois deu-lhe no peito uma pancada que o precipitou para fora da vereda até bastante longe, no plano inferior da floresta. O outro alemão segurou-a pelas costas, arrancou-lhe a bolsa da mão e, do pescoço, o cordão que se quebrou. Cristina quase caiu, mas agarrou no homem e tentou recuperar a cruz. O patife queria desprender-se, pois percebera que chegava gente. Ingebjoerg gritava com toda a força, e os cavaleiros vinham a galope. Saíram da mata; eram três. Ingebjoerg, sempre a gritar, correu para os recém-vindos, que saltaram do cavalo. Cristina reconheceu o homem que estivera na loja de Didrek. Ele desembainhou a espada, agarrou pela nuca o alemão com quem a rapariga lutava e deu-lhe uma pranchada, enquanto os companheiros iam ao outro e o moiam com pancadas.

Cristina apoiou-se a uma rocha. Sentia o corpo a

tremer, mas, acima de tudo, estava maravilhada pela sua oração lhe ter valido tão pronto auxílio. Foi então que reparou em Ingebjoerg; esta tirara o capuz, afastara a capa para os ombros e dispunha sobre o peito as tranças fartas e louras. Ao seu aspecto, Cristina desatou a rir; incapaz de estar de pé, teve de se encostar a uma árvore por não se poder endireitar; parecia-lhe que, em vez de medula, tinha água nos ossos, de tal forma se sentia desfalecer; tremia, ria e chorava.

O homem aproximou-se e pousou discretamente a mão no ombro dela:

— Tivestes mais medo do que queríeis mostrar — disse ele com voz bondosa e agradável. — Mas agora é necessário acalmar-vos. Procedestes com tanta coragem durante o perigo!

Cristina só pôde fazer uma reverência. Possuía ele lindos olhos claros num rosto estreito e moreno, e cabelos negros como carvão, cortados muito curtos na testa e atrás das orelhas.

Ingebjoerg, tendo acabado de pôr em ordem as suas tranças, avançou e agradeceu ao desconhecido com belas frases. Este conservou a mão no ombro de Cristina enquanto respondia.

— Quanto a esses biltres — disse ele aos companheiros que mantinham os dois alemães (pertenciam, segundo haviam declarado, a um barco de Rostock) — vamos levá-los à cidade e pô-los à sombra. Acompanharemos estas meninas ao convento. Vede se encontrais aí algumas correias para amarrar...

— Para amarrar as raparigas, Erlend? — perguntou um dos companheiros.

Eram dois vigorosos moços bem vestidos e, depois da luta, tinham ficado de bom humor.

O desconhecido franziu as sobrancelhas e deu mostras de querer responder rudemente. Cristina, porém, pousou a mão no braço dele:

— Soltai-os, meu bom senhor! — pediu ela tremendo um tanto. — Não queremos, eu e a minha amiga, que se fale deste incidente.

O homem fitou-a, mordeu o lábio inferior e fez sinal que a compreendia. Depois, deu a cada um dos prisioneiros tal pranchada na nuca que os deitou por terra.

— Então, ide-vos embora! — disse-lhes ele, pregando-lhes pontapés.

Os alemães desataram a correr quanto mais podiam. Voltando-se para as raparigas, o desconhecido perguntou-lhes se queriam montar a cavalo.

Ingebjoerg fez com que a instalassem na sela de Erlend, mas não pôde segurar-se; escorregou logo para o chão. Ele então olhou para Cristina com ar interrogador e esta declarou que estava habituada a cavalgar em qualquer sela.

Erlend segurou-a pelos joelhos e levantou-a. Isso pareceu delicioso a Cristina, porque ele aguentava-a com muita precaução e a certa distância, como se receasse aproximar-se de mais. Na sua aldeia, os outros nunca se haviam preocupado com o facto de a apertarem de encontro a si quando a ajudavam a montar. Sentiu-se objecto de extremo respeito.

O cavaleiro, como Ingebjoerg o designava (embora ele usasse apenas esporas de prata) ofereceu a mão à outra rapariga, e os escudeiros saltaram para os respectivos cavalos. Ingebjoerg quis a todo o custo que fossem pelo norte da cidade, por baixo dos montes de Ryen e de Martestokker e não através das ruas. Alegou a princípio que Erlend e os companheiros estavam armados dos pés à cabeça. O cavaleiro respondeu sèriamente que a proibição do porte de armas não era assim tão rigorosa para os viajantes, e, além disso, que toda a gente da cidade andava à caça dos animais fugidos. Ela então disse que tinha medo das panteras. Cristina percebia perfeitamente que Ingebjoerg queria tomar o caminho

mais comprido e mais solitário para conversar bastante com Erlend.

— É a segunda vez que vos incomodamos esta tarde — disse ela.

— Não faz mal — retorquiu Erlend gravemente. — Não irei hoje além de Gerdarud, e a noite vai ser clara.

Cristina sentia grande prazer ao verificar que ele não gracejava nem dizia as coisas com ar zombeteiro, e lhe falava como se a rapariga fosse sua igual, ou melhor do que isso. Lembrou-se de Simão; nunca ela encontrara outros moços da corte. Este era mais velho do que Simão.

Desceram o vale por baixo dos montes Ryen e foram paralelamente ao regato. A vereda era estreita e as árvores inclinavam para ela os tenros ramos molhados e de olor forte; corria aragem fresca e as folhas apresentavam-se lustrosas de orvalho, ali, nas imediações do regato.

Iam devagar e as patas dos cavalos batiam surdamente no caminho húmido e coberto de erva. Cristina sentia-se embalada na sela; atrás de si ouvia a tagarelice de Ingebjoerg e a voz profunda e calma do desconhecido. Este pouco falava e respondia como distraído — dir-se-ia que tinha o coração tão perturbado como o dela. Invadia Cristina uma sonolência estranha, confiante e tranquila, agora que todos os acontecimentos do dia haviam desaparecido.

Pareceu-lhe que despertava quando saíram da floresta e atravessaram as planícies situadas abaixo de Martestokker. O sol ia a declinar e a cidade e a baía estendiam-se ao fundo numa claridade pálida. Por cima dos montes de Aker havia uma auréola amarelada no céu azul. Na quietude da tarde os sons distantes chegavam-lhe nítidos como se saíssem da frescura do vale. Rangiam as rodas dum carro ao longe, num caminho; os cães ladravam nas quintas, através da cidade. Na floresta, atrás dele, os pássaros soltavam os seus trinados argentinos. O sol desaparecera já.

Via-se na atmosfera o fumo duma queimada e, no meio dum terreno, brilhava o clarão do fogo; o cintilar das chamas era, todavia, tão intenso que essa claridade que a rodeava se assemelhava a escuridão.

Cavalgavam junto dos muros do convento quando Erlend dirigiu de novo a palavra a Cristina. O que seria melhor era ele acompanhá-la até à porta principal e pedir licença de falar à Madre Groa, a fim de a poder informar dos acontecimentos. Mas Ingebjoerg queria que se introduzissem pela igreja: poderiam talvez alcançar o convento sem que ninguém notasse que haviam estado tanto tempo ausentes; a Irmã Potenciana, ocupada com a visita, ter-se-ia possivelmente esquecido delas.

Cristina nem mesmo se admirou que a praça, em frente do pórtico oeste da igreja, estivesse tão sossegada. Costumava haver ao entardecer muita concorrência de gente da vizinhança que vinha à igreja do mosteiro e, em toda a volta do largo, existiam várias casas onde moravam os servos leigos e as pessoas protegidas pelo convento. As raparigas despediram-se ali de Erlend. Cristina acariciou o cavalo; era negro e tinha bela cabeça, com olhos meigos. Achava-o parecido com *Morvin*, que ela montara em pequena.

— Como se chama o vosso cavalo, senhor? — perguntou, enquanto o animal afastava a cabeça e fungava de encontro ao peito de Erlend.

— *Bayard* — disse ele olhando-a por cima da nuca do cavalo. — Então perguntais o nome dele e não o meu?

— Gostaria muito de conhecer o vosso nome, senhor — respondeu-lhe Cristina, inclinando-se ligeiramente.

— Chamo-me Erlend Nikulaussoen.

— Recebei os meus agradecimentos, Erlend Nikulaussoen, pelos vossos favores desta tarde — disse ela estendendo-lhe a mão.

De súbito, o rosto ruborizou-se-lhe e recuou um

pouco: — Por acaso a Sr.ª Aashild Gautesdatter é vossa parente? — perguntou.

Ficou surpreendida que ele também se tornasse vermelho. Desprendendo-lhe os dedos, Erlend retorquiu:

— É minha tia. E eu sou Erlend Nikulaussoen de Husaby.

Fitava-a com ar tão singular que a jovem ficou ainda mais perturbada. Recuperou porém o sangue-frio e murmurou:

— Deveria agradecer-vos com melhores termos, Erlend Nikulaussoen, mas não sei que vos dizer...

Ele curvou-se e Cristina compreendeu que era altura de se despedir, embora sentisse desejo de continuar a conversa. À porta da igreja olhou para trás e, ao ver que Erlend ainda ali estava junto do cavalo, acenou-lhe com a mão.

No mosteiro reinava grande terror e tumulto. Haakon mandara um mensageiro a cavalo; corria ele pela cidade à procura das raparigas e haviam enviado gente para o auxiliar nas buscas. As monjas tinham ouvido dizer que as feras haviam devorado duas crianças. Era falso, e a pantera — pois só uma existia — fora apanhada muito antes da tarde por alguns escudeiros do paço real.

Cristina conservou-se de cabeça baixa, imóvel e silenciosa, enquanto a abadessa e Sóror Potenciana descarregavam a sua cólera sobre as raparigas. Dir-se-ia que ela dormia interiormente. Ingebjoerg chorava e protestava: haviam saído com o consentimento de Sóror Potenciana, decentemente acompanhadas, e não tinham culpa nenhuma do que acontecera depois...

Madre Groa ordenou-lhes que ficassem na igreja até soar a meia-noite, que tentassem voltar o pensamento para as coisas espirituais e agradecessem a Deus, que lhes salvara a vida e a felicidade.

— Deus revelou-vos claramente a realidade do mundo — acrescentou ela. — Os animais ferozes e os servidores do demónio ameaçam a cada passo os filhos do Senhor, e não há outra forma de salvação senão prendermo-nos com firmeza a Ele, orando e pedindo-lhe o auxílio.

Meteu na mão de cada uma delas um círio aceso e mandou-as seguir a Irmã Cecília Baardsdatter, que muitas vezes ficava sòzinha a rezar noites inteiras na igreja.

Cristina colocou a sua vela no altar de São Lourenço e ajoelhou num genuflexório. Fixava os olhos na chama enquanto recitava o Padre-Nosso e a Ave-Maria. A pouco e pouco foi como se a luz dos círios a envolvesse, a iluminasse, fechasse a porta a tudo que a rodeava. Sentia o coração abrir-se, transbordando de gratidão, de promessa e de amor por Deus e pela sua doce Mãe — que tanto se aproximavam dela. Sempre soubera que eles a viam, mas, nessa noite, *sentia* que era assim. Teve como que uma visão do mundo: um quarto escuro onde incidia um raio de sol; a poeira dançava entre as trevas e a luz; e ela compreendia que, agora, entrara enfim no rasto luminoso.

Parecia-lhe que ficaria naquela igreja silenciosa e sombria enquanto durasse tudo aquilo que a dominava: as manchazinhas de luz que eram como estrelas de ouro na noite, o cheiro adocicado de fumo extinto de incenso e o perfume quente da cera a arder. E ela abandonava-se à Providência...

Foi como o fim dum belo sonho quando a Irmã Cecília veio de mansinho e lhe tocou no ombro. As três mulheres inclinaram-se em frente do altar e entraram no convento pela portinha do lado sul.

Ingebjoerg estava tão cheia de sono que se deitou sem dizer nada. Cristina ficou contente com isso porque não queria que a perturbassem, agora que tinha pensamentos agradáveis. Sentia-se satisfeita por deverem conservar as camisas durante a noite. Ingebjoerg era muito gorda e transpirava bastante.

Cristina esteve largo tempo acordada, mas a profunda onda de doçura que a transportara na igreja não queria voltar; todavia sentia-lhe ainda o calor; agradecia intensamente a Deus e parecia-lhe que encontrava força em si mesma quando rezava pelos pais, pelas irmãs, pela alma de Arne Gyrdsoen.

— Pai — murmurava ela... E o seu pensamento concentrava-se em Lourenço, em tudo o que haviam tido de comum antes de Simão entrar na sua vida. Surgia em Cristina uma nova ternura por ele, como que um prenúncio de amor e inquietação maternais; suspeitava confusamente que existiam muitas coisas que a vida não concedera ao pai. Recordava-se da velha e escura igreja de madeira, em Gerdarud; na Páscoa passada vira ali as sepulturas dos irmãozinhos e da avó Cristina Sigurdsdatter, mãe de Lourenço, que morrera quando o dera à luz.

Que faria Erlend em Gerdarud? Era coisa que ela não compreendia.

Não tinha a consciência de haver pensado nele durante a noite, mas a lembrança daquele rosto moreno e daquela voz calma flutuara incessantemente na meia obscuridade, fora da cintilação das luzes, dominando o seu espírito.

Quando no dia seguinte de manhã acordou, o sol brilhava no dormitório. Ingebjoerg contou-lhe que a Madre Groa ordenara às Irmãs conversas que as não despertassem para o cântico das oito horas. Tinham licença de ir agora à cozinha a fim de tomarem algum alimento. Cristina ficou cheia de alegria pela amabilidade da abadessa. Era como se o mundo inteiro fosse bondoso para ela.

III

A festa popular de Aker era a de Santa Margarida e começava todos os anos em 20 de Julho, que é o dia daquela santa. Então irmãos e irmãs reuniam-se com os filhos, hóspedes e criados na igreja de Aker e aí assistiam à missa no altar de Santa Margarida. Em seguida, iam para o local da festa que era no hospital de Hofvin; e, habitualmente, bebiam lá durante cinco dias.

Mas como a igreja de Aker e o hospital de Hofvin pertenciam a Nonneseter e, por outro lado, muitos dos camponeses de Aker eram rendeiros dependentes do mosteiro, estabelecera-se o costume de a abadessa e de algumas das freiras mais idosas honrarem a festa com a sua presença no primeiro dia. E as raparigas (que estavam no convento apenas para se educarem e que não professariam) eram autorizadas a acompanhá-las e a dançar à noite; para essa festa, levavam os seus vestidos e não os hábitos do convento.

Havia, pois, grande azáfama no dormitório das educandas na véspera de Santa Margarida. As que deviam ir à festa remexiam os seus baús e preparavam o traje; as outras, coitadas, passavam um tanto tristes, e olhavam. Algumas haviam colocado tigelinhas em frente da chaminé e aqueciam a água que lhes faria a pele branca e macia, ou preparavam qualquer coisa com que untavam os cabelos; depois, dividiam-nos em madeixas e enrolavam-nos com tiras de pano para obterem caracóis apertados.

Ingebjoerg tirou do baú tudo o que possuía de adornos mas não sabia o que havia de pôr — em qualquer caso não vestiria o fato de veludo verde; era muito caro e muito bom para levar a uma reunião de camponeses. Mas uma educanda franzina que não ia à festa — chamava-se Helga e desde pequena que os pais a destinavam para freira — puxou Cristina para o lado e segredou-lhe que Ingebjoerg ia levar com certeza o vestido verde e a camisa de seda vermelha.

— Sempre foste gentil para comigo, Cristina — disse Helga. — Não me fica bem envolver-me em tais assuntos, mas quero dizer-te uma coisa. Esse cavaleiro que vos trouxe aqui numa tarde, na Primavera... vi e ouvi Ingebjoerg falar-lhe depois... conversou com ela na igreja e esperou-a na gruta, quando ela foi procurar Ingunn à sala dos protegidos do convento. Mas foi por ti que o cavaleiro perguntou, e Ingebjoerg prometeu-lhe que te levaria à festa. Aposto que não sabias nada disto?

— De facto, Ingebjoerg não me avisou — retorquiu Cristina. Mordeu os lábios para que a outra não lhe visse o sorriso que se esboçara. (Ingebjoerg era então assim...) — Provàvelmente compreende que eu não sou dessas que têm entrevistas com desconhecidos atrás das casas e nas esquinas dos muros — disse com ar orgulhoso.

— Poderia não te dar informações acerca destas coisas de que eu não deveria falar — concluiu Helga com firmeza.

Separaram-se; mas, toda a noite, Cristina esforçou-se por não sorrir quando alguém a olhava.

No dia seguinte, de manhã, Ingebjoerg mandriou, vestida só com a camisa, e Cristina percebeu que a outra não se queria arranjar antes de ela estar pronta.

Cristina não disse nada, mas, com um leve riso, foi ao seu baú e tirou dali a camisa de seda cor de ouro. Nunca até então a vestira, e teve uma sensação macia e

fresca quando a enfiou no corpo. O tecido era lindamente bordado de prata e de seda azul e castanha em volta do pescoço e no peito, e em toda a parte que os cortes do vestido descobriam. Tinha também mangas igualmente enfeitadas. Calçou as meias de fio de linho e enfiou e atou os sapatinhos azuis que Haakon, felizmente, salvara no dia do tumulto. Como Ingebjoerg olhasse para ela, Cristina disse, sorrindo:

— Meu pai sempre me ensinou que não devíamos mostrar desdém pelos nossos inferiores, mas sem dúvida és nobre de mais para não te quereres ataviar assim para camponeses e rendeiros...

Vermelha como uma cereja, Ingebjoerg deixou escorregar a camisa de lã até aos quadris alvos e vestiu a de seda escarlate. Cristina envergou o vestido mais bonito que tinha — de veludo azul-violeta muito decotado, com mangas fendidas, cujas pontas caíam até ao chão —, enrolou em volta da cintura uma faixa dourada e lançou sobre os ombros a sua capa de pele de esquilo. Depois soltou os compridos cabelos louros e colocou na cabeça um diadema de ouro com rosinhas em relevo.

Notou que Helga as contemplava. Tirou então do baú um grande broche de prata. Era o que ela levava na capa, na tarde em que Bentein a encontrara na estrada. Nunca mais quisera usá-lo. Dirigiu-se para Helga e disse-lhe em voz baixa:

— Sei que desejaste ontem mostrar-me benevolência. Não julgues que não percebo...

E deu o broche a Helga.

Ingebjoerg também estava muito bonita no seu vestido verde, de capa de seda vermelha e com os belos cabelos frisados espalhados pelos ombros. «Concurso de trajes», pensava Cristina sorrindo.

A manhã estava fria e orvalhada quando a procissão partiu de Nonneseter e se dirigiu para o oeste, na direcção

de Frysja. O feno já fora quase todo ceifado, mas ao longo das paliçadas cresciam campânulas azuis e no meio das medas dispersas brotavam milfuradas amarelas; os campos de cevada estavam cheios de espigas e ondulavam numa claridade prateada com laivos cor-de-rosa. Em muitos sítios onde o caminho era estreito e passava entre os campos, os grãos juntavam-se quase sobre os joelhos dos transeuntes.

Haakon marchava à frente levando o pendão do convento com a imagem da Virgem Maria bordada na seda azul. Atrás dele iam os criados, os pobres do convento e, depois, a abadessa e quatro freiras idosas a cavalo; as raparigas seguiam a pé e os seus vestidos de cores garridas brilhavam ao sol. Fechavam o cortejo algumas mulheres que se alimentavam no convento e dois ou três homens armados.

Cantavam ao atravessarem os campos luminosos; e, quando nos atalhos encontravam pessoas, estas desviavam-se e curvavam-se respeitosamente. De todos os lados vinham grupos de gente, a pé ou a cavalo, pois de cada casa, de cada quinta, se apressavam a ir para a igreja. Pouco depois ouviram atrás de si um cântico de profundas vozes masculinas e viram o pendão do convento de Hovedoe aparecer no cimo da encosta — o tecido de seda vermelha cintilava ao sol, ondulando e inclinando-se com o passo do porta-estandarte.

O poderoso som metálico dos sinos dominava os relinchos dos cavalos quando transpuseram a última colina antes da igreja. Cristina nunca vira tanto cavalo reunido — verdadeiro mar encrespado e agitado de garupas lustrosas que se alastrava sobre a relva em frente do pórtico do templo. No prado, sentados ou deitados, estavam camponeses com os seus fatos domingueiros, mas todos se ergueram e se descobriram quando o pendão de N.ª S.ª de Nonneseter passou no meio deles, e todos se inclinaram profundamente defronte de Madre Groa.

Parecia que havia ali mais gente do que a igreja podia comportar, mas, para o pessoal do convento, tinham reservado lugar perto do altar. Logo depois chegaram os monges cistercienses de Hovedoe, que subiram para o coro — e em seguida elevou-se um cântico de vozes de homens e de crianças.

No decorrer da missa, quando todos se punham de pé, Cristina avistou, num relance, Erlend Nikulaussoen. Era alto e a sua cabeça dominava as que o rodeavam. Ela via-lhe o rosto um pouco de lado. Tinha a testa alta, vertical e estreita; o nariz grande, direito, que se salientava da cara como um triângulo, era espantosamente estreito junto das narinas finas e vibrantes — fazia lembrar a Cristina um puro-sangue inquieto e espantadiço. Não seria tão belo como ela julgava ao lembrar-se dele; os músculos do rosto alongavam-se como que tristes até à boca flexível e bonita — sim, em todo o caso era belo...

Erlend voltou a cabeça e viu-a. Ela não soube quanto tempo estiveram a fitar os olhos um do outro. Mas, depois, não teve mais do que um pensamento: que a missa acabasse; esperava, impaciente, o que se ia passar.

Quando a multidão saiu da igreja que estava à cunha, produziu-se certo aperto. Ingebjoerg arrastou consigo Cristina atrás do povo; separaram-se assim das freiras, que eram as primeiras a sair, e elas ficaram entre as últimas pessoas que avançavam para entregar a sua oferenda, e depois saíram da igreja.

Erlend estava encostado à porta, acompanhado do padre de Gerdarud e dum homem corpulento, rubicundo, vestido com um soberbo fato de veludo azul. Erlend envergava ampla veste de seda escura, de desenhos negros e castanhos, e uma capa preta com pequeninos falcões de ouro bordados.

Cumprimentaram-se e atravessaram o prado a fim de irem ao local onde os cavalos estavam presos. Enquanto conversavam do tempo belo que fazia, da linda missa e

da grande concorrência de gente, o gordo e corado cavaleiro (usava esporas de ouro e chamava-se Munan Baardsoen) agarrou na mão de Ingebjoerg; dava mostras de simpatizar com a rapariga. Erlend e Cristina ficaram para trás, caminhando sem nada dizer.

Havia grande movimento no adro da igreja, pois o povo começava a partir. Os cavalos esforçavam-se por se ultrapassar, as pessoas gritavam, alguns disputavam e outros riam. Muitos iam dois a dois nos cavalos: os homens levavam a respectiva consorte atrás de si ou os filhos na frente da sela, e os rapazes faziam-se acompanhar dos amigos. Os pendões da igreja, as freiras e os padres iam já longe no sopé da colina.

O cavaleiro Munan partiu no seu corcel com Ingebjoerg sentada em frente dele, encaixada nos seus braços. Ambos chamavam e faziam sinais aos outros. Disse então Erlend:

— Os meus dois escudeiros andam por aqui. Eles poderiam ir no mesmo cavalo, e vós, se quisésseis, montaríeis *Haftors*.

Cristina respondeu, toda corada:

— Os outros já lá vão adiante, e eu não vejo aqui os vossos escudeiros.

Pôs-se a rir e Erlend, sorrindo, saltou para a sela e ajudou-a a instalar-se atrás dele. Cristina muitas vezes montara assim com o pai, desde que era muito crescida para se escarranchar na garupa do cavalo. Sentia-se ainda embaraçada e pouco segura de si quando colocou uma das mãos no ombro de Erlend e apoiou a outra na sela. Desceram lentamente em direcção à ponte.

Ao fim duns momentos Cristina achou que devia falar, visto ele não dizer nada:

— Foi uma surpresa encontrar-vos hoje aqui, senhor...

— Surpresa? — perguntou Erlend, virando-se para

ela. — Então Ingebjoerg Filippusdatter não vos transmitiu as minhas saudações?

— Ninguém me falou de saudações nenhumas — replicou Cristina—, nem a ouvi pronunciar o vosso nome desde aquele dia de Maio em que viestes em meu auxílio — acrescentou ela astuciosamente, sentindo certo prazer em patentear a falsidade de Ingebjoerg.

Erlend não se voltou, mas a rapariga percebeu pelo tom de voz que ele sorria quando perguntou de novo:

— Então essa freirinha pérfida... não me recordo do seu nome... não vos entregou os meus cumprimentos, depois de eu a gratificar por isso?

Cristina corou, mas, em seguida, desatou a rir.

— Helga é que mereceu a gratificação — disse ela.

Erlend inclinou um pouco a cabeça e o pescoço roçou os dedos de Cristina, que retirou vivamente a mão para a extremidade do ombro de Erlend. Um tanto inquieta, dizia consigo que decerto se afoitara mais do que convinha ao comparecer naquela festa onde um homem lhe tinha, de alguma forma, marcado uma entrevista.

Depois duma pausa, Erlend perguntou:

— Quereis dançar comigo esta noite, Cristina?

— Não sei, meu senhor — respondeu a rapariga.

— Pensais talvez que não é próprio para vós? — interrogou ele; e, como não obtivesse resposta, continuou: — É possível que o não seja. Mas julgo que não ficarieis pior do que sois se me quisésseis dar a mão esta noite. Aliás, há oito anos que não entro numa dança.

— E porquê, senhor? — indagou Cristina. — Sois talvez casado?... — Lembrou-se de repente que, se assim fosse, seria da sua parte procedimento indecoroso marcar-lhe encontros daquela maneira. Quis tirar-se das dúvidas e disse: — Provàvelmente perdestes a noiva ou a esposa?

Erlend virou-se de súbito e olhou-a com ar estranho:

— Eu? Então a Sr.ª Aashild não vos disse?... Por-

que vos tornastes tão corada quando soubestes quem eu era, naquela tarde? — perguntou ele pouco depois.

Cristina ficou outra vez ruborizada, mas não respondeu. Então Erlend prosseguiu:

— Gostaria de saber o que minha tia vos disse a meu respeito.

— Nada mais do que elogios — retorquiu Cristina com vivacidade. — Declarava que éreis tão belo e de tão alta estirpe que... dizia ela que, comparadamente com pessoas como vós e como a vossa família, eu e a minha família pouco éramos.

— Ela ainda fala dessa maneira nas circunstâncias actuais?! — exclamou Erlend, sorrindo com amargura. — Decerto isso consola-a... Não vos disse outras coisas de mim?

— Que poderia dizer? — perguntou Cristina, sem saber qual o motivo por que se sentia tão esquisita e de coração tão oprimido.

— Oh! Poderia dizer — murmurou Erlen com os olhos postos no chão —, poderia dizer que fui um assassino e que paguei caro a paz e a conciliação...

A jovem conservou-se silenciosa um grande bocado. Depois, objectou docemente:

— Existem tantos homens que não dispõem da sua felicidade... segundo tenho ouvido contar! Poucas coisas vi ainda deste mundo, mas tudo o que fizerdes, Erlend, jamais acreditarei que seja por uma causa vergonhosa.

— Deus te recompense por essas palavras, Cristina — disse Erlend. E, abaixando a cabeça, deu-lhe na mão um beijo tão sonoro que o cavalo caracolou. Depois de este retomar o seu passo tranquilo, Erlend insistiu em tom suplicante: — Então, dançais comigo esta noite, Cristina? Um dia hei-de-vos narrar a minha vida, mas hoje folgaremos juntos, não é verdade?

Cristina respondeu afirmativamente. Conservaram-se um momento calados, mas, pouco depois, Erlend principiou

a fazer perguntas acerca da Sr.ª Aashild, e Cristina contou tudo o que sabia dela, elogiando-a bastante.

— Nesse caso, nem todas as portas se fecharam a Bjoern e a Aashild? — indagou Erlend.

A rapariga retrucou que eram pessoas estimadas e que o pai, e muitos como ele, não acreditavam na maior parte das coisas que diziam deles na aldeia.

— Que tal vos pareceu meu primo Munan Baardsoen? — perguntou Erlend sorrindo.

— Não reparei, nem me parece que valesse a pena dar-lhe atenção.

— Não sabieis que é filho da Sr.ª Aashild?

— Filho da Sr.ª Aashild! — repetiu Cristina muito admirada.

— Pois é. A beleza da mãe, os filhos não a herdaram; são muito diferentes dela.

— Nunca soube o nome do primeiro marido.

— Foram dois irmãos que desposaram duas irmãs — disse Erlend. — Baard e Nikulaus Munansoenner. Meu pai era o mais velho e casou em segundas núpcias com minha mãe, mas não houve filhos do primeiro matrimónio. Baard, o marido de Aashild, já tinha bastante idade quando a desposou, e é certo que não viveram em harmonia. Era eu pequeno quando isso aconteceu, e escondiam-me tudo o que podiam. Ela, porém, foi-se embora da terra com Bjoern e casou-se com ele, sem pedir conselho aos parentes, logo que Baard morreu. Todos queriam que esse casamento fosse anulado... e queriam porque Bjoern partilhara a cama de Aashild quando o primeiro marido vivia ainda e decerto se haviam combinado para se desembaraçarem de meu tio. Foi impossível e tiveram de os deixar unidos pelo matrimónio. Mas obrigaram-nos a entregar todos os bens que possuíam. Bjoern matara o sobrinho... isto é, o sobrinho de minha mãe e de Aashild...

Cristina sentia o coração a bater com violência. Em

casa dela, os pais tinham o máximo cuidado em que as pequenas não assistissem a conversas imorais, mas aconteceram coisas na aldeia, de que Cristina ouvira falar — um homem que vivera em concubinato com uma mulher casada. Era o adultério, um dos piores pecados; tinham maquinado a morte do marido dela; havia portanto ali um caso à margem da lei e um crime de assassínio. Lourenço dissera que nenhuma mulher deveria ficar em casa do marido se este tivesse tido relações com a mulher de outro; a condição de filho adulterino jamais seria regulada pela pena pecuniária, mesmo se os pais acabassem por casar. Um homem podia legar os seus bens e o seu nome ao filho que tivera duma prostituta ou duma mendiga vagabunda, mas não ao filho adulterino, nem que a mãe deste fosse a mulher dum cavaleiro. Cristina pensava na aversão que sempre sentira por Bjoern, por aquela cara enrugada que encimava um corpo gordo e flácido. Não compreendia como a Sr.ª Aashild podia ser tão gentil e amável para com um indivíduo que a conduzira a semelhante vergonha; uma mulher assim graciosa deixar-se seduzir por tal homem! Não era nada delicado para Aashild, pois atirava todo o trabalho da quinta para cima dela; Bjoern de nada se ocupava senão em beber cerveja. No entanto, Aashild mostrava-se terna e meiga quando falava ao marido. Cristina perguntava a si própria se o pai não conheceria todos aqueles pormenores, visto ter convidado Bjoern para a sua casa. Agora que reflectia nisso, parecia-lhe espantoso que Erlend contasse semelhantes coisas dos parentes. Naturalmente imaginava que ela já sabia.

— Pode ser que eu vá visitar a tia Aashild quando eu for ao Norte — disse Erlend depois dum silêncio. — Meu primo Bjoern ainda é formoso?

— Não é, não. Assemelha-se a feno que passou o Inverno na colina.

— De facto, uma vida como ele teve pode esgotar

uma criatura — observou Erlend com o mesmo sorriso amargo. — Nunca vi homem tão belo... foi há mais de vinte anos e era um garoto... mas nunca vi outro igual.

Pouco depois chegaram ao hospício. Era uma magnífica instituição composta de numerosas casas tanto de pedra como de madeira: casa para os doentes, para as esmolas, albergue para os viandantes, capela e presbitério. Havia no pátio um movimento incrível, pois preparavam o banquete na cozinha do hospício, e os pobres e os enfermos deviam ser tratados o melhor possível nesse dia.

O local da festa ficava além dos jardins, e para se chegar lá tinha-se de atravessar a horta, que era afamada. Madre Groa importara plantas que ninguém conhecia na Noruega, e todas as outras que eram vulgares na cidade cresciam e desenvolviam-se melhor ali, tanto as flores como os legumes e as ervas medicinais. A abadessa entendia muito dessas coisas e até traduzira em língua norueguesa livros relativos à arte dos ervanários de Salerno. Madre Groa tornara-se particularmente amável para Cristina desde que notara nela certa erudição acerca das plantas e desejo de aprender mais.

Cristina ia designando a Erlend tudo o que existia nos canteiros que ladeavam o caminho por onde seguiam. Sob o sol do meio dia flutuava um perfume quente e forte de aneto e de aipo, de cebola e de rosa, de âmbar e de goivo. Para lá da horta ardente do sol, as árvores frutíferas pareciam frescas e repousantes; reluziam cerejas rubras na folhagem escura e as macieiras inclinavam os ramos ao peso dos frutos verdes.

Em volta do jardim havia um maciço de roseiras bravas. Viam-se ainda algumas rosas — que não pareciam diferentes das outras da mesma espécie, mas que cheiravam a vinho e a maçãs ao calor do dia. Ao passarem por ali, as pessoas colhiam raminhos com que se enfeitavam. Cristina apanhou também algumas rosas e colo-

cou-as na cabeça, junto das fontes, sob o diadema de ouro. Ficou com uma flor na mão; Erlend tirou-lha pouco depois, sem nada dizer. Segurou-a entre os dedos durante certo tempo, e, depois, prendeu-a no broche que tinha ao peito; pensativo e embaraçado, os seus gestos eram tão desastrados que arranhou os dedos até fazer sangue.

Na sala do festim haviam posto várias mesas; umas para os homens e outra para as mulheres ao longo das longas paredes.

Na mesa reservada ás mulheres estava a abadessa à cabeceira, as monjas e as senhoras de mais categoria do lado da parede, as solteiras no banco exterior, e as educandas de Nonneseter nas extremidades. Cristina sabia que Erlend a contemplava, mas não se atreveu a voltar a cabeça uma só vez a fim de o ver. Só quando se ergueram para ouvir o padre ler os nomes dos defuntos irmãos e irmãs da comunidade é que a rapariga lançou um olhar furtivo para o lado dos homens e o viu, num instante, de pé junto da parede, atrás das velas que ardiam sobre a mesa. Olhava para ela.

A refeição durou muito tempo, com todas as libações à glória de Deus e da Virgem Maria, de Santa Margarida, de Santo Olavo e de Santo Halvard, entremeadas de orações e de cânticos.

Cristina notou, através da porta aberta, que o sol desaparecera; da campina chegava o som de violinos e canções; quando as educandas se levantaram da mesa, Madre Groa disse-lhes que podiam ir divertir-se um bocadinho, se isso lhes aprouvesse.

Ardiam três fogueiras na campina; em volta delas, os dançarinos formavam uma cadeia negra e de cores variegadas. Os músicos estavam em cima de caixotes empilhados, arranhando as suas rabecas; tocavam e cantavam uma ária diferente em cada roda; estava ali gente de mais para que só houvesse uma dança. Anoitecera já

— para o lado do norte, o contorno do cimo da floresta destacava-se, negro como carvão, no céu amarelado.

Na varanda do primeiro andar estavam pessoas sentadas a beber. Alguns homens precipitaram-se para as educandas de Nonneseter logo que estas desceram a escada. Munan Baardsoen correu para Ingebjoerg e escapuliu-se com ela. Cristina sentiu que alguém lhe agarrava na mão... Erlend! A mão dele apertou a sua de tal maneira que os anéis de ambos se amolgaram um contra o outro e lhes feriram a carne.

Levou-a para a fogueira mais distante. Ali, muitas crianças tomavam parte na dança; Cristina deu a mão que estava livre a um rapazinho de doze anos, e Erlend teve, do outro lado, uma adolescente franzina.

Não havia, até esse momento, ninguém que cantasse na ronda — balançando-se ao som das rabecas, davam passos para trás e para diante. Depois, alguém gritou que o dinamarquês Sivord ia cantar uma nova dança. Um homem alto e louro, de punhos enormes, avançou para o círculo e entoou a canção:

Dança-se em Munkholm sobre a areia branca. É lá que dança Ivar Jonsoen dando a mão à rainha. Conheceis Ivar Jonsoen?

Os músicos não conheciam a ária. Fizeram gemer ao de leve as cordas dos instrumentos e o dinamarquês cantou sòzinho. Possuía uma voz bela e forte:

«Lembrais-vos, rainha dinamarquesa, daquele Estio em que vos trouxeram da Suécia para a Dinamarca?

Trouxeram-vos da Suécia para a Dinamarca com uma coroa de ouro velho e lágrimas nas faces.

Com uma coroa de ouro velho e lágrimas nas faces, lembrai-vos, rainha dinamarquesa, que fostes minha antes de ninguém?»

As rabecas recomeçaram o acompanhamento e os dançarinos trautearam a nova ária, prontos para alternarem a canção:

«Pois bem! Se sois Ivar Jonsoen, meu escudeiro particular, mandar-vos-ei amanhã para a forca.»

Era, porém, Ivar Jonsoen, e não teve medo nenhum. Saltou para o seu navio de velas de ouro. Ia vestido de ferro.

«Recebei, rainha dinamarquesa, tantas vezes boa-noite quantas estrelas há no céu.

Que tenhais, rei dos dinamarqueses, tantas vezes um mau ano quantas folhas tem a tília, quantos pêlos tem a corça.» Conheceis Ivar Jonsoen?

A noite ia avançada e as fogueiras já não eram mais do que brasidos que escureciam lentamente.

Cristina e Erlend conservavam-se de mãos dadas sob as árvores, junto do muro do jardim. Atrás deles, findara o bulício da festa; alguns garotos saltavam, cantarolando, em volta do lume extinto, mas os músicos haviam-se ido deitar e a maioria das pessoas tinha partido. Viam-se mulheres à procura dos maridos que a cerveja derribara para qualquer parte.

— Onde deixaria eu o meu abafo? — murmurou Cristina.

Erlend enlaçou-lhe a cintura com o braço e estendeu sobre ambos a capa dele. Encostados um ao outro, entraram na horta. Flutuava ainda o perfume quente das plantas, mas atenuado e humedecido pela frescura do orvalho. A noite estava muito escura, e o céu, coberto de nuvens cor de chumbo, parecia descer até às copas das árvores.

Repararam que havia outras pessoas no jardim. Erlend apertou a rapariga de encontro a si e segredou-lhe:

— Não tens medo, Cristina?

Num pálido lampejo, evocou ela o mundo estranho àquela noite: que era? um absurdo! Sentia um desfalecimento tão agradável! Unia-se mais a Erlend e murmurava palavras indistintas — nem mesmo sabia o quê.

Chegaram ao fim do carreiro; existia um muro de pedra que os separava da mata. Erlend ajudou-a a subir. Quando ela saltou para o outro lado acolheu-a ele nos braços e assim ficou uns momentos antes de a pousar sobre a erva. Com rosto erguido, Cristina recebeu o beijo de Erlend, que lhe segurava a cabeça com as mãos; e ela achou delicioso sentir-lhe os dedos enterrados nos cabelos. Pensou que devia recompensá-lo, e, imitando-lhe o gesto, experimentou beijá-lo como ele a beijara.

Quando Erlend pousou as mãos no peito de Cristina, a esta pareceu que lhe abriam o coração e se apoderavam dele.

— A ti, jamais poderia fazer-te mal — segredou Erlend. —Não derramarás uma só lágrima por minha culpa. Nunca julguei que houvesse uma rapariga tão bondosa como tu, Cristina.

Puxou-a para cima da erva, sob o matagal, e ali ficaram sentados com as costas apoiadas ao talude de pedra. Cristina não disse nada, mas, quando ele cessou de a acarinhar, ergueu a mão e roçou os dedos pelo rosto de Erlend.

— Não estás fatigada, querida?—perguntou ele depois dum silêncio. E, como Cristina se lhe inclinasse para o peito, abraçou-a e murmurou: — Dorme, Cristina, dorme junto a mim...

Então ela deixou-se mergulhar cada vez mais profundamente na sombra, no calor e na felicidade, apoiada ao peito de Erlend.

Quando despertou, viu-se deitada na relva, com a face encostada à véstia de seda de Erlend. Este continuava sentado com as costas para o talude e o seu rosto parecia

esmaecido naquela pálida luz, mas os olhos, muito abertos, estavam tão extraordinàriamente claros e belos! Cristina reparou que ele a envolvera na capa. Sentia os pés confortáveis e quentes dentro da peliça.

— Adormeceste sobre o meu peito — disse Erlend, sorrindo ao de leve. — Deus te recompense, Cristina! Dormiste tão confiante como um filho nos braços da mãe!

— E vós não dormistes?

Sorriu, fitando os olhos ainda ensonados de Cristina.

— Talvez que chegue uma noite em que tu e eu possamos dormir juntos. Não sei quais serão as tuas ideias, quando pensares nisto. Estive a reflectir. Há tantas coisas entre nós que, se houvesse uma espada desembainhada a nos separar, o obstáculo não seria maior. Dize-me se terei o teu amor, quando esta noite findar.

— Tereis o meu amor — retorquiu Cristina. — Tereis o meu amor quanto tempo o quiserdes, e depois não amarei mais ninguém.

— Nesse caso — pronunciou Erlend lentamente —, que Deus me abandone se eu algum dia tiver uma mulher nos meus braços antes que sejas minha à face da lei e honrosamente!... Repete o que eu disse — acrescentou ele, suplicante.

— Que Deus me abandone — disse a rapariga —, que Deus me abandone se eu tiver outro homem nos meus braços enquanto eu viver sobre a terra!

— Partamos, agora — exclamou Erlend um pouco depois —; antes que essa gente acorde...

Contornaram a mata pelo lado exterior do talude.

— Já pensaste no futuro? — perguntou Erlend.

— Compete a vós prevê-lo — respondeu a rapariga.

— Dizem em Gerdarud — declarou Erlend depois duma pausa — que teu pai é homem brando e justo. Achas que se oporá em quebrar a promessa que fez a André Darre?

— Meu pai muitas vezes disse que nunca forçaria as

filhas a casar contra-vontade. O que existe de especial é que as nossas propriedades se coadunam muito bem. Mas, decerto, meu pai não quererá que eu perca toda a felicidade por semelhante razão.

No fundo suspeitava que aquilo não seria assim tão simples, mas calou a sua dúvida.

— Então há-de ser mais fácil do que pensei esta noite — retrucou Erlend. — Que Deus me ajude! Creio que não te poderia perder! Se não fores minha, nunca mais terei alegria.

Separaram-se no meio das árvores, e, ao crepúsculo matinal, Cristina encontrou o caminho da sala do hospício onde as pessoas de Nonneseter se haviam deitado. Como as camas estavam todas ocupadas, a rapariga lançou uma capa em cima dum pouco de palha e deitou-se vestida.

Quando acordou, era já tarde. Ingebjoerg Filippusdatter, sentada num banco, cosia a orla do manto, que se rasgara. Como sempre, mostrava-se fértil em palavras:

— Estiveste toda a noite em companhia de Erlend Nikulaussoen? — perguntou ela. — Devias tomar cautela com esse rapaz; julgas que Simão Andressoen ficaria satisfeito se deixasses de gostar dele?

Cristina foi buscar uma bacia e principiou a lavar-se.

— E tu pensas que o teu noivo gostaria de te ver dançar a noite passada com esse Munan? No entanto, podemos dançar com quem nos agrada, numa festa daquelas. A Madre Groa deu-nos licença para isso, não é verdade?

— Einar Einarsoen e o cavaleiro Munan são amigos. Ele é casado, velho e feio, mas muito delicado e amável; repara no que me ofereceu como recordação desta noite — disse Ingebjoerg exibindo uma fivela de ouro que a outra vira, na véspera, no chapéu de Munan. — Mas, a esse Erlend, foi levantada a excomunhão na Páscoa do

ano passado, pois não é assim? Dizem, todavia, que daí para cá Eline Ormsdatter esteve em casa dele em Husaby. O cavaleiro Munan participou-me que ele fugira para junto de Sira Jon em Gerdarud, pois a única forma que tem de se consolar, se a encontra novamente, é de tornar a cair no pecado.

Cristina aproximou-se, muito pálida, de Ingebjoerg, que continuou:

— Não sabias que ele raptou uma mulher casada, lá para o norte de Haalogaland, e que viveu com ela apesar da ordem do rei e da proscrição do bispo? Tiveram dois filhos e foi-lhe preciso fugir para a Suécia. Dos bens que possuía pagou tantas multas que o cavaleiro Munan disse que ele acabará na indigência se não melhorar de situação.

— Sim, eu sei — replicou Cristina com o rosto contraído. — Essa história já acabou.

— Mas o cavaleiro Munan disse-me que isso entre eles já acabou tantas vezes! — exclamou Ingebjoerg; e acrescentou com ar pensativo: — Afinal, que te importa? Vais casar com Simão Darre, não é verdade?... No entanto, Erlend Nikulaussoen é mais belo...

O cortejo de Nonneseter devia partir nessa mesma tarde. Cristina prometera a Erlend um encontro junto do talude onde haviam passado a noite, se arranjasse meio de ali comparecer.

Estava ele de bruços no chão, com a cabeça entre as mãos. Logo que a viu, ergueu-se e estendeu-lhe os braços para a ajudar a saltar.

Cristina agarrou-lhe nas mãos e assim ficou uns instantes.

— Por que me contaste ontem aquilo sobre Bjoern e a Sr.ª Aashild? — perguntou ela.

— Percebo, pelo teu aspecto, que já sabes tudo — replicou Erlend desprendendo-se bruscamente dos dedos da rapariga. — Que ideia fazes de mim, agora, Cristina?...

Eu tinha, nessa altura, dezoito anos — acrescentou com vivacidade. — Há dez anos, o rei, meu parente, mandou-me à Suécia e passei o Inverno em Steigen. Ela era casada com o juiz Sigurd Saksulvsoen; inspirou-me pena, pois ele era velho e duma fealdade incrível. Não sei como aquilo aconteceu; amei-a, naturalmente. Propus a Sigurd pagar-lhe tudo o que quisesse. Estava eu disposto a reparar de qualquer maneira a ofensa — ele é homem corajoso sob muitos pontos de vista; quis, porém, que o assunto fosse regulado pela lei, e recorreu ao tribunal. Eu devia ser marcado a ferro por adultério com a mulher de quem fui hóspede, compreendes?...

«O processo foi presente a meu pai e depois ao rei Haakon, que me expulsou das suas terras. E, se queres saber tudo, já nada há entre mim e Eline além dos filhos, com que ela não se preocupa. Estão em Oesterdal, numa quinta que eu possuo e que dei a Orm. A mãe não quer viver com eles. Espera, decerto, pela morte do marido; não sei qual é a sua ideia... Sigurd levara-a consigo outra vez; ela, contudo, disse que na quinta a tratavam como um cão e como uma escrava, e então veio-me procurar a Nidaros. Eu também não vivia melhor em casa de meu pai. Vendi tudo o que tinha à mão e parti com Elina para Halland, onde o conde Jacob se mostrou bondoso para comigo. Podia eu impedir que ela se fosse embora com o meu filho? Dizia eu de mim para mim que muitos homens saberiam escapar-se a semelhante vida com a mulher de outro... com a condição de ser rico... Mas o rei Haakon é assim. Para com os parentes é que é mais severo. Vivemos separados durante um ano, mas, depois, meu pai morreu e ela voltou. E surgiram outros acontecimentos. Os camponeses recusaram-se a pagar-me o dízimo feudal e a falar com os meus representantes pelo facto de eu estar excomungado; mostrei-me inflexível e fui acusado de roubo, mas não tinha dinheiro para pagar aos serviçais; eu era excessivamente novo

para me comportar como devia ser no meio daquelas complicações, e os meus parentes não me queriam auxiliar... excepto Munan, que se atrevia a isso por causa da esposa... Eis tudo. Sabes agora, Cristina, que perdi muito dos meus haveres e da minha honra. Sem dúvida terás mais vantagens em continuar com Simão Andressoen.

Cristina rodeou-lhe o pescoço com os braços:

— Manteremos o nosso juramento desta noite, Erlend, se pensas como eu.

Erlend apertou-a de encontro a si e beijou-a.

— É preciso que tenhas confiança e creias que a minha situação se há-de modificar. Hoje, só tu tens poder sobre mim. Estive a reflectir em tantas coisas, esta noite, enquanto dormias encostada ao meu peito, linda Cristina! O demónio não terá tanto ascendente sobre a minha pessoa que me obrigue a causar-te desgosto ou irritação, a ti que és o maior tesouro da minha vida...

IV

NA época em que morava em Skog, Lourenço Bjoergulfsoen fizera donativos à igreja para missas nos dias aniversários da morte dos pais. O de Bjoergulf Ketilsoen era a treze de Agosto e Lourenço combinara com o irmão que nesse ano trariam Cristina a fim de ela assistir à cerimónia religiosa.

Receava a rapariga que sobreviesse qualquer complicação e que o tio não pudesse cumprir a promessa — tinha a impressão de que Aasmund Bjoergulfsoen pouco caso fazia dela. Contudo, na véspera do dia da missa, Aasmund veio ao convento buscar a sobrinha. Cristina recebeu ordem de vestir trajos seculares, mas simples e escuros. O povo notara que as monjas de Nonneseter andavam muito fora do mosteiro e, por isso, o bispo mandara que as educandas, não destinadas a professar, não levassem os hábitos conventuais, quando fossem visitar os parentes, para que as não tomassem por noviças ou freiras.

Cristina sentia-se radiante de alegria quando ia a cavalgar na estrada ao lado do tio, e Aasmund tornou-se mais amável e expansivo depois de reparar que a sobrinha era pessoa sociável e sensata. Aasmund, antes disso, parecia bastante abatido; disse que tudo levava a crer que a guerra seria declarada no Outono e que o rei entraria na Suécia com o seu exército a fim de vingar o crime cometido contra o cunhado e contra o marido da sobrinha. Cristina ouvira falar do assassínio dos duques

suecos e, na sua opinião, fora a pior das infâmias; mas todos os assuntos relativos ao reino pareciam-lhe diluídos na distância. Pouco falavam dessas coisas no vale onde ela morava; lembrava-se que o pai estivera na batalha contra o duque Erik em Ragnhildarholm e Konungahella. Então Aasmund explicou-lhe a evolução da luta entre o rei e os duques. Cristina pouco compreendia daquilo mas escutava atentamente tudo o que o tio contava de esponsais decididos e desfeitos com as filhas do rei. Consolava-a a ideia de que nem em toda a parte sucedia como na aldeia dela, onde uma festa de esponsais, tornada pública, era tida por um compromisso quase tão indissolúvel como um casamento. Encheu-se de coragem, narrou a sua aventura do dia de Santo Halvard e perguntou ao tio se conhecia Erlend de Husaby. Aasmund deu boas informações de Erlend e disse que este se colocara numa situação desastrosa, mas que os principais culpados eram o pai e o rei: haviam procedido como se o rapaz fosse o diabo em pessoa pelo facto de lhe ter acontecido aquele incidente. O rei era excessivamente religioso e Nikulaus estava irritadíssimo por Erlend haver dissipado grande parte dos seus haveres. Chamaram-no, em altos gritos, adúltero e fogo do inferno, e era realmente necessário que um moço honrado evidenciasse um pouco de brio. Aliás, a mulher era bastante formosa... «Mas não tens nada com a vida de Erlend; não te ocupes, pois, dos seus negócios», concluiu Aasmund.

Erlend não compareceu à missa como prometera a Cristina, e ela preocupou-se mais com a sua ausência do que com o ofício divino. Não sentia arrependimento algum, mas apenas a estranha sensação de estar indiferente a tudo aquilo a que antes se julgava ligada.

Tentou consolar-se. Decerto Erlend achava mais razoável que nenhuma das pessoas de quem ela dependia soubesse dos seus amores. Nisso, dava-lhe razão.

Desejava, contudo, vê-lo a seu lado e chorou quando se foi deitar no quarto onde as filhas de Aasmund dormiam.

No dia seguinte dirigiu-se para a mata com a filha mais nova do tio, pequena de seis anos. Quando já iam para lá do campo, Erlend chegou, a correr, atrás dela. Cristina sabia que era ele porque o vira a distância.

— Estive cá em cima todo o dia a espreitar para a herdade — disse Erlend. — Calculava que havias de sair.

— Imaginas então que te vim procurar? — retorquiu Cristina a rir. — E não tens medo de andar com os cães e com arco na mata de meu tio?

— Aasmund permitiu-me que eu caçasse aqui para me distrair — respondeu Erlend. — E os cães pertencem-lhe... — acrescentou ele acariciando-os. — Encontraram-me esta manhã... Conheces-me perfeitamente, não é verdade, Ragndid? — perguntou, dirigindo-se à pequena e puxando-a para si. — Mas não hás-de dizer que falaste comigo; olha, a recompensa é esta...

Pegou num cacho de uvas passadas e entregou-lho.

— Eram para ti — observou ele a Cristina. — Achas que a pequena saberá guardar segredo?

Continuaram ambos em conversa, muito sorridentes. Erlend estava vestido com um gabão castanho, curto e estreito, e tinha na cabeça um barrete de seda encarnada, derrubado sobre as melenas negras. Parecia tão moço! Ria e brincava com a petiza, mas, de vez em quando, segurava na mão de Cristina e apertava-a com tanta força que ela sentia doer.

Referiu-se aos boatos de guerra, divertido.

— Será mais fácil para mim recuperar a amizade do rei — declarou. — As coisas correrão melhor — acrescentou vivamente.

Por fim sentaram-se numa clareira da floresta, em sitio elevado. Erlend tinha a criança junto de si, de encontro ao peito. Cristina descansava no chão, ao lado dele, e o rapaz brincava-lhe com os dedos, por baixo das ervas,

até que lhe deixou cair na mão três anéis de ouro amarrados com um lacinho. — Mais tarde, murmurou, receberás tantos quantos puderes enfiar nos dedos. Esperar-te-ei aqui, neste campo, todos os dias, enquanto estiveres em Skog. — E recomendou-lhe antes de se separarem: — Sempre que te for possível, não deixes de vir.

No dia seguinte, Aasmund Bjoergulfsoen partiu com a mulher e os filhos para a quinta de Gyrid, que ficava no Hadeland e pertencia à família. As notícias que corriam sobre a guerra haviam-lhes causado medo. Depois das devastações que o duque Erik fizera, uns anos antes, o povo dos arredores de Oslo mantinha-se apavorado. A mãe de Aasmund, que já era muito velha, assustara-se tanto que pretendia refugiar-se em Nonneseter; sentia-se em extremo fraca para poder ir com os outros. Cristina ficaria junto dela — chamava-lhe avó — até que Aasmund regressasse do Hadeland.

Pelo meio-dia, quando as pessoas da quinta repousavam, Cristina subiu ao sótão onde dormia. Levava consigo, num saco de cabedal, alguma roupa, e aí mudou de fato, trauteando baixinho.

O pai havia-lhe dado um vestido de lã espessa, oriental; era azul-celeste com largos desenhos de flores vermelhas. Foi esse que ela envergou. Depois escovou e penteou o cabelo, afastando-o da cara e amarrando-o com uma fita de seda encarnada. Em volta da cintura passou uma tira de igual cor, também de seda, e enfiou nos dedos os anéis com que Erlend a tinha presenteado. Ao mesmo tempo que assim se preparava, ia perguntando a si própria se o rapaz a acharia bonita. Os dois cães que haviam estado com Erlend na floresta e dormido nessa noite no sótão, Cristina levou-os consigo para fora. Deslizou sorrateira para longe das casas e tomou o mesmo caminho íngreme da véspera, através dos campos.

A clareira estava deserta e silenciosa sob o sol escal-

dante do meio-dia. Por toda a parte a envolvia o aroma quente dos pinheiros. A luz ofuscava e o céu desenhava-se extraordinàriamente denso e cru acima da ramagem das árvores.

Cristina sentou-se na orla da floresta, à sombra. Erlend ainda não tinha chegado, mas esse facto não a aborreceu. Estava certa de que ele viria e isso proporcionava-lhe uma alegria especial: sentir-se sòzinha, ter sido a primeira a chegar... Escutou o zumbido débil da vida que latejava na erva amarela e enredada e arrancou algumas flores secas e aromáticas que estavam mesmo ao alcance da mão; esmagou-as entre os dedos, aspirando-as; e, de olhos muito abertos, mergulhou numa espécie de torpor.

Nem se moveu quando ouviu o trote dum cavalo. Os cães rosnaram, de pêlo eriçado na nuca, e, em seguida, precipitaram-se para o alto da clareira, latindo e abanando a cauda. Erlend saltou do cavalo, deixou-o solto, e, depois de lhe dar uma palmada na garupa, correu para Cristina acompanhado dos cães que pulavam em sua volta. Segurou-os pelo focinho e aproximou-se dela entre os dois animais, que eram cinzentos como alces e semelhantes a lobos. Cristina sorriu e estendeu-lhe a mão, sem se levantar.

Num dado momento, quando ela contemplava o rosto moreno que tinha no regaço, entre as suas mãos, invadiu-a de súbito uma recordação: nítida e distante, recortava-se como uma casa na vertente duma montanha quando surge de repente da obscuridade das nuvens ao incidir-lhe um raio de sol num dia tempestuoso. E foi como se o coração dela se inundasse da mesma ternura que Arne Gyrdsoen lhe implorara em certa ocasião, quando Cristina ainda não compreendia aquelas suas palavras. Com angustiosa vivacidade puxou Erlend para si, encostou-lhe a cabeça ao peito e beijou-o como se temesse que o roubassem. E, quando o viu assim entre

os seus braços, era como se tivesse um filho ao colo; tapou-lhe os olhos com a mão e beijou-o na boca e na face.

O sol desapareceu da clareira; a cor densa que se via acima das árvores tornara-se mais carregada e espalhava-se, escura, por todo o céu; havia nas nuvens manchas acobreadas como labaredas; *Bayard* veio até ao lado deles, relinchou fortemente e ficou imóvel, de olhos fixos. Pouco depois brilhou o primeiro relâmpago e seguiu-se o trovão, violento, não muito distante.

Erlend ergueu-se e segurou no cavalo. Existia uma velha granja no fundo da clareira; dirigiram-se para ali e ele prendeu *Bayard* a uma viga atrás da porta. Dentro dessa granja havia feno onde Erlend estendeu a capa e se sentaram, com os cães aos pés.

Instantes depois a chuva tombava como um pano defronte da porta. A floresta ressoava sob as cordas de água que fustigavam a colina. Daí a pouco tiveram de se afastar mais para o fundo por causa duma goteira do tecto. A cada relâmpago e trovão, Erlend segredava:

— Não tens medo, Cristina?

— Um bocadinho — murmurava ela, aconchegando-se ao rapaz.

Não sabiam há quanto tempo ali estavam; a tempestade passara rápida; trovejava ainda ao longe, mas o sol brilhava na erva húmida em frente da porta e as gotas cintilantes caíam do tecto cada vez mais raras. O cheiro delicioso do feno tornava-se mais intenso.

— Tenho de me ir embora — disse Cristina; e Erlend respondeu:

— Parece-me que sim... — Agarrou-lhe no sapato. — Estás molhada; irás a cavalo e eu a pé, para sairmos da floresta.

Fitava-a de maneira estranha.

Cristina tremia. Pensava que seria por ter o coração a bater com tanta força... Sentia frio e as mãos ardentes. Quando ele lhe beijou a pele por cima do joelho, a

rapariga tentou frouxamente repeli-lo. Erlend ergueu a cara por um instante e Cristina lembrou-se dum homem a quem, um dia, no convento, tinham dado de comer; esse homem beijara o pão que lhe ofereciam. Deitando-se para trás sobre o feno, com os braços abertos, concedeu ela plena liberdade ao companheiro.

Endireitava-se e deixava-se outra vez cair quando Erlend se lhe desprendia dos braços. Firmando-se no cotovelo, o rapaz soergueu de súbito o corpo:

— Não olhes assim, Cristina!

A sua voz despertou uma nova dor, cruel, na alma de Cristina. Ele também não se sentia feliz!

— Cristina! Cristina!... Julgas que te atraí à floresta para te obter pela violência? — perguntou Erlend, depois dum silêncio.

A rapariga acariciou-lhe os cabelos sem o fitar:

— Não houve violência. Ter-me-ias deixado partir como eu vim, se to pedisse — retorquiu ela docemente.

— Não sei — respondeu Erlend, escondendo a cara no peito de Cristina. — Imaginas que te vou trair? — perguntou, bruscamente. — Juro-te pela minha fé de cristão... que Deus me abandone nos meus derradeiros momentos se eu não te for fiel até à hora da morte!

Cristina nada pôde dizer. Continuou a acariciar os cabelos de Erlend.

— Decerto é altura de voltar para casa? — lembrou, por fim, parecendo esperar a resposta com uma angústia de morte.

— É, sim — disse ele, com voz sombria.

Levantou-se e foi desprender o cavalo. Então a rapariga ergueu-se também; lentamente, lassa e acabrunhada, reflectia: nem mesmo sabia o que esperava que Erlend fizesse: levá-la no seu cavalo e assim lhe evitar que voltasse para o meio de outros homens? Parecia-lhe que todo o seu corpo sofria de pasmo, e que esse mal era aquele de que falavam as baladas. E porque tinha acontecido

aquilo, sentia-se propriedade de Erlend a tal ponto que não compreendia ser possível viver longe dele. Era, no entanto, forçoso separarem-se.

Erlend atravessou a mata levando o cavalo pela rédea. Ia de mão dada com a rapariga, mas nenhum deles encontrava uma palavra que dissesse.

Quando já tinham andado bastante e avistavam as casas de Skog, fizeram as suas despedidas.

— Não te apoquentes, Cristina. Mais depressa do que julgas, há-de chegar o dia em que serás minha mulher legítima.

— Temos então de nos separar? — perguntou ela, assustada e entristecida.

— Logo que deixares Skog — disse Erlend; e, com a voz um pouco mais alegre, acrescentou: — Se não houver guerra, falarei com Munan; há muito tempo que ele insiste para que eu me case; acompanhar-me-á sem dúvida a fim de interceder por mim junto de teu pai.

Cristina inclinava a cabeça; a cada palavra de Erlend parecia a ela que o tempo que tinha à sua frente era mais longo e impossível de imaginar. O convento, Joerundgaard .. Sentia-se flutuar muito longe de tudo isso como se fosse levada pelo ímpeto duma corrente.

— Dormes só no teu quarto, depois que a tua família se foi embora? — indagou Erlend. — Então irei falar contigo esta noite. Queres?

— Sim — respondeu Cristina docemente.

E separaram-se.

No resto do dia permaneceu junto da avó, e, depois do serão, acompanhou a velha até à cama. Depois subiu para o seu quarto. Havia ali uma janelinha e Cristina sentou-se na arca que estava metida no vão; não tinha desejo de se deitar.

Esperou muito tempo. A rua estava absolutamente imersa na escuridão quando ela ouviu passos leves.

Erlend bateu à porta, com a capa em volta do punho. Cristina levantou-se, puxou o ferrolho e abriu-lha.

Quando lhe passou os braços em volta do pescoço e o apertou de encontro a si, notou que ele parecia muito contente.

— Receava que estivesses zangada comigo — disse Erlend. — Não nos devemos afligir — acrescentou —, pois o pecado não é grande. A lei de Deus não é, neste caso, igual à dos homens. Meu irmão Gunnulv explicou-me isso um dia: se dois entes estão de acordo em se unirem e em ficarem ligados para sempre, se viverem juntos com essa ideia, estão casados perante Deus e não podem romper a sua união sem cometerem um grande pecado. Posso dizer-te isto em latim, se me lembrar, pois já o soube.

Cristina perguntou de si para si por que motivo teria o irmão de Erlend declarado aquilo, mas afastou a desagradável apreensão de que dizia respeito a Erlend e a outra mulher e procurou encontrar uma consolação nas palavras dele.

Sentaram-se ambos na arca; o rapaz enlaçou-a com um braço e Cristina achou que era bom e tranquilizador estar assim junto de Erlend: agora só se sentia em segurança a seu lado.

De vez em quando ele tagarelava alegremente, depois ficava longos momentos calado, acariciando-a apenas. Sem dar fé disso, Cristina recolhia da conversa dele as mínimas coisas que o podiam tornar perfeito e mais querido e diminuir os erros que ela sabia Erlend haver cometido.

O pai do moço, o cavaleiro Nikulaus, era tão velho quando os filhos haviam nascido que não tivera paciência ou ânimo para os educar; os filhos cresceram em casa de Baard Petersoen de Hestnaes. Erlend não tinha irmãs, mas só um irmão, Gunnulv, que era mais novo um ano e padre católico. «Com excepção da tua pessoa, não há ninguém que eu tanto estime.»

Cristina perguntou se Gunnulv se parecia com ele, mas Erlend disse, a rir, que eram muito diferentes tanto no temperamento como no físico. Nesse momento o irmão estava no estrangeiro a estudar; ia no terceiro ano e escrevera duas vezes à família; a última carta havia sido recebida no ano anterior, na altura em que ele se ia embora de Santa Genoveva de Paris e pensava dirigir-se a Roma.

— Gunnulv vai ficar satisfeito se, quando regressar, me encontrar casado — observou Erlend.

Aludiu em seguida à grande herança que recebera dos pais. Cristina reparou que ele pouco percebia dos próprios negócios. A rapariga andava sempre ao facto dos assuntos agrícolas de Lourenço. Erlend dirigia os seus por outra via, vendera, dissipara, reduzira-os e empenhara-se nas piores condições, nos últimos anos, quando quisera romper com a amante e pensara que, daquela forma e com o andar dos tempos, essa culpa lhe seria perdoada e os pais se encarregariam dele; julgara que acabaria por obter um emprego em quaisquer terras do distrito de Orkdoela, como fizera o pai.

— Mas agora não sei em que isto vai dar — disse ele. — Talvez que eu, por fim, vá para uma quinta dos planaltos, como Bjoern Gunnarsoen, e tenha de acarretar estrume às costas, como os escravos doutras eras, porque então já não possuirei cavalos.

— Valha-te Deus! — atalhou Cristina, com uma risada. — Nesse caso farei bem em ir ter contigo, pois creio que entendo mais das coisas do campo.

— Apesar de tudo ainda não transportaste cestos de adubo! — retorquiu ele, galhofeiro.

— Pois não, mas vi como os transportam, e semeei trigo quase todos os anos nas nossas terras. Meu pai tem o costume de lavrar ele mesmo os campos mais próximos e deixava-me semear a primeira porção de trigo, para que eu lhe desse sorte. — E, como essa recordação lhe

fosse dolorosa, Cristina ajuntou vivamente: — Precisas duma mulher para cozer o pão, fabricar cerveja fraca, lavar a tua única camisa, mungir as vacas... tens de pedir emprestada uma ou duas ao camponês rico que morar mais perto...

— Ah! Graças a Deus que te ouço gracejar novamente! — disse Erlend, erguendo-a do chão e tomando-a nos braços como se ela fosse uma criança.

Nas seis noites que precederam o regresso de Aasmund Bjoergulfsoen, Erlend voltou ao quarto de Cristina.

Na última vez mostrava-se ele tão infeliz como a rapariga; declarou em várias ocasiões que não deviam estar separados um do outro mais do que o estrictamente necessário. Por fim, disse em voz baixa:

— Se as coisas decorrerem tão mal que me não seja possível voltar a Oslo antes do Inverno e que por acaso precises com urgência dum auxílio, podes, com toda a confiança, dirigir-te a Sira Jon, aqui, em Gerdarud... somos amigos de infância... e também te podes fiar em Munan.

Cristina só conseguiu fazer um sinal de assentimento. Compreendia que ele se atribulava com a mesma ideia do que ela, mas Erlend não tornou a aludir a isso. E a rapariga calou-se também, a fim de não dar a perceber quanto o seu coração estava desanimado.

Das outras vezes ele ia-se embora pela noite adiante, mas, no último encontro, pediu-lhe com insistência que o deixasse deitar e dormir junto dela uns instantes, o que inspirou medo a Cristina; Erlend, porém, disse orgulhosamente:

— Se me encontrarem no teu quarto, bem deves calcular que saberei arranjar as coisas.

Ela mesma se sentia disposta a conservá-lo mais um bocadinho a seu lado, e não tinha coragem de lhe recusar nada.

Temia, no entanto, que dormissem demasiadamente. Por isso ficou, a maior parte da noite, sentada contra a cabeceira do leito, dormitando de tempos a tempos, sem saber se ele na realidade a acariciava ou se não passava dum sonho. Mantinha a mão sobre o peito de Erlend, onde lhe sentia bater o coração, e o rosto voltava-se-lhe para a janela a fim de observar a claridade que vinha do exterior.

Finalmente teve de o acordar. Enfiou um vestido e saiu com Erlend para o balcão, cuja balaustrada ele galgou do lado que dava para outra casa. Depois, desapareceu à esquina. A rapariga voltou para o quarto e deitou-se na cama; então, abandonando-se ao seu desgosto, chorou pela primeira vez desde que pertencia a Erlend.

V

EM Nonneseter os dias decorreram como antes. Cristina girava entre o dormitório e a igreja, na sala de tecelagem, na biblioteca e no refeitório. As freiras e o pessoal faziam a colheita do pomar. No Outono houve a festa da Exaltação da Cruz e a respectiva procissão, e depois seguiu-se o jejum da de S. Miguel. No ar distante de Cristina ninguém parecia reparar. Ela, afinal, sempre fora silenciosa no meio de estranhos, e Ingebjoerg Filippusdatter, sua companheira de toda a hora, falava por dois.

Assim, não houve quem notasse que, mergulhada nos seus pensamentos, ela estava longe de tudo o que a rodeava. No seu íntimo repetia que era agora a amante de Erlend. Parecia-lhe que tudo fora um sonho — a noite da festa de Santa Margarida, o episódio da granja, as noites passadas no sótão, em Skog. Ou sonhara, ou então a sua vida actual é que era um sonho. Mas um dia havia de acordar, um dia em que o facto se patenteasse. Nem um instante deixava de pensar que trazia em si um filho de Erlend.

Que ia ser dela, quando esse dia surgisse? Não podia fazer uma ideia nítida do que resultaria daí. Seria encarcerada ou expulsa de casa? Entrevia, pálidas e difusas, as imagens do pai e da mãe. E Cristina fechava os olhos, tomada de vertigens; curvava-se sob a tempestade evocada e tentava acostumar-se àquele tormento que só fin-

daria, pensava ela, quando Erlend para sempre a levasse nos seus braços — único lugar onde lhe parecia poder refugiar-se.

Nesta tensão de espírito havia tanta esperança como terror, tanta doçura como sofrimento. Era infeliz mas sentia que o seu amor por Erlend se assemelhava a uma planta que se lhe tivesse enraizado e que, dia a dia, apesar de toda a desventura, brotava novas flores cada vez mais belas. Na última noite que dormira ao lado dele experimentara como que uma serenidade subtil e doce perante a ideia de que a esperavam, junto de Erlend, uma alegria e uma felicidade que até ali não conhecia; era como a sensação duma brisa quente, aromatizada pelos jardins escaldantes ao sol. Bastardo, esse nome que Inga lhe lançara em rosto, aceitava-o de alguma forma e imprimia-o em si. Bastardo, era o filho procriado secretamente na floresta. E Cristina sentia a luz do Sol e o perfume dos pinheiros nas vastidão do bosque. Cada perturbação nova e surda, cada pulsação rápida no seu corpo, atribuía-as ao entezinho, que lhe lembrava haver ela agora entrado noutros caminhos diferentes; e, se lhe custava segui-los até ao fim, tinha a certeza que acabariam por conduzi-la ao encontro de Erlend.

Estava Cristina sentada entre Ingebjoerg e Sóror Astrid, ocupada no trabalho do imenso tapete decorado com cavaleiros e pássaros sob ramos de folhagem. Entretanto via-se, em pensamento, a fugir, quando já nada podia ficar dissimulado. Ia pela estrada, vestida como uma mendiga; tudo o que possuía de ouro e de prata levava embrulhado na mão. Pagava para se abrigar sob um tecto, em qualquer parte, numa herdade duma aldeia distante; transformada em criada, transportava aos ombros o varal com os baldes, limpava o estábulo, amassava o pão, lavava a roupa, mas expulsavam-na por não querer declarar quem era o pai da criança. E, depois, Erlend encontrava-a.

Algumas vezes imaginava que ele chegaria tarde de mais. Via-se deitada, alva como a neve, num humilde leito de camponês. Erlend aparecia no limiar da porta. Tinha a capa de seda negra que costumava usar quando a vinha visitar nas noites de Skog. Conduziam-no até junto dela; Erlend caía de joelhos e agarrava-lhe nas mãos frias. Mostrava no olhar uma angústia de morte: «Jazes aqui, minha única alegria!» Curvado sob o desgosto ia-se embora com o filho unido ao peito, embrulhado nas pregas da capa... Não! não julgava que isso se passasse assim. Não queria morrer, e Erlend não teria tal desgosto! Sentia-se, porém, tão deprimida que uma divagação daquelas lhe fazia bem...

Depois teve, num momento, a visão fria e glacial da realidade: o filho. Não era fantasia, era o inevitável. Devia responder um dia pelo que fizera; e parecia-lhe que, de pavor, o coração lhe parava.

Mas, ao fim de algum tempo, percebeu que, apesar de tudo, não era certo que tivesse um filho. Nem deu fé de que não sentiu com isso nenhuma alegria; era como se houvesse permanecido deitada a chorar sob um cobertor quente e devesse depois andar ao frio. Passou-se um mês, passaram-se dois; possuía agora a certeza de que escapara àquela desgraça. Liberta e gelada, achava-se ainda mais infeliz; despertara-lhe no coração vaga animosidade contra Erlend. Não recebera notícias, não sabia aonde ele estava e já se aproximava a época do Advento.

Tinha a impressão de que não podia suportar mais a angústia e a dúvida; dir-se-ia que o laço que os unia se havia desfeito; andava, de facto, assustada; se alguma coisa acontecesse que a impedisse de o tornar a ver? Separara-se de tudo aquilo a que até ali estivera ligada, e era um nó bem frágil que existia entre eles agora. Não acreditava que Erlend a quisesse atraiçoar, mas tantos incidentes podiam surgir! Não sabia como ia tolerar essa

incerteza e tormento do período da expectativa, que cada vez se prolongava mais.

De quando em quando Cristina pensava nos pais e tinha saudades deles, mas como de alguém que houvesse perdido para sempre.

Invadia-a de tempos a tempos, especialmente na igreja, um desejo violento de fazer parte daquela comunidade dos homens com Deus. Essa ideia já ela a tivera na sua vida ; hoje, encontrava-se no limiar, com o seu pecado não confessado.

De si para si dizia que a sua separação do lar, da família e da cristandade era, sem dúvida, apenas por algum tempo. Competia a Erlend reconduzi-la pela mão. Quando o pai consentisse no seu amor por Erlend, a filha voltaria para ele como antes; depois de ela e Erlend estarem casados, poderiam confessar-se e expiar a culpa comum.

Cristina começou a procurar testemunhos que provassem não estar as outras pessoas isentas do pecado. Escutou com mais atenção as bisbilhotices e observou à sua volta todas as pequeninas coisas que indicavam que as próprias monjas não eram perfeitamente santas e desprendidas do mundo. É claro que se tratava de casos sem importância, pois, sob a direcção de Madre Groa, Nonneseter impunha-se como exemplo do que devia ser uma comunidade de irmãs piedosas. As freiras mostravam-se zelosas no serviço de Deus, activas, dedicadas aos pobres e aos doentes. A regra não era tão estrictamente cumprida que as freiras não pudessem receber visitas dos amigos e parentes no parlatório, e que elas próprias os não fossem ver à cidade quando havia oportunidade; mas nenhuma Irmã envergonhara o mosteiro pelo seu comportamento, desde que Sóror Groa era ali abadessa.

Contudo, daí em diante, Cristina andou atenta às mínimas infracções que surgiram dentro do convento: leves disputas, questões de inveja ou de vaidade. À parte os cuidados aos enfermos, nenhuma das freiras se queria

ocupar dos trabalhos grosseiros da casa — todas aspiravam a ser mulheres eruditas e aptas nos mesteres artísticos. Havia rivalidades, e as monjas que não possuíam qualidades para essas ocupações distintas renunciavam a isso e andavam cá e lá horas seguidas, arrastando os passos como ensonadas.

A abadessa era uma pessoa culta e inteligente. Vigiava a vida e a actividade das suas irmãs espirituais mas não se preocupava com a saúde da alma delas. Mostrava-se sempre amável para com Cristina e parecia preferi-la a todas as outras educandas, o que provinha do facto de a rapariga ser muito instruída em matéria de livros e de trabalhos manuais, e, além disso, aplicada e pouco faladora. Madre Groa jamais esperava que as freiras lhe respondessem. Em compensação, conversava de boa vontade com os homens. Muitos deles passavam pelo seu locutório: camponeses e funcionários do convento, frades dominicanos enviados pelo bispo, conselheiros de Hovedoe com quem ela andava em demandas. Estava sempre ocupada com os assuntos relativos ao convento, com as contas; mandava para fora vestes eclesiásticas, pedia e emprestava livros para copiar. Ninguém, por muito maligno que fosse, encontrava alguma coisa censurável no comportamento da Madre Groa, a não ser a sua predilecção por conversas que raramente as mulheres têm.

O prior, que morava em casa própria, ao norte da igreja, dir-se-ia perder carácter sem a pena de escrever ou a resma de papel da abadessa.

Sóror Potenciana dirigia todo o serviço; e a sua ideia predominante era a de regular tudo pelo que ela vira no famoso convento alemão onde estivera durante o noviciado. Chamava-se ela, antigamente, Sigrid Ragnvaldsdatter, mas mudara de nome quando professara, conforme o costume doutros países; fora Sóror Potenciana quem sugerira a ideia de todas as educandas, mesmo as que ali estavam transitoriamente, usarem o hábito das noviças.

Sóror Cecília Baardsdatter não era como as demais freiras. Circulava silenciosa e de olhos baixos, respondia sempre com doçura e humildade, servia toda a gente, tomava de preferência o trabalho mais rude, jejuava muito mais do que era prescrito — tanto quanto a abadessa lhe permitia — e ficava ajoelhada durante horas na igreja antes e em seguida ao cântico da noite.

Numa tarde, porém, depois de haver estado todo o dia no rio a lavar roupa com duas Irmãs-conversas, desatou, de repente, a soluçar, no momento da refeição. Lançou-se sobre o chão lajeado e rastejou de joelhos no meio das freiras, batendo no peito e pedindo a todas, com as faces ardentes e banhadas em lágrimas, que lhe perdoassem. Considerava-se a maior das pecadoras, empedernida pelo orgulho; fora o orgulho e não a humildade ou o reconhecimento pela morte de Nosso Senhor Jesus Cristo que a impelira quando havia sido tentada no Mundo; refugiara-se no convento não porque amasse a alma dum homem, mas porque amava a própria soberba. Era por orgulho que servia as Irmãs; era a vaidade que ela bebia na sua tigela de água e o amor de si mesma que estendia numa camada espessa sobre o pão seco, — enquanto as outras freiras bebiam cerveja e comiam as suas grossas fatias de pão barradas de manteiga.

De tudo aquilo Cristina só compreendeu uma coisa: nem a própria Cecília Baardsdatter tinha a pura santidade no seu coração. Uma candeia de sebo dependurada no tecto, suja de fuligem e de teias de aranha, eis a que ela comparava aquela rígida castidade.

Madre Groa veio levantar a jovem freira que soluçava. Severa, declarou que, por causa desse desvairo, Cecília, como castigo, deixaria o dormitório das monjas e dormiria no próprio leito da abadessa até que lhe passasse essa fase de delírio.

— E depois, Irmã Cecília, durante oito dias sentar-

-te-ás numa poltrona, pediremos conselho a ti para as coisas espirituais e render-te-emos tais preitos pela tua vida piedosa que ficarás saciada das homenagens dos pecadores. Desta forma, poderás julgar se elas merecem tantas preocupações, e escolher se queres viver segundo as regras como nós outras ou praticar exercícios que ninguém te exige. Então hás-de reflectir se desejas fazer por amor de Deus, para que Ele te olhe com indulgência, todas as coisas que dizes ter feito para atrair a atenção sobre a tua pessoa.

Assim se procedeu. Sóror Cecília dormiu duas semanas no quarto da abadessa; teve uma febre violenta e a própria Madre Groa foi quem a tratou. Quando se restabeleceu, oito dias se sentou no alto cadeirão, tanto na igreja como no convento, e todos a serviram. Durante esse tempo, chorou como se a tivessem chicoteado. Depois disso mostrou-se mais meiga e mais feliz. Continuou uma vida semelhante à anterior, mas corava como uma noiva se alguém a fitava, estivesse ela a varrer o chão ou a encaminhar-se sòzinha para a igreja.

Entretanto o incidente de Sóror Cecília despertara em Cristina o intenso desejo de paz e de reconciliação com tudo aquilo de que chegara a sentir-se banida. Pensou em Frei Edvin e, um dia, armando-se de coragem, pediu licença à Madre Groa para ir ao convento dos Franciscanos a fim de visitar um amigo que ela ali tinha.

Notou que a sua ideia não agradava a Madre Groa — não existia muita amizade entre os frades Franciscanos e os outros conventos do bispado. E a abadessa não abrandou quando soube quem era o tal amigo de Cristina. Declarou que Frei Edvin pouco seguro se mostrava como servo de Deus — andava sempre pelos campos e acabaria nos bispados estrangeiros. Em muitos sítios o povo tomava-o por santo, ele, contudo, não parecia com-

preender que o primeiro dever dos Franciscanos é obedecer aos seus superiores. Confessara salteadores da floresta e excomungados, baptizara-lhes os filhos e rezara à beira de sepulturas sem pedir autorização para isso. Sem dúvida que pecara tanto por inconsciência como por orgulho, e suportara pacientemente as punições que lhe haviam sido infligidas por esses motivos, Perdoavam-lhe porque ele era hábil no seu oficio; mas, nas funções de artista, também tivera contendas com os outros; os mestres entalhadores não toleravam que ele trabalhasse na diocese.

Cristina afoitou-se a perguntar donde viera esse monge, cujo nome não era norueguês. Madre Groa estava disposta a conversar: contou que ele nascera em Oslo, e que o pai era inglês, um tal Richard Platemester que se casara com a filha dum camponês do cantão de Skogheim e se fixara na cidade; dois irmãos de Edvin tinham ali grande reputação como alfagemes. Mas o mais velho dos filhos de Platemester fora sempre um vagabundo. Desde criança que mostrara inclinação para a vida monástica e, logo que atingira a idade requerida, entrara nos cistercienses de Hovedoe. Mandaram-no completar a sua educação num convento de França: Edvin era bem dotado; conseguira, lá, passar da ordem de Cister para a dos Franciscanos. E, quando os frades, por iniciativa deles, se puseram a construir a sua igreja a leste do povoado, contra a ordem do bispo, Frei Edvin fora um dos piores e dos mais combativos — e até quase matara com um martelo um dos homens que o bispo mandara, com o fim de embargar as obras.

Havia muito tempo que ninguém falava tão demoradamente com Cristina; quando Madre Groa lhe disse que ela se podia ir embora, a rapariga inclinou-se e beijou a mão da abadessa com respeito e ternura, enquanto as lágrimas lhe afloravam aos olhos. Madre Groa, ao notar que ela chorava, julgou que seria de desgosto e então

acrescentou que, apesar de tudo, Cristina podia ir um dia visitar Frei Edvin.

Alguns dias mais tarde foi ela prevenida de que os criados do convento tinham uma incumbência a fazer no domínio real; podiam, pois, nessa ocasião, acompanhá-la ao mosteiro dos frades.

Lá estava Frei Edvin. Cristina nunca pensara sentir tanta alegria em ver outra pessoa que não fosse Erlend. O velho acariciou-lhe a mão enquanto conversavam. Agradeceu-lhe a visita. Não voltara à terra de Cristina desde aquela noite em que dormira em Joerundgaard, mas soubera que ela ia casar e fazia votos pela sua felicidade. Então a rapariga perguntou-lhe se queria ir com ela à igreja.

Saíram do convento e contornaram-no para alcançar a porta principal. Frei Edvin não se atrevia a levá-la através do pátio. Parecia tímido, receoso de cometer qualquer acção que pudesse irritar os outros. Cristina achava-o muito envelhecido.

Depois de colocar no altar a sua oferenda para o superior que estava na igreja, pediu a Edvin que a confessasse; ele, porém, mostrou-se aterrado com a sua proposta. Era impossível; fora-lhe severamente proibido escutar uma única confissão.

— Talvez já ouvisses falar disso — acrescentou. — A verdade, é que eu julgava não dever recusar àqueles desgraçados os dons que Deus me concedera... Mas eu tinha obrigação de os exortar a procurar a paz junto de quem competia, sim, sim... Deves confessar-te ao prior do convento onde estás.

— Há uma coisa que não posso dizer a ele — retorquiu a rapariga.

— Imaginas que te será útil confessar a mim o que queres esconder ao teu director? — observou o monge com severidade.

— Se não podes fazer o que te pedi — disse Cristina,

— deixa-me, ao menos, declarar-te, em conversa, o que me pesa na consciência, para que me aconselhes.

O frade olhou em redor. A igreja estava, justamente, vazia nessa ocasião. Sentou-se ele então numa arca que havia a um canto.

— Lembra-te de que não te posso dar a absolvição; limitar-me-ei a aconselhar-te, mas calarei o que disseres, como se te confessasses.

Cristina manteve-se de pé em frente dele e disse:

— Não posso vir a ser mulher de Simão Darre.

— Nesse assunto, não te darei um conselho diferente do que o prior te daria — replicou Frei Edvin. — Aos filhos rebeldes Deus não concede felicidade alguma, e teu pai só deseja o teu bem.

— Não sei qual será a tua opinião quando me escutares até ao fim — disse Cristina. — O caso é este: Simão é muito honesto para que corte o ramo despojado de que outro homem arrancou a flor.

Olhava frente a frente para o monge. Mas, quando os seus olhos se encontraram com os dele e lhe viu o rosto mirrado e cheio de rugas alterado pelo desgosto e pelo terror, foi como se nela também qualquer coisa se despedaçasse; as lágrimas correram-lhe pela cara e quis lançar-se de joelhos, mas Frei Edvin reteve-a vivamente.

— Não, não, senta-te aqui a meu lado; não te posso confessar... — Afastou-se um pouco para lhe dar espaço. Cristina continuava a chorar; ele acariciou-lhe a mão e disse-lhe docemente: — Recordas-te daquela manhã em que te vi pela primeira vez na escada da igreja de Hamar? Quando eu estava no estrangeiro, ouvi contar uma lenda a propósito dum frade que não acreditava que Deus nos amasse a todos, miseráveis pecadores. Veio um anjo tocar-lhe nos olhos e o frade viu uma pedra no fundo do mar; debaixo dessa pedra vivia um animalzinho cego, branco e nu; e o monge contemplou-o até que se tomou de amores por aquele ente por ser tão pequenino e frágil.

Quando te vi pequenina e frágil no imenso edifício de pedra, pensei que era justo que Deus amasse os seres como tu; eras linda e pura e, contudo, precisavas de auxílio e de protecção. Parecia-me que toda a igreja, contigo lá dentro, estava na mão de Deus...

— Ele e eu estamos ligados pelos mais sagrados juramentos — murmurou Cristina com doçura —, e disseram-me que uma união nestas condições vale tanto perante Deus como se os nossos pais nos dessem um ao outro...

O frade, todavia, retorquiu tristemente:

— Estou a ver, Cristina, que alguém vos falou do direito canónico sem o conhecer a fundo. Não te podes ligar por juramentos a ninguém sem pecar contra teus pais; Deus concedeu-lhes autoridade sobre ti antes que encontrasses esse rapaz. E não é uma vergonha e um desgosto também para os pais dele se souberem que seduziu a filha dum homem que durante toda a sua vida usou com honra o broquel? E, além disso, estavas noiva. Compreendo que não julgas haver cometido um grande pecado, mas não te atreves a confessá-lo ao prior. E, se te consideras casada a valer com esse homem, por que razão não te cobres com o lenço de linho e andas de cabelos soltos no meio de raparigas com quem já poucas afinidades tens... pois decerto os teus pensamentos vão para assuntos diferentes daqueles que as preocupam?

— Não sei o que têm elas no espírito — disse Cristina com ar cansado. — O que é verdade é que só penso no homem que amo. E, se não fosse por causa dos meus pais, amarraria de boa vontade os cabelos, sem me importar que me chamassem concubina, contanto que reconhecessem que era dele.

— Sabes se esse homem tem a intenção de se comportar contigo de forma a que possas um dia honradamente dizer que lhe pertences? — perguntou Frei Edvin.

Cristina contou então tudo o que se passara entre

ela e Erlend Nikulaussoen. E, enquanto falava, nem dava mostras de se lembrar que em momento algum duvidara da conclusão de tudo aquilo.

— Não compreendes, Irmão Edvin, que não nos podíamos dominar? Valha-me Deus! Se, ao sair daqui, o encontrasse no caminho, segui-lo-ia, se ele assim quisesse!... Só agora reparo que outros, além de nós, também pecaram... No dia em que deixei a aldeia não fazia nenhuma ideia que na alma humana existissem sentimentos tão fortes que nos impelissem a esquecer o receio do pecado, mas daí para cá vi tantas coisas que, se não há remissão para os crimes que o desejo ou a cólera fazem cometer, então o céu estará vazio. De ti próprio dizem que um dia, desvairado pela ira, bateste numa criatura...

— É certo — atalhou o monge — que só à misericórdia divina é que eu devo não ser assassino. Foi há muitos anos; eu era novo ainda, e achava que não podia suportar a injustiça que o bispo queria exercer contra nós, pobres frades. O rei Haakon, que então era duque, oferecera-nos terreno para a nossa igreja, mas não possuíamos muito dinheiro e por isso nós mesmos nos encarregámos do trabalho... com alguns homens que nos auxiliavam mais com o fito na recompensa do céu do que naquilo que lhes podíamos pagar. Talvez fosse orgulho, em nós, frades mendicantes, querer construir uma igreja tão magnífica, mas andávamos contentes como crianças numa campina e entoávamos cânticos enquanto a íamos edificando, pintando e esculpindo. Deus abençoe o Irmão Ranulv, que foi o arquitecto; era hábil canteiro; parece-me que esse homem foi dotado por Deus para todas as ciências e para todas as artes. Esculpi então várias imagens de pedra. Executara eu uma de Santa Clara como a que os anjos traziam para a igreja de São Francisco na noite de Natal; ficara muito bonita e fazia a alegria de nós todos, mas vieram aqueles diabos demolir os muros, e caíram pedras que me esmagaram as esculturas. Com o martelo dei

uma pancada num homem; não me pude dominar... Estás a sorrir, Cristina? Não compreendes que é mau para ti gostares mais de ouvir falar da fraqueza dos outros do que da vida dos homens bons que poderiam servir-te de exemplo?

«Não é fácil dar-te um conselho — continuou ele, quando a rapariga se pôs de pé —, pois, se fizesses o que é mais justo, seria um desgosto para os teus pais e uma vergonha para toda a tua família. Esforça-te, entretanto, por quebrar o teu compromisso com Simão Andressoen, e, depois, espera com paciência a felicidade que Deus te há-de dar, faz penitência no teu coração quanta te for possível, e não consintas mais que esse Erlend te leve para o pecado, mas pede-lhe afectuosamente que procure reconciliar-se com teus pais e com Deus.

«Não te posso absolver do pecado—acrescentou Edvin, quando se despediram. — Mas vou rezar por ti com toda a minha alma...

Pousou as mãos descarnadas sobre a cabeça de Cristina e, como adeus, recitou por ela uma oração de bênção e de paz.

VI

CRISTINA não se recordou depois muito bem do que Frei Edvin lhe dissera. Mas saiu do mosteiro com a alma inundada de pureza e tranquilidade.

Antes, lutara contra vago e secreto receio e tentara arrostá-lo: não cometera um pecado grave! Agora o Irmão Edvin provara-lhe nítida e claramente que não era assim: discriminara essa espécie de pecado; ela devia sofrer-lhe as consequências e suportá-las com paciência e dignidade. Cristina esforçou-se por pensar em Erlend sem alvoroço — sem impaciência por ele lhe não mandar notícias nem por lhe faltar com o seu afecto. Limitar-se-ia a guardar-lhe fidelidade, cheia de bondade por Erlend. Lembrou-se dos pais e prometeu a si própria recompensá-los de toda a sua ternura quando acabassem por vencer o desgosto que a filha lhes ia dar por causa do rompimento com Simão. E o que mais a preocupara fora a recomendação de não procurar consolar-se com os erros dos outros; sentiu que se tornava boa e humilde e depressa viu quanto era fácil ganhar a amizade das pessoas. Achou imediato alívio na ideia de que não seria muito difícil concordar com os mais; sem dúvida acabariam também por se conciliarem com Erlend e com ela.

Até ao dia em que depositara a sua fé em Erlend, sempre cuidara em praticar tudo o que era bom e justo, mas fizera-o sob as ordens de outrem. Percebia hoje que, de rapariga, se tornara mulher. Isso tinha um sentido

mais profundo do que as ardentes e secretas carícias que ela recebera e retribuíra; não só dispensava os conselhos do pai por vontade de Erlend, como Frei Edvin lhe pusera aos ombros o fardo da responsabilidade da sua vida e da vida de Erlend. E estava decidida a tomar dignamente essa responsabilidade. Foi assim que colaborou com as freiras nas festas do Natal e que, no meio das imponentes cerimónias, da alegria e da paz, sentindo-se absolutamente indigna, se consolou ao pensar que depressa viria a ocasião em que se poderia reabilitar.

Inesperadamente, no dia do Ano Novo, chegou ao convento André Darre com a sua mulher e os cinco filhos. Desejavam festejar a segunda parte do Natal, na cidade, com amigos e parentes, e tinham posto no programa a estada de Cristina em casa deles durante alguns dias.

— Julgo, minha filha — disse a Sr.ª Angerd —, que não te recusarás a ver caras novas.

Os senhores de Dyfrin moravam numa linda casa duma quinta próxima do castelo do bispo, a qual pertencia a um primo direito de André. Havia ali um grande aposento destinado aos criados, e, no primeiro andar, um magnífico quarto com fogão de pedra e três vastos leitos; num dormia André Darre e a mulher com o filho mais novo, Gudmund, ainda de tenra idade; a segunda cama destinava-se às filhas, Astrid e Sigrid, e a Cristina, e a terceira pertencia a Simão e ao irmão mais velho, Gird Andressoen.

Todos os filhos de André eram belos. Simão menos do que os outros, no entanto, conforme a opinião geral, possuía também um físico agradável. Cristina reparou, mais ainda do que no ano anterior quando estivera em Dyfrin, que os quatro irmãos só davam ouvidos a Simão e faziam tudo o que ele queria. Os primos eram afeiçoa-

dos uns aos outros, mas estavam todos de pleno acordo em conceder a Simão o primeiro lugar.

Aquele período do Natal decorreu com alegria; iam diàriamente à igreja levar a sua oferenda; todas as noites se reuniam com os amigos para beber, e os mais moços tinham licença de tocar e dançar. Testemunhavam a Cristina a maior amizade e ninguém parecia notar quanto ela andava melancólica.

À noite, depois de apagadas as luzes e de estar toda a gente deitada, Simão tomara o costume de se levantar e de ir para junto do leito das raparigas. Gostava de se sentar uns instantes à beira da cama; quase sempre, dirigia a palavra às irmãs, mas, na sombra, deslizava a mão até ao peito da noiva e aí a conservava enquanto ia conversando, o que repugnava a Cristina a ponto de lhe causar suores.

Tinha ela agora muito maior percepção. Compreendia perfeitamente que havia imensas coisas que Simão, orgulhoso e tímido em excesso, não lhe dizia desde que reparara que a noiva nada lhe tolerava. E Cristina sentia uma cólera singular e amarga contra o rapaz por achar que ele queria parecer melhor marido do que o outro que ela escolhera — embora Simão nem soubesse que este existia.

Uma noite, porém, em que tinham ido dançar para outra quinta, Astrid e Sigrid ficaram em casa dos companheiros de divertimento. Logo que em Dyfrin se foram todos deitar, Simão aproximou-se do leito de Cristina e estendeu-se sobre a manta que estava em cima da cama.

Cristina puxou-a até ao queixo e apertou enèrgicamente os braços de encontro ao peito. Ao fim dum instante, o rapaz avançou a mão para a noiva e esta, sentindo-lhe a manga de seda, percebeu que ele não se despira.

— Ès tão tímida ao escuro como em pleno dia — exclamou Simão, rindo baixinho. — Consente, ao menos, que te pegue numa das mãos!

Cristina estendeu-lhe a ponta dos dedos.

— Não achas que devíamos aproveitar esta ocasião para dizermos qualquer coisa um ao outro?

Pensando que poderia declarar-lhe tudo naquele momento, a rapariga disse que sim, mas, depois, não ousou proferir uma única palavra.

— Permites, então, que me meta debaixo da coberta? Sinto frio, agora... — E Simão enfiou-se entre a manta de peles e o cobertor de lã que estava directamente sobre Cristina. Passou o braço em volta da almofada mas de forma a não tocar na rapariga. Assim permaneceu uns instantes.

— Não és fácil de cortejar — observou, por fim, Simão, com um riso resignado. — Pois bem! Prometo não te beijar, se isso te contraria. Mas fala, sequer, comigo...

Cristina humedeceu os lábios com a ponta da língua; no entanto, conservou-se calada.

— Parece-me que estás a tremer — continuou Simão. — Realmente, Cristina, não tens nada contra mim?

— Não — limitou-se ela a dizer, achando que não podia mentir.

Simão esperou ainda um momento. Tentava entabular conversa. Finalmente, sorrindo de novo, disse:

— És de opinião, já vejo, que me devo contentar... por esta noite... com saber que não tens nada contra mim e ficar satisfeito com essa ideia. É-me penoso que sejas tão orgulhosa; em todo o caso, tens de me dar um beijo; depois disso ir-me-ei embora sem te maçar mais.

Beijou-a, e saltou para o chão. Cristina reflectia que era ocasião de lhe participar o que devia ser dito; Simão, porém, voltara para a cama, e ela ouviu-o despir-se.

No dia seguinte, a Sr.ª Angerd não se mostrou tão amável como de costume com Cristina. Esta calculou que ela decerto ouvira qualquer coisa e lhe parecia que a noiva não recebera o filho condignamente.

No decorrer da tarde, Simão contou que tinha tenção de adquirir por troca um cavalo que um dos amigos possuía. Perguntou a Cristina se o queria ir ver com ele. A jovem concordou com a proposta e ambos saíram para a cidade.

O tempo estava fresco e belo. Nevara um pouco durante a noite, mas, agora, o sol brilhava, embora o frio fosse bastante para que a neve lhes estalasse sob os passos. Cristina achava delicioso caminhar assim com a brisa glacial a bater-lhe na cara, e, quando Simão foi buscar o cavalo que pretendia, ela conversou acerca do animal com certa animação. Percebia um pouco de cavalos, pelo facto de ser Lourenço grande entendedor. Este era um magnífico garanhão cinzento com uma lista negra ao longo do dorso e uma crina dura, bem conformado e vivo, mas pequeno e franzino.

— Não se aguentará muito tempo debaixo dum homem equipado — opinou Cristina.

— Oh! Não é para isso que eu o destino — replicou Simão.

Levou o cavalo para a cerca que ficava atrás da herdade, fê-lo galopar e andar a passo, montou-o e quis que Cristina o montasse também. Assim se demoraram um bom pedaço ao ar livre, sobre o terreno nevado.

Por fim, quando Cristina dava pão ao cavalo, enquanto Simão se apoiava com o braço sobre a garupa, o rapaz disse bruscamente:

— Parece-me, Cristina, que entre ti e minha mãe há certa frieza ..

— Nunca tive a ideia de ser desagradável para tua mãe, nem houve contenda alguma entre nós duas.

— Acho que também não tiveste discussão nenhuma comigo — retorquiu Simão. — Não me imporei a ti antes do tempo, Cristina; contudo, isto não pode continuar assim, sem haver maneira de eu falar contigo...

— Nunca tive jeito para falar — disse Cristina — e

não espero que te pareça grande perca se nada se realizar entre nós.

— Bem sabes o que penso disso — respondeu Simão, fitando-a.

Cristina tornou-se vermelha como sangue. Sentia que já não podia desdenhar do pedido de Simão Darre. Disse este então, depois duma pausa:

— Cristina, é Arne Gyrdsoen que julgas não poder esquecer?

A rapariga olhou-o fixamente. Simão continuou, com doçura e bondade:

— Não te censuro por isso; fostes criados como irmãos, e só há um ano que aconteceu aquilo. Mas podes ter a certeza duma coisa: é que desejo o teu bem...

O rosto de Cristina mostrava-se agora muito pálido. Nenhum deles proferiu uma palavra enquanto atravessavam a cidade, ao crepúsculo. Ao fim da rua, na atmosfera azulada, via-se a fouce da Lua com uma estrela brilhante junto dela.

Um ano! dizia consigo Cristina; não conseguia recordar-se da última vez que pensara em Arne. Teve medo; talvez que ela fosse uma mulher má, leviana e desprezível. Um ano, desde que o vira no caixão, na sala da vigília, quando imaginara que nunca mais teria alegria na vida! Desesperava-se no silêncio, aterrada com a inconstância do seu coração e com a instabilidade das coisas. Erlend, Erlend... poderia esquecê-lo? Seria ainda pior, julgava ela, se um dia o esquecesse.

O cavaleiro André foi com os filhos ao banquete do Natal no domínio régio. Cristina observou todo o esplendor e magnificência que lá havia; estiveram também no salão onde se via sentado o rei Haakon assim como Isabel Bruce, viúva do rei Erik. André avançou e saudou o rei, enquanto os filhos e Cristina se conservavam um pouco à retaguarda. A rapariga pensava em tudo o que a Se-

nhora Aashild lhe contara; lembrava-se de que o rei era parente chegado de Erlend—as avós paternas eram irmãs —e que ela, a amante de Erlend, não possuia direito algum de ali estar, seguramente, no meio da bondosa e honesta família do cavaleiro André.

De súbito, viu Erlend Nikulaussoen. Aproximara-se da rainha Isabel e permanecia de cabeça inclinada e com a mão no peito, enquanto ela lhe dirigia algumas palavras. Envergava o fato de seda castanha que tinha na festa de Santa Margarida. Cristina caminhava atrás das filhas de André.

Quando, um momento depois, a Sr.ª Angerd as conduziu à rainha, a rapariga não viu Erlend em parte nenhuma; contudo não ousou levantar mais a vista do chão. Mentalmente, perguntava se ele estaria nalgum canto do salão; sentia fixo em si o olhar de Erlend, mas também lhe parecia que toda a gente a fitava, como se soubessem que ali comparecera como uma mentirosa, com um diadema de ouro sobre os cabelos soltos.

Erlend não estava na sala onde as pessoas moças tiveram o seu festim e onde dançaram depois de as mesas serem levadas dali. Cristina viu-se forçada a dançar, nessa noite, de mão dada ao noivo.

Encostada a uma das compridas paredes, havia uma mesa presa ao chão, e, incessantemente, os criados do rei traziam para ali cerveja, hidromel e vinho. Numa ocasião em que Simão a conduzira para esse lado e bebia à saúde dela, a rapariga viu que Erlend estava muito perto, atrás do outro. Olhava para ela. A mão de Cristina tremeu quando recebeu a taça das mãos de Simão e a levou à boca. Erlend conversava em voz baixa com um homem que o acompanhava, — um homem idoso, belo, alto e corpulento que sacudia num gesto involuntário a cabeça, e parecia irritado. Logo depois, Simão dirigiu-se outra vez com a noiva para a dança.

Nem soube quanto tempo durou aquilo; as canções pareciam não ter fim, e cada instante lhe era longo e penoso de desejo e de inquietação. Ao acabar a dança, Simão arrastou de novo Cristina para a mesa onde se bebia.

Veio um amigo falar-lhe, o qual depois o levou consigo para um grupo de rapazes que estavam distanciados a alguns passos. Então Erlend avançou para Cristina.

— Tenho tantas coisas para te dizer! — segredou ele. — Não sei por onde devo começar... Jesus, que tens? — perguntou bruscamente, ao notar-lhe o rosto branco como cal.

Ela não o podia ver nitidamente; parecia-lhe que entre a cara dum e doutro havia água a correr. Erlend pegou numa taça da mesa, bebeu e entregou-lha. Cristina teve a impressão de que era muito pesada ou que o seu braço estava como que partido na articulação; não chegou a levar a taça à boca.

— Bebes com o teu noivo e não queres beber comigo? — perguntou Erlend com meiguice.

Cristina deixou cair a taça da mão e tombou para a frente nos braços dele. Quando voltou a si, estava deitada num banco, com a cabeça no regaço duma jovem desconhecida. Haviam-lhe desapertado o cinto e o broche do peito. Alguém lhe batia na palma das mãos, e ela tinha água na cara.

Endireitando-se, sentou-se. No círculo de gente que a rodeava, viu o rosto de Erlend, pálido e aflito. Cristina sentia o corpo a tremer, os ossos como que desfeitos, a cabeça enorme e vazia — mas lá dentro brilhava um único pensamento claro e desesperado: precisava falar com Erlend.

Disse então a Simão Darre, que estava também junto dela:

— Decerto, foi do calor excessivo; há aqui muitas velas, e não estou habituada a beber tanto vinho...

— Sentes-te bem, agora? — perguntou Simão. — Assustaste-nos! Queres que te acompanhe a casa?

— É melhor esperar até que teus pais se vão embora — respondeu Cristina tranquilamente. — Senta-te a meu lado; não me atrevo a dançar mais...

Bateu no coxim que se encontrava perto dela e depois estendeu a outra mão para Erlend.

— Sentai-vos aqui, Erlend Nikulaussoen; não vos pude apresentar as minhas saudações. Ingebjoerg dizia nestes últimos tempos que julgava que vós a tínheis esquecido.

Cristina reparou que lhe custara muito menos recuperar o sangue-frio do que a ele; por isso, dificilmente reprimiu o terno e leve sorriso que se lhe esboçou nos lábios.

— Haveis de agradecer à moça recordar-se ainda de mim — balbuciou ele. — Receava que me tivesse esquecido.

Cristina hesitou um pouco. Não sabia o que devia dizer que pudesse partir da frívola Ingebjoerg e que, no entanto, Erlend conseguisse interpretar. Invadiu-a então uma amargura pelo extenuamento de tantos meses, e replicou:

— Caro Erlend, pensais que nós, as raparigas, esquecemos o homem que tão bem defendeu a nossa honra?

Notou que as suas palavras haviam sido como que golpes para ele, e logo lastimou o que dissera. Simão interveio e perguntou de que se tratava. Cristina contou-lhe a aventura dela e de Ingebjoerg na floresta de Eikaberg. Vendo que o noivo não ficara satisfeito com isso, pediu-lhe que fosse perguntar à Sr.ª Angerd se ainda se iam demorar no castelo: em todo o caso, sentia-se fatigada... Logo que Simão se afastou, a rapariga olhou para Erlend.

— É espantoso — disse ele em voz baixa — como tens presença de espírito. Nunca imaginei isso de ti.

— Forçoso me foi aprender a dissimular, podes ter a certeza — retrucou ela com ar sombrio.

Erlend suspirou profundamente; estava ainda muito pálido:

— É, pois, verdade? — murmurou ele. — Todavia prometeste dirigires-te aos meus amigos, se tal acontecesse. Só Deus sabe quanto pensei em ti cada dia, quanto cismei no caso de suceder o pior...

— Não sei o que entendes por pior — retorquiu Cristina secamente. — Nada receies. O pior, para mim, foi nunca quereres mandar-me notícias tuas. Não compreendes que vivo no meio das freiras como um pássaro fora do ninho?

Deteve-se; sentia as lágrimas prestes a irromperem-lhe dos olhos.

— É por esse motivo que estás agora com a gente de Dyfrin? — perguntou ele.

Cristina ficou tão acabrunhada que nada conseguiu responder.

Viu a Sr.ª Angerd e Simão aparecerem na porta. A mão de Erlend pendia em frente do joelho, muito perto dela, e a rapariga não lha podia agarrar.

— É preciso que eu fale contigo — disse ele vivamente. — Não dissemos uma palavra do que devíamos...

— Vai à missa da igreja de Santa Maria, depois das festas do Natal — respondeu Cristina depressa, erguendo-se a fim de ir ao encontro dos outros dois.

A Sr.ª Angerd mostrou-se muito afectuosa e cheia de atenções para Cristina no regresso a casa, e ajudou-a a meter-se na cama.

Com Simão, a rapariga não teve oportunidade de falar antes do dia seguinte. Disse ele então:

— Como é possível que te faças mensageira entre esse Erlend e Ingebjoerg Filippusdatter? Não te deves prestar a isso, se as suas relações são ilícitas!

— Não tem importância — retrucou Cristina. — Ela não passa duma maluca.

— Além disso, acho que devias ter sido mais prudente e não te arriscares na floresta e nas estradas com essa criatura fútil.

Mas Cristina lembrou-lhe vivamente que não fora por culpa delas que se haviam perdido no caminho, e Simão nada mais disse.

No outro dia, reconduziram-na ao convento, em vista de André Darre e a família voltarem para a sua moradia.

Erlend compareceu todos os dias no ofício da tarde da igreja do convento durante uma semana sem que surgisse ocasião de falar com Cristina. Esta tinha a impressão de ser como um açor de olhos tapados e preso ao poleiro. E, ainda por cima, sentia-se infeliz por causa das palavras que haviam trocado no seu último encontro: não era daquela maneira que devia ter decorrido. Pouco importava que repetisse de si para si ter sido tudo tão repentino que nem sabia o que dizer.

Uma tarde, porém, ao sol-posto, veio ao parlatório uma dama bonita que parecia ser a mulher dum burguês da cidade. Pediu para falar a Cristina Lavransdatter e declarou que era a mulher dum mercador de panos; o marido chegara havia pouco da Dinamarca e trouxera várias capas muito lindas. Aasmund Bjoergulfsoen queria oferecer uma delas à sobrinha, e a rapariga devia sair com ela para fazer a sua escolha.

Cristina foi autorizada a acompanhar a referida senhora. Pensava ela que nem parecia um gesto do tio, aquilo de a querer presentear com objecto caro, e achava esquisito que a mandasse buscar por intermédio duma desconhecida. Esta, ao princípio, mostrou-se pouco faladora e não respondeu às perguntas de Cristina, mas, quando chegaram ao centro da cidade, disse de súbito:

— Não te quero enganar, bela menina. Dir-te-ei as

coisas como são, e procederás como entenderes. Não foi teu tio que me enviou, mas sim um homem. Talvez adivinhes o seu nome, e, se o não adivinhas, não deves vir comigo. Não tenho marido e ganho a vida, para mim e para os meus, mantendo uma estalagem e vendendo cerveja; não há pois que temer nem o pecado nem os guardas da cidade, mas não quero emprestar a casa para que sejas traída ao abrigo da minha porta.

Cristina parou, muito corada. Sentia-se pungida e envergonhada pela acção de Erlend. A mulher continuou:

— Levar-te-ei ao convento, mas espero de ti alguma coisa pela maçada que tive. O cavaleiro prometeu-me uma boa recompensa, mas eu também fui bonita outrora, e enganaram-me. Peço-te que te lembres de mim esta noite nas tuas orações. Chamo-me Brynhild Fluga.

Cristina tirou um anel do dedo e entregou-lho.

— Foste muito gentil, Brynhild; esse homem, porém, é o meu parente Erlend Nikulaussoen, nada tenho a recear; deseja ele que eu o reconcilie com meu tio. Podes estar sossegada; mas agradeço-te por me teres prevenido.

Brynhild Fluga voltou a cara para esconder um sorriso.

Conduziu Cristina pelas travessas situadas atrás da igreja de São Clemente e pelo norte do rio. Existiam ali várias quintarolas isoladas na falda da encosta. Caminhavam entre paliçadas quando Erlend lhes veio ao encontro. Olhou ele em redor e, depois, tirou a capa, enrolou-a em Cristina, e puxou-lhe o capuz para a cara.

— Que achas a esta ideia? — perguntou ele muito depressa e em voz baixa. — Pareço-te proceder de maneira absolutamente louca, mas precisava de falar contigo.

— De pouco nos há-de servir indagar o que é loucura e o que não é — replicou Cristina.

— Não fales assim — pediu ele. — A culpa é minha... Cristina, suspirei por ti dia e noite — murmurou apertando-a a si.

Traspassou-a um calafrio quando, num momento, os seus olhos se encontraram. Sentia-se culpada de haver tido outro pensamento que não fosse o seu amor por Erlend, quando ele a fitava daquela forma.

Brynhild Fluga desapareceu em frente deles.

— Entramos na sala, ou vamos para o quarto do andar superior? — perguntou Erlend ao chegar ao pátio.

— Como quiseres — respondeu Cristina.

— Está frio lá em cima — disse Erlend em voz baixa. — Havemos de nos meter na cama...

Cristina limitou-se a fazer um sinal afirmativo.

Logo que a porta se fechou nas suas costas, ele tomou-a nos braços. Dobrou-a como a uma chibata, cegou-a e sufocou-a de beijos, enquanto lhe arrancava, impaciente, as duas capas e as lançava ao chão. Depois levantou a rapariga, no seu claro trajo conventual, e transportou-a até ao leito que ali se via. Assustada com a violência de Erlend e com o seu súbito desejo do homem, enlaçou-o com os braços e escondeu a cara no pescoço dele.

Estava tanto frio no quarto que podiam ver o próprio hálito como uma névoa em frente da candeia colocada sobre a mesa. Mas havia na cama muitas tapeçarias e peles, e, por cima de tudo, uma enorme pele de urso que eles puxaram até lhes tapar a cara. Cristina não sabia há quanto tempo estava assim refugiada nos braços de Erlend, quando ele disse:

— Agora, minha Cristina, temos de falar do que é urgente. Não me atrevo a deixar-te demorar mais aqui...

— Posso ficar toda a noite, se quiseres — murmurou a rapariga.

Erlend apoiou a face à de Cristina.

— Nesse caso não seria teu amigo. É estúpido que assim seja, mas não te deves comprometer por minha causa.

Cristina não respondeu. Estava dolorosamente perturbada; não compreendia que ele falasse daquela maneira, ele por quem viera a casa de Brynhild Fluga! Sem

saber porquê, não achava o lugar decente. E Erlend previra como tudo se passaria, pois mandara pôr uma bilha de hidromel encostada ao leito.

— Pensei — prosseguiu Erlend — que, se não houver outro recurso, levar-te-ei à força para a Suécia; a Sr.ª Ingebjoerg recebeu-me com bondade no último Outono e recordou o nosso parentesco. Mas, agora, expio os meus pecados. Já uma vez fugi do país, como sabes, e não quero que tenhas a reputação de ser igual à outra.

— Leva-me contigo para Husaby — disse Cristina de mansinho. — Não tenho coragem de te deixar e de viver no convento com as raparigas. Os teus pais e os meus seriam decerto bastante razoáveis para consentir que nos casássemos e nos reconciliássemos com eles.

Erlend apertou-a de encontro a si e gemeu:

— Não te posso levar para Husaby, Cristina.

— Porque é que não podes? — perguntou ela com doçura.

— Eline está lá desde o Outono — declarou ele depois dum silêncio. — Não conseguirei que se vá embora da quinta — continuou vivamente —, a não ser que a meta num trenó e a leve para longe. E isso, achei que o não devia fazer; trouxe consigo os dois filhos para casa...

Cristina tinha a impressão de soçobrar, cada vez mais para o fundo. Com voz alquebrada pelo terror, disse:

— E eu a julgar que estavas separado dela...

— Também eu o julgava — respondeu Erlend sucintamente. — Mas, em Oesterdal, perguntou se eu pensava em casar. Viste aquele homem que me acompanhava no banquete do Natal? Era meu pai adoptivo, Baard Petersoen de Hestnaes. Fui procurá-lo quando regressei da Suécia; estive também em casa do meu parente Heming Alvsoen em Saltvik; contei que me queria casar e pedi-lhes que me auxiliassem. Eline foi informada disso... Propus-lhe que ela reclamasse o que quisesse para si e para os filhos... mas esperam que Sigurd, o marido, não

passe do Inverno; então ninguém nos poderia impedir de vivermos juntos. Eu dormia na cavalariça com Haftor e Ulv, e Eline ficava no meu quarto. Os escudeiros deviam rir bastante nas minhas costas.

Cristina não podia articular palavra. Pouco depois, Erlend continuou:

— Sabes, no dia em que eu e tu festejarmos os nossos esponsais ela há-de compreender que não lucrou nada com o aviso e que já não tem poder sobre mim... Para os pequenos, coitados, é que a coisa corre mal. Já não os via há um ano... são engraçados... e não tenho grandes possibilidades de lhes assegurar a situação. Não lhes serviria de muito se eu casasse com a mãe.

As lágrimas principiaram a deslizar pelas faces de Cristina.

— Ouviste o que eu disse, que falei aos meus parentes? — perguntou Erlend. — Agradou-lhes a ideia de eu pensar agora no matrimónio. Declarei-lhes que era a ti que eu queria e não a outra...

— E isso não lhes agradou? — perguntou finalmente Cristina, acabrunhada.

— Só objectaram — disse Erlend com ar sombrio — que não podiam nem queriam ir comigo procurar teu pai antes que esse assunto entre ti e Simão Andressoen estivesse dissolvido. Para nós, Cristina, o caso não está melhor, visto haveres festejado o Natal com a família de André Darre.

Cristina não resistiu mais e chorou em silêncio. Sentira perfeitamente que havia no seu amor qualquer coisa contra o bem e contra a honra, e agora via que era por culpa sua.

Tremia de frio quando se levantou um pouco mais tarde e que Erlend a abafou com as duas capas. A noite estava muito escura e Erlend acompanhou-a até ao cemitério de São Clemente. Brynhild fez com ela o resto do caminho para Nonneseter.

VII

UMA semana depois, Brynhild Fluga veio anunciar que a capa estava pronta. Cristina saiu com ela e foi com Erlend para o mesmo quarto da vez anterior.

Quando se separaram, ofereceu-lhe ele uma capa de veludo azul, bordada a seda escarlate.

— É para que tenhas alguma coisa a mostrar no convento — explicou o rapaz.

E acrescentou que aquelas eram as cores do vestido que ela envergava no famoso dia da floresta. Cristina ficou admirada consigo própria por se sentir tão contente ao ouvi-lo dizer aquilo. Nunca ele lhe dera maior alegria do que falando daquela forma.

Não podiam continuar a usar do mesmo pretexto para se reunirem, e não era fácil encontrar outro. Erlend vinha ao ofício da tarde à igreja do convento e, às vezes, depois do ofício, Cristina conseguia que a mandassem fazer qualquer incumbência aos edifícios anexos ao mosteiro e assim trocavam, de fugida, algumas palavras junto dos muros, protegidos pela escuridão das tardes de Inverno.

Cristina lembrou-se então de pedir licença a Sóror Potenciana para ir visitar umas velhas paralíticas a quem o convento dava esmola e que moravam numa cabana isolada, num campo. Atrás do casebre existia uma dependência onde elas tinham uma vaca. Cristina ofereceu-se

para tomar cuidado de tudo aquilo quando lá estivesse, e então abria a porta a Erlend.

Com alguma surpresa notou que, por muito satisfeito que Erlend se mostrasse junto dela, havia no seu espírito uma espécie de rancor por ela ter inventado aquele expediente.

— Não foi muito bom para ti haveres-me conhecido — disse ele numa tarde —, pois já aprendeste a usar dissimulações destas.

— E és tu quem me censura! — exclamou ela, desolada.

— Não é a ti que eu critico — disse Elend vivamente e com timidez.

— Eu própria nunca pensei que chegasse a mentir com tanta facilidade — continuou ela. — Mas tudo se pode quando é preciso.

— Nem sempre — retorquiu Erlend como anteriormente. — Recordas-te que no Inverno passado não conseguias dizer ao teu noivo que o não querias?

Cristina não respondeu e passou devagarinho a mão pela cara de Erlend.

Nunca via, tão nitidamente, quanto Erlend lhe era querido como quando ele lhe dizia coisas semelhantes àquelas que a tornavam triste ou cheia de espanto. Sentia-se feliz em lançar sobre si a culpa de tudo o que era contra a honra e correcção no amor deles. Se houvesse tido a coragem de falar a Simão como devia, estariam agora mais adiantados no caminho da solução do seu caso. Erlend fizera tudo o que pudera, pois conversara com os parentes acerca do casamento. Cristina repetia isso de si para si quando os dias no convento lhe eram longos e penosos. Erlend quisera proceder da forma mais justa. Com um leve sorriso terno a rapariga pensava nele e no dia do casamento; ela iria a cavalo para a igreja, vestida de veludo e seda; levá-la-iam para o leito nupcial com uma alta coroa de ouro sobre os seus cabelos soltos, «os

teus cabelos tão belos, tão belos», como ele dizia, passando-lhe as mãos pelas tranças.

— Em todo o caso, não será para ti o mesmo do que se eu nunca houvesse sido tua — observou Cristina pensativa, numa ocasião em que aludiram ao enlace.

Então Erlend apertou-a furiosamente de encontro a si.

— Diz-me se me é possível recordar a primeira vez em que festejei o Natal ou a primeira vez em que vi na aldeia a erva a brotar nas colinas depois do Inverno? Oh! Lembro-me bem da primeira vez em que foste minha e das que se seguiram, mas possuir-te é como festejar o Natal e caçar pássaros nas colinas verdejantes, incessantemente.

Cheia de felicidade, Cristina encostou-se a ele. Não que acreditasse que tudo decorreria como Erlend julgava. Cristina tinha a certeza que depressa chegaria para eles o dia do julgamento. Não era possível que aquilo continuasse bem. Mas não se assustava... Afligia-a mais a ideia de que Erlend devia partir para o Norte antes de tudo estar resolvido e que tinha de ficar outra vez separada dele. Erlend morava agora no castelo de Akersnes; Munan Baardsoen permaneceria ali enquanto o tesoureiro da casa real se demorasse em Tunsberg, onde o rei estava gravemente enfermo. Mas havia de vir o tempo em que Erlend voltasse para a sua quinta a fim de tomar cuidado das propriedades. Cristina não queria confessar a si própria que receava mais que ele regressasse a Husaby, onde a amante o esperava, nem que tinha menos medo de ser surpreendida no pecado com Erlend do que afrontar sòzinha Simão e Lourenço e dizer-lhes o que lhe pesava no coração.

E assim, quase desejava que um castigo caísse sobre ela, e bem depressa, pois não tinha outro pensamento que não fosse Erlend; suspirava por ele de dia, com ele sonhava de noite; não podia sentir arrependimento, mas

consolava-se com a ideia de que chegaria a ocasião em que ambos pagariam caro tudo aquilo que se haviam permitido em segredo. E durante os curtos instantes que ela passava na companhia de Erlend, no estábulo daquelas pobres mulheres, lançava-se-lhe nos braços com tanta paixão como se tivesse vendido a alma para lhe pertencer.

Decorreu algum tempo e tudo levava a crer que Erlend teria a felicidade com que contava. Cristina não via que desconfiassem dela no convento. Ingebjoerg estava informada dos encontros de Erlend com Cristina e achava que isso não era mais do que uma distracção que a rapariga arranjara. Que uma noiva de boa família tivesse a audácia de querer desmanchar um casamento preparado pelos pais, era ideia que não podia surgir no espírito de Ingebjoerg. Cristina bem sabia. Então, assustava-se por momentos; talvez fosse coisa absolutamente inaudita o que ela ousara. Pensando assim, desejou de novo que descobrissem tudo, para acabar com aquilo.

Chegou a Páscoa. Cristina não compreendia como se passara esse Inverno. Cada dia em que não via Erlend dir-se-ia tão longo como um mau ano, e esses dias haviam-se encadeado em semanas sem fim, mas, agora, estava-se na Primavera e na Páscoa e parecia-lhe que nem decorrera uma hora desde o banquete do Natal. Pediu a Erlend que a não viesse ver durante as festas — ele cedia a todas as suas súplicas, pensava ela. Ambos tinham culpa de haverem pecado contra a abstinência. Queria ela, ao menos, que a cumprissem na Páscoa. No entanto, atormentava-se por não o ver. Talvez que dentro em pouco Erlend fosse viajar. Este nada lhe dissera, mas Cristina sabia que o rei estava à morte; isso traria, possìvelmente, uma mudança à situação de Erlend.

Estavam as coisas neste pé quando, num dos primeiros dias depois da Páscoa, Cristina foi chamada ao par-

latório a fim de ver o noivo. Logo que Simão lhe veio ao encontro de mão estendida, ela percebeu que havia qualquer coisa de extraordinário; o semblante dele mostrava-se diferente do do costume; os seus olhinhos claros não riam; dir-se-iam distantes quando ele sorria. E Cristina não pôde deixar de reparar que lhe ficava bem o ser menos risonho. Estava muito elegante, com uma espécie de fato de viagem — certa capa azul espessa e ampla denominada «kothardi» e uma larga gola parda com capuz, momentâneamente lançado para trás; os cabelos alourados frisavam-se-lhe no ar húmido.

Sentaram-se a conversar uns instantes. Simão estivera em Formo durante a Quaresma e fora a Joerundgaard quase todos os dias. Iam de saúde lá em casa; Ulvhild passava tão bem que tinham esperança nela. Ramborg fora para a companhia dos pais; estava bonita e muito esperta.

— É por estes dias que finda o ano que devias passar em Nonneseter — observou Simão. — Já começaram em tua casa a preparar a festa dos nossos esponsais.

Cristina não dizia nada; então o rapaz ajuntou:

— Disse a Lourenço que vinha a Oslo para conversar contigo.

De olhos postos no chão, Cristina proferiu docemente:

— Gostaria de te falar desse assunto numa sala à parte.

— Também sou de opinião que é necessário estarmos sós — respondeu Simão Andressoen. — Queria justamente pedir-te que fosses perguntar a Madre Groa se podemos ir juntos até ao jardim.

Cristina ergueu-se prestamente e deslizou sem ruído para fora do locutório. Pouco depois voltou acompanhada duma das freiras, a qual trazia uma chave.

Uma das portas do parlatório dava para a horta que ficava atrás das casas mais a oeste do convento. A monja abriu a referida porta e eles avançaram através de tão denso nevoeiro que só distinguiam as árvores a alguns

passos de distância. Os troncos mais próximos estavam negros como carvão, e a humidade cobria de pérolas os ramos. Havia um pouco de neve recente que se derretia na terra molhada, mas, sob os silvados, despontavam já lírios brancos e amarelos e das violetas evolava-se um perfume fresco.

Simão conduziu-a para o primeiro banco que encontrou. Sentou-se, e ficou inclinado para a frente, de cotovelos apoiados nos joelhos. Depois levantou os olhos para Cristina, sorrindo de forma estranha.

— Creio adivinhar o que me queres dizer — começou ele. — Há outro homem que te agrada mais do que eu?

— É verdade — confirmou Cristina docemente.

— Julgo também conhecer o seu nome — prosseguiu Simão em voz mais dura. — Trata-se de Erlend Nikulaussoen de Husaby?

Houve um silêncio.

— Pois... chegou aos teus ouvidos? — murmurou por fim Cristina.

Simão hesitou um pouco antes de responder:

— Imaginas então que eu era tão tolo que nada percebesse quando nos vimos no Natal? Não te falei nisso naquela altura porque meus pais estavam connosco. Por essa razão é que vim sózinho desta vez. Não sei se é ajuizado da minha parte tocar neste assunto, mas parece-me que devemos conversar destas coisas antes de nos casarmos. Ontem, quando cheguei, encontrei meu primo Oeistein. Falou-me de ti. Disse-me que te havia visto numa noite atravessar o cemitério de São Clemente; ias acompanhada duma mulher chamada Brynhild Fluga. Jurei por tudo que ele devia ter visto mal. E, se me disseres que isso é mentira, acreditarei na tua palavra.

— Oeistein viu bem — retorquiu Cristina com voz firme. — Juraste falso, Simão.

— Sabes quem é essa Brynhild Fluga? — perguntou ele, depois duma pausa.

Como ela abanasse a cabeça, o rapaz continuou:

— Munan Baardsoen estabeleceu-a numa casa, aqui, na cidade, quando ele se casou; essa criatura faz comércio ilegal de vinho e doutra coisa ainda pior...

— Então, conhece-la? — perguntou Cristina com ar irónico.

— Não sou monge nem padre — disse Simão, corando. — Mas tenho consciência de estar isento de qualquer censura a respeito de donzelas e de mulheres casadas. Pois não compreendes que não é de homem honesto deixar-te assim andar de noite em tal companhia?

— Erlend não me seduziu — replicou Cristina, vermelha e indignada — e nada me prometeu. Dei-lhe o meu coração sem que ele houvesse feito coisa alguma para me tentar. Amei-o mais do que a ninguém a primeira vez que o vi.

Simão brincava com o punhal, lançando-o duma mão para a outra.

— Que estranhas palavras para ouvir da boca da noiva! — observou ele. — É prometedor para nós ambos.

A rapariga suspirou profundamente.

— Seria para ti péssima oferta receber-me agora por mulher, Simão.

— Só Deus o sabe, mas assim parece — retorquiu ele.

— Consolo-me com a ideia de que me hás-de ajudar para que teu pai e o meu renunciem ao projecto que tinham a nosso respeito — disse ela com brandura e a medo.

— Estás resolvida a isso?... Decerto nem compreendes bem o que dizes! — acrescentou ele depois duma pausa.

— Compreendo, sim — respondeu Cristina. — Sei que, pela lei, ninguém pode obrigar uma rapariga a casar contra vontade; senão, é-lhe permitido apresentar uma queixa aos tribunais...

— Creio que é ao bispo — atalhou Simão com um

sorriso. — Nunca tive até agora motivos para investigar as disposições da lei sobre esse ponto. Nem tu própria acreditas que te seja necessário recorrer a tal extremo. Bem sabes que não exigirei que cumpras a tua palavra se isso te é excessivamente penoso. Mas há dois anos que o nosso casamento foi decidido e nada disseste, senão agora, que tudo está pronto para a festa dos esponsais e para as bodas? Já pensaste o que isto significa, se, de facto, tens intuitos de romper a nossa união?

— Contudo, também não me queres...

— Quero-te... — respondeu Simão secamente. — Se não és desta opinião, é porque reflectiste melhor no assunto...

— Erlend Nikulaussoen e eu prometemos, sob a nossa fé cristã — disse ela a tremer —, que se não nos pudéssemos unir pelo matrimónio nenhum de nós jamais casaria.

Simão ficou calado. Por fim, retorquiu com tristeza:

— Neste caso, Cristina, não percebo o que querias dizer quando me declaraste que ele não te seduzira nem nada prometera. Seduziu-te roubando-te à autoridade de teus pais. Já pensaste que espécie de marido vais ter se casas com um homem que tem por amante a mulher de outro e quer agora casar com a noiva dum terceiro?

Cristina conteve as lágrimas e murmurou com voz rouca:

— Dizes isso para me fazer sofrer.

— Julgas que eu quero fazer-te sofrer? — perguntou Simão docemente.

— Tudo seria diferente se... — disse Cristina hesitando —; não me consultaram, nem a ti também. Teu pai e o meu é que combinaram este projecto. Seria diferente se tu mesmo me houvesses escolhido...

Simão cravou o punhal no banco, onde ficou fixado. Pouco depois retirou-o e tentou introduzi-lo na luva, mas foi-lhe impossível, porque a ponta se amolgara. Então

pôs-se de novo a brincar com a arma, duma mão para a outra.

— Sabes que mentes se pretendes que não te quis — disse ele em voz baixa e trémula. — E sabes também que desejaria falar-te quando te encontravas comigo em tais condições que seria preciso que eu não fosse homem para te dizer o que sentia... nem que me quisessem arrancar as palavras com tenazes incandescentes. Ao princípio, julguei que te mostravas dessa forma por causa da morte daquele rapaz. Pensei que não devia perturbar a tua tranquilidade. Tu não me conhecias. Achei que seria pecar contra ti, que seria cedo de mais. Agora, vejo que não te foi necessário muito tempo para esqueceres... agora... agora...

— Basta — atalhou Cristina com doçura —; compreendo-te, Simão; não posso esperar que continues a ser meu amigo.

— Amigo!... — Simão teve um sorriso breve e estranho. — Precisas então da minha amizade?

A rapariga corou.

— Tu és um homem — disse ela em voz baixa. — E, actualmente, tens idade para tomar decisões acerca do casamento...

Simão fitou-a atentamente. Depois, teve o mesmo sorriso.

— Percebo. Queres que diga que fui eu quem... Serei o culpado da quebra da promessa... Se te obstinas na tua resolução, se ousas e tentas levar até ao fim o teu designio, farei o que pretendes — acrescentou ele com brandura. — Farei como desejas junto dos meus parentes e dos teus, excepto um. A teu pai, direi toda a verdade. Se assim o quiseres, incumbo-me de lhe falar e facilitar-te-ei as coisas tanto quanto puder, mas Lourenço Bjoergulfsoen tem de saber que jamais quis ser perjuro à palavra que lhe dei.

Cristina apertou com as mãos a beira do banco.

Aquilo custava-lhe mais a suportar do que tudo o que Simão lhe dissera. Pálida e receosa, ergueu para ele um olhar furtivo.

Simão pôs-se de pé:

— É preciso voltarmos para casa. Creio que estamos gelados, nós e a freira que nos espera com a chave. Concedo-te uma semana para meditar em tudo isto. Tenho vários negócios a tratar na cidade. Virei falar contigo antes da minha partida, mas, com certeza, não fazes empenho nenhum em me ver antes.

VIII

CRISTINA dizia de si para si que, enfim, aquele passo estava dado. Mas sentia-se mortalmente lassa, alquebrada, e doente com saudades de Erlend. Não dormiu durante a maior parte da noite e resolveu fazer o que jamais se atrevera a pensar: mandar uma mensagem a Erlend. Não era fácil encontrar portador. As Irmãs-conversas nunca saíam sós, e ela não conhecia ninguém de que pudesse dispor; os homens que trabalhavam na quinta eram uns velhotes que raramente se aproximavam do convento, a não ser para falar com a abadessa. Só lhe restava Olaf, um rapazinho que tratava dos jardins. Tornara-se filho adoptivo de Madre Groa desde que o tinham encontrado numa manhã, recém-nascido, nos degraus da igreja. Constava que a mãe dele era uma das jovens educandas que fora destinada a professar, mas que, depois de haver estado encarcerada durante seis meses, por grave desobediência, segundo diziam (durante esse tempo é que encontraram a criança), recebera o hábito de Irmã-conversa e dai por diante trabalhara nos campos.

Cristina muitas vezes meditara na sorte da Irmã Ingrid, mas tivera poucas ocasiões de falar com ela. Era arriscado fiar-se em Olaf — não passava dum garoto, e a abadessa e todas as freiras falavam e gracejavam com ele quando o viam. Cristina, porém, dizia consigo que já não tinha grande coisa a perder. E, dois ou três dias mais tarde, quando Olaf ia numa manhã à cidade, Cristina

deu-lhe, para levar a Akersnes, uma carta em que pedia a Erlend que descobrisse um meio de se encontrarem sós.

Na mesma tarde, Ulf, o escudeiro de Erlend, veio ao locutório. Declarou ser o criado de Aasmund Bjoergulfsoen e que o patrão o encarregara de pedir à sobrinha que fosse à cidade porque Aasmund não tinha vagar de a vir visitar a Nonneseter. Cristina achava que tudo aquilo ia acabar mal, mas, quando Sóror Potenciana lhe perguntou se conhecia o mensageiro, disse que sim. Em seguida foi com Ulf a casa de Brynhild Fluga.

Erlend esperava-a no quarto do costume. Mostrava-se ansioso e sobreexcitado; Cristina percebeu logo de entrada que ele estava com medo daquilo que, conforme lhe parecia, era o seu maior receio.

Andava ela sempre atormentada por aquele terror obcecante de ser mãe, visto não poderem agora passar um sem o outro. Comovida como estava nessa tarde, disse-lhe isso bastante bruscamente. O rosto de Erlend anuviou-se.

— Tens razão — respondeu ele descansando a cabeça no ombro de Cristina. — Tentarei não continuar a pôr em jogo a tua felicidade. Se quiseres...

Cristina abraçou-o sorrindo, mas Erlend agarrou-a vigorosamente pela cintura, sentou-a à força no banco e foi-se depois instalar no outro lado da mesa. Como ela lhe estendesse a mão, beijou-lha vivamente na palma:

— Tenho passado por maiores provações do que tu — disse ele. — Deverias saber quanto acho importante para nós ambos podermo-nos casar honrosamente.

— Nesse caso, para que te apoderaste de mim?

Erlend escondeu o rosto na mão:

— Ah! Prouvera a Deus que eu não tivesse essa culpa para contigo! — exclamou ele.

— Não a desejamos, nem tu nem eu — disse Cristina com sorriso malicioso. — E, contanto que eu acabe por me reconciliar e viver em paz com a minha família e com

Deus, é-me indiferente casar sem a coroa na cabeça. Possa eu estar junto de ti que quanto ao resto... Muitas vezes penso que pouco me importa a paz e...

— Trarás a honra para a minha casa — atalhou Erlend —; não serei eu quem te arrastará para a minha desonra.

Cristina meneou a cabeça e disse em seguida:

— Então vais ficar contente ao saber que falei com Simão Andressoen e que ele concorda em quebrar os compromissos que tinhamos antes de eu te haver encontrado.

Estas palavras puseram Erlend numa alegria doida e Cristina teve de contar tudo. Calou as frases desdenhosas que Simão proferira acerca de Erlend e explicou que ele não queria tomar a responsabilidade sobre si, perante Lourenço.

— O rapaz tem razão — observou Erlend. — São bons amigos, ele e teu pai? Sim, é provável que Lourenço simpatize menos comigo.

Cristina encarou este desabafo como um sinal de que Erlend compreendia que, apesar de tudo, tinha ela ainda de percorrer rude caminho antes de chegar ao termo, e ficou-lhe por isso reconhecida. Erlend, contudo, não voltou ao assunto; estava todo entregue à alegria e confessou-lhe que receara que ela não tivesse coragem de falar a Simão.

— Vejo que, de certa maneira, gostas dele — acrescentou.

— Que importância tem, depois do que houve entre ti e mim, que eu ache Simão recto e capaz? — perguntou Cristina.

— Se não me tivesses encontrado, serias feliz com ele... De que te ris, Cristina?

— Estou a recordar uma coisa que a Sr.ª Aashild me disse um dia — respondeu a rapariga. — Nessa altura eu era uma criança, mas foi mais ou menos isto que ouvi da

boca dela: as pessoas muito ajuizadas não têm uma mocidade feliz, mas a mocidade feliz é a recompensa daquele que se afoitou a ser louco.

— Deus abençoe a tia Aashild por te haver educado assim — volveu Erlend, agarrando-a pela cintura. — É espantoso, Cristina, nunca notei que tivesses medo algum.

— Nunca notaste? — repetiu ela, olhando-o com fixidez.

Erlend sentou-a no leito, desamarrou-lhe os sapatos mas tornou a levá-la para a mesa.

— Não e não, Cristina! Parece-me agora que isto é claro para ambos. Não continuarei a comportar-me para contigo como até hoje — disse ele, passando a mão pelos cabelos de Cristina. — De cada vez que te via, achava absurdo que consentissem em dar-me uma mulher tão esbelta e linda... Senta-te ali e bebe comigo — pediu ele.

Um instante depois, bateram à porta. As pancadas dir-se-iam dadas com o punho duma espada.

— Abri, Erlend Nikulaussoen, se estais aí!

— É Simão Darre — murmurou Cristina.

— Abri, com todos os diabos, se sois um homem! — gritou Simão batendo de novo à porta.

Erlend aproximou-se do leito e tirou a espada da escápula que prendia a braçadeira do cortinado. Parecia perplexo.

— Não há um sítio onde te possas esconder... só se for na cama...

— Se eu fizesse isso, seria ainda pior — retorquiu Cristina.

Erguera-se e falava com ar calmo, mas Erlend notou que ela tremia.

— Tens de abrir — prosseguiu a rapariga no mesmo tom.

Simão tornou a bater na porta. Erlend foi puxar o

ferrolho e o outro entrou. Trazia a espada na mão mas enfiou-a logo na bainha.

Durante um momento ficaram todos três sem nada dizer. Cristina tremia, mas, nesse primeiro instante, sentia uma emoção singularmente suave. Do fundo de si mesma elevava-se qualquer coisa que ultrapassava a luta entre dois homens. Respirou longamente: haviam findado aqueles dias intermináveis de silenciosa expectativa, de desejo, de angústia. Pálida e com os olhos brilhantes, fitava ora um ora outro; depois, a sua comoção explodiu num desespero que a gelou de forma incrível. Transparecia no olhar de Simão mais desprezo do que ira ou ciúme, e ela percebia que Erlend, sob o seu ar de desafio, ardia de vergonha. Cristina entreviu como os outros o julgariam por a ter feito comparecer em semelhante lugar: para Erlend, era como se recebesse uma bofetada. O maior desejo dele seria puxar da espada e atirar-se a Simão, Cristina bem o sabia!

— Porque vieste cá? — gritou ela, assustada.

Os dois homens viraram-se para a rapariga.

— Para levar-te para casa — respondeu Simão. — Não podes estar aqui.

— Já não tens autoridade para dar ordens a Cristina Lavransdatter — atalhou Erlend. — Ela é minha agora...

— É verdade — disse brutalmente Simão — e ofereceste-lhe uma bela casa nupcial... — Deteve-se para respirar, e, dominando a voz, prosseguiu com lentidão e gravidade: — Procedo assim porque ainda sou noivo dela... até que o pai a venha buscar. Entretanto, defenderei com firmeza tudo o que pode ser salvo da sua honra, na opinião pública.

— Isso não te compete; eu próprio me encarrego... — Erlend tornou a corar sob o olhar de Simão. — Pensas que me deixo ameaçar por um garoto como tu? — exclamou ele numa explosão de furor e levando a mão ao punho da espada.

Simão cruzou os braços.

— Não tenho essas pretensões; receio, antes, que julgues que tenho medo — disse ele no tom anterior. — Bater-me-ei contigo, Erlend Nikulaussoen, e que o diabo te leve se não pedes Cristina ao pai dentro de pouco tempo!

— Não a pedirei por tua ordem, Simão Andressoen — retrucou Erlend vivamente e outra vez ruborizado.

— Pois não, mas, se o fizeres para reparar o mal que causaste a uma mulher tão nova, valerá, mesmo assim, mais para Cristina.

A rapariga soltava gritos e batia com o pé no chão; sofria pelo sofrimento de Erlend.

— Vai-te, Simão, vai-te embora! Tens alguma coisa a ver com a nossa vida?

— Foi justamente o que eu disse — respondeu Simão. — Tens de me tolerar até que teu pai me desligue de ti.

— Vai-te embora, vai-te, sairei logo depois... — bradou Cristina. — Jesus! Porque me atormentas dessa maneira, Simão? Decerto tu próprio consideras que eu não mereço que te ocupes de mim!

— Não é por ti que assim procedo... Erlend, queres convencê-la a vir comigo?

Com os lábios trémulos, Erlend colocou as mãos nos ombros de Cristina.

— Vai, Cristina. Eu e Simão Darre conversaremos mais tarde.

A rapariga ergueu-se dòcilmente e embrulhou-se na capa. Sabia que os sapatos estavam junto do leito mas não se atreveu a calçá-los perante Simão.

Cristina caminhava apressada, através do nevoeiro denso, com a cabeça inclinada para a frente e as mãos a aconchegarem-lhe a capa. Na garganta sufocavam-se-lhe lágrimas e gritos. Desejaria encontrar um sítio onde se pudesse refugiar e estar sòzinha, e chorar, chorar sem

descanso. Sempre contara com o pior, sim, com o pior, mas sentira, nessa tarde, um sofrimento desconhecido até ali — o de ver humilhar o homem a quem se entregara.

Simão ia ao lado dela enquanto seguiam pelas ruazinhas e atravessavam terraplenos e praças públicas onde as casas desapareciam na neblina. Quando, em certa altura, Cristina tropeçou, ele agarrou-lhe no braço e impediu-a de cair.

— Não corras dessa forma, que atrais a atenção dos que passam — disse o rapaz. — Como estás a tremer! — acrescentou com voz mais doce.

Cristina não replicou e continuou a andar. Escorregava na lama das ruas, tinha os pés húmidos e frios como gelo. As meias que levava eram de cabedal muito fino e principiavam a romper-se. Os pés iam-se-lhe encharcando.

Alcançaram a ponte do riozinho do convento e subiram mais devagar a ladeira situada na outra margem.

— Cristina! — disse Simão de repente. — É preciso que teu pai nunca saiba disto.

— Como descobriste que eu estava... lá? — perguntou Cristina.

— Vim visitar-te — respondeu ele. — Falaram-me do tal escudeiro de teu tio. Eu sabia que Aasmund fora para Hadeland. Não sois de espírito muito inventivo... Ouviste o que eu disse?

— Ouvi. Fui eu quem mandou o recado a Erlend para que nos encontrássemos em casa de Fluga. Eu conhecia a mulher...

— Ora!... Tu não podias conhecê-la... e ele... Escuta — exclamou Simão em tom rude. — Se o caso se pode ocultar, oculta a Lourenço isso de que te despojaste. E, se não podes, poupa-lhe a maior vergonha.

— Preocupas-te muito com meu pai — retorquiu Cristina, toda trémula.

Tentava falar com altivez, mas a voz parecia prestes a amortecer sob o efeito das lágrimas.

Simão deu alguns passo e parou. A rapariga entrevia-lhe o rosto entre o nevoeiro, no meio do qual se achavam isolados. Nunca ele tivera um ar tão grave.

— Eu bem via, quando ia à vossa casa — disse o rapaz —, que vós, as mulheres da família, pouco compreendieis que espécie de homem é Lourenço. «Ele não se vos impõe», disse Trond Gjesling. No entanto seria bom que vos dominasse, pois é uma criatura predestinada a governar homens! É, por natureza, chefe. Todos o seguiriam, e alegremente. Já não há bravos como ele. Meu pai conheceu-o em Baagabus. Mas, afinal, foi viver para aquele vale como qualquer camponês. Casou-se muito novo, e tua mãe, com o carácter que possui, não lhe tornou, com certeza, a vida mais fácil. Tem muitos amigos, mas, segundo a tua opinião, haverá *um* que possa estar ao lado dele? Foram-se-lhes todos os filhos, e compete a vós, filhas, o cuidado de perpetuar a raça. Deverá viver agora o dia em que há-de ver que uma está privada de saúde e a outra desonrada?

Cristina estreitou as mãos sobre o coração. Parecia-lhe necessário contê-lo para se mostrar tão inflexível como devia ser.

— Porque falas assim? — murmurou ela ao fim dum instante. — Sem dúvida já não me queres...

— Decerto... decerto que não — retorquiu Simão hesitante. — Valha-me Deus! Lembro-me de ti, naquela noite, na sala de Finsbrekken. Diabos me levem se eu tornar a acreditar na virtude duma rapariga pela sua aparência!... Promete-me não veres Erlend antes que teu pai venha — disse ele quando já estavam perto do convento.

— Não quero prometer nada — respondeu Cristina.

— Nesse caso, ele me prometerá.

— Não verei Erlend — volveu Cristina com vivacidade.

— O cãozinho que te mandei um dia — disse Simão

antes de a deixar —, podes oferecê-lo a tuas irmãs... gostam tanto dele! Se não te contraria muito vê-lo em casa...

Dando-lhe a mão em sinal de despedida, enquanto a Irmã porteira os mirava, disse ele daí a pouco:

— Parto amanhã de manhã para o Norte...

Simão Darre dirigiu-se para a cidade. Caminhava gesticulando, com os punhos fechados, falava a meia voz e ia praguejando no meio do nevoeiro. Jurava a si próprio que, *dela*, não faria caso. Cristina era como um objecto que ele julgasse ser de ouro puro — e que, afinal, observado de perto, não passava de latão. Branca como um floco de neve, ela ajoelhara-se e pusera a mão na chama — no ano anterior; um ano depois bebia vinho com um patife excomungado, no covil de Fluga... Com os diabos! Não! Tratava-se de Lourenço Bjoergulfsoen, que estava tranquilo e confiante em Joerundgaard... Nunca, com certeza, viera ao espírito de Lourenço que o pudessem trair assim! E ele, Simão, ia fazer-se medianeiro e auxiliar a falsidade do outro!... Era por este motivo que o seu coração se consumia de desgosto e de cólera.

Cristina não pensara em manter a sua promessa a Simão Darre, mas o mais que aconteceu foi ela trocar algumas palavras com Erlend, — uma tarde, no caminho.

Estendeu-lhe a mão, estranhamente submissa, enquanto ele lhe falava do que se passara no último dia em casa de Brunhild. Para outra vez, conversaria com Simão Andressoen.

— Se nós nos tivéssemos batido na estalagem de Fluga, a notícia correria por toda a cidade — acrescentou Erlend vivamente. — E foi no que esse rapaz pensou, tanto como eu.

Cristina percebia quanto aquele incidente fizera mal

a Erlend. Desde então ela também reflectia no caso sem cessar. Não havia que sair disto: naquela aventura, Erlend aparecia ainda com menos honra do que ela. E a rapariga sentia que eles dois, agora, eram verdadeiramente um só. Responderia por todas as acções de Erlend, mesmo reprovando-lhe a atitude, e a sua carne sofreria se Erlend se ferisse.

Três semanas mais tarde, Lourenço Bjoergulfsoen veio a Oslo buscar a filha.

Cristina, receosa e de coração oprimido, entrou no parlatório. A primeira impressão que teve, quando o viu a conversar com Sóror Potenciana, foi que o pai não se parecia em absoluto com a ideia que dele conservava. Talvez não tivesse mudado no espaço dum ano, mas Cristina vira-o, no decorrer dos outros tempos, como o homem novo, ágil e belo, de que ela se sentia tão orgulhosa de ter como pai, quando era pequena. Cada Inverno e cada Verão que passara deixara bem a marca de que ele envelhecia; em cada Inverno, em cada Verão ela ia crescendo; mas de nada se apercebera. Nunca notara que os cabelos dele branqueavam em certos pontos e que, nas fontes, tomavam a cor da ferrugem como os cavalos baios quando envelhecem. As faces mostravam-se mais secas e alongadas, de tal maneira que os músculos da cara se desenhavam na direcção da boca, como cordas; a pele clara estava agora uniformemente tisnada. Embora as costas não se curvassem, as omoplatas salientavam-se doutra forma sob a capa. O passo era leve e firme quando se aproximou da filha com a mão estendida, todavia não tinha os movimentos tão lestos e rápidos de outrora. Decerto tudo assim era nele já no ano anterior e ela não reparara. Talvez se lhe ajuntasse um ar de desânimo e fosse isso que chamasse a atenção...

E a rapariga desatou a chorar.

Lourenço passou o braço em volta dos ombros de Cristina e encostou a mão na face dela.

— Então, então, acalma-te, minha filha — disse ele com doçura.

— Estais irritado comigo, pai? — perguntou Cristina em voz baixa.

— Deves compreender que sim — respondeu Lourenço continuando a acariciar-lhe a cara. — No entanto, bem sabes que não tens de ter medo de mim — acrescentou tristemente. — Não! É preciso conteres-te agora. Não te envergonhas de te comportares dessa forma? — disse ele, como Cristina chorasse a pontos de ser obrigada a sentar-se no banco. — Não falemos destas coisas aqui, onde as pessoas andam cá e lá... Então não perguntas por tua mãe, por tuas irmãs? — ajuntou Lourenço instalando-se ao lado dela e pegando-lhe na mão.

— Que diz a mãe a tudo isto? — indagou a filha.

— Oh! Podes fazer uma ideia! Mas a ocasião não é própria para falarmos desse assunto — repetiu ele. — Fora disso, tua mãe vai menos mal — e Lourenço pôs-se a contar, com ar despreocupado, novidades da casa, até que Cristina a pouco e pouco se acalmou.

A ansiedade, porém, crescia nela, pois o pai nada dizia acerca da sua combinação de ruptura.

Lourenço entregou dinheiro à filha para esta distribuir pelos pobres do mosteiro e presentes para as Irmãs-conversas: ele próprio fez também liberalidades ao convento e às freiras, e ninguém em Nonneseter soube de nada senão que Cristina ia regressar a casa para a festa dos esponsais e para o casamento. Tomaram ambos a última refeição na mesa especial da abadessa, e esta deu as melhores informações de Cristina.

No entanto, tudo aquilo teve fim. Cristina disse o último adeus às freiras e às amigas na porta do convento. Lourenço conduziu-a para o seu cavalo e pô-la na sela. Que bom, descer com o pai e com os escudeiros de Joerundgaard aquele caminho que ela antes percorrera furtivamente! Era maravilhoso cavalgar com tanta liberdade

através das ruas de Oslo. E Cristina pensava no magnífico cortejo nupcial que fazia parte dos projectos de Erlend. Sentiu-se triste de repente; iria mais satisfeita se fosse ele quem a levasse. Durante muito tempo ainda, ela deveria mostrar-se, perante o público, diferente do que era. Mas, quando o seu olhar se fixou no rosto envelhecido e grave do pai, achou que Erlend tinha razão...

Havia mais viajantes na estalagem. À tarde comeram, todos juntos, numa salinha onde se viam apenas duas camas; estavam reservadas para Lourenço e Cristina, visto eles serem os hóspedes importantes. Os outros retiraram-se todos na altura própria, a fim de se irem deitar, depois de desejarem amigàvelmente boa noite. Cristina reflectia que fora ela quem se introduzira no quarto de Brynhild Fluga e se lançara nos braços de Erlend. Doente de desgosto, receava nunca mais ser dele. Não, aqui já não se sentia em sua casa.

Lourenço, sentado no banco, contemplava-a.

— Não iremos a Skog desta vez? — perguntou ela para quebrar o silêncio.

— Não. Bem me basta o que tive de ouvir da boca de teu tio pelo facto de eu não empregar a força para contigo — declarou ele, fitando-a. — Obrigar-te-ia a manteres a tua palavra — acrescentou depois duma pausa — se não fosse Simão dizer-me que não queria uma mulher contra vontade dela.

— Nunca prometi nada a Simão — retorquiu vivamente Cristina. — E sempre me disseste até agora que jamais me constrangirias a casar.

— Não seria constranger-te eu exigir-te que cumprisses um acordo que sempre foi notório para toda a gente — respondeu Lourenço. — Durante dois Invernos consideraram-vos noivos, e tu nada objectaste nem mostraste aversão alguma, antes de termos fixado o dia do casamento. Se te queres desculpar com o argumento de que

no ano passado se adiou o projecto de tal forma que não deste positivamente a tua palavra a Simão, não acho processo honesto.

Cristina contemplava o lume da lareira.

— Não sei o que é pior — continuou o pai —, se é o dizerem que despediste Simão, ou que ele te rejeitou. André Darre mandou-me uma carta... (Lourenço corou ao pronunciar estas palavras). Estava irritado contra o filho e pedia-me que eu reclamasse a indemnização que julgasse conveniente. Tive de lhe dizer a verdade... não sei se a outra solução seria melhor... que, se havia questão para pagamentos, isso competia a nós. Das duas maneiras, a vergonha é sempre nossa.

— Não compreendo que possa ser coisa tão vergonhosa — replicou Cristina docemente —, visto eu e Simão estarmos de acordo.

— De acordo? — repetiu Lourenço. — Ele não escondeu a tristeza em que andava, mas, depois de falar contigo, disse que, se eu exigisse que cumprisses a palavra, só resultaria daí infelicidade. Tens, porém, de me confessar agora como foi que essa ideia te surgiu.

— Simão não vos disse então nada? — perguntou Cristina.

— Deu-me a entender que amavas outro. Tens de me dizer o que há sobre o caso.

A rapariga reflectiu um momento.

— Sabe Deus — murmurou ela —, e vejo que Simão poderia ser verdadeiramente bom para mim, o melhor possível. Mas facto é que conheci outro homem e compreendi então que eu jamais teria um instante de felicidade na vida se a passasse com Simão, nem que ele dispusesse de todo o ouro que existe na Inglaterra. Preferia o outro, mesmo que só tivesse uma vaca...

— Em qualquer caso não pensas que te vá dar a um criado? — atalhou o pai.

— Ele é da minha condição, ou mais do que isso, e

possui bastantes haveres. Eu só pretendi dizer que antes queria dormir com ele sobre palha do que com outro numa cama de seda.

Lourenço ficou calado um momento.

— Há uma coisa, Cristina: não te quero compelir a casar com um homem por quem sentes aversão. Todavia só Deus e Santo Olavo sabem o que podes ter contra o rapaz a quem te prometi. Mas preciso de indagar se essa criatura por quem tens inclinação é pessoa com quem eu te possa casar... Es nova, pouco sensata, e deitar as vistas para uma rapariga já prometida não é, geralmente, acção dum homem leal...

— Ninguém se domina num caso destes — retorquiu Cristina muito depressa.

— Pois sim, mas deves ao menos concordar em que eu não faça àquela gente de Dyfrin a injúria de te prometer em casamento a outro logo que voltaste as costas a Simão, sobretudo a um homem mais considerado ou mais rico... Tens de me dizer quem ele é — acrescentou Lourenço depois dum silêncio.

Cristina apertou as mãos uma na outra e suspirou. Em seguida proferiu muito lentamente:

— Não, pai, não to direi. A verdade é que se eu não casar com esse homem me podes mandar para o convento e nunca mais me tirar de lá. Penso que não viveria assim muito tempo. Mas não é conveniente citar o seu nome sem eu obter a certeza de que me ama como eu o amo. Pai... não me obrigues a declarar quem ele é antes de... antes de sabermos se tem na ideia vir falar contigo para me pedir em casamento...

Lourenço permaneceu silencioso durante algum tempo. Por um lado, gostava que a filha encarasse o caso daquela forma.

— Deixemos então o assunto tal como está — disse por fim. — Tens razão em preferires ocultar o seu nome, visto não saberes o que ele conta fazer .. Agora, vai-te

deitar — acrescentou pouco depois, aproximando-se de Cristina e beijando-a. — Causaste-me bastante desgosto e irritação com essa história, minha filha; mas sabes perfeitamente que, acima de tudo, quero o teu bem... Deus me proteja, mas, fizesses o que fizesses, esse continuaria a ser o meu mais caro desejo... Que Ele e a Santa Virgem venham em nosso auxílio para que tudo isto finde o melhor possível. Vai, agora, e tenta dormir sossegada.

Depois de se deitar, Lourenço pareceu-lhe ouvir brando rumor de soluços do outro lado do quarto onde a filha estava. Não tivera ele coragem de lhe dizer quanto receava ver ressuscitar as antigas bisbilhotices acerca dela com Arne e com Bentein, mas afligia-se por não poder impedir que difamassem a filha. E o pior era pensar que a maior causa de tudo aquilo provinha da irreflexão da rapariga.

PARTE TERCEIRA

LOURENÇO BJOERGULFSOEN

I

CRISTINA voltou para casa na mais bela das Primaveras. O rio trilhava o seu caminho através da quinta e dos campos; no meio das folhas tenras dos amieiros a água corrente brilhava, cintilante de clarões prateados. Dir-se-ia que os jactos de luz possuíam voz e som no concerto rumoroso do rio. Quando descia o crepúsculo, ouvia-se a água correr com um ruído mais surdo. Noite e dia o murmúrio do rio enchia o ar em volta de Joerundgaard, tanto que parecia a Cristina que as próprias paredes de madeira repercutiam aquele tom como a caixa sonora dum *langleik* (1).

Luziam fiozinhos de água nos flancos das montanhas incessantemente envolvidas numa bruma azulada. O calor fazia evolar das terras uma névoa fremente; o trigo cobria quase por completo os campos; a erva dos prados, muito alta, resplandecia como seda quando um sopro de vento lhe passava por cima. Dos bosques e das colinas vinham perfumes subtis e, logo que o Sol se punha, espalhava-se pela atmosfera o cheiro fresco e penetrante da seiva e dos frutos; era como se a terra suspirasse longamente, apaziguada. Trémula, Cristina recordava os momentos em que Erlend afrouxava o abraço em que a apertava. Todas as noites se deitava ardente de desejo e acordava de manhã banhada em suores e exausta pelos sonhos que tivera.

(1) Antigo instrumento de cordas.

Era-lhe incompreensível que em casa se abstivessem de dizer uma palavra acerca da única coisa que lhe povoava o espírito. Contudo, as semanas sucediam-se e eles continuavam calados no que respeitava à ruptura do casamento com Simão e não a interrogavam sobre o que ela tinha na ideia. O pai demorava-se agora muito tempo na floresta, depois que os grandes trabalhos da Primavera se haviam tornado possíveis; vigiava os alcatroeiros; levava consigo o açor e os cães e ficava ausente dias e dias. Quando estava em casa, falava à filha tão afectuosamente como outrora fazia, mas dava a impressão que pouco tinha que lhe dizer e nunca lhe pedia que o acompanhasse quando partia a cavalo.

Todos os anos, no banquete da festa de São João, Lourenço Bjoergulfsoen distribuía pelos pobres da aldeia tudo o que economizara de carne e de outros alimentos durante a última semana da Quaresma. Os que moravam perto de Joerundgaard tinham o costume de virem buscar a esmola; eram bem tratados e Lourenço, seus hóspedes e criados rodeavam aqueles pobres, pois alguns deles, já velhos, conheciam muitas lendas. Ficavam todos na sala a conversar amigàvelmente e a beber cerveja, e à tarde dançavam no pátio.

Nesse ano, o dia da festa de São João foi frio e nebuloso, mas ninguém se aborreceu com o facto, pois os camponeses do vale começavam a recear a seca. Não chovia desde a véspera de Santo Halvard e caíra tão pouca neve na montanha que o povo só se recordava de ter visto o Laag assim diminuto havia treze anos atrás.

Por aquele motivo, Lourenço e os seus hóspedes estavam de bom-humor quando desceram à sala para saudar os mendigos. Estes estavam à mesa, comendo papas feitas com leite e a beber boa cerveja. Cristina andava a servir os velhos e os doentes.

Lourenço cumprimentou os convidados e perguntou-

-lhes se se sentiam satisfeitos com a comida; depois foi dar as boas-vindas a um pobre velho que haviam trazido a Joerundgaard nesse mesmo dia. O homem chamava-se Haakon e tomara parte na última expedição real à Escócia. Era um desgraçado quase cego; já lhe haviam oferecido uma cabana para ele se instalar, mas preferia andar de herdade em herdade, porque era sempre recebido como hóspede de honra, como homem de rara experiência que muitas coisas vira pelo mundo.

Lourenço, com a mão apoiada no ombro do irmão, Aasmund Bjoergulfsoen, que viera de visita a Joerundgaard, interrogou também Haakon, para indagar se estava contente com a refeição.

— A cerveja é da melhor, Lourenço Bjoergulfsoen — respondeu Haakon — mas quem fez as papas deve ser uma doidivanas. Cozinheira enamorada só faz comida queimada, diz o provérbio, e as nossas papas tinham esturro.

— Seria pouco bonito da minha parte oferecer-vos papas esturradas — retorquiu Lourenço. — Mas o antigo ditado nem sempre é justo, assim espero, porque foi a minha própria filha quem vos preparou a refeição.

Riu e pediu a Cristina e a Tordis que trouxessem sem demora os pratos de carne.

Cristina saiu ràpidamente para a cozinha. O coração batia-lhe apressado. Percebera ela um lampejo no semblante do tio quando Haakon falara de cozinheira e de papas.

Pela noite adiante viu o tio e o pai a passearem cá e lá no pátio durante muito tempo, enquanto conversavam. Sentiu-se angustiada de medo, e não ficou mais sossegada quando, no dia seguinte, reparou que Lourenço se mostrava taciturno. Ele, entretanto, não dizia nada.

Também não aludiu a coisa nenhuma depois de Aamund partir, mas Cristina notou que não falava tanto com Haakon como costumava, e, decorrido tempo, quando

deviam convidar o velho a prolongar a sua estada em Joerundgaard, Lourenço deixou-o ir-se embora para a quinta mais próxima.

Não faltavam razões para que Lourenço andasse triste e preocupado naquele Verão, pois tudo pressagiava um mau ano na aldeia, e os camponeses reuniam-se para decidir como passariam o Inverno que se aproximava. Logo que o Verão findou tornou-se evidente para a maioria que deviam abater ou levar para o Sul, a fim de o vender, grande parte do gado, e comprar e trazer trigo para se alimentarem durante o Inverno.

Uma manhã, no começo do Outono, Ragnfrid saiu com as três filhas para examinar uma teia de linho que pusera a corar. Cristina fez grandes elogios ao pano que a mãe tecera. Esta acariciou os cabelos de Ramborg:

— Terás a teia para o teu enxoval, pequena.

— Mãe — interveio Ulvhild —, eu também não vou ter um baú cheio quando for para o convento?

— Bem sabes que não terás menos do que tuas irmãs. Mas não precisarás do mesmo género de coisas. Além disso, ficarás junto de teu pai e de mim enquanto vivermos, se assim o quiseres.

— E quando entrares no convento — disse Cristina com voz firme — talvez que eu já lá esteja há muitos anos.

A rapariga ergueu os olhos para a mãe, mas Ragnfrid conservou-se calada.

— Se eu tivesse saúde para casar — volveu Ulvhild — nunca me afastaria de Simão; era tão bom, e estava tão triste quando nos disse adeus!

— Sabes que teu pai não quer que falemos disso — atalhou Ragnfrid.

Cristina logo replicou, arrogante:

— Pois é, ele tinha mais pena de se separar de vós do que de mim.

— Também seria falta de dignidade mostrar-te que tinha pena — disse a mãe em tom irritado. — Portaste-te muito mal para com Simão Andressoen, minha filha. Todavia, ele pediu-nos que não te dirigissemos censuras nem te amaldiçoássemos.

— Pensou sem dúvida que já me havia amaldiçoado bastante — retorquiu Cristina — e achou que não havia necessidade de nenhuma outra pessoa me dizer quanto sou desgraçada. Mas nunca reparei que Simão se preocupasse muito comigo antes de perceber que outro homem me era mais caro do que ele.

— Voltai para casa — ordenou a mãe às duas pequenas.

Sentou-se num cepo que ali se encontrava e puxou Cristina para junto de si.

— Sabes bem — continuou ela — que as leis das conveniências e da honra não permitem que um homem fale muito de amor à noiva, nem que fique sòzinho com ela ou se mostre excessivamente terno...

— Realmente, pergunto a mim própria — disse Cristina — se dois entes moços que se amam não se esquecerão uma vez por outra disso a que os velhos chamam conveniências.

— Que jamais o esqueças, Cristina — volveu a mãe. — Mas a verdade — prosseguiu ela depois duma pausa — é que teu pai parece recear que gostes dum homem a quem ele não te possa dar de boa-vontade.

— Que disse o tio? — indagou Cristina, dai a momentos.

— Apenas que Erlend de Husaby tem melhor família do que reputação — informou a mãe — e que ele falou com Aasmund para que intercedesse a seu favor junto de Lourenço. Teu pai não ficou muito satisfeito.

Cristina estava radiante. Erlend falara com o tio. E ela que tanto se atormentara por ele não dar sinal de vida!

Ragnfrid continuou:

— Aasmund contou que dizem em Oslo que esse Erlend andava sempre a rondar o convento e que tu saías para falar com ele junto dos muros.

— E que mais? — perguntou Cristina.

— Aasmund aconselha a que se resolva esse assunto, compreendes? Mas Lourenço ficou tão zangado como eu nunca o vi. Declarou que um pretendente que procedesse daquela forma para obter a filha o encontraria de espada na mão. A maneira como nos portámos com os Darres foi indecorosa, mas se Erlend te houvesse induzido a andar de noite a passear com ele, e isso enquanto estavas num convento, o menos que te poderia acontecer seria perdê-lo.

Cristina estreitava as mãos de encontro ao peito e o seu rosto ora empalidecia ora corava. Ragnfrid passou o braço em volta da cintura da filha, mas esta desprendeu-se-lhe e gritou exasperada:

— Largai-me, mãe! Quereis talvez perceber se estou mais grossa?

Um instante depois, Cristina levantava-se, levando a mão à face. Perturbada, fitava a mãe, que dir-se-ia lançar centelhas. Nunca ninguém batera na rapariga, nem mesmo quando era pequena.

— Senta-te — disse Ragnfrid. — Senta-te! — repetiu, de tal maneira que a filha lhe obedeceu. A mãe ficou um momento silenciosa. Quando falou, a voz era mal segura: —Já tinha reparado, Cristina, que não me eras muito afeiçoada. Pensei que fosse por julgares que eu não te estimava tanto como teu pai te estima. Deixei correr o marfim... dizia para comigo que, quando tivesses filhos, compreenderias sem dúvida... Ainda eu te dava de mamar e já te mostravas assim. Logo que Lourenço se aproximava de nós ambas, a tua boca desprezava o meu seio e voltavas-te para ele tão sorridente que o leite te corria dos lábios. Lourenço achava isso divertido, e Deus sabe que eu não levava a mal esse facto; deixava-te à

vontade; consentia que teu pai brincasse e risse contigo sempre que queria. Eu própria via que era pena para ti, tão pequenina, que eu não pudesse abster-me de chorar. Receava mais perder-te do que me regozijava em te possuir. Mas Deus e a Virgem Maria sabem que não gostava menos de ti do que Lourenço.

Deslizavam lágrimas pelas faces de Ragnfrid, todavia o semblante e a voz conservavam-se calmos.

— Nunca senti rancor algum por causa dessa amizade que existia entre vós. Pensava que eu não lhe dera muita felicidade nos anos que vivêramos juntos e alegrava-me que ele te tivesse, a ti. Reflectia também que, se Ivar, meu pai, houvesse sido assim para comigo... Há muitas coisas, Cristina, de que uma mãe deveria ensinar as filhas a se defenderem. Julguei que não havia necessidade disso, pois andavas sempre com teu pai... Tinhas a obrigação de saber o que é honesto e justo. O que me acabaste de dizer... tenho a certeza de que não darias a teu pai um tal desgosto... Só queria que percebesses que o meu desejo é que possas ter um marido por quem sintas ternura. Mas, nesse caso, tens de te comportar com juízo e não deixares que Lourenço se convença de que escolheste um miserável, um homem que despreza a paz e a honra das mulheres, porque teu pai não te entregará a uma pessoa dessas, nem mesmo para evitar uma vergonha pública. Lourenço preferiria então que a espada fosse o juiz entre ele e o outro que te estragara a vida...

Depois de proferir estas palavras, Ragnfrid levantou-se e deixou Cristina.

II

A vinte e quatro de Agosto, dia de São Bartolomeu, foi prestada homenagem ao sobrinho do defunto rei Haakon na assembleia de Hauga. Entre os delegados de Gudbrandsdal encontrava-se Lourenço Bjoergulfsoen. Servia ele o rei desde muito novo mas raramente fazia parte da guarda, e nunca procurara tirar partido da fama que adquirira quando das guerras contra o duque Erik. Lourenço não fazia empenho nenhum em comparecer à cerimónia do preito de fidelidade, mas não podia deixar de lá ir. Os enviados de Norddal tinham também a missão de comprar trigo no Sul do país e expedi-lo por barco para Raumsdal.

O povo das aldeias estava desanimado e inquieto com o Inverno iminente. Além disso, os camponeses achavam mau entregar a uma criança o governo da Noruega. As pessoas de idade recordavam a época em que o rei Magnus falecera deixando filhos de tenra idade. A propósito desse facto, Sira Erik comentava:

— *Vae terrae ubi puer rex est.* O que se pode traduzir na nossa língua: grande rega-bofe para os ratos, na quinta onde o gato é novo...

Ragnfrid Ivarsdatter dirigiu a quinta na ausência do marido, e foi bom tanto para Cristina como para ela ter o cérebro e as mãos cheios de preocupações e de trabalho. Toda a aldeia se entregava à ocupação de recolher o musgo das montanhas e de raspar cascas de árvores, pois houvera muito pouco feno e quase nenhuma palha,

e até a folhagem que tinham apanhado depois do São João estava murcha e não prestava. Na festa da Exaltação da Cruz, quando Sira Erik levou o crucifixo através dos campos, ia na procissão muita gente a chorar e a rezar em voz alta para que Deus tivesse piedade do povo e dos animais.

Uma semana depois da Exaltação da Cruz, Lourenço Bjoergulfsoen regressou da assembleia de Hauga.

Já eram horas de todos estarem a dormir na quinta, mas Ragnfrid permanecia ainda na casa da tecelagem. Tinha agora tantas ocupações durante o dia que, muitas vezes, prolongava o serão a tecer e a coser. Ragnfrid gostava daquela casa; era a mais antiga da quinta e diziam que datava da era do paganismo. Cristina e uma criada chamada Astrid estavam também ali e fiavam em frente da lareira.

Conservavam-se silenciosas e sonolentas havia momentos, quando ouviram o trote dum cavalo; alguém chegava ao pátio húmido. Astrid foi ao vestíbulo e olhou para fora. Depois voltou acompanhada de Lourenço Bjoergulfsoen.

A mulher e a filha viram logo que ele estava sofrìvelmente embriagado. Cambaleava e teve de se agarrar ao pilar da lareira, enquanto Ragnfrid o desembaraçava da capa encharcada e do chapéu, e lhe desacolchetava o cinturão da espada.

— Que fim deste a Halvdan e a Kolbein? — perguntou ela um tanto assustada. — Separaste-te deles pelo caminho?

— Não, deixei-os em Loptsgaard — respondeu Lourenço todo sorridente. — Veio-me à ideia regressar a casa... só aqui descansarei. Deitaram-se todos lá, e então montei *Guldsvein* e corri para aqui... Arranja-me qualquer coisa para comer, Astrid — disse ele à criada. — Traz para esta sala, evitar-te-á andares debaixo de chuva. Mas faz isso depressa. Só comi de manhã cedo...

— Então não comeste nada em Loptsgaard ?! — exclamou a mulher espantada.

Lourenço sentou-se no banco, quase tombou e sorriu:

— Comida não faltava. Mas, enquanto lá estava, não tinha apetite nenhum. Bebi, num instantinho, com Sigurd, e depois pensei que era melhor voltar já para casa do que esperar para amanhã...

Astrid entrou com a cerveja e com os alimentos. Trazia também sapatos enxutos para o patrão.

Lourenço tentava tirar as esporas, mas pouco lhe faltou para cair de cabeça para baixo.

— Vem cá, Cristina — pediu ele —, vem cá ajudar o pai. Sei que vais fazer isso de boa vontade, de boa vontade, sim... hoje.

A rapariga obedeceu e pôs-se de joelhos. Então Lourenço agarrou-lhe na cabeça com as duas mãos e levantou-lhe a cara.

— Sabes bem, filha, que só desejo a tua felicidade. Não quero causar-te nenhum desgosto, a não ser que eu compreenda que assim te evito numerosos aborrecimentos para mais tarde. És ainda muito nova; foi dezassete anos que fizeste este ano... três dias depois da festa de Santo Halvard... são dezassete anos que tens...

Cristina acabara o seu trabalho. Pôs-se de pé, um tanto pálida, e foi sentar-se outra vez no banco, junto da lareira.

A embriaguez de Lourenço parecia ir-se dissipando conforme ele se saciava. Respondia às perguntas da mulher e da criada acerca da cerimónia. Sim, decorrera bem. Tinham comprado trigo e um pouco de farinha e de malte, em Oslo e em Tunsberg; eram géneros estrangeiros; podiam ser melhores, mas também podiam ser piores. Encontrara muitos amigos e conhecidos e trazia uma imensidade de cumprimentos para a família. Lourenço ia respondendo a tudo mas as palavras saíam-lhe gota a gota.

— Falei com André Gudmundsoen — disse ele quando

Astrid saiu. — Simão celebrou os seus esponsais com a jovem viúva de Manvik. O casamento vai realizar-se em Dyfrin, na capela de Santo André. Desta vez o rapaz só se aconselhou consigo próprio. Abstive-me de felicitar o cavaleiro André em Tunsberg, mas ele veio procurar-me para me dizer que sabia de fonte certa que Simão vira pela primeira vez a Sr.ª Halfrid no fim do Verão deste ano. Receava que eu pensasse ter Simão já em vista aquele casamento rico quando rompeu connosco... — Lourenço sorriu tristemente. — Compreendeis, aquele honrado homem estava assustadíssimo com a ideia de que pudéssemos ter semelhante opinião do filho...

Cristina respirou, mais aliviada. Dizia de si para si que fora esse o motivo da irritação do pai. Talvez que ele até ali tivesse esperança de que, apesar de tudo, ela casasse com Simão Andressoen. Ao princípio temera que o pai houvesse sabido qualquer coisa a respeito do seu comportamento em Oslo.

Levantando-se, Cristina deu as boas-noites, mas Lourenço pediu-lhe que esperasse mais um instante.

— Tenho ainda uma notícia a dar — disse ele. — Poderia não te falar disso, Cristina, mas é melhor que saibas. É que tens de tentar esquecer o homem para quem vão os teus pensamentos.

Cristina permanecia de pé, com os braços pendentes e a cabeça inclinada. Ergueu o rosto para encarar o pai. Os lábios moveram-se-lhe, mas não emitiram som algum.

Lourenço esquivou-se ao olhar da filha e fez um gesto com a mão:

— Sabes muito bem que não me oporia se eu acreditasse realmente que serias feliz.

— Quais são as novidades que soubestes nesta viagem, pai? — perguntou Cristina com voz clara.

— Erlend Nikulaussoen e o seu parente Munan Baardsoen vieram ter comigo em Tunsberg — respondeu Lou-

rençó. — O cavaleiro Munan pediu-te para Erlend e eu disse-lhe que não.

Cristina esperou um momento e respirou fundo.

— Por que razão não me quereis dar a Erlend Nikulaussoen? — indagou ela.

— Não sei o que conheces do homem que queres para marido. Se não percebes a razão, não será agradável para ti ouvi-la da minha boca.

— É porque ele foi excomungado pela Igreja e posto à margem da lei? — perguntou Cristina, como anteriormente.

— Sabes tu por que motivo o rei Haakon expulsou da sua quinta certo parente dele? Sabes que este foi finalmente excomungado por desobedecer às ordens do arcebispo, e que não partiu sòzinho do país?

— Sei, sim — disse a rapariga com voz mal segura. — Sei também que ele tinha dezoito anos quando conheceu... a amante...

— Era a idade que eu tinha quando me casei. Quando eu era novo, achávamos que na idade de dezoito anos um homem se podia responsabilizar por si próprio e assegurar a sua salvação e a dos outros.

Cristina ficou calada.

— Chamaste amante à mulher com quem ele viveu durante dez anos e de quem teve filhos — continuou Lourenço. — Pouca alegria teria no dia em que eu visse sair de casa a minha filha com um homem que houvesse vivido em flagrante concubinagem anos e anos antes de casar. Mas aquilo não foi concubinagem.

— Não julgáveis tão sèriamente a Sr.ª Aashild e o Sr. Bjoern — retorquiu Cristina com doçura.

— No entanto, não posso afirmar que gostasse de nos ver em aliança com eles.

— Pai — volveu Cristina —, fostes pois tão puro de pecado toda a vida para que tenhais a coragem de ser tão severo para Erlend?

— Não me julgo menos pecador do que outro homem qualquer — replicou Lourenço em tom rude. — Mas não contem que eu dê a minha filha seja a quem for, sob o pretexto de que todos nós necessitamos da misericórdia divina.

— Não era essa a minha ideia — atalhou Cristina com vivacidade. — Pai, mãe, também fostes novos! Não vos lembrais, ao menos, de que não é fácil nos preservarmos do pecado para onde o amor nos arrasta?

Lourenço ficou vermelho como sangue.

— Não — respondeu ele bruscamente.

— Nesse caso, não sabeis o que fazeis se me separardes de Erlend Nikulaussoen! — gritou Cristina desesperada.

Lourenço tornou a sentar-se no banco.

— Tens apenas dezassete anos, Cristina. É possível que tu e ele... que vos ameis mais do que eu pensava. Esse homem, porém, não é tão moço que não devesse compreender... Se fosse honesto, não se aproximaria com palavras de amor duma rapariga menor como és. Pouco se importou que já estivesses prometida! Mas eu é que não casarei a minha filha com um homem que tem dois filhos da mulher de outro! Sabes que ele tem filhos?... És muito nova para perceber que um crime desses traz infinitas querelas e discórdias na família. O homem não pode desprezar a própria descendência nem tão-pouco conseguir para ela uma boa situação; dificilmente encontrará meio de lhe aceitarem o filho em qualquer parte ou de casar a filha, senão com algum criado ou campónio. E aquelas crianças não seriam de carne e osso se não vos viessem a odiar, a ti e aos teus filhos... Não compreendes, Cristina, que tais pecados talvez que Deus os perdoe com mais facilidade do que outros, mas que arruinam irremediàvelmente uma família para sempre? Também pensei em Bjoern e Aashild. Esse homem, filho de Aashild, está cheio de dinheiro, faz parte do

conselho do rei, e tanto ele como os irmãos têm a herança materna; pois nem fala com a mãe desde que ela empobreceu. E foi este indivíduo que o teu querido escolheu como advogado!... Não e não! Não entrarás naquela família enquanto eu for vivo!

Cristina meteu a cabeça entre as mãos e desatou a chorar:

— Sendo assim, vou pedir a Deus noite e dia, noite e dia, que me leve deste mundo se não mudardes de ideia.

— É inútil falarmos mais deste assunto hoje — disse o pai atormentado. — Talvez não creias, mas devo dispor da tua pessoa da forma que acho melhor. Vai descansar agora, minha filha.

Estendia a mão para Cristina mas esta não a quis ver e saiu da sala a soluçar.

Os pais permaneceram calados ainda uns instantes. Depois, Lourenço falou à mulher:

— Fazes favor de ir buscar um pouco de cerveja?... Não, traz-me antes vinho. Sinto-me cansado...

Ragnfrid fez o que ele lhe pedia. Quando voltou com a taça, o marido estava ainda no mesmo lugar, com a cara entre as mãos. Levantou a vista para ela e apalpou-lhe o lenço da cabeça e os braços:

— Coitadinha! Estás toda molhada! Bebe isto, Ragnfrid.

Ela aproximou a boca da taça.

— Não, bebe comigo — volveu Lourenço, puxando a mulher para junto de si. Ragnfrid cedeu contra vontade. — Estarás a meu lado neste assunto, não é verdade? — prosseguiu ele. — O que Cristina tem a fazer de melhor é expulsar do espírito aquele homem.

— Vai custar à pequena — observou a mãe.

— Sim, bem sei — confirmou Lourenço.

Depois dum silêncio, Ragnfrid perguntou:

— Que aspecto tem esse Erlend de Husaby?

— Hum! — fez Lourenço pensativo. — De certa ma-

neira, é bonito rapaz. Mas tem ar de não servir para outra coisa senão para enfeitiçar as mulheres.

Novo silêncio. Em seguida, ele continuou:

— Conseguiu reduzir bastante a avultada herança que recebeu do cavaleiro Nikulaus. Não foi para um genro dessa espécie que eu trabalhei e procurei assegurar o futuro das minhas filhas.

Ragnfrid andava cá e lá, inquieta.

— O que mais me desagradou — prosseguiu Lourenço — foi ele subornar Kolbein com dinheiro para trazer da sua parte uma carta para Cristina.

— E leste a carta?

— Não tive ânimo para isso — respondeu o marido. — Devolvi-a ao cavaleiro Munan, e disse-lhe o que pensava de tal procedimento. Ele tinha-lhe posto por cima o sinete. Não sei o que se pode dizer a semelhantes criancices. Munan é que me chamou a atenção para o sinete: devia ser, do rei Skule o que Erlend herdou do pai. Decerto julgou que eu ia achar uma grande honra o facto de me pedirem em casamento a filha. Calculo que Munan não teria intercedido por Erlend com tanto calor se não compreendesse que, com este homem, desaparece todo o poder e glória da casa dos Husaby, adquiridos na época de Nikulaus e de Baard. Erlend já não podia esperar fazer um casamento digno do seu nome.

Ragnfrid parou em frente do marido:

— Não sei se tens razão, Lourenço. É preciso notar que, nos tempos em que vivemos, muitos senhores de grandes domínios se tiveram de contentar com menos poder e honra do que os antepassados. Sabes melhor do que ninguém que hoje é menos fácil obter riqueza (seja por meio da terra ou por meio do comércio) do que antigamente...

— Bem sei, bem sei — interrompeu, impaciente, o marido. — Por isso mesmo se deve ter mais consideração por aquilo que cada um herdou...

A mulher, no entanto, prosseguiu:

— Além disso, não me parece que uma união com Cristina seja para Erlend um casamento desigual. A tua família é das melhores da Suécia; teu avô e teu pai trouxeram para o nosso país o grau de cavaleiro. Os meus antepassados eram senhores feudais, e assim foram durante várias gerações até Ivar o Velho; meu pai e meu avô eram juízes do cantão. É certo que nem tu nem Trond receberam títulos de nobreza nem terra da coroa. Por isso, na minha opinião, Erlend Nikulaussoen está nas mesmas circunstâncias do que nós.

— Não está, não — disse vivamente Lourenço. — Erlend tinha por seu lado a autoridade e o nome de cavaleiro, e perdeu-os por adultério. Mas vejo que também estás contra mim. Talvez aches, como Aasmund e Trond, que é uma grande honra para mim que esses senhores queiram ter a minha filha na família...

— Já te disse — ripostou Ragnfrid um tanto bruscamente — que não tens motivo para receares que os parentes de Erlend se julguem diminuídos por ele querer Cristina. Não percebes, então, por todos os indícios (quem há-de dizer que aquela pequena tão meiga e dócil teve a coragem de nos resistir e de rejeitar Simão Darre!) não percebes que Cristina se mostra outra desde que voltou de Oslo? Não vês que ela anda como se estivesse enfeitiçada?... E não compreendes que ela gosta tanto daquele homem que, se não cedes, pode acontecer uma grande desgraça?

— Que queres dizer com isso? — perguntou Lourenço, encarando-a com severidade.

— Muitos homens, sem o saber, saúdam o «genro» — disse Ragnfrid.

Lourenço parecia paralisado; lentamente, o rosto ia-se-lhe empalidecendo.

— Tu, que és mãe dela — disse, com voz rouca —, notaste... viste... sinais tão evidentes... para que

te atrevas a lançar essa acusação sobre a tua própria filha?

— Não, não é isso — acudiu Ragnfrid. — Não me referia ao que estás a pensar. Mas ninguém pode adivinhar o que aconteceu nem o que está para acontecer. Ela só tem uma ideia: é que ama aquele homem. Isso, já eu vi, e pode um dia provar-nos que o ama mais do que à honra, ou à vida!

Lourenço sobressaltou-se:

— És doida! Pois pensas assim da nossa filha tão linda e tão boa? Não lhe podia suceder grande mal no convento onde estava. Não é nenhuma moça de estábulo, que se deite atrás duma sebe. Bem deves perceber que ela não pôde ver aquele homem muitas vezes. Aquilo há-de-lhe passar. Não é mais do que um capricho de rapariga. Sabe Deus quanto me custa vê-la sofrer, mas não duvides que, inevitàvelmente, o desgosto lhe há-de passar com o tempo... A vida e a honra? dizes tu. Mas em casa e na quinta posso eu vigiar a minha filha, pois não é verdade? E não acredito que uma rapariga de boa família e educada cristãmente renuncie tão depressa à honra ou à vida. Sim, sim, é com tais histórias que o povo compõe baladas, mas eu cá na minha acho que é quando um rapaz ou rapariga são tentados a proceder assim que fazem uma balada com esse motivo e tiram daí partido, mas renunciam à sua acção. Tu mesma... — acrescentou Lourenço parando em frente da mulher — tu mesma preferias outro, quando nos casaram. Que seria de ti, diz-me, se teu pai te deixasse senhora desse assunto?

Foi a vez de Ragnfrid ficar pálida como a morte.

— Jesus! Maria! Quem te disse?

— Sigurd de Loptsgaard referiu-se a isso, pouco depois de nos virmos instalar no vale... Mas, responde ao que eu te perguntava. Achas que serias mais feliz se Ivar te houvesse dado a esse homem?

— Esse homem — respondeu ela com a cabeça baixa

e a voz quase imperceptível — esse homem não me quis.

Passou como que um calafrio por todo o corpo de Ragnfrid, e ela agitou no ar o punho fechado. Então Lourenço pousou discretamente as mãos nos ombros da mulher.

— Foi assim? — perguntou ele acabrunhado e com espanto profundo e doloroso a transparecer-lhe na voz. — Nesse caso... durante todos estes anos, pensaste sempre nesse homem, Ragnfrid?

Trémula, ficou calada.

— E quando Bjoergulf morreu... e depois .. quando tu querias que eu fosse para ti como eu não podia ser... pensavas, então, sempre no outro? — murmurou ele, aflito e torturado.

— Como podes ter tais ideias? — disse a mulher, baixinho, a chorar.

Lourenço encostou a testa à de Ragnfrid:

— Não sei. Foi tudo tão estranho o que me disseste esta noite... Tive medo, Ragnfrid. Decerto não compreendo o espírito das mulheres.

Ragnfrid sorriu e passou os braços em volta do pescoço do marido.

— Deus é testemunha de que mendigava o teu amor porque te amava mais do que pode uma alma humana. E odiava o outro a pontos de eu ter a consciência de assim fazer a alegria do demónio.

— Amei-te de todo o meu coração, minha querida — disse ele beijando-a. — E parece-me que nos entendíamos bem, não é verdade?

— Tens sido o melhor dos maridos — respondeu Ragnfrid, encostando-se-lhe com um ligeiro soluço.

Lourenço beijou-a apaixonadamente.

— Gostaria de dormir contigo esta noite, Ragnfrid. E, se quisesses ser para mim como nos outros tempos, então eu ficaria... como doido.

A mulher desviou-se-lhe dos braços e procurou um subterfúgio.

— Estamos na Quaresma — replicou em voz baixa e singularmente dura.

— É verdade... — Lourenço sorriu. — Tu e eu sempre cumprimos as abstinências e tentámos viver segundo os mandamentos de Deus. Mas, agora, parece-me que talvez houvéssemos sido mais felizes se tivéssemos hoje motivos de maior contrição...

— Não fales assim — pediu a mulher, desesperada, colocando as mãos magras nas fontes de Lourenço.

— Digo isto, mas bem sabes que eu não era capaz de cometer uma acção que tu não achasses justa... — Abraçou-a mais uma vez, soltando gemidos: — Deus nos valha! Deus nos valha a todos, Ragnfrid!... Sinto-me cansado, — acrescentou. — Com certeza também te vais deitar?

Ficou de pé junto da porta, à espera que ela apagasse o lume da lareira, assoprasse a candeia de ferro e cortasse a mecha ainda incandescente. Depois, atravessaram juntos o pátio, debaixo de chuva, até à casa.

Lourenço ia já a subir a escada do sótão quando se virou para a mulher que estava ainda à porta da entrada. Retrocedeu, puxou-a para si, e beijou-a outra vez ardentemente na sombra do patamar. Em seguida fez-lhe o sinal da cruz na testa e subiu então.

Ragnfrid despiu-se nervosamente e meteu-se na cama. Ouviu durante um momento os passos do marido — em cima, no sótão —, depois o leito gemeu e o silêncio espalhou-se.

Ragnfrid cruzou os braços franzinos sobre os seios murchos. Que Deus lhe viesse em auxílio! Que era ela como esposa? Que era como mãe? Dentro em pouco, seria velha. E, todavia, sentia-se ainda a mesma. Já não mendigava carícias como em nova, quando as pedia a esse homem que se fechava, esquivo e tímido, enquanto ela se mostrava apaixonada; que ficava frio quando ela

lhe queria dar mais do que era seu dever conjugal. Fora dessa maneira que os factos se tinham passado; assim havia concebido os filhos, uns após outros, humilhada, furiosa pela vergonha de não se poder contentar com a ternura calma do marido. Então, se se encontrava naquele estado e tinha sede de bondade e de doçura, quanta generosidade patenteava ele! As meigas e incansáveis atenções de Lourenço, quando ela andava doente e atormentada, tombavam-lhe como orvalho sobre a alma ardente. Ajudava-a e aliviava-a o mais possível, mas havia qualquer coisa de si próprio que Lourenço lhe não queria dar. E ela amara tanto os filhos que, de cada vez que perdera um, fora como se lhe arrancassem o coração. Senhor! Senhor! Que espécie de mulher era então para, no meio dos seus tormentos, haver tido forças de experimentar aquela gota de doçura: ver o marido tomar sobre si a tortura da companheira e ajuntá-la no seu coração à tortura que já ali existia?

Cristina... Ragnfrid lançar-se-ia de boa vontade no fogo pela filha! Ninguém a acreditaria, nem Lourenço, nem Cristina, mas assim era. Contudo, ela sentia, pela filha, uma cólera que se assemelhava a ódio. Fora para afastar a tristeza que lhe causava o desgosto de Cristina que Lourenço desejara nessa noite aproximar-se da mulher!... Ragnfrid não ousava levantar-se, pois não sabia se a filha estaria acordada, no outro leito. Ajoelhou, porém, sem ruído e, com a fronte apoiada na cama, tentou rezar pela filha, pelo marido, por ela própria. E, enquanto o frio lhe inteiriçava a pouco e pouco o corpo, Ragnfrid empreendeu mais uma das suas divagações nocturnas bem conhecidas, procurando, pelo coração, abrir caminho para um asilo de paz.

III

HAUGEN ficava situada no cimo da vertente ocidental do vale. Naquela noite de luar, toda a extensão estava branca. Umas sobre as outras, as ondulações da alva montanha pareciam entumescidas sob o céu azulado, pobre de estrelas. Até as nuvens, que os píncaros e as cumeadas haviam projectado para longe dos campos nevados, se mostravam espantosamente leves e claras, pois a Lua ia muito alta.

Em baixo, a floresta apresentava a sua cabeleira espelhenta de gelo em redor das planícies brancas, pontuadas pelos arabescozinhos dos muros e das casas. Mas, no fundo do vale, as nuvens adensavam-se em trevas.

A Sr.ª Aashild saiu do estábulo, fechou a porta, e deteve-se um instante no meio da neve. Toda a natureza jazia sob aquela brancura e, no entanto, faltavam ainda mais de três semanas para o Advento. Haver frio no dia de São Clemente, era porque o Inverno ia ser duro. Ah! sim, aquilo completava o mau ano!

A velha suspirou profundamente. De novo o frio, o Inverno, a solidão... E, agarrando no balde de leite e na lanterna, dirigiu-se para casa. Uma vez mais, olhou em sua volta.

Quatro pontos negros se aproximavam, a meio caminho da encosta. Quatro homens a cavalo — a lança dum deles brilhava ao luar. Via-se que tinham dificuldade em subir. Ninguém passara por ali depois do nevão. E se viessem para casa dela?

Quatro homens armados... Pessoa alguma encarregada de legítima comissão para ela viajaria com tal escolta. Aashild lembrou-se do baú que continha os seus haveres e os de Bjoern. Não seria prudente esconder-se em qualquer parte?

Contemplou a paisagem hibernal e o ermo que a rodeava; depois, entrou em casa. Os dois cães velhos que estavam deitados em frente da lareira bateram com a cauda no chão. Os mais novos, Bjoern levara-os consigo para a montanha.

Aashild soprou as brasas, pôs-lhes lenha por cima, encheu de neve a panela de ferro e colocou-a sobre o lume. Passou o leite num coador e pô-lo no armário. Em seguida, despiu o vestido de burel sujo e desbotado que cheirava a estábulo e a suor, enfiou uma vestimenta azul escura e substituiu o lenço cor de anil que tinha na cabeça por outro de linho branco cujas pontas dispôs em volta do pescoço. Tirou também as botas de couro felpudo e calçou chapins com fivelas de prata.

Depois arranjou o quarto, alisou as almofadas e as peles sobre as quais Bjoern se deitara durante o dia, limpou a mesa e colocou coxins nos bancos.

Estava a Sr.ª Aashild defronte da lareira a preparar a ceia quando os cães ladraram. Ouviu o tropel de cavalos no pátio e homens a andar na galeria; um deles bateu à porta com a lança. A Sr.ª Aashild afastou a panela do lume, ajustou o vestido e, ladeada pelos cães, foi abrir.

No pátio, à luz da Lua, três rapazes seguravam quatro cavalos cobertos de geada. O que estava na galeria gritou alegremente:

— Tia Aashild! És tu em pessoa quem nos abre a porta! Isto é que é sorte!

— O quê?! Pois és tu, meu sobrinho! Então posso dizer a mesma coisa. Entra na sala enquanto eu mostro a cavalariça aos teus homens.

— Estás sózinha na quinta? — perguntou Erlend,

acompanhando-a, enquanto ela dava as indicações aos escudeiros.

— Estou, sim. Bjoern e os nossos trabalhadores foram lá acima com o trenó a fim de trazerem para a quinta tudo o que se pôde salvar de forragem na montanha. E não tenho criada — ajuntou ela sorrindo.

Pouco depois, viam-se os quatro rapazes sentados num banco, com as costas para a mesa, a olhar para a velhota que, sem dizer palavra, lhes preparava a refeição. Estendeu a toalha na mesa, pôs-lhe em cima uma candeia acesa, foi buscar manteiga, queijo, uma perna de urso salgada e uma rima de bolos finos e leves. Trouxe também cerveja e hidromel da cave e pediu-lhes então que começassem a comer.

— É pouco para vós, meus rapazes — disse ela a sorrir. — Eu deveria fazer outra panela de caldo. Amanhã comereis melhor; no Inverno, fecho o forno e a cervejaria, excepto nos dias em que amasso, ou que fabrico cerveja. Pouca gente há na quinta, e eu já estou velha, meus amigos.

Erlend abanou, rindo, a cabeça. Reparou que os companheiros se mostravam corteses e respeitosos para com Aashild, como ele nunca os vira.

— És uma mulher singular. Minha mãe é dez anos mais nova do que tu, e, na última vez que te viemos visitar, ela parecia mais velha do que pareces esta noite.

— Realmente, Magnhild perdeu depressa a frescura — confirmou com voz doce a Sr.ª Aashild. — Donde vens agora? — perguntou ela ao fim dum instante.

— Estive algum tempo numa quinta do Norte, em Lesja. Aluguei lá um casebre... Não sei se adivinhas qual o assunto que me trouxe a esta região?

— Queres dizer se sei que pediste a mão da filha de Lourenço Bjoergulfsoen, de Joerundgaard?

— Nem mais. Pedi-a consoante as leis das conveniências e da honra, e Lourenço Bjoergulfsoen respon-

deu-me com uma recusa formal. Não vejo outra solução, visto eu e Cristina não concordarmos que nos separem, senão raptá-la. Arranjei um espião na aldeia. Soube que a mãe dela iria depois do São Clemente a Sundbu e lá se demoraria, e que Lourenço partiu para a costa com outros homens a fim de trazerem a Sil mantimentos para o Inverno.

A Sr.ª Aashild sentou-se:

— É melhor renunciares a essa ideia, Erlend. Aliás, acho que a rapariga não te acompanhará de boa vontade, e, decerto, não vais empregar a força.

— Há-de-me acompanhar, sim. Falámos disso em várias ocasiões, e muitas vezes ela me pediu que a levasse comigo.

— Cristina!... — exclamou a Sr.ª Aashild espantada. Depois, sorriu. — Isso não é razão para te convenceres de que ela te seguirá, se lhe vens agora pegar na palavra...

— Mas é que estou convencido. E projectei que mandasses um mensageiro a Joerundgaard para que Cristina viesse para tua casa durante uma semana, na ausência dos pais. Poderíamos estar em Hamar antes que ninguém desse fé da sua partida — declarou Erlend.

Sempre sorridente, a Sr.ª Aashild retorquiu:

— E pensaste também no que devíamos responder, eu e Bjoern, quando Lourenço nos viesse pedir contas da filha?

— Claro. Diríeis que éramos quatro homens armados e que a rapariga foi conivente.

— Não me meto nesse assunto — atalhou vivamente a Sr.ª Aashild. — Lourenço foi-nos sempre leal, durante anos. Ele e a mulher são criaturas honradas, e não quero ajudar a enganá-las e a desonrá-las. Deixa em paz a rapariga. Já é tempo que teus pais obtenham de ti outra coisa que não seja andares a correr terras com mulheres raptadas.

— Continuemos a conversar num quarto à parte — disse Erlend em tom breve.

A Sr.ª Aashild pegou na luz, entrou no aposento contiguo e fechou a porta. Sentou-se numa ucha, enquanto Erlend, com as mãos metidas no cinto, se conservava de pé a olhar para a tia.

— Podes também dizer a Lourenço Bjoergulfsoen que Sira Jon, de Gerdarud, nos casará antes de irmos ter com a Sr.ª Ingebjoerg Haakonsdatter à Suécia.

— E sabes se a Sr.ª Ingebjoerg vos receberá bem quando lá chegardes? — perguntou a Sr.ª Aashild.

— Falei com ela em Tunsberg — respondeu Erlend. — Tratou-me por «querido primo» e agradeceu-me ter-lhe oferecido os meus préstimos tanto aqui como na Suécia. E Munan prometeu-me dar cartas de recomendação para ela.

— Então, sabes evidentemente que, se arranjares um padre para vos casar, Cristina perderá todo o direito aos bens e á herança do pai. E os filhos dela não serão teus herdeiros legais. Além disso, não é certo que a considerem tua mulher.

— Neste país, talvez não. É também por essa razão que falo da Suécia. O antepassado dela, o juiz Lourenço, não casou doutra maneira com a menina Bengta, cujo irmão nunca deu o seu consentimento. Todavia, ela foi considerada como mulher dele...

— Não tinha descendência — replicou a Sr.ª Aashild. — Julgas que os meus filhos se absteriam de tocar na tua herança, se Cristina ficasse viúva com filhos e que lhes pudessem contestar a legitimidade?

— Estás a injuriar Munan. Os teus outros filhos, pouco os conheço; não possuis motivos para seres amiga deles, bem sei. No entanto, Munan sempre foi meu primo fiel; gostaria de me ver casado; foi ele quem me fez o pedido a Lourenço... Aliás, posso reconhecer como herdeiros legítimos os filhos que tivermos.

— Nesse caso, denunciarás a mãe como concubina — volveu a Sr.ª Aashild. — Mas não compreendo que um homem brando como é Jon Helgesoen vos case contra a lei, arriscando-se a ter um processo com o bispo.

— Escrevi-lhe, no Verão — disse Erlend com voz surda. — E ele prometeu-me casar-nos se os outros meios falhassem.

— De facto! Então cometeste um grande pecado, Erlend. Cristina estava bem em casa dos pais. Ia casar com um rapaz honesto de boa família.

— Cristina declarou-me que, segundo o que dizias, ela e eu nos podíamos entender às mil maravilhas. E que Simão não era marido para ela.

— Oh! Tenho dito tanta coisa durante a minha vida! — interrompeu a tia. — Não percebo também como foi que pudeste falar tão fàcilmente com Cristina. Não seria com muita frequência... Nunca julguei que a moça se deixasse conquistar assim com tal simplicidade.

— Encontrámo-nos em Oslo. Depois, ela esteve em casa do tio, em Gerdarud. Tínhamos entrevistas na floresta... — Erlend abaixou os olhos e acrescentou, num murmúrio: — Tive-a só para mim...

A Sr.ª Aashild levantou-se. O sobrinho curvou ainda mais a cabeça.

— E depois disso, ela foi gentil contigo? — perguntou a tia, incrédula.

— Foi, sim — replicou Erlend a sorrir e com a voz débil e trémula. — Ficámos bons amigos. Não opôs muitas dificuldades, mas não teve culpa do caso. Nessa altura é que ela desejava que eu a levasse comigo; não queria voltar para casa dos pais...

— E não era a isso que aspiravas?

— Não, queria tentar obter o consentimento do pai para que nos casássemos.

— Há muito tempo que isso aconteceu? — perguntou a Sr.ª Aashild.

— Fez um ano pelo São Lourenço.

— Não tiveste muita pressa em a pedir em casamento!

— Ela não havia ainda rompido com o noivo!

— E depois, nunca mais a encontraste?

— Vimo-nos algumas vezes... — De novo um sorriso trémulo se esboçou nos lábios de Erlend. — Numa casa da cidade...

— Santo nome de Deus! Ajudar-vos-ei o mais que puder. Compreendo que seja excessivamente duro para Cristina viver em casa dos pais com uma coisa dessas em cima de si. Não há nada mais?

— Que eu saiba, não — respondeu Erlend sucintamente.

— Já pensaste que Cristina tem amigos e parentes mais ao fundo do vale? — perguntou Aashild depois duma pausa.

— Viajaremos às ocultas, tanto quanto for possível. Temos de nos afastar depressa e estar longe antes que o pai regresse. E tu, emprestas-nos o trenó.

Aashild encolheu os ombros:

— Além disso, ela tem o tio em Skog. Se ele sabe que celebras o teu casamento com a sobrinha em Gerdarud?

— Aasmund falou em meu favor a Lourenço — disse Erlend. — Evidentemente que ele não pode ser cúmplice, mas há-de fechar os olhos; iremos de noite procurar o padre, e, de noite, partiremos para longe. Tenho a impressão de que Aasmund convencerá Lourenço de que não é conveniente para um homem temente a Deus como ele separar-nos depois de estarmos casados por um padre e que será melhor nos dar o seu consentimento para que sejamos um casal segundo a lei. E tu dirás a mesma coisa a Lourenço. Que ele ponha as condições que lhe agradar para uma conciliação e que reclame as indemnizações que lhe parecerem convenientes.

— Não creio que Lourenço Bjoergulfsoen aceite fàcilmente conselhos neste assunto — retorquiu a Sr.ª Aashild.

— Deus e Santo Olavo bem sabem que esse processo não me agrada muito, sobrinho. Mas compreendo que é o único meio a que te podes agarrar, se queres remediar o que fizeste a Cristina. Irei amanhã a cavalo a Joerundgaard, se me emprestas um dos teus escudeiros, e pedirei a Ingrid, que mora ao norte da colina, que me trate do gado.

A Sr.ª Aashild chegou a Joerundgaard na tarde seguinte, justamente na ocasião em que o luar lutava com os derradeiros clarões do dia. Notou logo a palidez e a magreza de Cristina quando esta veio recebê-la ao pátio.

A velhota sentou-se ao pé da lareira a brincar com as duas pequenas. Disfarçadamente, observava Cristina, que punha a mesa. Estava esbelta e parecia tranquila. Sempre fora calma, mas era uma calma diferente que havia agora na rapariga. A Sr.ª Aashild adivinhava a tensão e tenaz orgulho que existiam por detrás de toda aquela quietude.

— Decerto soubestes o que sucedeu este Outono — começou Cristina, aproximando-se.

— Que meu sobrinho te pediu em casamento?

— Sim. Recordais-vos de haver dito um dia que ele e eu nos podíamos entender, se Erlend não fosse tão rico e nobre de mais para mim?

— Soube que Lourenço é doutra opinião — respondeu Aashild secamente.

Os olhos de Cristina iluminaram-se e ela sorriu ao de leve. «É uma boa natureza», pensava a Sr.ª Aashild; e, por muito pouco prazer que isso lhe desse, decidiu ajudar Erlend e fazer o que ele lhe pedira.

Cristina preparou para a hóspeda a cama dos pais, e a Sr.ª Aashild pediu à rapariga que dormisse com ela. Depois de estarem deitadas e tudo silencioso, a tia de Erlend expôs a sua missão.

Foi-lhe extremamente penoso ver que aquela filha não dava mostras de pensar no desgosto que ia causar aos pais. «Todavia, eu sofri e desgostei-me em casa de Baard, durante mais de vinte anos», dizia Aashild consigo. «Mas são coisas que acontecem decerto a todos nós». Cristina nem mesmo parecia reparar quanto Ulvhild definhara naquele Outono. «É pouco provável que ela veja ainda muito tempo a irmãzinha com vida», continuava Aashild a pensar, mas sem nada dizer a esse respeito. Quanto mais Cristina conservasse aquela alegria e orgulho bravios, melhor seria.

A jovem levantou-se e, na obscuridade, meteu as suas jóias num cofrezinho que levou consigo para a cama.

— Em todo o caso — disse-lhe a Sr.ª Aashild — parece-me que Erlend procederia melhor se viesse aqui quando teu pai estivesse de volta, lhe declarasse francamente o agravo que te causou e entregasse a sua causa nas mãos de Lourenço.

— Meu pai era capaz de matar Erlend.

— Lourenço não fará uma coisa dessas se Erlend se recusar a desembainhar a espada contra o sogro — replicou Aashild.

— Não quero que Erlend seja assim humilhado — volveu a rapariga. — Nem quero que meu pai saiba que Erlend tocou em mim antes de me haver pedido segundo as leis da honra.

— Julgas que Lourenço ficará menos irritado quando souber que fugiste com Erlend, e que lhe será mais fácil suportar isso? Consoante o que a lei diz, nada mais serás do que a amante de Erlend enquanto viveres com ele sem o consentimento do teu pai.

— É diferente se eu me tornar amante de Erlend pelo facto de ele não me poder ter por mulher legítima.

A Sr.ª Aashild ficou calada. Reflectia que devia vir falar com Lourenço quando ele soubesse que a filha fora raptada.

Disse então Cristina:

— Compreendo, Sr.ª Aashild, que vos pareço ser uma má filha. Mas, desde que o pai voltou da assembleia, as coisas têm sido assim nesta casa: cada dia que passa é um sofrimento para ele e para mim. Mais vale, para toda a gente, acabar com isto.

Partiram a cavalo de Joerundgaard no dia seguinte de manhã cedo e chegaram a Haugen pouco depois das três horas. Erlend veio-lhes ao encontro, no pátio, e Cristina lançou-se-lhe nos braços sem se preocupar com o escudeiro que as acompanhara.

Na sala, saudou Bjoern Gunnarsoen e os dois serviçais de Erlend como se já os conhecesse bem. Aashild não notou nela nenhum sinal de timidez nem de receio. E, pouco depois, quando se sentaram em volta da mesa e Erlend expôs o seu plano, Cristina emitiu as suas opiniões no caminho a percorrer: partiriam de Haugen na tarde seguinte de forma a chegarem a Rosten depois de a lua desaparecer e de atravessarem Sil em plena escuridão, passando defronte de Loptsgaard; daí, iriam por Otta até à ponte, e depois seguiriam a costa oeste do Otta e do Laag por atalhos, tão longe quanto a força dos cavalos o permitisse. Passariam o dia numa das cabanas do flanco da montanha, pois, enquanto durasse a assembleia de Holledis, poderiam encontrar pessoas conhecidas.

— Já pensastes na comida dos cavalos? — perguntou a Sr.ª Aashild. — Não ides roubar forragem nas cabanas, num ano como este... admitindo que há forragem lá guardada... e bem sabeis que no vale ninguém possui nada para vender.

— Já pensei nisso — disse Cristina. — Emprestar-nos-eis forragem e alimentos para três dias. E, para que não sejamos tão numerosos, Erlend deve mandar Jon para Husaby. Em Troendelag, o ano foi melhor, e pode-se com certeza transportar coisas para a montanha, antes do

Natal. Ao sul da aldeia moram uns desgraçados a quem eu gostaria de dar esmola em nome de Erlend e do meu, Sr.ª Aashild.

Bjoern desatou num riso estranho e triste. A mulher abanou a cabeça. Mas o escudeiro Ulf ergueu a cara rude e tisnada e fitou Cristina com um sorriso atrevido.

— Nunca existe nada de supérfluo em Husaby, Cristina Lavransdatter, quer sejam os anos bons ou maus. Mas talvez o caso mude de figura quando lá estiverdes a governar. Percebe-se, pelas palavras que dizeis, que sois a mulher de que Erlend necessita.

Cristina, sem se perturbar, fez um sinal de cabeça ao homem e continuou: Deveriam afastar-se o mais possível da estrada real. E parecia-lhe imprudente passar por Hamar. Erlend objectou que Munan se encontrava lá; e havia aquela carta para a duquesa.

— Então, Ulf deixar-nos-á em Fagaberg e irá procurar o cavaleiro Munan enquanto ficamos a oeste de Mjoes, e passaremos por Land e pelos carreiros de trás que atravessam Hadeland a fim de descermos para Hakedal. De lá, parte um caminho deserto que vai ter ao sul na direcção de Margretadal, pelo que ouvi meu tio dizer. Seria imprudência passarmos por Raumarike na ocasião em que se deve celebrar em Dyfrin o grande casamento — disse Cristina a rir.

Erlend agarrou-a pelos ombros e a rapariga reclinou-se para ele sem se preocupar com os que ali estavam sentados. A Sr.ª Aashild exclamou, encolerizada:

— Ninguém julgaria que foges de casa pela primeira vez.

Bjoern desatou a rir como anteriormente.

Pouco depois, a Sr.ª Aashild levantou-se com o fim de ir à cozinha preparar a refeição. Tinha o lume aceso, e era ali que os escudeiros de Erlend iam dormir. Pediu a Cristina que a acompanhasse, «pois quero poder jurar a Lourenço Bjoergulfsoen que nem um instante esti-

vestes sòzinhos na minha casa», informou ela com ar irritado.

Cristina sorriu e seguiu-a. Decorridos momentos, Erlend foi ter com elas, puxou um escabelo que estava próximo da lareira e sentou-se justamente na passagem das duas mulheres. Agarrava em Cristina de cada vez que a apanhava a jeito, enquanto ela andava cá e lá no seu trabalho. Por fim, sentou-a nos joelhos:

— Ulf é que tem razão, quando diz que és a mulher de que eu necessito.

— Pois é, pois é — retorquiu Aashild com um sorriso amargo. — Tens sorte com a rapariga. Ela é que se sujeita a tudo nesta aventura, e tu pouco arriscas.

— Isso é verdade — respondeu Erlend. — Mas patenteei a minha vontade de chegar até ela pelo caminho mais recto. Não estejas zangada, tia Aashild.

— Como queres que o não esteja? Agora que tinhas endireitado a tua vida, abandonas tudo e vais-te embora com uma mulher.

— Lembra-te, tia, que sempre foi assim: não são os piores homens que cometem desvarios por uma mulher. Todas as lendas o dizem.

— Ah! Que Deus nos valha, Erlend! — exclamou Aashild, cujo rosto se tornou mais juvenil e mais meigo. — Essa linguagem, já eu a ouvi...

E, agarrando na cabeça do sobrinho, puxou-lhe pelos cabelos.

Nesse mesmo instante Ulf abriu bruscamente a porta e fechou-a com vivacidade atrás de si:

— Chegou uma pessoa, Erlend, aquela que te repugna mais ver, suponho eu.

— É Lourenço Bjoergulfsoen? — indagou Erlend sobressaltado.

— Pior do que isso; é Eline Ormsdatter.

Impelida pelo lado de fora, a porta abriu-se; a mulher que entrava empurrou Ulf para o desviar e caminhou em direcção a eles. Cristina fitava Erlend. A princípio, ele empalideceu e pareceu absolutamente aniquilado; depois, ergueu-se, de cara afogueada:

— Donde diabo vens tu? Que queres aqui?

A Sr.ª Aashild avançou:

— Vinde comigo para a sala, Eline Ormsdatter. Em nossa casa, atendemos, apesar de tudo, às conveniências e não recebemos hóspedes na cozinha.

— Não espero que os parentes de Erlend me tratem como hóspede, Aashild — retorquiu a outra. — Perguntaste donde venho? Venho de Husaby e trago-te saudades de Orm e de Margret; eles continuam bem.

Erlend não respondeu.

— Quando me chegou aos ouvidos que havias encarregado Gissur Arnfinsoen de recolher dinheiro para ti e que ias partir para o Sul — prosseguiu ela — calculei logo que, nesta ocasião, te deterias em casa dos teus parentes de Gudbrandsdal. Eu sabia que tinhas pedido em casamento a filha do vizinho deles.

Virou-se para Cristina e encontrou os olhos da rapariga que, muito pálida, a fitava calma e atenta.

Cristina estava inerte como pedra. Não tivera ilusões com a vinda daquela mulher. Era esse o pensamento que constantemente evitara, que quisera sufocar, por orgulho, a inquietação e a impaciência; lutara sempre para não averiguar se Erlend se pudera libertar por completo da amante precedente. Agora, juntara-se-lhe outra vez; inútil se tornava resistir mais tempo. Ela, porém, não se lastimava a si.

Observava Eline Ormsdatter. Embora já não fosse muito nova, era bonita, e devia ter sido soberba. Lançara o capuz para as costas; apesar da testa excessivamente abaulada e das maçãs do rosto um tanto salientes, conhecia-se bem que fora uma beldade. Prendia-se-lhe na nuca

um lenço, por baixo do qual, enquanto falava, metia os cabelos da frente, louros e ondulados. Cristina nunca vira uma mulher com olhos tão grandes; eram castanho-escuros, duros e redondos, mas sob as sobrancelhas finas, negras como ébano, e orlados pelas compridas pestanas, faziam um contraste belo e estranho com os cabelos dourados. O percurso a cavalo no meio do frio prejudicara-lhe a pele e os lábios, mas esse pormenor não a desfeava muito; era bonita de mais para que tal acontecesse. Envolvida por completo numa pesada capa de viagem, movia-se com esse à-vontade que só possui uma mulher orgulhosa e tranquila do seu esplendor físico. Não seria mais alta do que Cristina, mas tinha muito maior imponência do que a esbelta rapariga de membros franzinos.

— Ela esteve sempre contigo em Husaby? — perguntou Cristina docemente.

— Não tenho lá ficado — respondeu Erlend, corando de novo. — Demorei-me em Hestnaes a maior parte do Verão.

— Trago-te uma notícia, Erlend — interveio Eline. — Não precisas de te alojares em casa dos teus parentes e pôr-lhes à prova a hospitalidade pelo facto de eu governar a tua casa. Estou viúva desde o Outono.

Erlend ficou imóvel.

— Não fui eu que te pedi que viesses para Husaby dirigir a quinta — pronunciou ele a custo.

— Soube que tudo lá decorria mal — volveu Eline. — Sempre me mostrei bondosa para contigo, e julguei que me devia ocupar do teu bem-estar, embora... Deus bem o sabe... não te tenhas comportado dignamente para com os nossos filhos e para comigo.

— Fiz tudo o que pude pelos pequenos — replicou Erlend. — E, se aceitei a tua presença em Husaby, foi por causa deles. Que tenhas assim prestado serviço a eles ou a mim, é coisa em que nem mesmo pensas — ajuntou o

rapaz com um sorriso irónico. — Gissur dirige lindamente a casa sem o teu auxílio.

— Sim, sempre depositaste plena confiança em Gissur — disse Eline sorrindo ao de leve. — Mas, agora, estou livre. Se quiseres, podes cumprir a promessa que outrora me fizeste.

Erlend conservou-se calado.

— Recordas-te — insistiu Eline — da noite em que dei à luz o teu filho? Prometeste-me nessa ocasião que casarias comigo se Sigurd morresse.

Erlend passou a mão pelos cabelos molhados de suor.

— Recordo-me, sim — murmurou.

— Queres cumprir a tua promessa? — perguntou Eline.

— Não.

Eline Ormsdatter olhou para Cristina, sorriu novamente e fez um sinal com a cabeça. Depois, tornou a fitar o homem.

— Foi há dez anos — disse Erlend. — Daí para cá, vivemos juntos como dois condenados no inferno.

— Talvez não passasse disso — volveu ela com o mesmo sorriso.

— Há anos e anos que o caso se modificou. Os filhos nada podem contra isto. E tu sabes, sabes que já não sou capaz de viver contigo sob o mesmo tecto! — gritou Erlend exasperado.

— Não reparei em semelhante coisa quando, no Verão, estiveste em casa — insinuou Eline com um sorriso significativo. — Nessa ocasião não nos tratámos como inimigos.

— Se consideras que éramos amigos, agradeço-te em meu nome — replicou Erlend fatigado.

— Pensais ficar aqui? — atalhou a Sr.ª Aashild despejando a panela em dois grandes pratos de madeira e dando um a Cristina. — Leva este para a sala e tu, Ulf, segura no outro. Colocai-os sobre a mesa. Temos de cear, aconteça o que acontecer.

Cristina e o escudeiro saíram com os pratos e Aashild disse aos outros dois:

— Vinde também. É inútil ficardes aí a bulhar um com o outro.

— É melhor que Eline e eu arrumemos agora este assunto — respondeu Erlend.

A Sr.ª Aashild não insistiu e foi-se embora.

Na sala, onde haviam posto a mesa e trazido cerveja da adega, Cristina estava sentada na ponta do banco, direita como um círio e com semblante calmo, mas sem comer. Bjoern e os companheiros de Erlend também não mostravam grande apetite. O homem que viera com Eline e o grupo de trabalhadores de Bjoern eram os únicos que mastigavam a valer. A Sr.ª Aashild instalara-se ali e tomara um pouco de caldo. Ninguém dizia palavra.

Por fim, Eline Ormsdatter entrou, sòzinha. A tia de Erlend ofereceu-lhe lugar entre ela e Cristina; Eline sentou-se e comeu qualquer coisa. De vez em quando transparecia-lhe no rosto como que o reflexo dum sorriso oculto e então olhava disfarçadamente para Cristina.

Passados momentos, Aashild dirigiu-se para a cozinha. Na lareira, o lume estava quase extinto. Erlend permanecia sentado, dobrado sobre si mesmo, com as mãos na cabeça.

Aashild aproximou-se e tocou-lhe nos ombros.

— Deus te perdoe o que fizeste, Erlend!

O rapaz ergueu as pálpebras, alquebrado pela angústia.

— Ela tem filhos — disse ele fechando os olhos.

Transluziu uma chama na cara da tia; agarrando rudemente no ombro de Erlend, perguntou-lhe com ironia e brutalidade:

— E de quem são eles?

— Meus é que não são — retorquiu Erlend com a

mesma voz apagada. — Mas, decerto, não me acreditas, nem tu, nem ninguém... — acrescentou, tornando a esconder a cabeça nas mãos.

A Sr.ª Aashild sentou-se em frente dele, na borda da lareira:

— Tens de te encher de coragem, Erlend. Não é muito fácil acreditar-te em tais assuntos. Juras que os pequenos não são teus?

Erlend levantou o rosto fatigado.

— Tão certo como eu necessitar da misericórdia divina... Tão certo como eu espero que Deus tenha consolado a sua Mãe no Paraíso por tudo quanto ela sofreu no mundo... não toquei em Eline desde a primeira vez que vi Cristina!

Proferiu estas palavras em voz tão alta que a tia lhe impôs silêncio.

— Então não acho que isso seja uma desgraça por aí adiante... Tens de descobrir quem é o pai e pagar-lhe para que case com ela.

— Julgo que é Gissur Arnfinsoen, o meu homem de confiança em Husaby — disse Erlend em tom frouxo. — Falámos desse assunto no Outono passado, e também depois. Já se esperava a morte de Sigurd. Gissur consentia em casar com Eline uma vez viúva, se eu lhe quisesse dar um dote conveniente.

— Bem, bem — murmurou a Sr.ª Aashild.

— Ela jura que o não quer. Há-de declarar que eu sou o pai. Se eu digo que não, pensas que toda a gente não ficará convencida de que minto?

— Era bom que a pudesses mandar para casa — disse a tia. — A única coisa a fazer é partires amanhã com ela para Husaby. Mostra-te inflexível e trata desse casamento entre o teu homem de confiança e Eline.

— Sim — respondeu Erlend; e, lançando-se para a frente, desatou a soluçar. — E Cristina, Cristina, que pensará de mim?

Erlend dormiu essa noite na cozinha com os companheiros. Cristina ficou na sala, na cama da Sr.ª Aashild, e Eline Ormsdatter deitou-se noutro leito que ali se encontrava. Bjoern foi para a estrebaria.

No dia seguinte de manhã, Cristina acompanhou a Sr.ª Aashild ao estábulo. Enquanto a tia Erlend ia preparar o almoço, Cristina levou o leite para a sala.

Ali, ardia uma candeia sobre a mesa. Eline, já vestida, estava sentada à beira da cama. Cristina saudou-a tranquilamente, foi buscar um jarro e coou o leite.

— Fazes favor de me dar um pouco de leite? — pediu Eline.

A rapariga pegou numa tigela de madeira e entregou-a à outra, que bebeu com avidez, olhando para Cristina por cima das bordas da taça.

— Então foste tu, Cristina Lavransdatter, quem me roubou o amor de Erlend! — disse ela devolvendo-lhe a tigela.

— Vós é que podeis saber se havia amor a vos roubar — respondeu a rapariga.

Eline mordeu os lábios.

— Que farás tu se Erlend se aborrecer de ti e que um dia te queira casar com o criado dele? Estarás de acordo com isso?

Cristina não disse nada. Eline prosseguiu, sorrindo:

— Agora, fazes tudo o que ele quer, segundo me parece. Dá-me a tua opinião, Cristina; que achas a esta ideia, vamos jogar aos dados o nosso homem, nós, as duas amantes de Erlend Nikulaussoen?... — Como não obtivesse resposta, tornou a sorrir e disse: — Es tão sincera que não negas ser amante dele?

— A ti, não tenho vontade de mentir — retorquiu Cristina.

— Também, não lucrarias muito com isso — volveu Eline com o mesmo ar sorridente. — Conheço bem aquele

senhor. Perdeu a cabeça à segunda vez que te encontrou, calculo eu. Tenho pena de ti, pois pareces-me boa pequena.

As faces de Cristina iam empalidecendo. Mortificada, disse em voz baixa:

— Não te quero falar...

— Julgas que ele se portará melhor contigo do que comigo? — retorquiu Eline.

Cristina, então, respondeu com aspereza:

— Nunca me queixarei de Erlend, faça ele o que fizer. Fui eu mesma que tomei o mau caminho, e não gemerei nem me lastimarei se isso me fizer cair no abismo.

Eline ficou calada um momento. Depois, disse, vermelha e hesitante:

— Também eu era virgem quando ele se apoderou de mim, Cristina. Com a diferença de que eu, durante sete anos, fui considerada esposa dum marido decrépito. Podes imaginar que vida miserável era essa!

Cristina estremeceu. Eline fitou-a. Tirou então do baú de viagem, que estava junto dela, sobre o escabelo do leito, um copo feito de chifre. Destapou-o e disse docemente:

— És nova e eu sou velha, Cristina. Conheço que é inútil lutar contigo. Chegou a tua vez. Queres beber comigo, Cristina?

A rapariga não se moveu e Eline levou o copo à boca. Cristina reparou que ela não bebia.

— Podes dar-me a honra de beber à minha saúde — insistiu Eline — e de me prometer que não serás madrasta cruel para os meus filhos?

Cristina pegou no copo. Nesse instante Erlend abriu a porta e deteve-se a olhar para as duas mulheres.

— Que é isso? — perguntou ele.

— Estamos a beber à saúde uma da outra, nós, as tuas amantes... — respondeu Cristina com voz cortante e feroz.

Erlend agarrou-a pelo punho e tirou-lhe o copo.

— Alto! — disse rudemente. — Não bebas com ela...

— Porque não? — retorquiu Cristina no mesmo tom. — Ela era tão boa como eu quando a seduziste...

— Essa criatura tem repetido isso tantas vezes que é muito capaz de estar convencida do facto — atalhou Erlend. — Lembras-te do dia em que me levaste a procurar Sigurd quando me saíste com semelhante patarata e em que Sigurd provou, com testemunhas, que te surpreendera antes com outro homem?

Pálida e enojada, Cristina afastou-se. Eline tornara-se escarlate.

— A rapariga não apanhará lepra, julgo eu, se beber comigo? — disse ela com altivez.

Erlend voltou-se, irritado, para Eline. Dir-se-ia que o rosto lhe crescera e inteiriçara de repente. Ofegava de horror.

— Jesus! — disse ele, quase sem voz. Agarrou no braço de Eline: — Pois bem! bebe à saúde dela! — ordenou em tom rude. — Bebe tu primeiro. Ela beberá depois.

Eline desprendeu-se-lhe, torcendo-se e gemendo, e recuou através da sala. Erlend seguiu-a.

— Bebe! — repetiu ele. Arrancou o punhal do cinto e continuou a avançar com a arma na mão. — Engole a beberagem que arranjaste para Cristina.

Pegou no punho de Eline e arrastou-a para a mesa, inclinando-a à força para o copo.

A mulher soltou um grito e escondeu a cara com o braço. Erlend largou-a mas continuou ali, convulsivo, junto dela.

— A minha vida era um inferno em casa de Sigurd — gritou Eline. — Tu prometeste-me... mas ainda foste pior para mim, Erlend!

Cristina interveio e pegou no recipiente.

— Uma de nós tem de beber — não podes ficar com ambas...

Erlend arrebatou-lhe o copo e empurrou Cristina tão

brutalmente que ela rolou até ao leito de Aashild. Com gesto ameaçador, o rapaz aproximou a bebida da boca de Eline Ormsdatter. Permanecia ao lado dela, com um joelho fincado no banco, e segurava-lhe na cabeça para a obrigar a beber.

Eline soltou-se-lhe da mão, agarrou, de cima da mesa, o punhal e desceu-o sobre Erlend. O golpe pouco mais causou do que um corte na véstia. Então ela voltou a ponta para si e, logo depois, caiu lentamente entre os braços de Erlend.

Cristina levantou-se e avançou para eles. Erlend sustinha Eline, cuja cabeça lhe pendia por cima do braço. Quase a seguir, começou o estertor; tinha ela na garganta sangue que lhe saía pela boca. Cuspiu com força e disse:

— Era a ti que eu destinava... a bebida... por todas as vezes... que me traíste...

— Vai buscar a tia Aashild — pediu Erlend em voz baixa.

Cristina não se mexeu.

— Ela está a morrer — volveu Erlend no mesmo tom.

— Tem mais sorte do que nós — replicou Cristina.

Erlend olhou para ela com tal angústia que a rapariga ficou comovida e lhe fez a vontade.

— Que há? — perguntou a Sr.ª Aashild quando Cristina a foi chamar.

— Matámos Eline Ormsdatter — disse Cristina. — Ela está a agonizar.

A Sr.ª Aashild acorreu num pulo. Mas, quando transpôs a porta, Eline expirara.

Aashild depusera a morta sobre o banco e lavara-lhe o sangue do rosto, que tapou com o lenço. Erlend conservava-se de pé, encostado à parede, atrás do cadáver.

— Compreendes que isto era o pior que podia acontecer? — disse a tia.

Enchera a lareira de lenha e de raminhos. Colocou o copo ao meio e soprou para atear as chamas.

— Tens confiança nos teus companheiros? — prosseguiu ela.

— Em Ulf e em Haítor, tenho. Quanto a Jon e ao homem que veio com Eline, pouco os conheço.

— Se se espalha a notícia de que tu e Cristina estáveis aqui juntos e que vos encontráveis sòzinhos com ela quando morreu, era bem melhor que a deixasses beber a mistela de Eline... E se falam de veneno, o povo há-de se lembrar daquilo que me atribuiu noutro tempos... Eline tem parentes ou amigos?

— Não, só me tinha a mim.

— No entanto — continuou Aashild — será talvez difícil ocultar o sucedido e transportar o cadáver sem atrair sobre ti as piores suspeitas.

— É preciso sepultá-la em campo santo, nem que isso me custe Husaby. Que dizes, Cristina?

Cristina aprovou a ideia.

A Sr.ª Aashild permanecia calada. Quanto mais reflectia, mais lhe parecia impossível encontrar uma solução. Estavam quatro homens no edifício da cozinha... Erlend poderia comprar o silêncio deles todos? O companheiro de Eline, por exemplo, aceitaria, por dinheiro, deixar o país? Em qualquer caso, isso não era seguro. E em Joerundgaard sabiam que Cristina viera para Gudbrandsdal. Se Lourenço chegasse a conhecer aquela história, Aashild nem mesmo imaginava o que ele faria. De qualquer maneira tornava-se necessário levar dali o cadáver. No caminho oeste da montanha nem se devia pensar — era o que ia ter a Raumsdal e, subindo a montanha, conduzia a Trondhjem, ou então, descendo o vale, seguia na direcção do sul. E, se a verdade se divulgasse, ninguém a acreditaria, nem que a achassem verosímil.

— Vou discutir o assunto com Bjoern — disse ela levantando-se.

Bjoern Gunnarsoen escutou a narração da mulher sem pestanejar e sem despregar os olhos de Erlend.

— Bjoern — ajuntou Aashild —, temos de jurar que assistimos ao suicídio.

A pouco e pouco o olhar de Bjoern tornou-se mais sombrio e inexpressivo. Fitava a mulher, e a boca contraía-se-lhe num sorriso oblíquo.

— Esse *temos* refere-se a mim?

A Sr.ª Aashild cruzou as mãos e ergueu-as para o marido:

— Bjoern, compreendes que tudo depende disso para eles dois...

— E eu, não sou nada? — perguntou ele lentamente. — Ou julgas-me ainda igual ao que fui outrora para que possa jurar falso com o fim de impedir que o rapaz soçobre? Eu, que arruinei a minha vida há tantos anos! Sim, eu próprio é que me arruinei, que me arruinei — insistiu ele.

— Dizes isso porque, agora, sou velha — murmurou Aashild.

Cristina desatou aos soluços, que repercutiram na sala. Ficara enroscada junto do leito de Aashild, rígida e imóvel. Mas, de súbito, pusera-se a chorar. Dir-se-ia que a voz de Aashild lhe rasgara e abrira o coração. Aquela voz estava cheia de recordações da doçura de amar. Parecia que levava Cristina a perceber pela primeira vez o que fora o amor dela e de Erlend. A lembrança duma felicidade ardente e forte afastava tudo mais — afastava o ódio e a terrível angústia dessa noite. Cristina já não conhecia senão a sua paixão e a vontade de a conservar inabalável.

Todos três olharam para a rapariga. Então Bjoern aproximou-se dela, agarrou-lhe no queixo e fixou-a bem nos olhos:

— Diz-me, Cristina, foi ela mesma quem fez aquilo?

— Tudo o que ouviste é a pura verdade — respondeu Cristina com firmeza. — Forçámo-la com as nossas palavras a agir dessa maneira.

— Eline preparara a Cristina pior sorte — comentou Aashild.

Bjoern largou a rapariga. Foi buscar o cadáver, levou-o para a cama onde Eline se deitara na noite anterior e arranjou-o de forma a que ficasse completamente tapado pelas tapeçarias da parede.

— Vais mandar, a Husaby, Jon e o companheiro que não conheces, a fim de anunciar que Eline partiu para o Sul. Diz que as mulheres estão a dormir na sala e que eles comam na cozinha. Em seguida falarás com Ulf e Haftor. Ela já tinha ameaçado dar cabo de si? Podes arranjar testemunhas se as exigirem?

— Todos os que estiveram em Husaby nos últimos anos que vivemos juntos — disse Erlend com lassidão — podem testemunhar que ela ameaçava matar-se, e a mim também, quando eu falava em me separar dela.

Bjoern sorriu:

— Exactamente o que eu calculava... Esta noite, vesti-la-emos com uma capa de viagem para depois a levarmos para o trenó. Irás sentado ao lado dela...

Erlend vacilou:

— Parece-me que não posso...

— Sabe Deus o que restará em ti do homem que és quando meditares nisto durante vinte anos! — exclamou Bjoern. — Ao menos, podes conduzir o trenó? Nesse caso, irei eu sentado junto dela. Viajaremos de noite e por caminhos desviados até chegarmos a Fron. Com este frio, ninguém conhecerá há quanto tempo ela morreu. Alcançaremos o albergue dos frades em Roaldstad. Uma vez aí, eu e tu testemunharemos que tiveste com ela uma disputa no trenó. É notório que não quiseste viver com Eline desde que te retiraram a excomunhão e que pediste

em casamento uma rapariga de condição igual à tua. Ulf e Haftor conservar-se-ão a distância todo o caminho, de forma a poderem jurar, se for necessário, que ela estava viva na última vez que a viram. Conseguirás obter isto deles? Se te aprouver, no convento, mandarás metê-la num caixão e pagarás aos padres para que ela tenha uma sepultura inviolável e tu a alma tranquila... Oh! Bem sei que proceder assim é mal feito. Mas não dispuseste as coisas de maneira a que se possa fazer melhor. Não fiques aí como se fosses uma mulher que vai desmaiar com as dores do parto. Deus te ajude, meu rapaz! Com certeza nunca experimentaste sentir a lâmina duma faca roçar pelo teu pescoço!

Descia da montanha um frio agreste, e uma névoa fina e brilhante elevava-se dos montes de neve na atmosfera azulada.

Haviam atrelado dois cavalos, um atrás do outro. Erlend estava na frente do trenó.

— Desta vez — exclamou Cristina avançando para ele — desta vez vê se me mandas dizer como decorreu a viagem e que fim levaste!

Erlend apertou-lhe a mão com tanta força que o sangue parecia ir jorrar das unhas.

— Tens ânimo de me ser fiel, apesar de tudo, Cristina?

— Sim, apesar de tudo... A esse respeito somos ambos culpados; excitei-te, porque desejava a morte dela.

A Sr.ª Aashild e Cristina assistiram à partida. O trenó afundava-se e pulava sobre os montes de neve. Desapareceu numa depressão de terreno e reapareceu mais longe numa rampa branca de gelo. Depois, os viajantes entraram na penumbra da cumeada da serra e desapareceram.

As duas mulheres sentaram-se em frente da lareira,

de costas voltadas para o leito vazio donde Aashild tirara as cobertas e a palha. Ambas sentiam que ele estava ali, atrás delas, nu e escancarado.

— Queres que nos deitemos esta noite na cozinha? — propôs de repente a Sr.ª Aashild.

— Tanto faz — disse Cristina.

A tia de Erlend saiu e pôs-se a examinar o tempo.

— Quer haja vento, quer degele, pouco caminho terão percorrido antes de amanhecer — observou Cristina.

— Há sempre vento aqui — respondeu a Sr.ª Aashild. — Não vejo nenhum sinal de que o tempo vá mudar.

Voltaram a sentar-se na sala.

— Não deves esquecer — disse Aashild — a sorte que ela vos preparava.

— Penso que, no lugar dela, talvez desejasse a mesma coisa — retorquiu Cristina docemente.

— Nunca quererias ser a causa de outra pessoa se tornar leprosa — atalhou a velhota com vivacidade.

— Lembrais-vos de me haver dito um dia que é justo que não ousemos cometer aquilo que não achamos digno, mas que não está certo que consideremos um acto indigno pelo facto de não nos atrevermos a cometê-lo?

— Não farias uma acção daquelas, terias medo do pecado — replicou a Sr.ª Aashild.

— Não, não o creio. Na realidade já fiz muitas coisas que antigamente julgava não poder fazer com receio de pecar. Mas nessa altura eu não sabia que o pecado não assusta quando se tem de passar por cima de tudo.

— Erlend já desejava pôr cobro à sua vida desregrada muito tempo antes de te encontrar — atalhou Aashild com vivacidade. — Aquela história entre os dois havia acabado.

— Bem sei, mas Eline decerto não possuía razões para crer que os desígnios de Erlend fossem tão firmes que ela os não pudesse abalar.

— Cristina — disse ansiosamente a Sr.ª Aashild —,

não vás agora abandonar Erlend! Não vos podeis salvar um sem o outro.

— Um padre não me daria semelhante conselho — replicou Cristina, sorrindo com frieza. — Mas sei que não deixarei Erlend, nem que eu tenha de calcar aos pés o meu próprio pai.

A Sr.ª Aashild levantou-se:

— Se havemos de estar aqui sentadas, vamos fazer qualquer coisa. Com certeza seria inútil tentarmos dormir e descansar.

Foi buscar a desnatadeira, que encheu de leite, e preparou-se para bater as natas.

— Deixai-me fazer isso, que sou mais nova — pediu Cristina.

Trabalharam sem falar. A rapariga continuava a agitar a nata e Aashild cardava lã em frente da lareira. Só quando Cristina acabou de filtrar o soro e se pôs a formar a manteiga é que perguntou de súbito:

— Tia Aashild, nunca tiveste medo ao pensar no dia em que haveis de comparecer no tribunal de Deus?

A outra ergueu-se e veio para defronte de Cristina:

— Talvez que eu tenha a coragem de pedir Àquele que me criou que se compadeça de mim, quando chegar a minha hora. Porque eu nunca implorei a sua piedade quando procedia contra os seus mandamentos. E jamais pedi a Deus nem aos homens que me indemnizassem de qualquer maneira do que paguei como penitência nesta casa.

Depois duma pausa, acrescentou em voz baixa:

— Munan, o meu filho mais velho, tinha então vinte anos. Não se parecia com o que é agora. Não eram assim outrora, os meus filhos...

Cristina respondeu calmamente:

— Em todo o caso tivestes, dia e noite, o Sr. Bjoern a vosso lado, durante estes anos.

— Isso é verdade — confirmou Aashild.

Passados instantes, estava pronta a manteiga. A tia de Erlend propôs então que se fossem deitar um bocadinho.

Na cama, rodeou com o braço os ombros de Cristina e encostou a si aquela cabeça juvenil. Não lhe foi preciso esperar muito tempo para que percebesse, pela respiração igual e tranquila, que a rapariga adormecera.

IV

O Inverno causava estragos. Em cada estábulo da aldeia mugiam e baliam animais famintos e cheios de frio. Mas os camponeses poupavam a forragem o mais possível.

Não houve nesse ano muitos convites pelo Natal. Toda a gente ficava em casa com a família.

Então, o frio aumentou. Cada dia que passava parecia mais glacial do que o anterior. O povo não se recordava dum Inverno tão agreste. Não caiu muito mais neve, nem mesmo na montanha, mas a que lá tombara pela ocasião da festa de São Clemente endureceu como pedra. O sol brilhava num céu muito puro, desde que os dias se tornavam mais compridos. Durante as noites, a aurora boreal crepitava, vacilante, no lado do norte, por cima do cume das serras; vacilava sobre a metade do céu, mas não trazia nenhuma mudança ao tempo; de vez em quando, surgiam nuvens por acaso, caía um pouco de neve seca, depois voltavam o tempo claro e o frio mordente. O rio rumorejava surdamente sob as pontes brancas de gelo.

Todas as manhãs Cristina pensava que já não podia mais, que não suportaria aquele dia até ao fim. Sentia que se travava como que um duelo entre ela e o pai. Tinham o direito de se insurgirem assim um contra o outro quando todos os seres vivos, pessoas e animais, sofriam nas aldeias tão grande provação? Mas a noite chegava, e ela resistira.

Não era que o pai se deixasse de mostrar afectuoso. Nunca aludia ao que houvera entre eles, mas Cristina

pressentia, por detrás daquele silêncio, que ele estava firmemente resolvido a perseverar na sua recusa.

E a privação da sua amizade era cruel a Cristina. Ainda mais pungente por saber com quantas outras coisas o pai se afligia — das quais ele lhe falaria se tudo decorresse como dantes! Na realidade a vida ia melhor em Joerundgaard do que na maior parte das outras quintas, mas, ali, também o mau ano se fazia sentir a cada hora e a cada instante. Lourenço costumava, durante o Inverno, reunir os potros a fim de os adestrar, mas, nesse ano, vendera-os todos no Outono, no Sul do país. E a filha tinha pena de não ouvir a voz do pai a soar no pátio, de o não ver divertir-se com dois poldrozinhos esbeltos e de pêlos compridos, naquele entretenimento de que tanto gostava. Desde o Outono do ano anterior que, evidentemente, não havia a antiga abundância na quinta, nem nos celeiros nem nas uchas, mas muita gente vinha a Joerundgaard implorar auxílio, quer de compras quer de esmolas, e ninguém pedia em vão.

Em certa tarde chegou ali um velho que envergava uma peliça. Lourenço falou com ele no pátio e Halvdan levou-lhe de comer à sala. Nenhuma das pessoas da quinta sabia quem ele era — calcularam ser um desses indivíduos que viviam na montanha: talvez que Lourenço o houvesse encontrado por lá. Mas o pai não disse nada acerca daquela visita, nem tão-pouco Halvdan.

Noutra tarde veio um homem com quem Lourenço andara indisposto durante muitos anos. Lourenço foi com ele para o celeiro, e, quando voltou para a sala, exclamou:

— Toda a gente me vem pedir que a ajude. Mas, aqui, na minha casa, estais todos contra mim. Mesmo tu, mulher — acrescentou, irritado, dirigindo-se a Ragnfrid.

Então a mãe virou-se cheia de indignação para a filha:

— Ouves o que o teu pai me diz? Não estou contra ti, Lourenço. Bem sabes, e tu também, Cristina, o que aconteceu em Roaldstad, lá para o Sul, no Outono passado,

quando ele descia o vale em companhia de outro cavaleiro, o seu parente de Haugen: ela mesma deu cabo de si, aquela maldita mulher que o roubara à família.

Rígida e severa, Cristina replicou:

— Vejo que tanto o acusais de ele ter querido fugir do pecado como de haver vivido nele.

— Jesus! Maria! — exclamou Ragnfrid, juntando as mãos. — Em que te tornaste? Nem mesmo aquilo conseguiu fazer com que mudasses de ideia?

— Não — respondeu Cristina — não mudei de ideia.

Lourenço levantou os olhos para ela, do banco onde estava sentado junto de Ulvhild, e disse em voz surda:

— E eu também não, Cristina.

Mas, no seu íntimo, a rapariga sabia que, dalguma forma, se ela não mudara de ideia, mudara pelo menos a sua maneira de ver. Recebera uma carta em que Erlend lhe dizia como decorrera aquela viagem sinistra. Fora mais fácil do que se esperava. Ou porque o frio se introduzisse na ferida ou por qualquer outro motivo, a punhalada que Erlend recebera no peito tivera consequências: vira-se ele obrigado a ficar por algum tempo de cama no albergue de Roaldstad. Fora Bjoern quem o tratara. Mas, pelo facto de Erlend estar ferido, tornara-se mais fácil explicar o caso e ser acreditado.

Logo que pudera partir, levara consigo a morta num caixão até Oslo. Por intermédio de Sira Jon, havia obtido para ela uma sepultura no cemitério da igreja demolida de São Nicolau; depois Erlend confessara-se ao bispo de Oslo e este ordenara-lhe uma romagem ao Divino Sangue. Agora, estava em Schwerin.

E ela, ela não podia ir em peregrinação a parte alguma nem alcançar a absolvição! Tinha de ficar ali à espera, a cismar, tratando de se manter firme na sua oposição aos pais. Sobre a saudade dos seus encontros com Erlend incidia uma luz de Inverno, estranha e glacial.

Pensava na violência dele — no amor e no tormento — e tinha a impressão de que, se pudesse apoderar-se de todas as coisas com a mesma paixão e arremessá-las fora imediatamente, elas lhe teriam parecido menores e mais fáceis de suportar. Chegava a dizer de si para consigo: «Talvez Erlend me abandone.» Sempre tivera certo receio de que, surgindo dificuldades, ele a abandonasse. Mas Cristina não o queria deixar, sem que fosse o próprio Erlend a desligá-la de todas as suas promessas.

O Inverno ia-se escoando. Cristina já se não podia iludir e adquirira a certeza de que a mais dura provação os esperava a todos, pois Ulvhild pouco tempo teria a viver. E, no meio do seu desgosto atroz pela irmã, via, cheia de horror, que na realidade a sua alma estava desamparada e assolada pelo pecado. Na hora em que tinha debaixo dos olhos a criança moribunda e a indizível dor dos pais, só um pensamento a dominava: «Se Ulvhild morrer, como poderei olhar para meu pai sem me lançar a seus pés, lhe confessar tudo e pedir que me perdoe e disponha de mim?»

Estava-se em plena Quaresma. Para lhes evitar uma morte natural, os camponeses tinham abatido os animaizinhos de que haviam esperado salvar a vida. E iam ficando doentes de se alimentarem de peixe, pois a farinha era pouca e péssima. Sira Erik dispensou toda a aldeia da abstinência do leite, mas a custo obtinham algumas gotas nas herdades.

Ulvhild continuava de cama. Estava deitada sòzinha no leito da irmã, e cada noite ficava uma pessoa a velar. De vez em quando Cristina e o pai encontravam-se à cabeceira dela. Numa dessas noites, Lourenço murmurou à filha:

— Lembras-te do que Frei Edvin disse sobre o des-

tino de Ulvhild? Tive então a certeza de que era nisto que ele pensava. Mas afastei de mim essa ideia.

Nessas vigílias, ele falava ás vezes deste e daquele incidente da época em que as filhas eram pequenas. Cristina ouvia-o, pálida, desesperada, compreendendo que por detrás das palavras o pai lhe mendigava alguma coisa.

Um dia Lourenço partiu para o Norte acompanhado de Kolbein para descobrir o covil dum urso na floresta da montanha. Regressaram com uma ursa no trenó e Lourenço trazia no gabão um ursozinho, o que alegrou um tanto Ulvhild, quando ele lho mostrou. Mas Ragnfrid objectou que os tempos não estavam próprios para criar um animal daqueles. Que iam fazer dele, agora?

— Vou criá-lo para o amarrar defronte da casa das minhas filhas — disse Lourenço rindo bruscamente.

Mas não conseguiram obter o leite coalhado que era necessário ao ursozinho; por isso, Lourenço o matou alguns dias depois.

O sol aqueceu o bastante para que tombassem gotas dos telhados na força do dia. Apressados, os melharucos trepavam as vigas das paredes expostas ao sol. Ouviam-se as bicadas das aves a procurar as moscas que dormiam nas juntas dos troncos. Nas planícies, a neve luzia dura e brilhante como prata.

Uma noite, enfim, principiaram nuvens a cobrir a Lua. Pela manhã os habitantes de Joerundgaard acordaram num turbilhão de neve que nada deixava ver para lado algum.

Nesse dia compreenderam que Ulvhild ia morrer.

Todos os ruídos da casa se suspenderam e Sira Erik chegou. Havia muitas luzes no salão. Ao entardecer, Ulvhild extinguiu-se docemente nos braços da mãe.

Ragnfrid suportou essa dor melhor do que esperavam. Lourenço e ela, apertados um contra o outro, cho-

ravam no maior silêncio. Na sala, todos tinham o rosto banhado de lágrimas. Quando Cristina se aproximou do pai, este pôs-lhe o braço sobre os ombros. Sentindo a filha tremer, puxou-a para si e abraçou-a. Cristina, porém, era a própria a reconhecer que o pai devia ter a percepção de que ela estava mais distante dele do que a pequena morta deitada no leito.

A rapariga não compreendia como se podia conter. Lastimou em seguida haver-se reprimido, mas, calada e embrutecida pela dor, conservou-se firme e não caiu aos pés de Lourenço.

Depois, levantaram algumas tábuas do soalho da igreja, em frente ao altar de São Tomás, e, na terra dura como pedra, abriram uma cova para Ulvhild Lavransdatter.

A neve tombou suave e compacta nos dias em que a criança esteve no leito mortuário: nevava quando a levaram para a terra, e continuou a nevar, quase incessantemente, um mês inteiro.

Para as pessoas que esperavam a eclosão da Primavera parecia que ela nunca chegava. Os dias iam-se tornando compridos e luminosos, e o vale permanecia envolto na bruma da neve que se derretia, nimbado pelo sol. Mas o frio mantinha-se na atmosfera e o calor esmorecia. As noites eram glaciais e o que derretera tornava a gelar; trovejava nas montanhas; uivavam os lobos e as raposas latiam, invadindo a aldeia como em pleno Inverno. Os camponeses raspavam cascas das árvores para o gado, mas os animais caíam em massa nos estábulos. Ninguém fazia ideia como tudo aquilo ia acabar.

Num desses dias, em que a água deslizava pelos sulcos dos caminhos e a neve brilhava como prata sobre as terras, Cristina saiu de casa. Do lado do sol, os montes de neve estavam minados, de tal forma que a fina camada de gelo se quebrava com som argentino quando Cristina lhe batia com o pé. Mas em toda a parte, por pouca

sombra que houvesse, o frio era intenso e a neve estava dura.

Cristina dirigiu-se para a igreja. Nem sabia o que ia fazer, mas o instinto levava-a para esse lado. O pai achava-se lá, numa reunião com alguns camponeses da mesma confraria, e a filha estava ao facto disso.

No cimo da colina encontrou o grupo dos aldeões que vinham a descer. Sira Erik acompanhava-os. Aproximavam-se como uma massa escura e peluda, de cabeça baixa e silenciosos. Corresponderam bruscamente à saudação da rapariga quando esta passou perto deles.

Cristina pensou que já se fora o tempo em que toda a gente da aldeia era sua amiga. Sem dúvida sabiam que se tornara filha ingrata. Talvez até conhecessem mais do que isso da vida dela. E, decerto, acreditavam nas antigas histórias acerca de Arne e de Bentein. Era até possível que tivesse a pior reputação...

Ergueu a cabeça e continuou a andar em direcção à igreja.

A porta estava entreaberta. Havia frio lá dentro, mas a alma foi-lhe invadida como que por um brando calor naquela casa escura de colunas feitas de troncos de árvores que se erguiam na penumbra até às nervuras do tecto. As velas estavam apagadas nos altares, mas uma réstea de sol entrava pela greta da porta e luzia ao de leve nos quadros e nos vasos.

Defronte do altar de São Tomás viu ela o pai ajoelhado, com a cabeça inclinada para as mãos unidas que estreitavam o barrete de encontro ao peito.

Receosa e desolada, Cristina saiu devagarinho para a galeria e ali ficou. Enquadrada pelo arco entre as duas colunazinhas que ela rodeava com os braços, contemplava em sua frente Joerundgaard, e, por detrás da casa, a bruma cor de opala que se elevava pelo vale. Inundado de sol, para lá da aldeia, distinguia-se o rio, branco de água e de gelo. Mas a sebe de vimieiros que o margi-

nava apresentava-se dum amarelo torrado sob as flores, o pinheiral da encosta tinha a sua verdura primaveril, e na mata próxima chilreavam e cantavam os passarinhos. Meu Deus! Todas as tardes, depois do pôr-do-sol, os pássaros trinavam assim!

E ela sentia um desejo que julgara morto em si, um desejo que lhe subia do sangue e da carne. Renascia agora suave e débil, como se despertasse do torpor do Inverno.

Lourenço Bjoergulfsoen saiu e fechou a porta da igreja. Aproximando-se da filha, olhou para longe, pelo arco que lhe estava mais perto. Cristina notou quanto o Inverno o havia envelhecido. Não queria aflorar a questão naquele instante, mas escaparam-lhe estas palavras, mau grado seu:

— É verdade o que a mãe me disse há dias, que, se se tratasse de Arne Gyrdsoen, me teríeis cedido?

— É, sim — respondeu Lourenço sem a fitar.

— Não dizíeis isso quando Arne era vivo.

— Nunca ninguém me falou nesse assunto. Via que o rapaz gostava de ti... ele, porém, nada dizia... Era novo... e jamais dei fé de que lhe tivesses amor. Em qualquer caso não podias esperar que eu entregasse uma filha a um homem que nada possuía... — Lourenço sorriu levemente. — Mas eu estimava o rapaz — acrescentou em voz baixa — e, se te visse sofrer de amor por ele...

Continuaram a olhar para a distância. Cristina percebia que o pai a observava, e esforçava-se por conservar um semblante calmo, mas sentia que ia empalidecendo. Então o pai chegou-se para ela e abraçou-a. Inclinou para trás a cabeça de Cristina, mergulhou o olhar no da filha e tornou a esconder-lhe a cara de encontro a si.

— Em nome de Deus, minha Cristina, és assim tão desgraçada?

— Pai, creio que morrerei disto — respondeu a rapariga encostando-se ao peito dele e desfazendo-se em lágrimas.

Mas chorava porque lhe sentira nas carícias e lhe vira nos olhos que ele estava já no cúmulo do sofrimento e perdera a coragem de se manter em oposição. A filha triunfara.

Alta noite foi acordada pelo pai, que lhe tocava nos ombros, na penumbra do quarto.

— Levanta-te — dizia ele em voz baixa. — Escuta...

Então ela ouviu como que um cântico nas esquinas da casa: era o som cheio e profundo do vento sul saturado de humidade. Nos telhados a água escorria em torrente, a chuva fustigava, caia na neve mole que se derretia.

Cristina enfiou um vestido e acompanhou o pai à porta exterior; e ambos ficaram a olhar para a clara noite de Maio. A chuva e o vento quente batia-lhes no rosto. O céu era um aglomerado de nuvens pejadas de água que se precipitavam em massa; vinham mugidos da floresta, passavam assobios entre as casas e ouviam-se, do alto da montanha, os surdos rumores da neve a escorregar.

Cristina procurou a mão do pai e agarrou-a. Lourenço chamara-a e quisera mostrar-lhe aquele espectáculo. Antigamente, ele fazia a mesma coisa. Agora, as suas relações voltavam ao que eram dantes.

Quando tornaram a entrar no quarto, disse Lourenço:

— O indivíduo que esteve aqui esta semana trouxe-me uma carta de Munan Baardsoen. Tenciona vir cá no Verão a fim de visitar a mãe, e pediu-me licença para, nessa altura, vir falar comigo.

— Que lhe ides responder?— murmurou Cristina.

— Não sei ainda, mas falarei com ele e tomarei uma decisão de que me possa responsabilizar perante Deus, minha filha.

Cristina meteu-se de novo na cama junto de Ramborg, e Lourenço foi-se deitar ao lado da mulher adormecida.

Pensava ele que, se a inundação alastrasse de repente, poucas herdades da região estariam tão expostas como Joerundgaard. Podia ser um presságio anunciador de que eles seriam um dia levados pelo rio.

V

A Primavera chegou de repente. Alguns dias depois do degelo, toda a aldeia se apresentava duma cor acastanhada sob as pancadas de chuva. A água resvalava pelas vertentes, o rio ia subindo e assemelhava-se a um lago azul no fundo do vale, com tufozinhos de arvores a flutuarem na toalha liquida e um pérfido sulco de corrente que borbotava. Em Joerundgaard a água avançava sobre as terras. No entanto, em toda a parte, os prejuízos foram menores do que haviam receado.

Tardiamente, os camponeses semearam os poucos grãos que possuíam, pedindo a Deus que os poupasse à geada nocturna até ao Outono. E dir-se-ia que Ele os ouviu e os quis aliviar um pouco da sua carga. Junho mostrou-se propício, o Verão foi bom, e o povo ficou esperançado de que os vestígios do mau ano se apagariam com o tempo.

Tinham findado as sementeiras quando, numa tarde, chegaram a Joerundgaard quatro homens a cavalo. Eram Munan Baardsoen e Baard Petersoen de Hestnaes com os respectivos criados.

Ragnfrid e Lourenço mandaram arranjar a mesa no primeiro andar e prepararam as camas para os hóspedes no edifício das provisões. Lourenço disse aos dois cavaleiros que deixassem para o dia seguinte a mensagem que eles lhe tinham a dar, quando estivessem descansados da viagem. Munan tomou a palavra durante a refeição, dirigindo-se com frequência a Cristina e conversando

como se fossem velhos amigos. Notou ela que o facto não agradava ao pai.

Munan era atarracado e rubicundo, feio, tagarela e um tanto ridículo de maneiras. Todos o conheciam pelo nome de Munan Rechonchudo ou de Munan das Danças. Mas nem por isso deixava de ser o filho da Sr.ª Aashild, homem inteligente e hábil que fora delegado do rei em muitos assuntos e que estava em boas relações com aqueles que tinham nas mãos a direcção do reino. Vivia dos bens alodiais que haviam pertencido à mãe no cantão de Skogheim, possuía muitos haveres e fizera um casamento rico. A Sr.ª Catarina, a esposa, era extremamente má e de muito poucas conversas, mas o marido falava sempre dela como da mulher mais inteligente, de tal forma que o povo, por brincadeira, a designava por Catarina a Maligna ou a Bem Falante. Pareciam viver em afectuosa harmonia, embora Munan fosse conhecido pelos seus costumes relaxados tanto antes como depois do casamento.

O cavaleiro Baard Petersoen era um velho belo e distinto, ainda que um pouco corpulento e pesado nos seus gestos. Os cabelos e a barba loura tinham já fios brancos à mistura. Depois da morte do rei Magnus Haakonsoen vivia ele tranquilamente a dirigir as suas vastas propriedades de Nordmoere. Enviuvara pela segunda vez e tinha muitos filhos; e, pelo que se dizia, todos formosos, instruídos e abastados.

No dia seguinte, Lourenço e os seus hóspedes reuniram-se na sala do andar superior para lá conferenciarem. Lourenço pediu à mulher que estivesse presente; ela, porém, recusou.

— Esse assunto deve ser resolvido por ti. Sabes que será o maior desgosto para a nossa filha se isso não finaliza a contento dela, mas bem vejo que não são obstáculos insignificantes que há contra esse casamento.

Munan apresentou uma carta de Erlend Nikulaussoen

em que este pedia a Lourenço que decidisse de forma categórica em que condições lhe daria sua filha Cristina. Quanto a ele, consentia em mandar avaliar as suas propriedades e fiscalizar as rendas por homens probos, e em trazer a Cristina tais bens e tal presente de núpcias que ela teria direito ao terço da riqueza do marido afora o próprio dote que havia de levar e da herança que receberia dos pais no caso de enviuvar sem descendência, antes do falecimento do pai. Além disso, deixaria Cristina dispor com toda a autoridade da parte que lhe competia dos bens mobiliários, tanto dos que teria da sua casa como dos que receberia dele. Mas, se Lourenço exigisse que as partilhas dos seus haveres se fizessem noutras condições, Erlend aceitá-las-ia de boa vontade. A única coisa que desejava que os pais de Cristina se comprometessem a respeitar é que, se estes tivessem a tutela dos filhos dela e dele, jamais tentariam anular as doações feitas por Erlend aos filhos de Eline Ormsdatter, e as deixariam em vigor, visto esses bens haverem saído da sua herança antes que ele contratasse casamento com Cristina Lavransdatter. Para terminar, Erlend oferecia-se para celebrar as bodas com a requerida magnificência na sua casa de Husaby.

Lourenço tomou a palavra e disse:

— A oferta é muitíssimo boa. Vejo que o vosso parente deseja ardentemente pôr-se de acordo comigo. Vejo-o também no facto de ele vos pedir, senhor Munan, que procurásseis pela segunda vez, com a mesma missão, um homem como eu que não tem importância alguma fora desta aldeia e que uma personagem como vós, senhor Baard, se desse ao incómodo de fazer esta viagem a fim de dar o seu apoio a este caso. Mas responderei à proposta de Erlend que a minha filha não está preparada para dispor de bens e haveres, e que sempre tive a intenção de a dar a um homem em quem pudesse confiadamente entregar a sua felicidade. Não sei se ela

merece que se lhe confira tais direitos, mas custa-me a crer que fique satisfeita com isso. É de carácter meigo e dócil, e uma das razões que me levaram a pensar, quando me opus a este casamento, foi que Erlend mostrou incompreensão em vários pontos de vista. Se ela fosse uma mulher resoluta, audaciosa e combativa, a coisa teria sido muito diferente...

Munan desatou a rir e perguntou:

— Meu caro Lourenço, estais a lastimar-vos de que a vossa filha seja pouco combativa?

E Baard comentou com um leve sorriso:

— Em todo o caso vossa filha deu mostras de ser voluntariosa, pois durante dois anos teimou contra vós a favor de Erlend.

— Não o esqueço, mas bem sei o que digo. Para ela própria foi um duro período este em que me resistiu, e Cristina não será muito tempo feliz com um marido que a não possa dominar.

— Chega a ser satânico, isso — disse Munan. — A vossa filha deve ser muito diferente de todas as mulheres que eu conheço, pois nunca vi nenhuma que não gostasse de se governar a si e ao marido.

Lourenço encolheu os ombros e não replicou.

Baard Petersoen disse então:

— Tenho a impressão, Lourenço Bjoergulfsoen, que já não desejais o casamento entre a vossa filha e o meu filho adoptivo depois que morreu daquela forma a mulher que ele teve em casa. Sabei, porém, que descobriram que essa desgraçada se deixou seduzir pelo intendente de Erlend em Husaby. Erlend já conhecia esse facto quando desceu o vale, na viagem que fez com ela, e oferecera-se-lhe para a dotar decentemente se o outro a quisesse desposar.

— Estais certo de que tudo se passou dessa maneira? — perguntou Lourenço. — Todavia não sei se o caso, mesmo assim, é menos vergonhoso. Deve ser duro para

uma mulher de boa família entrar numa casa pela mão do patrão e sair dali com o criado.

Munan Baardsoen interveio:

— Percebo, Lourenço Bjoergulfsoen, que censurais principalmente a meu sobrinho aquela infelicidade que teve com a filha de Sigurd Saksulvsoen. E, realmente, aquilo não foi correcto. Mas, por Deus, considerai: o rapaz chegou a casa duma mulher, bonita e moça, casada com um velho frigido, que não prestava para nada; e lá, a noite dura meio ano; acho que não se podia esperar outra coisa, ou então Erlend seria simplesmente um santo. É incontestável que Erlend nunca foi da massa de que se fazem os monges, mas também julgo que não gostarieis de dar a vossa filha, tão nova e tão bonita, a um homem... frade. É certo que Erlend se portou estùpidamente, e cada vez mais. Mas temos de arrumar este caso. Nós, os parentes, esforçamo-nos por meter o rapaz a bom caminho; a mulher morreu e Erlend, dentro das suas possibilidades, cuidou-lhe do corpo e da alma; o próprio bispo de Oslo o absolveu do pecado, e agora voltou purificado pelo Divino Sangue de Schwerin. Quereis ser mais severo do que o bispo de Oslo e do que o arcebispo, ou de quem quer que seja que lá prepondera com o precioso sangue...? Meu caro Lourenço, é verdade que a pureza da vida é uma bela coisa, mas um homem não a pode ter sem uma graça especial de Deus. Por Santo Olavo, lembrai-vos de que até o santo rei não recebeu essa graça senão no fim da sua vida, sem dúvida porque Deus quis que ele antes gerasse o seu valoroso filho, o rei Magnus, que aniquilou os assaltos do paganismo nas regiões do Norte. Não foi da rainha que ele teve esse filho, e, contudo, está entre os maiores santos no reino dos céus... Mas vejo no vosso olhar que não achais as minhas palavras decentes...

Baard interrompeu:

— Lourenço Bjoergulfsoen, quando Erlend me disse

pela primeira vez que amava uma rapariga que já estava prometida a outro, não fiquei mais satisfeito do que vós. Mas compreendi que existe tal paixão entre aqueles dois entes que seria grande pecado separá-los. Erlend estava comigo no último banquete do Natal que o rei Haakon ofereceu aos seus homens. Encontrou-se lá com a vossa filha e, logo que ela o viu, caiu desmaiada e ficou como morta durante um bom bocado; vi no semblante de meu sobrinho que ele preferia perder a vida a viver sem Cristina.

Lourenço sentou-se, antes de responder:

— Podemos achar bonitas semelhantes histórias quando as ouvimos numa lenda de cavalaria dos países do Sul. Mas não estamos na Inglaterra. Com certeza que, a um homem que houvesse de ser vosso genro, exigirieis mais do que o ter ele feito desmaiar de amor a vossa filha em público.

Os outros dois ficaram calados. Lourenço continuou:

— Julgo, meus senhores, que, se Erlend Nikulaussoen não tivesse minguado os seus bens e amesquinhado a sua reputação, não estarieis aqui a pedir a um homem da minha condição que lhe concedesse a filha. Mas não quero que se diga que foi uma honra para Cristina casar em Husaby com um descendente das mais ilustres famílias do país... quando esse rapaz se desonrara a pontos de não poder aspirar a um matrimónio melhor ou a sustentar o renome da sua raça.

Lourenço levantou-se vivamente e pôs-se a passear, cá e lá, na sala.

— Não, Lourenço! — exclamou Munan encolerizado. — Por amor de Deus! Se falais de desonra... Sabei que sois muito orgulhoso...

Baard interrompeu-o e dirigiu-se para Lourenço:

— Sois realmente muito orgulhoso. Tal como esses camponeses de outras eras que não queriam receber títulos de nobreza dos reis porque o seu orgulho lhes

não tolerava que o povo dissesse que eles deviam ficar agradecidos por esse facto. Só vos digo isto: se Erlend houvesse adquirido honra e riqueza dignas do seu nome, eu não julgaria rebaixar-me ao pedir a um homem de boa família e de condição abastada que desse a sua filha ao meu filho adoptivo, se eu compreendesse que, separando-os, lhes despedaçaria o coração. Sobretudo — acrescentou ele em voz baixa e pousando a mão no ombro de Lourenço — sobretudo se o caso fosse de tal forma que mais valesse para a salvação da sua alma casá-los um com o outro.

Lourenço desprendeu-se da mão de Baard; o rosto contraiu-se-lhe, severo:

— Não percebo o que quereis dizer, senhor...

Os dois homens fitaram-se um momento; depois, Baard respondeu:

— Refiro-me ao que Erlend me disse: que os dois haviam feito recíprocos juramentos solenes. Talvez sejais da opinião de que tendes o direito de a desobrigar disso, visto ela haver jurado sem o vosso consentimento. Mas não podeis desobrigar Erlend... E verifico, afinal, que o único obstáculo existente é o vosso orgulho... e o vosso ódio ao pecado. Mas, sob este aspecto, parece-me bem que sois mais severo do que o próprio Deus, Lourenço Bjoergulfsoen.

Este retorquiu com certa hesitação:

— Talvez tenhais um pouco de razão no que dizeis, senhor Baard. Porém, o que principalmente me faz opor a este casamento é a ideia de que Erlend é um homem pouco seguro para que eu entregue a felicidade da minha filha nas mãos dele.

— Creio poder daqui em diante abonar o comportamento do meu filho adoptivo — disse Baard com voz surda. — Sente tal paixão por Cristina que, se vós lha concederdes, tenho a certeza de que o vosso genro não vos fornecerá motivos de queixa.

Lourenço não respondeu logo. Então Baard, insistindo, estendeu-lhe a mão:

— Em nome de Deus, Lourenço Bjoergulfsoen, dai o vosso consentimento!

Lourenço pôs a mão na de Baard:

— Em nome de Deus!

Ragnfrid e Cristina foram chamadas ao quarto e Lourenço comunicou-lhes a sua decisão. Baard fez uma bela reverência às duas mulheres; Munan apertou a mão de Ragnfrid e falou cortêsmente à dona da casa, mas, quanto a Cristina, prestou-lhe homenagem à maneira dos estrangeiros, beijando-a, e demorando-se bastante tempo nisso. Cristina percebia que, entretanto, o pai observava.

— Que tal achas o teu novo parente Munan? — perguntou ele com ironia, quando já tarde se encontrou um momento sòzinho com a filha.

Cristina olhou para o pai com ar suplicante. Então Lourenço passou várias vezes a mão pelas faces da rapariga e não disse mais nada.

Quando Baard e Munan se foram deitar, este último exclamou:

— Dava dinheiro para ver a cara de Lourenço Bjoergulfsoen se ele soubesse a verdade acerca desta preciosa menina. Tivemos de nos rojar de joelhos, tu e eu, para Erlend casar com uma mulher que foi dele um ror de vezes em casa de Brynhild!

— Nem uma palavra sobre isso! — replicou Baard zangado. — Erlend nunca fez nada de pior do que atrair esta criança para semelhante lugar; oxalá Lourenço jamais saiba coisa alguma a esse respeito. O que convém a todos é que eles possam vir a ser amigos.

Ficou combinado que o banquete dos esponsais se realizaria nesse mesmo Outono. Lourenço lembrou que

não tinha possibilidades de dar muito esplendor à festa, visto o ano anterior haver sido mau no vale; em compensação, queria encarregar-se das bodas e celebrá-las em Joerundgaard com a conveniente pompa. Tornou a alegar as más colheitas da época passada quando exigiu que o prazo dos esponsais fosse de um ano.

VI

O festim dos esponsais foi diferido por diversos motivos; só se realizou no ano seguinte, mas Lourenço anuiu a que o casamento se não transferisse para além do tempo marcado: celebrar-se-ia logo depois do São Miguel, conforme havia sido combinado.

Cristina estava pois em Joerundgaard como noiva oficial de Erlend. Ajudada pela mãe, preparava o enxoval que faziam para ela, e ia aumentando as pilhas das roupas de cama e de vestuário, pois Lourenço não queria olhar a despesas, visto haver dado a sua filha ao senhor de Husaby.

Admirava-se a rapariga de não se sentir mais feliz agora. Mas, apesar da azáfama, não havia verdadeira alegria em Joerundgaard.

Os pais tinham saudades de Ulvhild, ela bem o compreendia. Mas compreendia também que não era só por essa razão que eles andavam tão silenciosos e melancólicos. Mostravam-se gentis para com a filha, porém, quando lhe falavam do noivo, era com esforço que o faziam, só para dar prazer a Cristina e lhe testemunhar a sua afeição e não porque tivessem desejo de recordar a pessoa de Erlend. Não haviam ficado mais satisfeitos com o casamento depois de conhecerem o rapaz, que, por seu lado, também andara silencioso e se conservara um tanto à parte no pouco tempo que passara em Joerundgaard para os esponsais; Cristina dizia consigo que o noivo não podia mostrar outra atitude; ele bem sabia

que não fora de boa vontade que o pai dera o consentimento.

Erlend e a rapariga tinham apenas trocado meia dúzia de palavras. E fora para eles um facto novo e extraordinário estarem daquela maneira juntos na presença de toda a gente; pouca coisa haviam dito um ao outro porque ambos tinham demasiados segredos para que se pudessem expandir. Permanecia nela o receio vago e indefinido, mas sempre presente, de que talvez, duma forma ou doutra, seria uma dificuldade para eles, depois de se casarem, terem começado por estarem tão próximos e de haverem em seguida vivido separados tanto tempo.

Tentou, porém, remediar o facto. Haviam feito o projecto de Erlend ser hóspede deles em Joerundgaard por alturas do Pentecostes; perguntara o rapaz a Lourenço e a Ragnfrid se viam algum inconveniente em que ele viesse. Lourenço respondera, sorrindo, que acolheria bem o seu genro.

Pela ocasião do Pentecostes puderam sair juntos, conversar como antigamente, e, então, desapareceu aquela sombra que descera entre ambos motivada pela longa separação, quando fora necessário cada um deles seguir o seu caminho e suportarem sòzinhos o segredo comum.

Na Páscoa, Simão Andressoen e a mulher foram a Formo. Cristina viu-os na igreja. A mulher de Simão não estava longe dela.

Parecia ser muito mais velha do que o marido, pensava Cristina; devia ter perto de trinta anos. A Sr.ª Halfrid era franzina, baixa e magra, mas apresentava um rosto verdadeiramente encantador. A própria cor alourada dos cabelos, encaracolados na testa sob a touca de linho, indicava doçura, e cheios de doçura eram os olhos, grandes, cinzentos, semeados de pontinhos de ouro. Tinha

o perfil fino e puro, mas a tez um tanto pálida, e, quando abria a boca, via-se que não possuía bons dentes. Não parecia saudável e devia ser com efeito doente, pois já tivera vários maus sucessos, segundo Cristina ouvira dizer. Esta perguntava de si para si se Simão estaria satisfeito ou descontente com a sua vida de casado.

Os donos de Joerundgaard e os de Formo saudaram-se ao atravessarem o adro, mas não se falaram. Ao terceiro dia, Simão veio à igreja sem a mulher. Então dirigiu-se para Lourenço e os dois conversaram uns momentos. Cristina ouviu-os pronunciar o nome de Ulvhild. Depois, ele falou com Ragnfrid. Ramborg, que estava junto da mãe, disse em voz muito alta:

— Eu cá lembro-me bem de ti, sei quem és...

Simão soergueu a pequena e fê-la voltear.

— És gentil, Ramborg, em não me teres esquecido.

Quanto a Cristina, limitou-se ele a cumprimentá-la de longe. Depois disso, os pais não aludiram a esse encontro.

Cristina, porém, pensou nele durante muito tempo. Era uma coisa esquisita ver Simão Darre casado; fazia-a reviver velhas recordações: lembrava-se do seu amor de então, cego e submisso, por Erlend. Não sabia se Simão contara à mulher como ele e ela se haviam separado, mas tinha a convicção de que não o dissera, «por consideração para com meu pai», pensou a rapariga irònicamente. Era bastante aborrecido para Cristina o facto de permanecer ainda solteira em casa dos pais. Mas estavam noivos; Simão podia ver bem que a perseverança deles havia triunfado. Fosse qual fosse o comportamento de Erlend, conservara-se-lhe fiel, e ela também não mostrara ser leviana ou inconstante.

Uma vez, no princípio da Primavera, Ragnfrid teve de mandar um recado a casa da velha Gunhild, a viúva que cosia peles e que morava ao sul. A tarde estava tão bonita que Cristina perguntou se não poderia ir; por fim,

permitiram que ela fosse, visto todos os criados andarem ocupados.

Era lusco-fusco e uma névoa fina, como poeira branca, subia para o céu amarelado. A cada patada do cavalo, Cristina ouvia o ruído seco do gelo vesperal que se partia e ressaltava tinindo. Mas das matas que marginavam o caminho elevava-se no crepúsculo o trinado alegre dos pássaros, doce e primaveril.

Cristina cavalgava ràpidamente. O pensamento não se lhe detinha em nada; sentia apenas que era bom achar-se mais uma vez sòzinha ao ar livre. Ia de olhos fixos no crescente da Lua, que estava próximo a desaparecer atrás da cumeada da serra, da outra banda do vale. E assim, quase caiu do cavalo quando este deu um salto brusco para o lado e parou de repente.

Viu um corpo escuro dobrado sobre si mesmo à beira do caminho. Ao princípio teve medo. Nunca a abandonara a horrível angústia que sentira de encontrar alguém na estrada. Mas pensou que podia ser um viajante que houvesse caído doente, e, quando dominou o cavalo, fê-lo voltar e retrocedeu enquanto gritava:

— Está aí alguém?

O vulto mexeu-se um pouco e uma voz disse:

— Parece-me bem que és tu, Cristina Lavransdatter.

«O Irmão Edvin», murmurou ela. Sentia-se prestes a acreditar-se vítima duma ilusão ou dalgum malefício. Mas dirigiu-se para ele; era realmente o velho, que não se podia levantar sem auxílio.

— Meu bom Irmão, como é que andais pelos campos nesta época do ano? — perguntou ela estupefacta.

— Louvado seja Deus que te enviou ao meu encontro! — disse o monge.

Cristina reparou que todo ele tremia.

— Dirigia-me para vossa casa, mas não tive forças de ir mais longe esta tarde. Cheguei a imaginar que era da vontade de Deus que eu morresse nos caminhos onde

dormi e vagueei toda a vida. Mas gostaria de me confessar e receber os últimos sacramentos. E desejava ver-te ainda mais uma vez, minha filha...

Cristina ajudou o frade a montar no cavalo e levou este pela rédea, sustendo ao mesmo tempo Edvin. Lastimando que ela molhasse os pés nos charcos de gelo, gemia, baixinho, de dor.

Contou que estivera em Eyabu depois do Natal; os camponeses ricos haviam-lhe prometido embelezar a igreja da aldeia com novos ornamentos. Mas o trabalho não se adiantara; ele estivera doente todo o Inverno. Tinha qualquer coisa no estômago, de tal forma que vomitava sangue e não podia suportar os alimentos. Julgava não durar muito tempo e sentia agora saudades do seu convento, desejava morrer lá entre os seus irmãos. Tivera, contudo, a ideia de ir antes ao vale pela derradeira vez: arranjara companhia logo que partira de Hamar para o Norte — o abade que devia ser o novo prior do albergue de peregrinos de Roaldstad. De Fron em diante viera sòzinho.

— Soube que estavas noiva do tal homem — disse ele — e então senti grande vontade de te ver. Era-me doloroso pensar que aquele encontro que tivemos na igreja do mosteiro fora o último. Confrangeu-se-me tanto o coração haveres-te embrenhado na via sinuosa...

Cristina beijou a mão do frade e retorquiu:

— Não compreendo, meu Irmão, o que fiz para merecer a afeição que me testemunhais...

Respondeu o monge docemente:

— Muitas vezes pensei, Cristina, que, se nos vissemos com mais frequência, terias podido ser como minha filha espiritual.

— Quereis dizer que dirigiríeis a minha alma para a vida do claustro?... — perguntou Cristina. — Sira Erik ordenou-me... se eu não conseguisse obter o consentimento de meu pai para casar com Erlend... que

entrasse numa ordem religiosa para assim resgatar os meus pescados — acrescentou ela.

— Bastantes vezes rezei para que desejasses professar — redarguiu Frei Edvin. — Mas não depois de me haveres dito aquilo que sabes. Quereria que fosses para Deus com a tua coroa, Cristina, a tua coroa nupcial!

Quando chegaram a Joerundgaard foi preciso transportar o Irmão Edvin para dentro de casa e deitá-lo na cama. Instalaram-no o melhor possível na sala de Inverno, onde existia um fogão. Estava muito doente o frade e Sira Erik veio trazer-lhe os remédios do corpo e da alma. Disse o padre, porém, que era um cancro que corroía o velho e que este não poderia viver muito tempo. Frei Edvin tencionava partir para o Sul, logo que se sentisse com mais forças, a fim de voltar para o seu convento. Sira Erik disse aos outros que, na sua opinião, ele não devia pensar nisso.

Em Joerundgaard todos achavam que o monge trouxera consigo para ali uma grande paz e alegria. Andavam cá e lá na sala de Inverno todo o dia e nunca faltava quem quisesse velar o doente durante a noite. Aqueles que tinham tempo para isso, reuniam-se para ouvir os passos dos livros santos que Sira Erik lia ao moribundo, e conversavam com o Irmão Edvin sobre assuntos espirituais. E, embora muitas coisas que ele dissesse fossem vagas e pouco claras, devido à sua habitual maneira de falar, os outros sentiam que ele lhes dava força e consolação à alma, pois viam quanto Frei Edvin estava cheio do amor de Deus.

Mas o frade gostava também de ser informado acerca doutras matérias; pedia novidades das aldeias e fazia Lourenço falar a respeito do mau ano. Houvera gente que cedera a tentações, no meio daquela angústia, e tinham recorrido a auxílios que os cristãos devem reprovar. Na encosta, a oeste do vale, existiam algumas grandes pedras brancas que figuravam as partes secretas do corpo

humano, e havia pessoas que tinham chegado ao extremo de sacrificar javardos e gatas àquele horror. Lourenço estivera presente e podia testemunhar que todos eles haviam ficado cobertos de manchas de sangue, e que em redor se viam espalhados ossos e outros detritos desse género... Em Heidal, no cimo da montanha, sentaram, segundo se dizia, uma velha numa pedra fixada na terra e obrigaram-na a recitar antigos cânticos mágicos em três noites de quinta-feira.

Uma vez, Cristina velava sòzinha Frei Edvin. Por volta da meia-noite, ele acordou, parecendo sofrer muito. Pediu então à rapariga que lhe lesse o livro dos milagres da Virgem Maria que Sira Erik lhe emprestara.

Cristina não tinha o costume de ler em voz alta, mas sentou-se no degrau do leito e colocou a candeia a seu lado; abriu o livro sobre os joelhos e leu o melhor que pôde.

Passados momentos, notou que o enfermo cerrava os dentes; sob o efeito das dores, juntava as mãos descarnadas.

— Sofreis muito, meu bom Irmão — disse Cristina desolada.

— Agora, parece-me que sim. Mas sei que é Deus que me faz voltar a ser criança e que brinca comigo. Lembro-me que numa ocasião, quando eu era pequenino — teria quatro anos —, fugi de casa para a floresta e aí vagueei ao acaso durante dias e noites. Minha mãe acabou por me descobrir e, quando me tomou nos braços, mordeu-me na nuca, recordo-me bem. Imaginei que era por estar zangada comigo, mas, depois, compreendi melhor... Agora, desejo fugir desta floresta e entrar na minha casa. Está escrito: Deixa todas as coisas e segue-me, mas há tantas neste mundo que não tive coragem de abandonar!

— Vós, meu Irmão? Sempre ouvi dizer que sois um modelo de pureza, de pobreza e de humildade...

O monge sorriu:

— Tu é que julgas, criança, que não existe outra coisa tentadora neste mundo senão a volúpia, a riqueza e o poder. Digo-te que isso são ninharias que se encontram à beira do caminho, e eu amei os caminhos: não são os acessórios ínfimos do mundo que eu amei mas sim o mundo inteiro. Deus concedeu-me a graça de gostar da Pobreza e da Castidade desde a minha infância, e, porque era minha fé, parti tranquilo com essas duas companheiras de jogo; andei, circulei, e nasceu-me a vontade de percorrer todos os caminhos da terra. E o meu coração e os meus pensamentos também têm deambulado; receio bastante haver desviado o meu espírito para as coisas mais obscuras. Mas acabou-se, Cristininha; agora, quero voltar para casa e expulsar todos os pensamentos particulares, ouvir as palavras claras do prior sobre o que devo acreditar e pensar do meu pecado e da graça de Deus.

Pouco depois, Frei Edvin adormeceu. Cristina foi-se sentar junto do fogão para tomar cuidado no lume e não o deixar extinguir. De manhã cedo, quando ela própria já quase adormecia, disse-lhe de súbito o monge, da sua cama:

— Estou contente, Cristina, de que essa história entre ti e Erlend haja findado bem.

Cristina, então, desfez-se em lágrimas:

— Mas procedemos antes disso tão mal! E o que mais me pesa é ter causado tanto desgosto a meu pai. Ele ainda não é feliz, actualmente. E, contudo, não sabe... Se soubesse, com certeza me retiraria de vez a sua afeição.

— Cristina — disse-lhe docemente Frei Edvin —, não compreendes, minha filha, que é por isso mesmo que deves calar o que houve, para não lhe causares mais desgostos! Jamais ele te pedirá uma penitência. Nada do que fizesses poderia mudar o sentimento de Lourenço a teu respeito.

Alguns dias mais tarde o Irmão Edvin sentiu-se tão bem que quis voltar para o Sul. Como essa ideia o não largasse, Lourenço mandou fazer uma espécie de padiola que foi suspensa entre dois cavalos, e assim levaram o doente até Lidstad. Aí, Frei Edvin encontrou outros cavalos e outra escolta e foi transportado da mesma maneira para Hamar. Lá, morreu no convento dos dominicanos e foi sepultado na igreja do mosteiro. Mais tarde, os frades franciscanos reclamaram o cadáver, pois o Irmão Edvin era tido por santo em todas as aldeias das redondezas, e, quando falavam dele, chamavam-no o Santo Even; nas regiões de Opland e de Dalene e para além até Trondheim, os camponeses invocavam-no nas suas orações. Por isso houve demorada controvérsia entre os dois conventos a respeito do cadáver.

Cristina soube da morte dele muito mais tarde. Mas sentira grande desgosto quando se separara do monge. Parecia-lhe que só ele conhecia a sua vida inteira; vira-a quando criança inocente sob a vigilância do pai, soubera dos seus amores clandestinos com Erlend, de tal forma que a rapariga achava que o monge era como um elo que prendesse tudo o que ela amara com as coisas que lhe enchiam agora a alma. Daí em diante estava absolutamente separada daquilo que fora, quando pequena.

VII

— JULGO que já esfriou o bastante para lhe misturarmos a levedura — disse Ragnfrid, tacteando a vasilha morna da cerveja.

Cristina estava sentada a fiar no degrau da porta à espera que a dissolução arrefecesse. Pousou a roca no patamar de pedra, levantou o pano que tapava o balde da levedura pronta e mediu-a.

— Fecha primeiro a porta — recomendou a mãe — para que não haja corrente de ar. Parece que andas a dormir em pé — acrescentou com mau humor.

Cristina filtrou o líquido nas cubas enquanto a mãe ia mexendo.

«Geirhild Drivsdatter chamou Hat, mas foi Oden que veio e a ajudou a mexer a cerveja; por salário, pediu o que estava entre ela e a cuba.» — Eis uma lenda que Lourenço contara um dia a Cristina quando ela era pequena. — «O que estava entre ela e a cuba.»

Cristina tinha náuseas e sentia-se estonteada com o calor e com o cheiro açucarado que havia no aposento escuro e fechado.

Lá fora, no pátio, Ramborg e um grupo de crianças dançavam de roda e cantavam:

No telhado, a águia empoleirada
Recurva a garra dourada.

Cristina saiu com a mãe pela minúscula antecâmara onde havia barris vazios e todas as espécies de ferra-

mentas. Aí, existia uma porta que dava para uma nesga de terra entre o muro das traseiras da cervejaria e a paliçada do campo de centeio. Aproximou-se uma vara de bácoros, empurrando-se uns aos outros, grunhindo e disputando o malte tépido que lhes atiravam.

Com a mão, Cristina abrigou os olhos da luz deslumbrante do sol do meio-dia. Ragnfrid observava a quantidade de porcos.

— Não nos podemos arranjar com menos de dezoito renas — disse a mãe.

— Será preciso tanto? — objectou a filha distraìdamente.

— Pois claro, temos de servir todos os dias caça com o toucinho — respondeu Ragnfrid. — E as aves e as lebres para pouco mais chegarão do que para a sala do primeiro andar. Lembra-te que teremos mais de duzentas pessoas, sem contar com os criados e com os pequenos e os pobres que devemos saciar. E, mesmo que tu e Erlend partais ao quinto dia, haverá convidados que se demorarão uma semana, pelo menos... Olha, fica aí a tomar conta da cerveja — acrescentou a mãe. — Tenho de ir preparar a refeição para teu pai e para os trabalhadores.

Cristina sentou-se na porta de trás. Meteu a roca debaixo do braço, mas as mãos tombaram-lhe no regaço, com o fuso.

Além da paliçada, as espigas de centeio brilhavam ao sol como seda e prata. Sobressaindo ao rumor do rio ouvia ela de tempos a tempos o ruído das foices roçando contra uma pedra nos prados da ilhota. O pai e os criados não se poupavam para acabar a ceifa do feno. Havia tantas coisas a fazer para as suas núpcias!

O cheiro do malte morno e o fedor dos porcos provocaram-lhe outra vez náuseas. O calor fazia-lhe vertigens e lassidão. Pálida e direita, esperava que lhe passasse o mal-estar.

Nunca Cristina se sentira assim. Não lhe servia de nada procurar consolar-se. Não era certo, aquilo; podia ser engano. «O que havia entre ela e a cuba...»

Dezoito renas! Mais de duzentos convidados para a boda!

Muito se haviam de rir quando soubessem que toda aquela balbúrdia fora em honra não duma donzela mas duma mulher grávida!

Pois bem! Atirou a roca e levantou-se bruscamente. Com a cabeça encostada à parede da casa vomitou em cima das ortigas que cresciam ali com abundância. Sobre as ervas havia inúmeras larvas escuras — e ela ficou ainda mais enjoada ao vê-las.

Passou as mãos pela testa húmida de suor. Pobre dela! Era mais do que certo!

Deviam casar-se no segundo domingo depois do São Miguel, e as bodas durariam cinco dias. Faltavam ainda mais de dois meses. Nessa altura, pelo seu aspecto perceberiam logo tudo — a mãe e as outras mulheres da aldeia. Nesse capítulo eram bastante perspicazes; quando alguma mulher ia ter um filho, elas sabiam-no muitos meses antes que Cristina pudesse compreender em que se baseavam. Coitada daquela que perdesse as boas cores! Impacientemente, Cristina esfregava as faces com as mãos porque as sentia brancas e exangues.

Frequentes vezes pensara que aquilo um dia havia de acontecer. E não se assustara muito. Mas não era a mesma coisa, quando não podiam ser um do outro de forma legal. Todos consideravam isso uma desonra e um pecado, sem dúvida, porém, quando se tratava de dois seres moços que não consentiam que os separassem, o povo encarava esse facto com benevolência. E ela, não teria vergonha de dar à luz um filho nessas condições. Mas, quando tal coisa acontecia entre noivos, motivava troça e rudes zombarias. De facto era risível — e ela bem o compreendia: aqui, fabricavam cerveja e misturavam

vinho, ali, iam abater caça, assar carne, fazer mil e um preparativos para as bodas que haviam de dar que falar — e ela, a noiva, sentia-se enjoada só com o cheiro da comida, ia esconder os seus suores frios para as traseiras da casa, e vomitava!

Erlend... De cólera, Cristina cerrava os dentes. Ele bem podia ter-lhe poupado aquela vergonha! Deveria ter-se lembrado de que, antes, quando tudo era tão incerto ainda para ela, quando nada tinha a contar senão com o seu amor, sempre obedecera à vontade dele, e com alegria. Erlend tinha a obrigação de se abster, agora que a noiva o repelia por não achar bem que fizessem alguma coisa às escondidas depois de o pai lhes ter unido as mãos na presença de todos os parentes. Mas o rapaz dominara-a um pouco à força, com tantos risos e carícias que ela não tivera ânimo de lhe mostrar que fora a sério que pensara em se recusar.

Cristina ia de vez em quando observar a cerveja e voltava a debruçar-se na paliçada. As espigas ondulavam brandamente à brisa e reluziam. A rapariga não se recordava de ter visto os campos tão cheios e luxuriantes como nesse ano. O rio corria ao longe e ela ouvia o pai a falar em voz muito alta. Não podia distinguir as palavras, mas riam, além, na ilhota.

Se fosse ter com o pai e lhe contasse tudo?

Mais valia deixar esses preparativos e casá-los modestamente, sem bênção na igreja e sem grande banquete — contanto que ela tivesse o nome de esposa antes que se tornasse evidente que já trazia em si um filho de Erlend.

Erlend também seria objecto de troça, tanto como a noiva ou mais ainda; já não era nenhum rapazinho! Mas fora ele que exigira um casamento assim! Quisera vê-la vestida de seda e veludo com uma alta coroa de ouro na cabeça, mas também quisera tê-la nas horas de secretas delícias. E Cristina acedera a tudo; continuaria sempre a lhe satisfazer as vontades.

Erlend verificaria, no fim, que dois proveitos não cabiam num saco. E ele, tencionava dar um grande banquete no Natal, em Husaby, no primeiro ano de casado!... Mostraria então a todos os parentes e amigos, a toda a gente das aldeias em redor, a mulher formosa que possuía!... Cristina sorria irònicamente. Seria difícil tal coisa no Natal desse ano!

Devia ser pelo São Gregório. Parecia-lhe que os pensamentos se lhe agitavam ainda mais no espírito quando dizia de si para si que, pelas alturas da festa daquele santo, daria à luz uma criança. Tinha também certo medo; lembrava-se dos gritos da mãe a ecoarem pela quinta durante dois dias quando Ulvhild nascera. No cimo de Ulsvold havia duas criaturas que tinham morrido do parto, uma após outra, e o mesmo acontecera às primeiras mulheres de Sigurd de Loptsgaard e a avó de Cristina, de quem a neta possuía o nome.

Mas não era especialmente medo que ela sentia. Muitas vezes, nos últimos anos, quando adquiria a certeza de que não estava grávida, invadia-a a ideia de que talvez ali residisse o castigo para ela e para Erlend: continuar a ser estéril. Acabariam por esperar em vão o que antes receavam; esperariam tão inútilmente como haviam receado sem necessidade. Por fim, saberiam que um dia seriam expulsos do seu domínio, e desapareceriam. Os filhos que ele tinha jamais poderiam receber a herança do pai, e o irmão era padre. Munan Courtaud e os filhos iriam instalar-se em lugar deles e Erlend seria renegado pela família.

Premiu o seio com a mão. Estava ali, entre ela e a paliçada, «entre ela e a cuba». Estava ali, entre ela e o resto do mundo, o filho autêntico de Erlend. Experimentara já o meio de que ouvira um dia a Sr.ª Aashild falar: «com o sangue do braço direito e do braço esquerdo...» Era um filho que trazia em si. Que lhe viria depois? Lembrava-se dos dois irmãozinhos mortos, da cara triste

dos pais quando a eles aludiam; recordava-se de todas as ocasiões em que lhes vira o desespero por causa de Ulvhild, da noite da morte da irmã. E pensava no desgosto que ela mesma lhes acarretara, no rosto acabrunhado do pai... E contudo não acabara ainda de dar desgostos ao pai e à mãe...

Cristina deitou a cabeça no braço por cima da paliçada; conservava a outra mão sobre o seio. Se isso lhe ia trazer novas tristezas, se a devia decidir a morrer, preferia morrer para dar um filho a Erlend, em vez de ela e ele desaparecerem um dia, deixando atrás de si as suas casas vazias e as searas a ondular para gente estranha à herança...

Alguém entrou na antecâmara. «A cerveja!» pensou Cristina. «Há muito tempo que eu a devia ter ido ver!» Alisou o vestido. Então, na moldura da porta, apareceu Erlend, que avançou, radiante de alegria.

— O quê?! Estás aqui? — disse ele. — E nem mesmo dás um passo para vir ao meu encontro?

— Pois tu chegaste, meu querido! — exclamou a rapariga espantada enquanto ele a abraçava.

Acabara justamente de se apear do cavalo; tinha ainda o manto sobre o ombro e a espada à cinta. Estava por barbear, sujo, coberto de poeira. Envergava uma túnica vermelha que tombava da gola em pregas e era fendida nos lados quase até às axilas. Ao atravessarem o pátio, a túnica abriu-se deixando ver as coxas até à cintura. Coisa esquisita — Cristina nunca reparara que ele coxeava um tanto, quando andava. Até aí só vira que Erlend tinha pernas compridas e esbeltas, tornozelos delgados e pés pequenos e bem feitos.

O noivo chegara com uma escolta: cinco escudeiros e quatro cavalos desmontados. Disse a Ragnfrid que vinha buscar as roupas de Cristina; não seria mais agradável para ela encontrar as suas coisas em Husaby quando lá chegasse? E o casamento realizar-se-ia no fim

do Outono, de forma que a travessia seria mais difícil nessa altura. O abade de Nidarholm mandara-lhe dizer que punha à disposição para o transporte o barco à vela *Laurentius*. Calculavam que saísse de Veoe no dia da Assunção. Fora por isso que viera, para levar a bagagem por Raumsdal até à ponte do embarque.

Erlend ficou sentado à porta da cozinha, bebendo cerveja e conversando, enquanto Ragnfrid e Cristina depenavam os patos bravos que Lourenço trouxera na véspera. A mãe e a filha estavam sòzinhas, pois as criadas andavam na ceifa do feno.

Erlend parecia muito alegre. Sentia-se contente consigo por ter vindo cumprir tão ajuizada missão.

Depois de Ragnfrid sair, Cristina pôs-se a enfiar as aves no espeto. Pela porta entreaberta via o grupo dos companheiros de Erlend deitados à sombra, no outro lado do pátio, passando uns aos outros, de redor, a tigela da cerveja. Erlend instalara-se no degrau da porta e conversava e ria; o sol brilhava-lhe nos cabelos, negros como fuligem; Cristina descobriu-lhe alguns fios prateados na cabeça. É certo que ia fazer trinta e dois anos, mas tinha o ar dum adolescente buliçoso. Ela adquiria a certeza de que lhe não comunicaria o seu estado — daria tempo quando ele próprio desse fé disso. Uma ternura risonha atravessava-lhe a alma por cima do ressentimentozinho que havia no fundo, como a água luzente sobre as pedras.

Amava Erlend mais do que tudo, e isso dominava-a, embora se lembrasse sempre do resto. Como aquele homem da corte, com a sua bela dalmática escarlate, esporas de prata nos pés e cinto ornamentado de ouro se harmonizava tão pouco com a fadiga dos rudes trabalhos de Joerundgaard!...

Cristina reparou que o pai não vinha para casa, se bem que a mãe houvesse mandado Ramborg ao rio anunciar o hóspede que chegara.

Erlend, de pé em frente dela, agarrou-a pelos ombros.

— Não achas extraordinário que seja para as nossas bodas toda esta azáfama?

Cristina deu-lhe um beijo e desviou-o; estava a deitar o tempero nas aves e pediu-lhe que a não atrapalhasse. Não, não era isso que ela quereria dizer!...

Lourenço só regressou a casa para cear, ao mesmo tempo que os ceifeiros. Não se apresentava mais bem vestido do que os trabalhadores; envergava gabão de burel que lhe dava pelos joelhos e calças do mesmo estofo que lhe vinham até aos tornozelos; estava descalço e com a foice sobre o ombro. O único pormenor que distinguia o traje de Lourenço do dos companheiros era uma gola de couro que servia para o falcão empoleirado agora no ombro esquerdo dele. Trazia Ramborg pela mão.

Saudou cordialmente o genro e pediu-lhe desculpa por não ter vindo mais cedo; precisavam de trabalhar o mais que podiam, pois necessitava de fazer uma viagem à cidade entre a ceifa do feno e a colheita dos cereais. Mas, quando Erlend, depois da ceia, lhe expôs a sua intenção, Lourenço tomou um ar aborrecido.

Era-lhe impossível privar-se dos carros e dos cavalos naquela ocasião. Erlend respondeu que trouxera quatro cavalos desmontados. Lourenço opinava que haveria pelo menos três cargas. Por outro lado, Cristina tinha de ficar com o seu fato quotidiano. Quanto à roupa de cama que Cristina devia levar, iam precisar dela na quinta durante as bodas, por causa do número de hóspedes que tencionavam alojar.

— Pois seja!—aquiesceu Erlend.—Adiaremos o transporte para o Outono.

Ele, porém, estava de bom humor, e tinha a impressão de que haviam recebido bem a proposta de se servirem da barca do convento. O abade lembrara-lhe o parentesco que existia entre eles. «Todos se hão-de

recordar disso», dissera Erlend sorrindo. O descontentamento do sogro não parecia afectá-lo.

Ficou, entretanto, combinado que emprestariam um carro para Erlend levar um carregamento de objectos de que Cristina mais necessitasse quando chegasse à sua nova casa.

No dia seguinte começaram a empacotar as coisas. O tear grande e o mais pequeno podiam ser levados agora, lembrou a mãe. Cristina já não teria tempo de tecer antes do casamento. Ragnfrid e a filha cortaram a peça que estava no tear. Era um burel de uma só cor, mas feito da lã mais fina e mais macia, no qual haviam empregado os topetes provenientes de carneiros negros e que formavam manchas regulares. Cristina e a mãe enrolaram-no e meteram-no no saco de cabedal. A rapariga dizia consigo que aquela teia seria esplêndida para cueiros; ficariam lindos sob faixas vermelhas ou azuis.

O bastidor que Arne fizera outrora também podia ser transportado. Cristina tirou do seu baú todos os presentes que recebera de Erlend desde o começo dos seus amores. Mostrou à mãe a capa de seda azul e escarlate que devia pôr no dia do casamento. A mãe virou-a de todos os lados, apalpou o estofo e a pele.

— É uma capa que, com certeza, custou cara — disse Ragnfrid. — Quando foi que Erlend ta ofereceu?

— Deu-ma quando eu estava em Nonneseter — respondeu a filha.

A arca do enxoval de Cristina, aquela em que a mãe reunira tudo desde que ela era pequena, foi também fechada. Era recortada em painéis com animais e pássaros entre folhagens. Ragnfrid guardou o vestido de casamento numa das arcas de seu uso pessoal. Não estava ainda completamente pronto. Havia trabalhado nele todo o Inverno. De seda encarnada, era talhado de forma a moldar rigorosamente o corpo. Cristina pensou que lhe devia ficar agora muito apertado na altura dos seios.

Ao entardecer, estava terminado o carregamento e arrumado sob o toldo do carro. Erlend contava partir no dia seguinte de manhã.

Encostados ao muro da quinta, viam, na direcção do norte, nuvens sombrias, dum azul escuro, que enchiam o vale. Ribombavam trovões na montanha, mas, para o sul, os campos e o rio brilhavam sob o sol dourado.

— Lembras-te daquele dia tempestuoso em que estivemos na floresta de Gerdarud? — perguntou ele docemente a Cristina, pegando-lhe nos dedos.

Esta fez um sinal afirmativo com a cabeça e tentou sorrir. A atmosfera estava tão pesada e tão sufocante! Sentia dores na cabeça de cada vez que respirava.

Lourenço aproximou-se deles e falou-lhes do tempo. Raramente a tempestade ocasionava prejuízos no vale, mas só Deus é que sabia se não teria acontecido alguma coisa ao gado que estava na montanha.

Na encosta, por cima da igreja, via-se tudo escuro como a noite. Um relâmpago mostrou um grupo de cavalos que se agitavam no prado situado em frente do muro do presbitério. Lourenço julgava que não pertencessem à aldeia; deviam ser animais de Dovre que tivessem ido para a montanha, abaixo do Jetta; em todo o caso, sentia vontade de subir até lá a fim de os examinar. No meio dos trovões, Lourenço chamou: talvez entre os cavalos se encontrasse algum dos seus...

Um raio formidável rasgou as trevas; o trovão ribombou com tal fragor que Erlend não podia ouvir o que Lourenço dizia. A manada de cavalos escapuliu-se pelos prados e desapareceu atrás da cumeada da montanha. Todos três se persignaram.

Mais um raio: dir-se-ia que o céu abatia sobre eles; envolveu-os uma chama enorme, branca como neve. Erlend, Lourenço e Cristina foram atirados uns contra os outros; tinham os olhos fechados, estavam cegos, e

sentiam como que um cheiro de pedra queimada; o trovão ensurdecera-os.

— Santo Olavo, vinde em nosso auxílio! — disse Lourenço.

— Olhai a bétula! Olhai a bétula! — exclamou Erlend.

A árvore parecia vacilar na sua base; depois, quebrou-se um grande ramo e caiu na colina, fazendo um rasgão no tronco.

— Vai pegar lume!... Jesus, lá está o tecto da igreja a arder! — gritou Lourenço.

Olharam ansiosos. Não! Sim! Despontavam chamas vermelhas nas ripas do telhado.

Os dois homens atravessaram o pátio a correr. Lourenço abriu bruscamente todas as portas da casa e gritou para o interior. Os criados saíram em chusma.

— Tragam machados! Vão buscar machados! — ordenava ele. — E picaretas!

Em seguida foi à estrebaria e voltou logo trazendo *Guldsvein* pela rédea. Saltou para o cavalo sem o selar e desapareceu na direcção do norte, levando na mão um machado. Erlend partiu a cavalo atrás dele e todos os homens o acompanharam. Alguns iam a cavalo, mas muitos não puderam dominar os animais assustados e foram, a correr, a pé. Ragnfrid e as mulheres da quinta seguiam-nos com celhas e baldes.

Já ninguém parecia importar-se com a tempestade. À claridade dos relâmpagos viam, em baixo, na aldeia, gente a sair das casas. Sira Erik subia a encosta, precipitadamente, e atrás dele vinha a família em alvoroço. Do lado da ponte ouvia-se o tropel de cavalos. Alguns rapazes passaram, velozes, olhando, pálidos e aterrados, a igreja que ardia.

Soprava um vento brando do sudoeste. Na parede da banda do norte o incêndio alastrava. A oeste, a porta da entrada estava já impedida, mas o fogo não atacara ainda o lado sul nem a ábside.

Cristina e as mulheres de Joerundgaard penetraram no cemitério pelo local onde o muro abatera.

A forte claridade rubra iluminava a mata ao norte da igreja e a praça com as baias onde se prendiam os cavalos. Ninguém se podia aproximar por causa do calor. Adiante, a cruz erguia-se, isolada e envolvida em chamas. Dir-se-ia um ente que se agitava.

Através do fragor do incêndio ouvia-se o barulho dos machados contra as vigas das paredes voltadas para o sul. Havia homens que tentavam deitar abaixo o exterior da galeria. Alguém gritou às mulheres de Joerundgaard que Lourenço e outros tinham entrado na igreja atrás de Sira Erik. Queriam fazer uma abertura na parede. Ali, também, pequeninas línguas de fogo corriam entre as ripas do telhado. Quer o vento aumentasse ou diminuísse, o incêndio destruiria toda a igreja.

Pensar extingui-lo era inútil; já não havia tempo de fazer a cadeia de gente até ao rio, mas, por ordem de Ragnfrid, as mulheres puseram-se em fila a passar água do regato que deslizava a oeste do caminho; era pouca para atirar à parede do lado sul e para a direcção onde estavam os homens a trabalhar. Muitas choravam, entretanto, de enervamento e de mágoa pelas pessoas que haviam entrado no edifício em chamas ou com pena da sua igreja.

Cristina estava em frente da fila de mulheres e ia passando os baldes. Sem poder respirar, olhava fixamente para a igreja no interior da qual se encontravam certamente o pai e o noivo...

As colunas da galeria tinham desabado numa confusão de paus e de pedaços de ripas que tombavam do tecto. Um grupo de homens tentava arrombar, com um barrote, a parede de madeira.

Erlend e um dos companheiros saíram pela portinha do coro; traziam a enorme arca da sacristia—aquela onde Sira Erik se sentava habitualmente para ouvir as confissões — e foram-na colocar no cemitério.

Cristina não entendeu o que ele lhe gritou; Erlend voltou para a galeria. Era ágil como um gato quando saltava. Despira parte do fato e tinha só a camisa, as calças e as meias.

Os outros ouviram os seus apelos: o fogo invadira a sacristia e o coro; já ninguém podia sair da nave central nem subir até à porta do lado sul; as chamas barravam agora as duas saídas. Haviam feito saltar em estilhaços algumas vigas da parede. Erlend, armado dum ferro, puxava e arrancava os restos das traves. Abriram assim um pedaço da parede, enquanto os outros gritavam que tomassem cuidado: o tecto podia abater e vedar todas as saídas aos que estavam dentro da igreja: desse lado também as ripas começavam a arder e o calor ameaçava tornar-se insuportável.

Erlend saltou, pelo buraco, para o interior da igreja e ajudou Sira Erik a sair. O padre trazia uma abada de vasos sagrados dos altares.

Seguia-o um rapaz que tapava a cara com a mão e que agitava em sua frente a cruz grande das procissões. Lourenço vinha atrás, com os olhos fechados por causa do fumo. Cambaleava sob o peso do crucifixo que transportava e que era maior do que ele.

Os outros acorreram e ajudaram-nos a descer para o cemitério. Sira Erik tropeçou, caiu de joelhos, e os vasos dos altares tombaram pela ladeira. A pomba de prata partiu-se e a hóstia rolou por terra. O padre pegou nela, limpou-a e osculou-a, soluçando alto; beijou também o relicário dourado que continha um pedacinho dos cabelos e das unhas de Santo Olavo.

Entretanto Lourenço Bjoergulfsoen abraçava o crucifixo; com as mãos pousadas nos braços da cruz, encostava a cabeça ao ombro de Cristo e dir-se-ia que Jesus inclinava para ele o belo rosto magoado e consolador.

O tecto da igreja desabava aos poucos do lado do norte. Um resto de viga incendiada foi projectada a dis-

tância e veio bater no sino que ficava próximo da porta do cemitério. O sino badalou com o som profundo dum soluço, que se extinguiu em longo gemido, perdendo-se nos bramidos do incêndio.

Ninguém, durante esse tempo, prestara atenção à tempestade; não durara muito, mas a multidão não dera fé disso. Era agora no sul do vale que trovejava e se viam os relâmpagos; a chuva, que tombara um momento, aumentou e deixou de haver vento.

De repente, foi como se uma vela de chamas se tivesse desfraldado sobre a igreja. Num abrir e fechar de olhos, com um fragor medonho, o fogo devorou-a duma ponta a outra.

O povo afastou-se perante o calor horrível. De súbito, Erlend apareceu ao lado de Cristina e arrastou-a consigo. Todo ele cheirava a chamusco. Quando a rapariga lhe acariciou a cara e a cabeça, ficou com a mão cheia de cabelos queimados.

Não podiam falar no meio do barulho do incêndio. Mas Cristina viu que as sobrancelhas de Erlend haviam ardido até à raiz, que tinha queimaduras no rosto e que em vários lugares a camisa estava chamuscada. O rapaz ria, enquanto a levava consigo atrás dos outros.

O povo seguia o velho padre banhado em lágrimas e Lourenço, que transportava o crucifixo.

Ao fim do cemitério, Lourenço colocou o Cristo de pé encostado a uma árvore e deixou-se cair sobre os destroços do muro. Sira Erik, já ali sentado, estendeu os braços para a igreja em chamas:

— Adeus! Adeus! Igreja de Santo Olavo! Deus te abençoe, ó minha igreja de Santo Olavo, Deus te abençoe por cada hora em que disse missa e cantei entre as tuas paredes! Igreja de Santo Olavo, adeus, adeus!

Os paroquianos choravam com ele. Chovia a cântaros sobre a multidão, mas ninguém pensava em se ir embora, e a chuva não parecia diminuir o fogo na construção de

madeira pintada de breu. Paus inflamados eram projectados aqui e ali. Logo depois o sino despenhou-se no braseiro e fez saltar para os ares uma fumarenta girândola de faíscas.

Lourenço tinha uma mão na cara; o outro braço pousava-lhe sobre o peito, e Cristina viu que a manga estava ensanguentada desde o ombro até ao pulso; o sangue corria-lhe entre os dedos. Aproximando-se do pai, a rapariga tocou-lhe com a mão.

— Não tem importância. Foi qualquer coisa que me caiu sobre o ombro — disse ele levantando os olhos. — Tinha os lábios muito descorados. — Ulvhild! — murmurou ele em tom doloroso e olhando para o brasido.

Sira Erik pôs-lhe a mão nas costas.

— Aquilo não despertará a tua filha donde está, Lourenço. Ela dorme sossegada quer haja ou não fogo por cima da sua sepultura — disse ele. — Não perdeu a sua casa espiritual como nós esta noite.

Cristina escondeu a cara contra o peito de Erlend e assim ficou, sentindo-lhe o braço em volta dos ombros. Então ouviu que Lourenço perguntava por Ragnfrid.

Alguém respondeu que, de susto, uma mulher sentira as dores; haviam-na transportado para o presbitério e Ragnfrid fora com ela.

Cristina lembrou-se daquilo de que se esquecera completamente desde que tinha visto a igreja a arder. Não deveria assistir àquele espectáculo. Havia um homem ao sul da aldeia que tinha uma grande mancha vermelha num lado da cara; diziam que a causadora disso fora a mãe por esta ter olhado para um incêndio quando andava grávida. «Oh! Minha Mãe do Céu! — suplicou ela baixinho, — fazei que disto não venha nenhum mal ao meu filho!...»

No dia seguinte reuniu-se o conselho comunal no adro da igreja. O povo ia decidir se a reconstruiriam ou não.

Cristina foi procurar Sira Erik a Romundgaard antes de ele ir para a reunião. Perguntou ao padre se ela devia tomar aquele acontecimento como um aviso do Senhor. Talvez que a vontade de Deus fosse que ela confessasse ao pai ser indigna de levar a coroa de noiva; era mais conveniente que a casassem com Erlend Nikulaussoen sem festa em sua honra. Sira Erik enfureceu-se contra Cristina: os olhos faiscavam-lhe de cólera:

— Julgas que Deus se preocupa tanto com as cadelas que se relaxam e estragam a vida para que arda por tua causa uma bela e gloriosa igreja? Deixa-te de orgulhos e não dês a teus pais um desgosto que eles levariam tempo a esquecer. Se não levas a tua coroa com honra no dia do teu casamento, tanto pior para ti, mas tu e Erlend ainda tereis mais necessidade da bênção quando estiverdes casados. Cada um tem que responder pelos seus pecados e por isso esta desgraça caiu sobre nós todos. Tratai de seguir uma vida melhor e ajudai à reconstrução da igreja, tu e Erlend.

Cristina reflectiu que não dissera ainda o que lhe sucedera de mais importante, mas ficou sossegada com a resposta de Sira Erik.

No dia seguinte, foi ela à assembleia com os homens. Lourenço compareceu ali de braço ligado e Erlend tinha a cara muito queimada; parecia feio, mas ria-se disso. Nenhuma das queimaduras apresentava gravidade, e disse ele que esperava não estar desfigurado no dia do casamento.

Na reunião, Erlend levantou-se depois de Lourenço e prometeu oferecer para a igreja quatro marcos de prata e, pela noiva, com o assentimento de Lourenço, uma herdadezinha que fazia parte dos bens de Cristina na paróquia.

Teve Erlend de ficar uma semana em Joerundgaard para tratar das suas feridas. Cristina observou que Lou-

renço dava mostras de simpatizar mais com o genro depois da noite do incêndio; os dois homens pareciam ser agora excelentes amigos; pensou ela então que talvez o pai chegasse a estimar bastante Erlend para o julgar com indulgência e não levar o caso tão a mal, como ela receara, quando viesse o tempo em que se apercebesse de que eles lhe haviam sido falsos.

VIII

ESSE ano foi extraordinàriamente bom em todo o Norddal. Houve feno abundante e armazenaram-no seco; os camponeses fizeram excelentes colheitas e o gado estava muito gordo; os animais carnívoros não os haviam atacado. As searas apresentavam-se tão bonitas que pouca gente se recordava de as ter visto melhores; as espigas amadureceram bem e o tempo esteve esplêndido. Entre o dia de São Bartolomeu e o da Natividade da Virgem, período em que se pode recear mais as geadas nocturnas, choveu um tanto e o céu mostrou-se nebuloso, mas depois veio o Outono com sol, vento, e as suas noites brandas e enevoadas. Na semana seguinte à do São Miguel quase toda a gente tinha o cereal já guardado no celeiro.

Em Joerundgaard havia grande azáfama para os preparativos das bodas. Nos últimos dois meses Cristina tivera tanto que fazer, todos os dias e de manhã à noite, que o tempo lhe escasseava para se inquietar com outra coisa que não fosse o trabalho. Via que o ventre se lhe engrossava; os bicos rosados dos seios tinham-se tornado escuros e sensíveis como uma ferida, quando ela se levantava da cama nas manhãs frias, mas isso desaparecia depois de aquecer com o trabalho, e então só se preocupava com tudo aquilo que devia estar pronto à noite. Quando necessitava se endireitar e descansar um pouco, sentia que principiava a se tornar pesado o que trazia em si, mas, à vista, mostrava-se ainda tão esbelta e del-

gada como antes. Passava as mãos pelas ancas longas e esguias. Não, por enquanto não tinha de se afligir com isso. As vezes pensava com um suspiro enervado que, dentro de um mês, sentiria dentro de si agitar-se outra vida. Nessa altura estaria em Husaby. Talvez que Erlend ficasse feliz ao saber... Cristina fechava os olhos e mordia o anel dos esponsais; evocava o rosto de Erlend, pálido de comoção, de pé, lá em cima no primeiro andar da casa, proferindo em voz alta e nítida as palavras dos esponsais:

— Que Deus seja testemunha, e também os homens que aqui estão, que eu, Erlend Nikulaussoen, me comprometo a casar com Cristina Lavransdatter segundo as leis de Deus e dos homens, nas condições combinadas perante as testemunhas presentes. Que te terei por mulher e que me terás por marido tanto tempo quanto nós ambos existirmos, vivendo juntos sob a lei conjugal, conforme todas as comunidades que reconhecem as leis de Deus e do país!

No meio do seu trabalho Cristina atravessava o pátio a correr, dum edifício a outro, e parava um instante; a sorveira tinha tantas bagas nesse ano, o Inverno ia ser rigoroso! E o sol brilhava sobre os restolhos pálidos ainda com algumas espigas. Oxalá o tempo se mantivesse assim para o seu casamento!

Lourenço persistiu em querer casar a filha na igreja. Ficou combinado que o enlace se realizaria na capela de Sundbu. No sábado o cortejo nupcial atravessaria a montanha, a cavalo, até Vaage. Passariam todos a noite em Sundbu e nas quintas dos arredores, e regressariam no domingo depois da missa do casamento. Na mesma noite, a seguir às vésperas e uma vez terminada a cerimónia religiosa, festejariam o consórcio e Lourenço entregaria a sua filha a Erlend. E, depois da meia-noite, acompanhariam os noivos ao seu quarto de dormir.

Na sexta-feira de tarde, Cristina, no balcão do último andar, olhava para o grupo de cavaleiros que chegava do Norte e passava em frente da igreja incendiada. Era Erlend e a sua comitiva. Cristina observava-os atentamente a ver se distinguia o noivo entre os outros. Nem ele nem nenhum homem a devia ver antes que ela se apresentasse no dia seguinte com o seu vestido nupcial.

Ao atingirem o caminho que ia dar a Joerundgaard algumas mulheres separaram-se do grupo. Os homens continuaram em direcção a Laugarbru; era aí que iam pernoitar.

Cristina desceu a fim de receber as recém-vindas. Sentia-se muito fatigada depois do banho e tinha a pele do crânio dorida — a mãe esfregara-lhe os cabelos com uma água alcalina muito forte para que eles estivessem lustrosos no dia seguinte.

A Sr.ª Aashild Gautesdatter deixou-se escorregar da sela para os braços de Lourenço.

«Como ela continua ágil e moça!» pensou Cristina.

A mulher de Munan, Catarina, parecia quase velha; era alta e corpulenta, de pele e olhos sem viço.

«É esquisito — dizia Cristina consigo —, ela é feia, ele é infiel, e, apesar disso, consta que vivem em harmonia.»

Vinham também as duas filhas de Baard Petersoen, uma delas casada e a outra solteira. Não eram feias nem bonitas, tinham aspecto de pessoas boas e francas, mas mostravam-se um tanto reservadas para com os desconhecidos. Lourenço agradeceu-lhes polidamente a honra de terem vindo para as bodas e de haverem empreendido aquela viagem tão comprida já no fim do Outono.

— Erlend foi educado em casa do nosso pai, quando era pequeno — disse a mais velha, avançando para saudar Cristina.

Dois rapazes chegavam agora ao pátio com grande tropel dos seus cavalos. Saltaram para o chão e correram,

rindo, atrás de Cristina, que foi depressa esconder-se em casa. Eram os dois filhos de Trond Gjesling, lindos rapazes prometedores. Traziam de Sundbu, num cofrezinho, a coroa nupcial. Trond e a mulher só viriam para Joerundgaard no domingo depois da missa.

Cristina refugiara-se na sala de Inverno; a Sr.ª Aashild foi ter com ela, abraçou-a e beijou-a.

— Sinto-me feliz em viver este dia — disse a Senhora Aashild, notando quanto as mãos de Cristina, que ela tinha nas suas, estavam esguias. Viu que a noiva havia emagrecido mas que o peito se lhe desenvolvera. As feições tinham-se-lhe tornado mais delicadas do que antes; as fontes pareciam um tanto descaídas à sombra dos cabelos pesados e húmidos. As faces já não estavam cheias e as cores frescas haviam fenecido. Mas os olhos de Cristina eram agora maiores e mais sombrios.

A Sr.ª Aashild beijou-a novamente.

— Vejo que tens tido muito trabalho — disse ela. — Vou trazer-te esta noite uma bebida que te dará repouso e frescura para amanhã.

Passou um tremor nos lábios de Cristina.

— Chut! — fez a Sr.ª Aashild batendo-lhe na mão. — Sinto-me satisfeita em ter vindo para te ataviar. Ninguém terá visto noiva mais linda do que tu amanhã.

Lourenço foi a cavalo a Laugarbru para cear juntamente com os hóspedes que lá estavam.

Os homens não se cansavam de elogiar a comida: não podia haver melhor refeição de sexta-feira, nem no convento mais rico. Compunha-se de caldo de farinha de centeio, feijão verde cozido, pão alvo, e, como prato de peixe, trutas salgadas e frescas e postas de solha salgada.

Conforme os convidados bebiam cerveja iam-se tornando mais alegres e cada vez dirigiam maiores dichotes ao noivo. A comitiva nupcial de Erlend era constituída por rapazes muito mais novos do que ele — os amigos da

sua idade estavam casados há muito tempo. Puseram-se a gracejar pelo facto de ele ir passar a primeira noite de casamento naquela idade. Um dos mais velhos parentes de Erlend, que não tinha bebido muito, receava, a cada palavra proferida, que a conversa não derivasse para assuntos que mais valia não aflorar. Baard de Hestnaes observava Lourenço. Este bebia bastante mas não parecia que a cerveja o tornasse mais alegre, na cabeceira da mesa onde se encontrava. O rosto contraía-se-lhe à proporção que as pálpebras lhe desciam, pesadas. Erlend, porém, que estava sentado à direita do sogro, respondia com malicia às graças que lhe dirigiam e ria muito; mostrava o rosto afogueado e os olhos brilhantes.

De súbito, Lourenço disse, exaltado:

— Agora, que me lembro, sempre te quero perguntar que fim deste ao carro que te emprestei no Verão.

— Qual carro? — indagou Erlend.

— Não te recordas de me teres pedido emprestado um carro no Verão passado? Um belissimo carro como não há melhor, pois fui eu mesmo quem fiscalizou o trabalho, quando o forjaram na minha quinta. Prometeste-me e juraste... Deus é testemunha disso e a minha gente bem no sabe... que mo devolverias, mas não cumpriste a promessa...

Um dos convidados gritou que não era ocasião para tal assunto de conversa, mas Lourenço bateu com o punho na mesa e exclamou que queria saber o que Erlend fizera do carro.

— Por minha fé! Deve estar na quinta próxima à língua de terra onde o barco veio para nos conduzir a Veoey — respondeu Erlend alegremente. — Não julgava que fosse coisa tão urgente. Olhai, meu sogro, a verdade é que o trajecto com a carga foi tão comprido e difícil para lá dos vales que, quando chegámos ao fiorde, nenhum dos meus homens quis tornar a percorrer o mesmo caminho até aqui com o carro e voltar a partir para o

Norte, por Trondhjem. Então pensei que podia, até nova ordem...

— Diabos me levem se já ouvi falar dum homem assim! — interrompeu Lourenço. — Que hábitos são esses que tens na tua casa? Ês tu ou os teus criados quem governa conforme lhe apraz?

Erlend encolheu os ombros:

— É certo que muitas coisas decorriam em minha casa de forma diferente do que deveria ser... Mandar-vos-ei esse carro quando Cristina e eu lá estivermos. Meu caro sogro — acrescentou ele sorrindo e estendendo-lhe a mão —, sabei que vão surgir novos hábitos em Husaby e em mim próprio, agora que Cristina vai ser a dona da casa. Procedi mal, com respeito ao carro. Mas prometo-vos que esta é a última vez que tendes motivo de queixa contra mim.

— Caro Lourenço — intercedeu Baard Petersoen —, fazei as pazes com ele e deixai esse assunto sem importância.

— Sem importância ou de grande importância... — começou Lourenço. Mas, em seguida, reconsiderou e consentiu em apertar a mão de Erlend.

Pouco depois despediu-se e os hóspedes de Laugarbru procuraram os seus lugares para dormir.

No sábado anterior ao grande dia, todas as mulheres haviam trabalhado no antigo celeiro. Algumas preparavam o leito nupcial, outras acabavam de vestir a noiva.

Ragnfrid escolhera aquele edifício para casa dos recém-casados por ser o mais pequeno: podiam albergar muito mais convidados no novo andar do celeiro das provisões. Eles próprios tinham feito ali o seu quarto de dormir de Verão, quando Cristina era pequena, antes de Lourenço edificar a casa grande onde habitava agora todo o ano. Por outro lado, o antigo celeiro talvez fosse a mais bonita das construções da quinta, desde que Lourenço a

mandara arranjar. Quando tinham vindo instalar-se em Joerundgaard, estava a cair em ruínas.

Achava-se ornada de lindas esculturas de madeira, tanto por fora como por dentro, e, se o interior não era grande, por isso mesmo se tornava mais fácil de enfeitar com tapeçarias e peles.

O leito nupcial, já pronto, tinha almofadas de seda enramada; em redor da cama, como uma tenda, viam-se lindas tapeçarias penduradas; sobre as peles e cobertores de lã haviam estendido um tecido de seda bordado. Ragnfrid e algumas das criadas suspendiam tapeçarias nas paredes e punham coxins em cima dos bancos.

Cristina estava sentada numa cadeira de braços que tinham levado para esse quarto. Envergava o seu fato escarlate, destinado ao casamento. Grandes broches de filigrana prendiam-lhe o vestido por cima dos seios e fechavam, rente ao pescoço, a camisa de seda amarela; brilhavam braceletes de ouro sobre a seda âmbar das mangas. Uma fita de prata dourada enleava-lhe com três voltas a cintura; do pescoço e sobre o peito pendiam-lhe cordões e mais cordões; o maior era o do pai, aquele que tinha a cruz de relíquias. As mãos, pousadas no regaço, estavam carregadas de anéis.

Atrás da cadeira, a Sr.ª Aashild escovava a pesada cabeleira loura, dum louro muito quente.

— Amanhã, soltarás os teus cabelos pela última vez — disse ela sorrindo e enrolando nas madeixas as fitas de seda vermelhas e verdes que deviam sustentar-lhe a coroa na cabeça

As mulheres rodeavam, solícitas, a noiva. Ragnfrid e Gyrid de Skog tiraram de cima da mesa a coroa nupcial dos Gjeslings. Era toda dourada; as pontas acabavam alternadamente em cruz e em folha de trevo, e o círculo tinha a guarnecê-lo cristais de rocha incrustados.

Colocaram a coroa na cabeça da noiva; Ragnfrid, muito pálida, tremia ao desempenhar-se desse trabalho.

Cristina ergueu-se lentamente. Jesus! como era pesado todo aquele ouro e toda aquela prata! Então a Sr.ª Aashild levou-a pela mão até junto duma celha de água, enquanto as damas de honor abriam a porta para que o sol iluminasse o quarto.

— Ora olha para ti, Cristina — disse Aashild.

Cristina inclinou-se para a celha. Entreviu o seu rosto, que subia muito branco do fundo da água e que chegou tão próximo dela que pôde ver a coroa de ouro. Em toda a volta moviam-se na superfície sombras claras escuras; num momento, quase lhe veio uma recordação, depois, pareceu-lhe que ia desmaiar e agarrou-se à borda da celha. Então a Sr.ª Aashild colocou a mão sobre a dela e enterrou-lhe as unhas na carne com tanto furor que a fez voltar a si.

Ecoaram na ponte sons de trombeta. De casa gritaram que o noivo chegava com o cortejo, e as mulheres conduziram Cristina para a varanda.

No pátio havia grande movimento de cavalos ricamente ajaezados, e de homens com fatos de gala. Tudo aquilo luzia e cintilava ao sol. Cristina olhou para além do vale. Clara e tranquila, a aldeia natal estava envolvida numa bruma ligeira e azulada dominada pelas montanhas cinzentas de pedras e negras de florestas e pelo sol que, do céu sem nuvens, derramava a sua luz até ao fundo do vale.

Não reparara ainda nisso, mas as árvores tinham já perdido todas as folhas e as matas apresentavam-se despidas e dum cinzento prateado. Só o maciço de amieiros ao longo do rio mostrava no cimo um pouco de verdura desbotada e, aqui e ali, sobre uma bétula, uma ou outra folha se conservava na ponta dos ramos. Mas quase todas as árvores estavam despojadas — excepto a sorveira, cuja folhagem avermelhada rodeava ainda as bagas cor de sangue.

Na calma do dia elevava-se o perfume de Outono do

tapete cinzento que por toda a parte as folhas haviam formado.

Sem as sorveiras, poder-se-ia tomar tudo aquilo pelo começo da Primavera. Aquele sossego... Era, porém, uma tranquilidade outonal. De cada vez que emudeciam os sons da trombeta não se ouvia outro ruído além do telintar dos chocalhos nos campos de restolho e nas matas onde os animais pastavam.

O rio, mais estreito, murmurava docemente. Já não havia fios de água a deslizar entre os montes de areia e nas enormes superfícies de pedras brancas e arredondadas. Nenhum regato rumorejava nas vertentes. Contudo, os campos mostravam por toda a parte um brilho húmido, mas era apenas essa humidade que a terra ressuma no Outono, embora estejam os dias quentes e o céu límpido.

No pátio, a multidão afastou-se para dar lugar ao cortejo do noivo. Os rapazes chegavam a cavalo; houve um sussurro entre as mulheres que estavam na varanda.

A Sr.ª Aashild permanecia ao lado da noiva.

— Vê lá se te apresentas bem, agora, Cristina — disse ela. — Já não te falta muito tempo para que te ocultes sob o manto de esposa.

Cristina fez um gesto de desânimo. Percebia que tinha o rosto duma brancura atroz.

— Estou realmente uma noiva muito pálida — disse ela em voz baixa.

— Estás a mais linda das noivas — respondeu Aashild. — Olha, aí vem Erlend a cavalo. Bem podem procurar dois noivos mais belos do que vós...

Erlend avançou sozinho a cavalo até debaixo do balcão. Saltou para terra, lépido e desembaraçado das suas pesadas vestimentas pregueadas. Cristina achou-o tão belo que se sentiu desfalecer.

Envergava ele uma túnica de seda escura, fendida,

que lhe descia até aos pés; era de cor acastanhada, com desenhos negros e brancos; prendia-a um cinto ornamentado de ouro e, na ilharga esquerda, via-se-lhe a espada com ouro no punho e na bainha. Dos ombros caía-lhe uma pesada capa de veludo azul-escuro e, enterrado sobre os cabelos negros, tinha um barrete de seda preta franzido nos lados em forma de asas e acabando em duas pontas compridas; uma delas passava-lhe no peito, a partir do ombro esquerdo, e tombava nas costas.

Erlend fez uma reverência à noiva, aproximou-se do cavalo que ela devia montar e conservou-se ali com a mão sobre a sela, enquanto Lourenço subia a escada. Cristina estava deslumbrada e sentia vertigens ao ver toda aquela pompa. O pai parecia-lhe estranho na sua dalmática de veludo verde que descia até ao chão. A mãe, duma palidez terrosa sob a touca, tinha um vestido de seda encarnada.

Ragnfrid veio cobrir a filha com a capa. Depois, Lourenço pegou na mão da noiva e levou-a para baixo até junto de Erlend. Este levantou-a para a ajudar a montar e subiu também para a sela. Ficaram assim ao lado um do outro, enquanto o cortejo, a cavalo, começava a transpor os limites do dominio. À frente iam os padres: Sira Erik, Sira Tormod de Ulfsvold, um antigo cruzado de Hamar, amigo de Lourenço. Seguiam-se os rapazes e as damas de honor, dois a dois. Era a vez de Erlend e de Cristina cavalgarem. Atrás deles, os pais da noiva, os parentes, amigos e hóspedes desceram em comprida fila entre paliçadas até ao caminho da aldeia. Em todo o percurso haviam espalhado cachos de bagas de sorveira, raminhos de pinheiro e as últimas camomilas brancas do Outono. Ao longo do caminho que o cortejo devia percorrer, a multidão saudava-os com as suas aclamações.

No domingo, logo que o sol se pôs, o cortejo de cavaleiros regressou a Joerundgaard. Através das primeiras

sombras do crepúsculo brilhavam as fogueiras flamejantes no pátio da casa nupcial. Tocadores e menestréis cantavam e tocavam violino e os tambores rufavam enquanto a comitiva subia em direcção à claridade rubra.

Cristina quase caiu quando Erlend a desceu do cavalo em frente do balcão da velha casa.

— Tive tanto frio na montanha! — murmurou ela. — Estou exausta!

Deteve-se um bocadinho. Quando subiu a escada, cambaleava em cada degrau.

Na sala, os convidados da boda, quase gelados, aqueceram-se pouco a pouco. Sentiam o calor de todas as luzes acesas na sala. Trouxeram iguarias quentes e fumegantes, e o vinho, o hidromel e a cerveja foram servidos de redor. O tumulto das vozes e o barulho das pessoas que estavam a comer ressoavam aos ouvidos de Cristina.

Não conseguia aquecer-se. Ao fim dum instante o calor começou a subir-lhe à cara, mas os pés continuavam gelados e sentia arrepios de frio pelas costas abaixo. O peso de todo aquele ouro inclinava-a para a frente, na cabeceira da mesa onde estava sentada junto de Erlend.

De cada vez que o marido bebia à saúde dela, Cristina reparava nas queimaduras e nas manchas vermelhas que lhe apareciam muito nítidas na cara, agora que ele principiava a aquecer depois do trajecto a cavalo, no meio do frio. Eram as marcas das queimaduras do Estio passado.

Na tarde da véspera, quando ela estava à mesa em Sundbu, invadira-a o terror do costume. Vira o olhar apagado de Bjoern Gunnarsoen pousado sobre ela e em Erlend — olhos que não pestanejavam nem se moviam. Haviam vestido a Bjoern um fato de cavaleiro. Parecia um morto ressuscitado por meio de magia.

À noite, deitara-se ela com Aashild, que era a parenta mais próxima do marido.

— Que é que tens, Cristina? — perguntou a Senhora Aashild um tanto impaciente. — Trata de resistir até ao fim e não te abandones dessa maneira.

— Penso naqueles que prejudicamos para chegar a viver este dia — disse Cristina, tiritando.

— Também tu e Erlend não tivestes só momentos felizes. E julgo que, para ti, ainda foi pior.

— Lembro-me dos filhos dele, sem protecção — prosseguiu Cristina no mesmo tom. — Pergunto a mim mesma se eles sabem que o pai casa hoje.

— Pensa antes no teu filho — retorquiu a Sr.ª Aashild. — Felicita-te por casares com o pai dele.

Cristina teve num instante como que um deslumbramento. Era maravilhoso ouvir nomear aquele que lhe enchia a alma há mais de três meses sem que ela pudesse dizer uma palavra a seu respeito, a um ser vivente. Mas isso só a reconfortou um momento.

— Penso naquela que pagou com a vida o seu amor por Erlend — murmurou ela estremecendo.

— Talvez que também o pagues com a tua vida antes que decorra meio ano — retorquiu a Sr.ª Aashild com dureza. — Regozija-te, enquanto é tempo... Que te posso dizer, Cristina? — acrescentou a velha, desanimada. — Perdeste então, agora, toda a coragem? Cedo virá a hora em que tereis de pagar tudo o que fizestes. Não inventes outros desgostos.

Cristina, porém, sentia qual a evolução que se lhe fazia, passo a passo, na alma; destruíra-se tudo o que ela imaginara desde o célebre dia do seu terror em Haugen. Nos primeiros tempos em que, feroz e cega, só pensara em resistir, um dia após outro conservara ela a sua obstinação. E assim fora até que a resistência se tornou menos custosa, e fácil no fim, quando se desembaraçou de todos os outros pensamentos e só lhe restou a ideia de que, enfim, ia casar com ele.

Erlend e Cristina estavam ajoelhados lado a lado na missa do casamento. Mas tudo aquilo era como o efeito duma magia: as luzes, os quadros, os vasos resplandecentes, os padres com as vestes de linho e as casulas. Todas as pessoas que a haviam conhecido lá, onde ela antes vivera, pareciam entes de sonho que enchiam a igreja com o seu traje singular dos dias festivos. Bjoern estava de pé encostado a uma coluna e contemplava-os com o olhar amortecido. E parecia a Cristina que a outra morta devia ter vindo com ele, pelo braço.

Tentou ela fixar a atenção na imagem de Santo Olavo. Branco e rosado, apoiava-se no machado esmagando aos pés a sua própria humanidade culpada... Mas Bjoern atraía-lhe o olhar. E, junto dele, via a cara morta de Eline Ormsdatter que os fitava com indiferença. Cristina e Erlend tinham passado sobre ela a fim de ali comparecerem, e isso, ela não lhes invejava. Erguera-se e fizera rolar todas as pedras que Cristina se afincara em colocar sobre a defunta. A mocidade louca de Erlend, a sua honra e bem-estar, a afeição dos amigos, a salvação da alma... A morta derrubara tudo... «Ele queria-me e eu queria-o. Tu desejava-lo e ele teimava em te possuir» — dizia Eline. — «Paguei, e tu e ele pagareis quando a hora chegar. Depois de consumado o pecado, surge a morte...»

Cristina tinha a impressão de que estava ajoelhada com Erlend sobre uma sepultura. Via-o de joelhos com as manchas vermelhas das queimaduras no rosto pálido; e ela, ao lado, sob a pesada coroa de noiva, sentia nas entranhas o fardo que a sobrecarregava, o peso do delito que trazia em si. Brincara e divertira-se com o pecado, considerara-o um jogo de criança. Virgem Santa! Aproximava-se o tempo em que ele viria e a fitaria com olhos vivos, lhe havia de lembrar a ignomínia do pecado, a medonha impotência do pecado, bateria com mãos furiosas no peito da mãe. Quando desse à luz o filho, quando

visse nele o ferrete da sua vergonha e o amasse como amara o pecado, então seria o fim daquele jogo.

Perguntava a si própria se iria gritar, dominar os cânticos e as vozes masculinas que recitavam a missa, fazer rolar a sua angústia sobre a multidão. Desapareceria o espectro de Eline? Os olhos do homem morto animar-se-iam? Batendo os dentes, orava:

«Santo Rei Olavo, dirijo-me a ti. É a ti que recorro entre todos os santos do céu, porque sei que amaste a justiça de Deus acima de todas as coisas. Suplico-te que veles pelo inocente que está nas minhas entranhas de mãe. Afasta do inocente a cólera divina, volta-a contra mim, pelo nome precioso do grande rei! Amém.»

«Os meus filhos», dizia Eline, «são inocentes e não existe lugar para eles numa terra onde vivem cristãos! Teu filho foi concebido ilegalmente, tanto como os meus. Não podes pedir para ele justiça na terra como eu não posso exigir para os meus...»

«Santo Olavo, imploro a tua misericórdia. Intercede pelo meu filho, toma-o sob a tua protecção, de forma que eu o leve por meu pé à tua igreja. Dar-te-ei o meu adereço de ouro e pô-lo-ei no teu altar, se vieres em meu socorro... Amém.»

Cristina tinha a cara rígida como pedra pelos esforços que fazia para se apresentar calma, mas toda ela tremia quando o padre a uniu a Erlend.

E, agora, estava junto dele, na sua velha casa, e tinha a impressão de que tudo em redor não era mais do que uma miragem devida ao delírio da febre.

Havia ali menestréis que tocavam harpa; cantavam e tocavam na sala grande do andar de baixo e no pátio. Vinha do exterior, quando entravam ou saíam pela porta, o reflexo dum fogo rubro.

Estavam de pé em volta da mesa; Cristina encontrava-se entre o pai e Erlend. Lourenço declarava em

voz alta que acabara de dar sua filha por esposa a Erlend Nikulaussoen. Este agradecia ao sogro e a toda a honrada gente que se reunira para os homenagear a ele e à mulher.

Cristina devia sentar-se, diziam eles, e então Erlend depôs no regaço dela o seu presente de núpcias. Sira Erik e Munam Baardsoen desenrolaram papéis e leram o contrato. Entretanto, os rapazes da comitiva de Erlend, enfileirados e com a lança na mão, batiam no chão com os seus bastões, por intervalos, durante a leitura e quando as oferendas e as bolsas de prata foram colocadas na mesa.

As mesas volantes que haviam trazido foram retiradas dali. Erlend levou a esposa para a sala, e aí dançaram. Cristina pensava:

«Estes rapazes e as minhas damas de honor são juvenis de mais para nós; todos aqueles que eram da nossa idade desapareceram destas paragens; como pudemos nós voltar aqui?»

— Estás tão esquisita, Cristina! — murmurou Erlend enquanto dançavam. — Inspiras-me receio. Por acaso não és feliz?

Percorreram todos os quartos para saudar os convidados. Nas salas havia muitas luzes, e bebia-se e dançava-se. Cristina tinha a impressão de já não estar em casa, e perdera a noção do tempo. As horas e as imagens flutuavam em redor numa estranha confusão.

A noite estava bela. Havia menestréis no pátio e gente que dançava de volta duma fogueira. Alguém gritou que os noivos lhes deviam dar a honra da sua companhia, e ela então dançou com Erlend no pátio frio e húmido de orvalho. Pareceu-lhe que isso a despertou um pouco e que as suas ideias se tornaram mais claras.

Ao longe, na penumbra, ondulava uma faixa pálida de nevoeiro acima do rio que rumorejava. A montanha

erguia-se, negra como carvão, para o céu crivado de estrelas.

Erlend levou-a para o balcão e abraçou-a, às escuras.

— Não tive ainda ocasião para te dizer: estás tão linda, tão linda e tão gentil! As tuas faces estão vermelhas como chamas... — Ao mesmo tempo, Erlend encostou a cara na dela: — Cristina, que tens?

— Estou tão cansada! — murmurou ela.

— Daqui a pouco vamos dormir — respondeu Erlend olhando para o céu. A Via Láctea ia quase precisamente do norte ao sul. — Lembras-te de que nunca mais dormimos um ao pé do outro desde aquela noite que estive no teu quarto de Skog?

Um instante depois, Sira Erik gritou através do pátio que já era segunda-feira. As mulheres acorreram para levar a noiva ao leito. Cristina estava tão lassa que não sentiu coragem de resistir, como seria conveniente. Deixou-se agarrar e levar da sala pela Sr.ª Aashild e por Gyrid de Skog. Os rapazes da comitiva de Erlend apresentavam-se enfileirados na escada, com tochas acesas e a espada desembainhada. Enquadravam o grupo feminino e acompanharam a noiva até à velha casa.

Peça por peça, as mulheres despiram Cristina. Viu ela que aos pés da cama pendia o vestido de veludo azul-violeta que devia envergar no dia seguinte e que, por cima, havia um tecido de linho tão alvo como a neve e finamente pregueado. Era o manto de esposa que Erlend trouxera para ela; amanhã, prenderia os cabelos e pô-lo-ia na cabeça. Exalava tanta frescura, tinha um aspecto tão macio, tão repousante!

Por fim achou-se em frente do leito nupcial, descalça, com os braços nus, apenas vestida com a camisa de seda cor de ouro fendida ao lado. Haviam-lhe tornado a colocar a coroa na cabeça; o marido é que a devia tirar quando os dois estivessem sòzinhos.

Ragnfrid pousou as mãos nos ombros da filha e bei-

jou-a nas faces. A cara e as mãos da mãe estavam singularmente frias; dir-se-ia que ela engolia lágrimas que teimavam em subir aos olhos. Depois abriu a cama e convidou a noiva a se deitar. Cristina obedeceu e encostou-se às almofadas de seda empilhadas contra a cabeceira; para manter a coroa teve de inclinar a cabeça um pouco para a frente. A Sr.ª Aashild tapou-a até à cintura, colocou as mãos de Cristina sobre a colcha acetinada e espalhou-lhe bem o cabelo para que lhe cobrisse o peito e os ombros.

Os homens trouxeram o recém-casado para o quarto. Munan Baardsoen desprendeu o cinto de ouro e a espada de Erlend. Ao suspendê-la por cima da cama, murmurou qualquer coisa à noiva. Cristina não compreendeu o que ele dizia, mas sorriu o melhor que pôde.

Os rapazes solteiros desatacaram o fato de seda de Erlend e tiraram-lhe a capa do mesmo tecido. Depois ele sentou-se numa cadeira e desprenderam-lhe as esporas e descalçaram-lhe as botas.

Só uma vez Cristina ousou levantar os olhos para o marido e encontrar o seu olhar.

Finalmente, todos deram a boa-noite e o quarto esvaziou-se. O último a partir foi Lourenço Bjoergulfsoen, que fechou a porta da casa nupcial.

Erlend ergueu-se, despiu o fato e atirou-o para cima do banco. Veio para junto do leito, tirou a coroa e as fitas de seda dos cabelos de Cristina e foi pô-las sobre a mesa. Depois, voltou, subiu para a cama, e, ajoelhando-se, encostou a cabeça dela ao peito nu e ardente, enquanto lhe beijava o risco vermelho que a coroa lhe fizera na testa.

Cristina abraçou-se a Erlend e soluçou alto. Tinha a sensação doce e cruel de que, nesse momento, expulsava tudo, o terror, as visões de espectros. Agora, mais uma vez, só ela e ele existiam. Erlend levantou-lhe a cabeça,

mergulhou o olhar no dela e passou-lhe a mão pelo rosto e pelo corpo, num gesto rápido e brusco, como se rasgasse um véu.

— Esquece — pediu ele num murmúrio fervente — esquece tudo, minha Cristina, tudo excepto isto: que és minha mulher e que eu sou o teu marido.

Com os dedos apagou a última vela e atirou-se para o lado de Cristina, soluçando também:

— Nunca acreditei, nunca, durante todos estes anos, que chegaríamos a este dia...

No pátio, os ruídos extinguiam-se a pouco e pouco. Fatigados do percurso a cavalo do dia anterior e perturbados pela bebida, os hóspedes agitavam-se ainda um tanto, aqui e ali, por uma questão de brio, mas cada vez mais iam desaparecendo e procurando os seus lugares para dormir.

Ragnfrid acompanhou ao quarto os convidados de maior categoria e deu-lhes as boas-noites. O marido devia ajudá-la nessas funções; ela, porém, não o achou em parte nenhuma.

Só se viam alguns grupinhos de rapazes, especialmente de criados, quando ela veio procurar Lourenço no pátio escuro a fim de o levar para a cama. O marido ficara realmente embriagado nessa noite, Ragnfrid bem o vira.

Por fim tropeçou nele quando avançava em sua busca para lá do muro. Estava estendido de ventre para baixo na erva, atrás da casa dos banhos.

Lentamente, nas trevas, ela tacteou-o. Era de facto Lourenço. Ragnfrid julgou que ele dormia; agarrou-o pelos ombros e quis levantá-lo da terra fria como gelo. Mas o marido não dormia, embora não estivesse completamente acordado.

— Que queres? — perguntou ele com voz pouco clara.

— Não vais dormir aqui?! — disse a mulher.

Aguentava-o, pois Lourenço cambaleava. Com a mão limpou-lhe o fato de veludo.

— É altura de nos irmos também deitar, homem.

Segurando-o debaixo do braço, levou-o, titubeando, na direcção da casa, por trás dos muros.

— Tu não ergueste os olhos, Ragnfrid, quando estavas com a tua coroa no leito nupcial — disse Lourenço com a mesma voz. — Mas a nossa filha mostrou-se menos tímida; os olhos não tinham timidez quando olhou para o marido...

— Esperou por ele durante sete semestres — replicou Ragnfrid docemente. — Podia bem fitá-lo!...

— Diabos me levem se eles esperaram! — gritou o marido; e a mulher, assustada, mandou-o calar.

Encontravam-se na estreita passagem entre as latrinas e uma paliçada. Lourenço bateu com o punho fechado no tabique de madeira de uma delas.

— Coloquei-te aí só para tua vergonha, barrotezinho. Coloquei-te aí para que os excrementos te devorem. Aí te pus para te punir de haveres esmagado a minha linda filhinha. Deveria ter-te colocado por cima da porta do meu quarto e honrar-te e agradecer-te e embelezar-te com ornamentos porque lhe evitaste vergonha e desgosto, e por causares a morte da minha Ulvhild quando ela era ainda uma criança inocente...

Voltou-se, cambaleou e caiu sobre a paliçada; depois, com a cabeça deitada nos braços, derramou lágrimas frenéticas entrecortadas por longos e profundos gemidos.

A mulher agarrou-o pelos ombros:

— Lourenço! Lourenço!

Ela, contudo, não o podia suster.

— Ah! Nunca, nunca a devia ter dado àquele homem. Deus me valha! Eu bem sabia que ele lhe destruíra a mocidade e a honra! Não acreditava, não, não podia acreditar isso de Cristina... mas sabia. Ela é boa de mais

para esse infame que se arruinou a si e a ela. Tivesse-a seduzido dez vezes, eu não lha deveria dar para que ele continue a arruinar-lhe a vida e a felicidade!

— Que outra coisa havia a fazer? — disse Ragnfrid desanimada. — Compreendes bem, tu como eu, que ela era já dele...

— Sim, eu não precisava de fazer tanto barulho para dar a Erlend aquilo de que ele se havia já apossado. Que belo marido que a minha Cristina recebeu!

Sacudiu a paliçada e recomeçou a chorar. Dava mostras de estar menos ébrio, mas depois voltou à mesma.

Vendo-o assim bêbedo e desmoralizado, não parecia a Ragnfrid que pudesse levá-lo para a sala, onde tencionavam deitar-se, pois estava cheia de convidados. A mulher olhou em volta. Muito perto havia um palheiro onde arrecadavam na Primavera o feno para os cavalos. Espreitou para dentro: não se via lá ninguém. Então conduziu o marido para aí e fechou a porta.

Depois de puxar o feno para redor dos respectivos corpos, Ragnfrid lançou uma capa por cima de si e de Lourenço. Este chorava de quando em quando e pronunciava algumas palavras, mas tão confusas que ela não lhes achava sentido.

— Meu querido — disse a mulher encostando ao peito a cabeça do marido —, eles amam-se tanto que talvez tudo decorra melhor do que nós imaginamos.

Lourenço respondeu por sacudidelas, parecendo ter o espírito mais lúcido:

— Pois não compreendes que possui autoridade absoluta sobre ela, esse homem que nunca se soube governar?... Ser-lhe-á difícil opor-se a nada do que o marido quer, e, se tal acontecer, a minha pobre filha sofrerá amargamente... Mas não chego a perceber a razão por que Deus me acumula de tantos e de tão pesados desgostos. Sempre tentei fielmente obedecer à Sua divina vontade. Porque nos levou Ele os nossos filhos, Ragnfrid,

uns após outros, primeiro os pequenos e depois Ulvhild? E agora, aquela que eu amava mais, dei-a, desonrada, a um homem a quem falta a fé e o juízo! Só nos resta Ramborg, mas não nos devemos regozijar a seu respeito antes de vermos qual a sorte que a espera.

Ragnfrid tremia como uma folha. Então o marido agarrou-a pelos ombros.

— Deita-te; vamos dormir — disse ele.

Ficou um momento com a cabeça encostada ao braço da mulher. Suspirava de tempos a tempos mas acabou por adormecer.

Era ainda noite escura quando Ragnfrid se estirou no feno sem saber se dormira. Tacteou em redor: Lourenço estava sentado com as mãos cruzadas sobre os joelhos.

— Já estás acordado? — perguntou ela. — Tens frio?

— Não — respondeu o marido com voz rouca. — Mas não tenho sono.

— É em Cristina que pensas? Talvez tudo decorra melhor do que a gente julga.

— Sim, é nisso que penso. Evidentemente! Donzela ou mulher, foi-se juntar no leito nupcial com aquele a quem dera o seu amor. Nós é que não fizemos isso, nem um nem outro, minha pobre Ragnfrid.

A mulher soltou um gemido surdo e profundo e deitou-se de lado no feno. Lourenço pousou-lhe a mão no ombro.

— Mas é porque eu não podia — disse ele dolorosamente. — Não, não podia ser como tu desejavas que eu fosse... quando éramos novos. Não sou assim...

Depois dum silêncio Ragnfrid retorquiu, chorando:

— O que não impediu que vivêssemos bem juntos, durante todos estes anos...

— Também assim o julgava — respondeu ele com ar sombrio.

Os pensamentos rolavam-lhe, confusos, no espírito.

O único olhar que Cristina e Erlend haviam trocado, aqueles dois rostos juvenis irradiando uma chama rubra, tudo lhe parecia uma falta de pudor. Doera-lhe que isso fosse com a filha. Continuava a ver aqueles olhos e, ferozmente, cegamente, lutava para que não se lhe erguesse no próprio coração o véu que escondia qualquer coisa que ele nunca quisera saber e que o defendera da própria mulher quando esta lhe implorava amor.

Não pudera; a isto ele se agarrava com energia. Com os diabos! Casara muito novo, não a escolhera, ela tinha mais idade; não a desejara; não era com Ragnfrid que gostaria de se ter iniciado na vida. Sentia-se ainda corar quando pensava que ela quisera obter dele um amor que não desejara ter dela; que a mulher lhe oferecesse o que ele nunca lhe pedira.

Fora bom esposo, tinha a certeza. Testemunhara-lhe todas as deferências, colocara-a consigo no mesmo pé de igualdade, em tudo lhe pedira conselhos, fora-lhe fiel — e haviam tido seis filhos. Ùnicamente, sempre quisera ter a permissão de viver com a mulher sem que ela jamais pudesse surpreender-lhe no coração o que ele desejava ocultar.

Por nenhuma outra sentira amor. Ingunn, a mulher de Karl de Bru? Lourenço corou na escuridão do palheiro. Habitava sempre em casa deles quando descia ao vale. Nem uma só vez falara a sós com Ingunn. Mas, quando a via, quando apenas pensava nela, aspirava como que o primeiro odor das terras na Primavera, logo que a neve desaparece. Tinha, agora, a certeza: também isso lhe poderia acontecer, também estivera sujeito a amar.

Casara, porém, muito novo, e tornara-se selvagem. Gostava especialmente de se sentir livre, na floresta deserta, nos vastos ermos onde todos os seres que ali vivem desejam ter espaço em seu redor, espaço para fugir, e olham desconfiados e bravios os estranhos que deles tentam assenhorear-se...

Havia uma época no ano em que os animais da floresta e da montanha esqueciam o seu temor. Bramiam então à busca da fêmea. Mas, a sua, tinham-lha dado. E ela oferecera-lhe tudo o que ele não pedira.

E os filhos no ninho?... Haviam sido a pequenina nota de fantasia no deserto, o sentimento mais doce e mais intimo da sua vida. As cabecinhas louras das crianças sob a sua mão...

Casara, sim, quase sem ser consultado. Amigos, tinha muitos e não tinha nenhum. A guerra fora uma alegria, mas já não havia guerra — o seu equipamento estava dependurado no sótão, e de pouco servia.

Tornara-se um camponês. Tivera, porém, as filhas. Tudo o que fizera na vida lhe era caro, porque fora com isso que protegera aqueles pequeninos corpos tenros e delicados que ele segurava nas suas mãos. Lembrava-se de Cristina aos dois anos, com o corpinho sobre o ombro dele, e com os finos cabelos, pálidos como o linho, roçando-lhe pelas faces; e aquelas mãozinhas que se agarravam ao cinto do pai, enquanto a testa dura e redonda lhe batia de encontro às omoplatas quando ele a levava atrás de si a cavalo...

Agora, a filha, com um clarão nos olhos, tinha tudo o que desejara. Estava além, na penumbra do quarto, encostada às almofadas de seda. À luz das velas mostrava-se toda dourada — coroa dourada, camisa dourada, cabelos dourados sobre os braços nus e dourados. Os olhos já não tinham a timidez...

O pai torcia-se de vergonha.

Contudo, parecia que o coração se lhe agitava de ternura por tudo aquilo que não se destruira em si. E pela mulher que ali estava a seu lado e que não pudera amar.

Cheio de piedade, agarrou, na sombra, a mão de Ragnfrid:

— Sim, julguei que a nossa vida comum era boa —

disse ele —, julguei que andavas desgostosa pela morte dos nossos filhos. Imaginei também que serias melancólica por natureza. Nunca pensei que fosse eu o causador, que era para ti um mau marido...

Ragnfrid estava como sob um espasmo:

— Sempre foste bom marido, Lourenço.

Lourenço permaneceu inclinado com o queixo sobre os joelhos.

— Hum! — fez ele. — Teria sido talvez melhor para ti casares-te como a nossa filha...

Ragnfrid endireitou-se e soltou um grito surdo mas intenso:

— Sabes, então? Como soubeste? Há quanto tempo o sabes?

— O que eu não sei é o que queres dizer — replicou Lourenço, ao fim dum instante, com voz opressa.

— Quero dizer que não era virgem quando casei contigo — respondeu Ragnfrid, cuja voz se tornara clara e sonora de desespero.

Passado um momento, Lourenço volveu no mesmo tom:

— Nunca o soube até hoje.

Ragnfrid soluçava em cima do feno. Depois dum silêncio ergueu a cabeça. Uma claridade pálida começava a filtrar pela lucarna da parede. Entreviu Lourenço sentado, com os braços cruzados sobre os joelhos, imóvel como se fosse de pedra.

— Fala comigo — gemeu ela.

— Que queres que te diga? — perguntou ele impassível.

— Ah! Não sei... Se pudesses amaldiçoar-me! Bater-me!

— Seria um pouco tarde, agora — retorquiu Lourenço; transparecia-lhe na voz como que a melancolia dum sorriso irónico.

Ragnfrid recomeçou a chorar.

— Sim, não me importei enganar-te. Achava que eu própria havia sido tão ferida e iludida! Ninguém me guiara nem me protegera. Trouxeram-te para mim... creio bem que só te vi três vezes antes de nos casarmos... parecias-me um rapazinho imberbe e rosado, quase uma criança...

— Assim era, de facto — replicou Lourenço com voz menos velada. — E por isso mesmo julgaria que tu, que eras mulher, receasses mais... enganar um ente tão novo que nada percebia...

— Foi no que eu considerei mais tarde — disse Ragnfrid, chorando —, quando te conheci. Depressa chegou o tempo em que eu vinte vezes daria a minha alma para estar inocente para contigo.

Lourenço, calado, não se movia.

— Não me interrogas? — volveu a mulher.

— De que servia?... Foi ele... foi o seu enterro que encontrámos em Feginsbrekka quando levámos Ulvhild a Nidaros?

— Foi. Deviamos ter fugido do caminho... ido para a campina. Vi o caixão dele passar em minha frente... acompanhado de monges, de padres, de soldados... Soube que teve uma boa morte... que se reconciliou com Deus. No lugar onde estávamos, com a padiola de Ulvhild entre nós ambos, pedi ao Senhor que o meu pecado e o meu remorso fossem postos a Seus pés no dia do julgamento.

— Fizeste bem — retorquiu Lourenço com a mesma sombra de ironia na voz calma.

— Não sabes ainda tudo — disse Ragnfrid em tom frio e desesperado. — Lembras-te que ele nos veio visitar a Skog no primeiro Inverno depois de casarmos?

— Lembro-me — respondeu Lourenço.

— Foi nesse ano que a morte nos levou Bjoergulv... Não, ninguém me guiara. Ele estava bêbedo quando me

fez esse ultraje. Depois disse-me que nunca gostara de mim, que não me queria... e pediu-me que esquecesse tudo aquilo... Meu pai não sabia de nada; não penses que ele te enganou. Mas Trond... éramos amicíssimos... queixei-me a ele. Tentou pela ameaça obrigar o outro a casar comigo, mas era ainda uma criança e teve medo. Aconselhou-me então a que me calasse e casasse contigo...

Ragnfrid deteve-se um momento:

— Quando ele veio a Skog... passara-se um ano. Quase me esquecera de tudo. Mas foi visitar-me e disse-me que tinha pena, que me queria se eu não tivesse casado; que me amava muito. Assim dizia ele e sabe Deus se falava verdade. Depois da sua partida nunca mais me atrevi a ir ao fiorde; por causa do meu pecado, com a criança, não ousava. Além disso, eu... começava a gostar tanto de ti!

Soltou um grito doloroso e selvático. Lourenço voltou vivamente a cabeça para ela.

— Depois do nascimento de Bjoergulv, pensei que o amava mais do que à vida. Quando a morte o arrebatou, disse comigo: Se ele se vai deste mundo, também eu irei. Mas não pedi a Deus que poupasse a vida do pequeno...

Lourenço deixou decorrer um longo momento antes de perguntar em voz lenta e inexpressiva:

— Não pediste, por eu não ser o pai dele?

— Não sabia se o eras — respondeu Ragnfrid, inteiriçando-se.

Durante muito tempo pesou sobre ambos um silêncio de morte. De súbito, Lourenço perguntou bruscamente:

— Meu Deus! Porque me dizes isso agora, Ragnfrid?

— Ah! Não sei!... — Torceu as mãos a pontos de fazer estalar as articulações. — Para que te possas vingar de mim... Expulsa-me da tua casa...

— Pensas que isso me serviria dalguma coisa?... — A voz tremia-lhe de desprezo. — Além disso, há as

nossas filhas, Cristina e a pequena — acrescentou tranquilamente.

— Recordo-me da forma como julgaste Erlend Nikulaussoen — disse ela baixinho. — Como me julgas, então?

Um calafrio atravessou os membros de Lourenço e fê-lo sair um pouco da sua rigidez.

— Tu... Vivemos juntos há vinte e sete anos. Não é a mesma coisa do que com um estranho. Compreendo que tiveste a pior das vidas.

Ragnfrid sentiu o coração despedaçado ao ouvir aquelas palavras. Agarrou numa das mãos de Lourenço, que não se moveu e ficou calado, como morto. Então ela chorou cada vez mais alto, mas o marido continuou impassível com os olhos fitos na claridade pálida que rodeava a porta. No fim, pareceu a Ragnfrid que esgotara todas as lágrimas do seu corpo. Quando ele fez uma leve carícia ao longo do braço, a mulher recomeçou a chorar.

— Lembras-te — disse ela banhada em pranto — daquele homem que nos veio um dia visitar quando estávamos em Skog? Aquele que sabia velhas baladas? Recordas-te duma em que falava dum homem morto que regressara do mundo dos suplícios e que contava ao filho o que vira? Ouvia-se ali um barulho horrível que se elevava dos abismos do inferno; as mulheres adúlteras moíam terra à laia de trigo para alimentarem os maridos; as pedras que elas arrastavam estavam sangrentas, e sangrentos lhe pendiam os corações fora do peito...

Lourenço não dizia nada.

— Meditei, durante todos estes anos, naquelas palavras — continuou Ragnfrid. — Cada dia me parecia que o meu coração sangrava, cada dia eu tinha a sensação de que moía terra para teu sustento...

Lourenço não soube por que razão respondeu da maneira como o fez. Sentia o peito oco, vazio como um supliciado a quem tivessem aberto as costelas. Pousou a mão pesada e lassa sobre a cabeça da mulher e disse:

—Convém moer a terra, Ragnfrid, antes que a semente germine...

Como ela lhe quisesse pegar na mão para a beijar, retirou-a vivamente; depois olhou para a mulher, segurou-lhe na mão, colocou-a em cima dos joelhos e apoiou na fronte de Ragnfrid o rosto frio e rígido. E assim ficaram imóveis e silenciosos.

FIM

INDICE

Pag.

Breve Introdução 9

I — Joerundgaard 15

Capitulo I 17
» II 39
» III 59
» IV 71
» V 86
» VI 102
» VII 110

II — A Coroa. 127

Capitulo I 129
» II 139
» III 155
» IV 175
» V 187
» VI 200
« VII 215
» VIII 225

III — Lourenço Bjoergulfsoen 241

Capitulo 243
» II 250
» III 263
» IV 291
» V 301
» VI 310
» VII 319
» VIII 336

ESTE LIVRO
FOI COMPOSTO E IMPRESSO
PARA A
PORTUGÁLIA EDITORA,
NA TIPOGRAFIA IDEAL, CALÇADA
DE S. FRANCISCO, N.^{os} 13, 13-A
EM LISBOA